UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA
DINTER / UNESP / UFMA / IFMA

VILMA DE FÁTIMA DINIZ DE SOUZA

ESTUDO DO SISTEMA ORTOGRÁFICO: UMA ANÁLISE DESCRITIVO-COMPARATIVA EM DOCUMENTOS HISTÓRICOS DO SÉCULO XIX EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO

ARARAQUARA
2011

VILMA DE FÁTIMA DINIZ DE SOUZA

ESTUDO DO SISTEMA ORTOGRÁFICO: UMA ANÁLISE DESCRITIVO-COMPARATIVA EM DOCUMENTOS HISTÓRICOS DO SÉCULO XIX EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", com vista a obtenção do título de Doutora do programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Araraquara
2011

VILMA DE FÁTIMA DINIZ DE SOUZA

ESTUDO DO SISTEMA ORTOGRÁFICO: UMA ANÁLISE DESCRITIVO-COMPARATIVA EM DOCUMENTOS HISTÓRICOS DO SÉCULO XIX EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", com vista a obtenção do título de Doutora do programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara.

Aprovação em 31/08/2011.

Araraquara
2011

As minhas filhas, Isabela e Renata,
bênçãos de Deus em minha vida.

Tudo posso Naquele que me fortalece.
(Filipenses 4:13)

O Senhor é meu Pastor e nada me faltará
(Salmo 23)

"Um simples olhar ao mundo da escrita nos mostra tanta variação na forma gráfica que, por um instante, surge a dúvida: como é possível que se consiga ler em meio a esse caos?".

Luíz Carlos Cagliari (1994, p.36)

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial ao Meu Pai Todo Poderoso, que fez este grande milagre na minha vida, escrever esta tese depois de tudo que passei.

Aos meus queridos pais, que com todas as dificuldades me deram todo o conhecimento, motivação para chegar onde estou.

À minha irmã Vilcléa, pela grande ajuda nas horas mais difíceis que precisei.

Ao meu esposo, pela compreensão e companheirismo.

A todos os meus colegas de doutorado, em especial a grande amiga Suzana, que Deus colocou em minha vida e que muito me incentivou, não me deixando desistir desta luta, que hoje vejo o quanto eu cresci e estou forte, graças a sua persistência e fé e com toda a certeza que iria conseguir. A única forma de agradecer é ser sua amiga fiel para toda a minha vida.

A todos os professores do doutorado, que com sua sabedoria deram-me imensas e primordiais contribuições a esta tese.

Em especial à grande e sempre amiga Mônica, que contribuiu de forma grandiosa, mesmo tendo uma agenda sempre lotada, não mediu esforços para algumas horas de correções e sugestões valiosíssimas.

À minha cunhada Rosário que sempre esteve presente me incentivando e me acompanhando até a defesa desta tese.

Ao CEFET-MA, hoje IFMA, pela oportunidade concedida a esse título e por fazer parte como doutora deste Instituto, muito obrigada.

A duas grandes amigas, Luciana Ribeiro e Vera Pacheco, esta, uma amiga de sala em Araraquara, pessoa prestativa de uma simplicidade, jamais poderia deixar de citá-la nesta tese, pois foi uma inspiração e incentivo para minha vida acadêmica. A ‘LU’ um doce de pessoa, é o que se pode chamar de AMIGA, muito prestativa, companheira, solidária e apesar de ter idade de uma filha, agiu como uma mãe, meu eterno muito obrigada, querida.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta tese realmente acontecer, trabalho que deu satisfação, alegria e orgulho, fazendo-me crescer e aprender muito sobre a ortografia, meu eterno muito obrigada.

Aos professores Drs. Nazarete Souza, Vera Pacheco, Antônio Sóarez Abreu, por terem aceito o nosso convite de participarem da banca.

Um agradecimento totalmente especial:

Ao meu orientador professor Dr. Luíz Carlos Cagliari pelo apoio, por acreditar em mim, pelos e-mails de manifestação de descontentamento, mas que me fizeram acreditar que eu seria capaz sim. Agradeço pela atenção durante a pesquisa e pelo incentivo à continuação desta e por ter me apresentado uma área sobre a qual não tinha muito conhecimento e, em que agora estou disposta a permanecer. Meus sinceros agradecimentos e eterna gratidão.

RESUMO

Esta tese apresenta o estudo da ortografia do Português do século XIX a partir de alguns documentos brasileiros desse momento encontrados em Arquivo público da cidade de São Luís – MA, escritos por poetas, comandantes militares e grupos rebeldes do século novecentista. Os *corpora* analisados constituem-se de duzentas estrofes do Livro de Poesia, de Sousândrade; trinta documentos oficiais que representavam a Guerra da Balaiada e as primeiras páginas de quatro Jornais de maior circulação na sociedade maranhense na época. Objetiva analisar o sistema ortográfico nesses documentos com base em uma análise descritivo-comparativa, contribuindo para a história da língua portuguesa no Brasil. O estudo é de cunho histórico e abrange fontes de gramáticos, ortógrafos e tratadistas, como Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540), Duarte Nunes de Leão (1586), Madureira Feijó (1734), Álvaro Ferreira de Vera (1631), Soares Barbosa (1822), Gonçalves Viana (1892) e outros que são referências importantes para a compreensão do sistema de escrita da língua naquele período, e que serviam de fundamentação para o entendimento de regras que regiam o modo de pronúncia das letras dentro do sistema ortográfico da época. Há uma descrição-comparativa com o século atual, sustentando-se, teoricamente em minuciosos e exaustivos trabalhos de Cagliari (1994a e b), Gladstone Melo (1975), Massini-Cagliari (1999a e b), Mattoso Câmara (1969), Thaís Cristofáro Silva (2003), Leda Bisol (2005), dentre outros. O trabalho divide-se em quatro capítulos. Os resultados obtidos permitem afirmar que a ortografia portuguesa do século XIX, no Maranhão, também apresentava flutuação no sistema ortográfico, isso devido a uma não uniformização da escrita.

Palavras-chave: Sistema Ortográfico. Português Brasileiro. Documentos do século XIX.

ABSTRACT

This thesis presents a study on the spelling of the nineteenth century by means of analysis of some Brazilian documents found in the public archives of São Luís, in the state of Maranhão. The documents investigated were written by poets, military commanders and rebel groups from that century. The corpora is composed of two hundred verses from Sousândrade poetry book, thirty official documents representing the Balaiada war and the first pages from the four major newspapers found at the maranhense society at the time. The main purpose of this research is to analyze these documents spelling system based on a descriptive-comparative study, thus, contributing to the enrichment of the Portuguese Language history in Brazil. The study is essentially historical and covers important sources from grammarians, treatisers, such as Fernão de Oliveira (1536), Joâo de Barros (1540), Duarte Nunes de Leão (1586), Madureira Feijó (1734), Álvaro Ferreira de Vera (1631), Soares Barbosa (1822) and Gonçalves Viana (1892). Some of these authors represent important references for the understanding of the language writing system in that period. Others have developed relevant papers which were used as theoretical grounds for comprehending rules that governed the way letters were pronounced in the spelling system of the time. Furthermore**,** this thesis also proposes a comparative description with the current century, theorically based on exhaustive surveys of Cagliari (1994), Gladstone Melo (1975), Massini-Cagliari (1999), Mattoso Câmara (1969), Thais Silva (2003), Leda Bisol (2005), among others. The results reveal that the nineteenth century Portuguese spelling in the state of Maranhão, showed fluctuation in the spelling system, what can be attributed to a lack of writing standardization.

Keywords: System Spelling. Brazilian Portuguese. Nineteenth-century.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1	Variantes gráficas da letra “A”.....	49
Quadro 2.1	Processo de Análise dos Corpora.....	69
Quadro 2.2	Análise do sistema ortográfico dos corpora.....	81
Quadro 3.1	Representação do fonema /S/ nos corpora.....	93
Quadro 3.2	Representação do fonema /k / e /ʃ/ nos *corpora*.....	93
Quadro 3.3	Relações biunívocas.....	95
Quadro 3.4	Relações múltiplas: um grafema representando vários fonemas, de acordo com a posição.....	95
Quadro 3.5	Relações múltiplas: um fonema representado por vários grafemas.....	95
Quadro 3.6	Letra /a/ diante de consoante nasal.....	97
Quadro 3.7	Vogais tônicas.....	98
Quadro 3.8	Vogais tônicas diante de nasal.....	99
Quadro 3.9	Vogais pré-tônicas.....	99
Quadro 3.10	Vogais pós-tônicas não finais.....	100
Quadro 3.11	Vogais pós-tônica finais.....	100
Quadro 3.12	Ocorrência da vogal a no início de palavras.....	101
Quadro 3.13	Ocorrência da vogal a no interior de palavras.....	101
Quadro 3.14	Ocorrência da vogal a no final de palavras.....	102
Quadro 3.15	Ocorrência da vogal e no inicio de palavras.....	102
Quadro 3.16	Ocorrência da vogal e no interior de palavras.....	102
Quadro 3.17	Ocorrência da vogal e no final de palavras.....	103
Quadro 3.18	Ocorrência da vogal i no início de palavras.....	103
Quadro 3.19	Ocorrência da vogal i no interior de palavras.....	103
Quadro 3.20	Ocorrência da vogal i no final de palavras.....	104

Quadro 3.21 Ocorrência da vogal o no início de palavras..... 104
Quadro 3.22 Ocorrência da vogal o no interior de palavras..... 104
Quadro 3.23 Ocorrência da vogal o no final de palavras..... 105
Quadro 3.24 Ocorrência da vogal u no início de palavras..... 105
Quadro 3.25 Ocorrência da vogal u no interior de palavras..... 105
Quadro 3.26 Ocorrência da vogal u no final de palavras..... 106
Quadro 3.27 Representação das vogais i e u..... 107
Quadro 3.28 Semivogais nos *corpora*..... 108
Quadro 3.29 Classificações das vogais segundo Cagliari..... 109
Quadro 3.30 Exemplos de vogais dos documentos..... 110
Quadro 3.31 Exemplos de vogais dos poemas..... 110
Quadro 3.32 Exemplos das vogais dos jornais..... 111
Quadro 3.33 Sistema Latino Clássico..... 125
Quadro 3.34 Sistema Português atual..... 125
Quadro 4.1 Letras do alfabeto nos corpora..... 169
Quadro 4.5 Consoantes mudas em palavras nos *corpora*..... 177
Quadro 4.6 Ocorrências das consoantes..... 185
Quadro 4.7 Casos decorrentes da etimologia e da analogia..... 194
Quadro 4.8 Casos decorrentes de pronúncia..... 197

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1	Livro Destruição de Jerusalém.....	29
Figura 1.2	Livro de Catecismo.....	29
Figura 1.3	Livro de Catecismo encadernado de táboa e coberto meio de couro.....	30
Figura 1.4	Livro de Obras de Nossa Senhora.....	30
Figura 1.5	Modelo de Cartinhas.....	30
Figura 1.6	Modelo de Cartinhas em Pergaminho.....	30
Figura 1.7	Capa da Primeira Edição da Gramática.....	34
Figura 1.8	Conceito retirado da gramática de Leão.....	47
Figura 1.9	Conceito da gramática de Feijó.....	48
Figura 1.10	História do Alfabeto.....	58
Figura 2.1	Foto da capa original da Obra “Harpa de Ouro”.....	72
Figura 2.2	Folha do manuscrita retirada do livro fac-símile “*Poesia e Prosa reunidas de Sousândrade”*.....	73
Figura 2.3	Folha digitalizada retirada do livro “*Poesia e Prosa reunidas de Sousândrade*.....	74
Figura 2.4	Momento da Revolta dos Balaios no Maranhão.....	78
Figura 2.5	Escravos em luta na Guerra da Balaiada.....	79
Figura 2.6	Primeira página do Jornal o “Globo” do século XIX.....	84
Figura 2.7	Primeira página do Jornal oficial do Maranhão “A Republica” 88.....	85
Figura 3.1	Diferença entre letra e figura de voz segundo Fernão de Oliveira....	89
Figura 3.2	Vogais grandes e pequenas segundo Fernão de Oliveira.....	90
Figura 3.3	Diferença entre vogal e consoante segundo Feijó.....	91
Figura 3.4	Triângulo das vogais.....	97
Figura 3.5	Definição de ditongos segundo Oliveira.....	113

Figura 3.6 Definição de ditongos segundo Leão..... 114
Figura 3.7 Definição de ditongos segundo Vera..... 115
Figura 3.8 Uso da letra G segundo Feijó..... 132
Figura 3.9 Uso da letra J segundo Madureira Feijó..... 133
Figura 3.10 S sibilante e S chiante segundo Barbosa..... 144
Figura 3.11 Regras da sibilante S segundo Gonçalves Viana..... 145
Figura 3.12 Conceito de sílaba segundo Soares Barbosa..... 162
Figura 3.13 Concepções sobre sílaba segundo Gonçalves Viana..... 163
Figura 4.1 Regras para letras dobradas segundo Feijó..... 172
Figura 4.2 Regras para letras geminadas segundo Gonçalves Viana..... 173
Figura 4.3 Letras duplicadas segundo Soares Barbosa..... 174
Figura 4.4 Duplicação das consoantes segundo Soares Barbosa..... 174
Figura 4.5 Estrofes do manuscrito “Harpas de Ouro”..... 189
Figura 4.6 Documento da Guerra da Balaiada..... 190

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		**17**
1	**PANORAMA HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA**	**24**
1.1	História Interna e Externa da Língua Portuguesa	24
1.2	A Língua Portuguesa em Portugal	28
1.3	Ortógrafos e gramáticos da Língua Portuguesa	32
1.3.1	Os ortógrafos: Duarte Nunes de Leão e Pero Magalhães de Gândavo	32
1.3.2	Os Gramáticos: Fernão de Oliveira e João de Barros	33
1.4	A Língua Portuguesa no Brasil	37
1.5	A Língua Portuguesa em São Luís-Maranhão	39
1.6	História da Ortografia do Português do Brasil	46
1.6.1	A ortografia e o sistema da escrita	53
1.6.1.1	O alfabeto	56
1.7	A ortografia portuguesa	60
1.7.1	A periodização da história da ortografia da língua portuguesa	60
2	**METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS**	**65**
2.1	Dos Objetivos e Justificativa	65
2.2	Coleta e Organização dos *Corpora*	67
2.3	Distribuição dos dados por gêneros / Explicação das tabelas	68
2.4	Os corpora utilizados	71
2.4.1	O documento manuscrito	71
2.4.1.1	Sousândrade: Poeta Maranhense	75
2.4.2	Os documentos impressos	76
2.4.2.1	A Guerra da Balaiada: Panorama Histórico	77
2.5	Macroestrutura	86
2.6	Microestrutura	86
3	**O SISTEMA VOCÁLICO E CONSONANTAL NO FAC-SÍMILE DE POESIAS DE SOUSÂNDRADE, NOS DOCUMENTOS DA GUERRA DA BALAIADA E NOS JORNAIS DO SÉCULO XIX**	**87**
3.1	A diferença entre Vogal e Consoante	87
3.2	O sistema Vocálico do Português	96

3.2.1 Ocorrências da Vogal A..... 101
3.2.2 Ocorrências da Vogal E..... 102
3.2.3 Ocorrências da Vogal I..... 103
3.2.4 Ocorrências da Vogal O..... 104
3.2.5 Ocorrências da Vogal U..... 105
3.3 As semivogais I e U..... 106
3.4 As Vogais Nasais..... 108
3.5 Hiato..... 111
3.6 Ditongos..... 113
3.7 O Tritongo..... 120
3.8 Variações Vocálicas nos *Corpora*..... 121
3.9 Nasalizações: Vogais, Ditongos..... 122
3.10 A Ortografia das Consoantes..... 123
3.10.1 As Letras C e Ç..... 127
3.10.1.1 Letra C representando o som de [k] diante de ‘a’, ‘o’, ‘u’..... 129
3.10.1.2 Letra C representando o som de [s] diante de ‘e’ e ‘i’..... 130
3.10.1.3 Letra C diante de consoante representando o som [k]..... 130
3.10.2 As Letras G e J..... 131
3.10.2.1 G com o som de [ʒ] antes de ‘E’ e de ‘I’..... 134
3.10.2.2 Letra G com som de [g] antes de ‘a’, ‘o’, e ‘u’..... 134
3.10.2.3 Letra G como som de [g] depois de consoante “l’, ‘r’, ‘n’..... 135
3.10.2.4 Letra J no início e no meio de palavras..... 136
3.10.3 As Letras M e N..... 136
3.10.3.1 No início de palavras em posição de Onset..... 139
3.10.3.2 No meio de palavras..... 140
3.10.3.3 Diante de consoantes e em posição de Coda..... 141
3.10.4 As Letras S e Z..... 141
3.10.4.1 ‘S’ no início de palavras em posição de Onset..... 148
3.10.4.2 ‘S’ no final de palavras em posição de Coda..... 148
3.10.4.3 ‘S’ intervocálico com o som de [z]..... 149
3.10.4.4 ‘S intervocálico com som de [s]..... 149
3.10.4.5 ‘S’ em meio de palavras, antes de consoante..... 150

3.10.4.6 ‘S’ em meio de palavras, depois de consoantes..... 150
3.10.4.7 Troca da letra ‘s’ por ‘z’..... 151
3.10.4.8 Escrita com ‘sc’..... 151
3.10.4.9 ‘z’ no início de palavras em posição de Onset..... 152
3.10.4.10 ‘Z’ no meio da palavra (intervocálico) e em posição de Coda..... 152
3.10.4.11 ‘Z’ antes de consoantes..... 153
3.10.4.12 ‘Z’ depois de consoantes..... 153
3.11 Grupos Consonantais..... 153
3.11.1 Grupos consonantais próprios..... 154
3.11.2 Grupos consonantais impróprios..... 156
3.12 Os dígrafos..... 158
3.12.1 Dígrafos separáveis..... 158
3.12.2 Dígrafos inseparáveis..... 159
3.13 A Estrutura Silábica..... 162
4 ANÁLISE DOS *CORPORA*..... 165
4.1 A descrição dos *corpora*..... 165
4.2 Organização dos elementos do sistema ortográfico..... 166
4.2.1 Alfabeto..... 167
4.2.2 Consoantes..... 170
4.2.2.1 Consoantes duplicadas ou geminadas..... 171
4.2.2.2 Consoantes mudas..... 175
4.2.3 Vogais..... 177
4.2.4 Dígrafos..... 178
4.2.5 Os Diacríticos..... 178
4.2.6 Sinais de Pontuação..... 181
4.2.7 Acentuação gráfica..... 183
4.2.8 Distribuição das consoantes pelos contextos de ocorrência..... 184
4.2.9 Caligrafia, letras maiúscula e minúscula..... 188
4.2.10 As abreviaturas..... 192
4.3 Classificação dos casos quanto aos critérios ortográficos..... 192
4.3.1 Casos decorrentes da etimologia e da analogia..... 193
4.3.2 Casos decorrentes de pronúncia..... 196
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 200

REFERÊNCIAS..... 205

APÊNDICE A - Coleta de dados dos arquivos 1 a 4 (Harpas de Ouro)*..... 214

APÊNDICE B - Coleta de dados dos arquivos 5 a 7 (Documentos da Guerra da Balaiada)..... 231

APÊNDICE C - Tabela dos Encontros Consonantais (Harpas de Ouro)..... 245

APÊNDICE D - Tabela das Sílabas (Harpas de Ouro)..... 249

APÊNDICE E - Tabela dos Encontros Consonantais Documentos da Guerra da Balaiada)..... 250

APÊNDICE F - Coleta de dados de letras repetidas (Documentos da Guerra da Balaiada)..... 251

ANEXO A - Cópia fac-similada dos manuscritos das estrofes de Harpas de Ouro..... 252

ANEXO B - Cópia digitada dos manuscritos das estrofes de Harpas de Ouro..... 302

ANEXO C - Transcrição dos documentos da Guerra da Balaiada..... 318

ANEXO D - Primeiras páginas de Jornais do século XXI..... 332

*Os Apêndices e Anexos estão dispostos em CD que acompanha a tese

INTRODUÇÃO

O início deste trabalho aconteceu com o convênio firmado entre a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o Centro Federal De Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET-MA), atual Instituto Federal Tecnológico Do Maranhão (IFMA) e a Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, por meio do Programa de Pós-Graduação Em Linguística e Língua Portuguesa – Programa de Doutorado Interinstitucional (DINTER), cujas atividades se iniciaram no ano de 2007. Entre os objetivos do Dinter estava a qualificação de professores das instituições de São Luís, os quais deveriam desenvolver pesquisas que retratassem algum aspecto da realidade maranhense.

Este estudo, então, começou a se delinear a partir do conhecimento do Projeto de Pesquisa do professor Doutor Luiz Carlos Cagliari, denominado de "História da Ortografia da Língua Portuguesa" que já se encontrava em andamento e que tem como objetivo descrever os principais aspectos teóricos e linguísticos do sistema ortográfico brasileiro. Desse modo, em diálogos com o Professor Cagliari chegou-se à conclusão de que seria interessante desenvolver um estudo voltado para a pesquisa da ortografia do século XIX, no Maranhão,sobretudo em alguns gêneros textuais que circulavam naquela época, como poesias, documentos oficiais e jornais. O interesse por esse século deveu-se ao fato de que, nesse período, configurou-se uma intensa produção política e literária no Estado, a qual conferiu à capital maranhense o epíteto de Atenas Brasileira.

A natureza desse estudo e a reflexão sobre a investigação do sistema ortográfico do português brasileiro do século XIX levou a um caminho de investigação exaustiva dos *corpora*, na tentativa de vislumbrar uma análise mais acurada da ortografia daquele século. Tomou-se o empenho em estudar a ortografia da Língua Portuguesa em diversos *corpora* para melhor analisar as ocorrências e mudanças ortográficas do século XIX (1800 a 1900) produzidas no Maranhão, principalmente em São Luís, assim como identificar algumas mudanças ortográficas relevantes. Desse modo, buscou-seavaliar a transformação da escrita de algumas palavras, comparando-as com as encontradas em documentos do século XXI.

Pesquisar a ortografia de documentos antigos permitirá conhecer e resgatar a história do sistema ortográfico, pois sabemos que as línguas mudam ao curso do tempo. Não seria difícil observar as dificuldades que um falante do português de hoje teria ao tentar ler e entender um texto escrito em documentos entre os séculos XVIII e XIX. Os documentos escritos ao longo dos séculos são ilustrativos dessas mudanças.

Para a ciência da linguagem, a língua muda porque a sociedade muda. A mudança linguística é inevitável e raramente previsível, e aqueles que tentam gerenciar o futuro de uma língua perdem seu tempo em acreditar que podem fazê-lo. É importante, por isso, compreender-se a inevitabilidade e as conseqüências da mudança linguística, que podem ocorrer em vários níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, e pragmático.

A mudança fonética consiste numa alteração da pronúncia de certos segmentos em determinados ambientes da palavra. A substituição de /l/ por /w/, no fim de sílabas do português brasileiro, alterou a pronúncia de palavras como *alto*, *golpe*, *soldado*, mas não alterou o número de fonemas do português (o /l/ continua existindo como unidade sonora distintiva). A mudança fonológica consiste em alterações no número de unidades sonoras distintivas (fonemas), ou seja, no sistema de relações entre essas unidades.

No nível morfológico, as alterações ocorrem em princípios que regem a estrutura interna das palavras: seus componentes (chamados de morfemas), os processos derivacionais (as formas de se obter novas palavras) e flexionais (as formas de se marcar, no interior da palavra, as categorias gramaticais como gênero, número, aspecto, voz, tempo, pessoa).

Na sintaxe, a mudança dá-se na organização das sentenças. Em se tratando de sintaxe histórica, o exemplo da ordem dos constituintes no interior da frase é uma referência. Assim, na mudança do latim para as línguas românicas, perde-se a flexão de caso, indicativa da função sintática; sua ordem na estrutura sentencial é mais livre. A perda dessa flexão torna a ordem mais rígida, como nas línguas românicas. A *gramaticalização* é um fenômeno que acentua particular interesse na área sintática. Trata-se do processo pelo qual um elemento lexical (uma palavra) ou uma expressão lexical plena se transmuda num elemento gramatical (como um pronome ou uma preposição; ou, em estágios mais avançados do processo, um clítico ou um afixo flexional). Um exemplo clássico na história do português é a

criação de um novo pronome pessoal (você) a partir de uma expressão lexical plena (vossa mercê).

A mudança de significação é avaliada pelos estudos semânticos. Em linguística histórica, a mudança semântica tem sido analisada a partir da dimensão da palavra, como um processo que afeta a palavra. Os estudos etimológicos podem ilustrar esse estudo, por meio deles é possível recuperar o trajeto semântico de alterações sofridas pela língua em um espaço de tempo, a exemplo da palavra rubrica: anteriormente “terra vermelha”; depois “tinta vermelha”; mais tarde “sinal”; “marca”; até chegar ao sentido atual de “assinatura abreviada”.

No campo pragmático, as mudanças recaem sobre o uso dos elementos linguísticos em contraste com o estudo das propriedades estruturais desses elementos. Os usos da forma de tratamento “vossa mercê”, em situações de enunciação, são um bom exemplo desse estudo em nossa história.

As mudanças lexicais correspondem ao estudo das palavras de uma língua e sua relação com a cultura, dentro de comunidade(s) linguística (s), observando-se sua origem e os diversos fluxos de incorporação de palavras de outras línguas.

Pode-se vislumbrar todas essas mudanças dentro da trajetória da língua portuguesa que, derivada da língua latina, tem sua história oficial contada a partir do início no século XI. O século XVI é marcadamente para Portugal o início de grandes conquistas territoriais. Como resultado dessas conquistas, a língua portuguesa espalha-se rapidamente pelas terras recém-descobertas. Assim, a língua que aporta ao Brasil com as naus lusitanas é um português ainda próximo do século XV, na sua fase final.Já houve época em que uma palavra era escrita de várias formas, a exemplo disso, temos a palavra igreja que aparece escrita das seguintes formas*: ygreja, eygreya, eigreia, igleja, ygriga.*

Escrever a palavra “hoje” sem **h** (oje), “farmácia” com **ph**(phamacia) e “maio” com **y**(mayo), isso é inaceitável diante da norma do Português atual. Porém, o primeiro documento histórico e representativo, escrito em terra brasileira, a Carta de Pero Vaz de Caminha, também conhecida como certidão de nascimento do Brasil, é um exemplo, dentre outros, desta escrita literária expressiva da passagem da fase arcaica da língua para a fase moderna. O início da Carta de Caminha ilustra bem esse sistema ortográfico, como na passagem: “datada deste porto seguro devosajlha da Vera Cruz, oje sesta feira primeiro de mayo de 1500...”. (CARDOSO, 2007, p. 52).

Nesse período, século XVI, já existia uma preocupação em consolidar a escrita por meio de dispositivos oficiais, com o surgimento das primeiras gramáticas e dicionários, que explicavam o funcionamento da língua portuguesa e orientavam o seu uso. Os criadores dos dicionários foram os gregos, começando por Apolônio de Alexandria, gramático grego conhecido como o sofista, que preparou o primeiro deles, “O Léxico das Palavras de que se serviu Homero”. O primeiro dicionário português, de autoria de Jerônimo Cardoso, surgiu em 1569 denominado “Dictionarium Lusitano-Latinum/ Latinum-Lusitanum, com sete edições publicadas até 1694. No Brasil a elaboração de dicionários começou em 1789 por Antonio de Morais Silva, editado em Lisboa “ Dicionário da Língua Portuguesa”. Mais tarde em 1881, Francisco Julio Caldas Aulete publicou “Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa”, sucedido por muitos outros trabalhos semelhantes distribuídos no país durante o século XX. (DANNEMANN, 2011)

Com o Renascimento, o latim volta a ter muito prestígio, os latinismos enriquecem o léxico português e passam a ser mais valorizadas as formas gráficas restauradas, com base no latim, a exemplo temos: facto (fato), fructo (fruto) etc. Ainda exemplificando este século o som do /i/, poderia ser representado graficamente por ‘j’ ou ‘y’ – lyrio - lírio, ljvro – livro. Atualmente, há quem prefira essas grafias para chamar a atenção, principalmente para registrar nomes próprios como; Thays, Raphael etc.

É indiscutível a importância da língua escrita, em suas diferentes modalidades, para reforçar o desejo de manter a uniformidade da língua portuguesa. Nesse sentido, a literatura prestou uma grande contribuição.

No Brasil, uma intensa produção literária começa a florescer a partir do século XVI, com o Quinhentismo. No começo da colonização, cujo representante maior foi o Padre José de Anchieta com seus poemas, autos, sermões e cartas. Esses documentos são registros que ajudam a entender os movimentos que a língua sofreu ao longo de mais de quinhentos anos.

Nos séculos XVIII e XIX, o movimento literário é marcante na capital do estado do Maranhão, São Luís. Há uma produção literária de destaque nacional, em obras de autores como Gonçalves Dias, Artur Azevedo, Sousândrade, entre outros. Existe uma obra que resgatou grande parte das informações contidas nos antigos livros de câmaras do Maranhão, principalmente da de São Luís, o Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão, de César Marques, publicado

originalmente em 1870. No século XIX, a capital é considerada a Atenas Brasileira em virtude do movimento literário e cultural que tomou conta da ilha. Inúmeras produções em diferentes gêneros textuais, tais como: documentos jurídicos, religiosos, cartas pessoais e comerciais, certidões de nascimento, jornais, revistas e romances revelam aspectos importantes da história da língua portuguesa, registrando fatos particulares da ortografia, da fonética, da semântica, da morfologia, entre outros.

As mudanças linguísticas se dão de forma muito lenta e os falantes só percebem esse fluxo histórico quando se constrói uma concepção da nossa língua a partir de estudos e reflexões. Desenvolver uma pesquisa que analise, descreva e compare mudanças linguísticas a partir de estudos de documentos históricos, dos mais variados gêneros textuais, do século XIX, no Maranhão, pode contribuir para o aprofundamento do campo de estudo dessas mudanças. Além disso, fazer um estudo histórico de aspectos ortográficos, que contribuíram para as mudanças linguísticas no português escrito, bem como compreender sua evolução, seria de grande validade e importância tanto para o campo acadêmico, como para o estado do Maranhão, no que atange a escrita de documentos históricos, uma vez que este estudo é pioneiro nesta área.

O questionamento que norteia esta investigação é: no século XIX, pode-se dizer que já havia um sistema ortográfico estabelecido ou escrevia-se da forma que se aproximava ao padrão existente na época?

O referencial teórico da pesquisa pauta-se, principalmente, nos estudos de Cagliari (1986 a 2009), com os seus mais variados trabalhos sobre a teoria da ortografia que ajuda a compreender o uso e modificações da escrita ortográfica da Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal no decorrer do século XIX.

Também contribuíram para este estudo os especialistas em estudo da Língua Portuguesa, especialmente em Fonética e Fonologia: Mattoso Câmara (1975/2008), Coutinho (1971), Massini-Cagliari (1998/2006), Silva Neto (1979), Silva (2003/2011), Bisol (2005). Para comparar e interpretar os dados da pesquisa e entender as regras e uso do sistema ortográfico, usou-se os tratados e gramáticas dos estudiosos: Fernão de Oliveira (1536), Vera (1631), Feijó (1734), Leão (1576), Soares Barbosa (1822) e Gonçalves Viana (1892).

Os *corpora* que constituem este estudo vão desde a década de 30 à década de 80, do século XIX. São 200 estrofes do poeta maranhense Sousândrade, obra

poética denominada de “Harpa de Oiro”, 1889/1899, publicado postumamente, em 1969. Esta obra representa uma realidade da época vivida por Sousândrade na segunda metade do século XIX. Escolheu-se esta obra, dentre outros motivos, por serSousândrade um autor que muito contribuiu para o engrandecimento da cultura brasileira, sobretudo, na criação de novas palavras e expressões que rechearam toda sua literatura, e ainda, por haver carência de estudos, em São Luis, sobre a ortografia da língua portuguesa em documentos históricos. Os poemas estão inseridos no livro de “Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade” publicado em 2003. Constam ainda as primeiras páginas de quatro jornais fac-similados, que também fizeram parte deste estudo, jornais de grande porte que circulavam pela cidade de São Luís, no século XIX, escritos por poetas da literatura maranhense, cujo teor era voltado para política. Tais jornais trabalhados foram: O Semmanario Maranhense, O Globo, O Federalista e A República.

Com relação aos documentos da guerra da Balaiada, *corpus* que também foi analisado, há alguns de fundamental importância para a história literárido Maranhão. São 258 documentos que comprovam a História da Balaiada, escritos entre 1838 a 1842. Analisaram-se trinta documentos, que possuíam um número considerável de palavras escritas diferentes da escrita do português atual.

A Balaiada foi a maior revolta de caráter popular, ocorrida entre 1838 e 1841 no interior da então província do Maranhão, e que após a tentativa de invasão de São Luís, dispersou-se e estendeu-se para a vizinha província do Piauí. O movimento teve caráter multiclassista, e envolveu fazendeiros vaqueiros, artesões, pequenos lavradores, desertores, escravos fugitivos e prisioneiros e pobres da região, sem ocupação fixa. O evento que deu início à revolta foi a detenção do irmão do vaqueiro Raimundo Gomes, da fazenda do padre Inácio Mendes (*bem-te-vi*), por determinação do sub-prefeito da Vila da Manga (atual Nina Rodrigues), José Egito (*cabano*). Contestando a detenção do irmão, Raimundo Gomes, com o apoio de um contingente da guarda nacional, invadiu o edifício da cadeia pública da povoação e libertou-o, em dezembro de 1838. Esses documentos registraram todos os momentos dessa revolta, desde ofício de rebelde até a proclamação de Presidente da Província.

Diante dos resultados da pesquisa, dos levantamentos das informações ortográficas e dos ortógrafos e gramáticos que contribuíram para este estudo, pôde-se dividir esta tese em quatro capítulos: no primeiro faz-se um breve panorama da

história da Língua Portuguesa, destacando a história interna e externa desta língua, analisando aspectos da língua portuguesa em Portugal, no Brasil e no Maranhão. Para um conhecimento mais sólido sobre a construção desta língua destacamos os estudos de alguns ortógrafos e gramáticos, tais como Nunes Leão, Pero Magalhães e Gândavo, e os gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros. Faz-se um estudo da história da ortografia do português do Brasil passando desde o alfabeto até a formação do sistema ortográfico da Língua Portuguesa.

No segundo capítulo mostram-se o processo metodológico e os procedimentos de coletas de dados. Organizaram-se os objetivos e a justificativa e em seguida apresentam-se os manuscritos e impressos como os documentos oficiais, os poemas e jornais e, por fim uma explanação sobre o poeta maranhense Sousândrade e a história sobre a guerra da Balaiada.

No terceiro capítulo, aborda-se o sistema vocálico e consonantal do português, verifica-se como as vogais e consoantes são estruturadas dentro de um sistema ortográfico, desde o século XV ao século XIX. Em princípio fez-se a diferença entre esses dois sistemas e partiu-se para as análises de ocorrência de cada vogal e algumas consoantes. Em seguida, apresenta-se, de acordo com os teóricos antigos e contemporâneos, um estudo acurado sobre algumas letras consoantes e todas as vogais. É neste capitulo que se estuda todo o sistema ortográfico, analisam-se os monotongos, ditongos, tritongo, hiato, as semivogais, as vogais nasais e os usos das consoantes C e Ç; G e J; M e N e S e Z, assim como os encontros consonantais, os dígrafos, e a estrutura silábica.

Por fim, o capítulo 4 é dedicado à análise dos *corpora*, isto é, as 200 estrofes do poema de Sousândradre, 30 documentos oficiais da guerra da Balaiada e as primeiras páginas dos quatro jornais de maior circulação em São Luís. Deu-se ênfase ao português brasileiro impresso no século XIX para comparação com o português atual. Faz-se uma avaliação desde o alfabeto, passando pelas letras consoantes e vocálicas, os dígrafos, os diacríticos, os sinais de pontuação, acentuação gráfica, abreviaturas e, por fim a distribuição das consoantes pelos contextos de ocorrência. Em seguida fazem-se as considerações finais desta tese.

Espera-se que os resultados obtidos com este estudo possam contribuir para a compreensão não só do sistema ortográfico dos novecentistas, mas de todos os movimentos que alimentam a sobrevivência da língua portuguesa em sua modalidade escrita.

SEÇÃO 1 - PANORAMA HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo, apresenta-se um breve histórico da Língua Portuguesa, em Portugal, no Brasil e no Maranhão, a partir de um percurso que se inicia com a língua latina falada na região do Lácio, enfatizando-se o lugar dos textos escritos no processo de mudanças ocorridas na Língua Portuguesa. Discorre-se, de maneira geral, sobre a emergência da ortografia, apresentando-se os benefícios que essa invenção trouxe para o sistema da escrita e da própria língua. Além das reflexões em torno da escrita como materialidade pensada para representar a realidade, discute-se o sistema alfabético e sua funcionalidade nas sociedades que o empregam. Esses elementos são mobilizados nesta seção por considerarem-se elementos-chave na análise da ortografia de qualquer sociedade, em qualquer época. Parte-se do princípio de que as considerações históricas subsidiam a observação de determinadas escolhas para a representação ortográfica da Língua Portuguesa em documentos antigos.

1.1 História Interna e Externa da Língua Portuguesa

Melo (1975) diferencia a história externa e interna da língua portuguesa, mostrando que a primeira tem relação com a história dos acontecimentos sócio-culturais e políticos, que influenciam nos hábitos da população, enquanto a segunda caracteriza-se pela transformação do sistema linguístico, isto é, refere-se à evolução fonética, fonologia, morfologia, semântica, sintaxe, etc. (Op. cit., p. 113). Dessa forma, descrevem-se, brevemente, aspectos sociais e históricos que influenciaram, de algum modo, o sistema ortográfico da língua portuguesa do século XIX.

Segundo Carvalho e Nascimento (1987, p. 25), é no período arcaico, século XII, que aparece o primeiro texto inteiramente redigido em português - a *Cantiga da Ribeirinha* - poesia dedicada à D. Maria Paes Ribeiro, escrita por Paio Soares de Taveirós. No período moderno, século XVI, houve um processo de aperfeiçoamento e enriquecimento linguístico com relação à imitação dos modelos latinos.

Ivo Castro (1991, p. 39), por outro lado, afirma que os mais antigos textos em português datam de início do século XIII, o que denominou de “produção primitiva portuguesa”. A partir de 1255 o português foi adotado como “língua de registro” na Chancelaria Régia, no reinado de D. Afonso III.

Para Cagliari (2004) os documentos mais antigos da Língua Portuguesa datam do final do século XII e se consolidam principalmente no século XIII. São documentos de natureza cartorial, em que se encontram as mais antigas palavras escritas na língua portuguesa. Essas escritas foram baseadas no modelo latino da época, oriundas das gramáticas do final da idade média e em livros de uso muito restrito.

A este respeito Cagliari (2007b), também afirma que o século XII divide a história da Língua Portuguesa em período pré-histórico e em período histórico. Foi a partir do século XII que a história da Língua Portuguesa passa a ser consultada por meio dos documentos escritos, com épocas e períodos definidos pelos movimentos literários e pelas produções de obras de grande valor. O autor afirma que

> [...] através da literatura, podemos encontrar traços da linguagem oral e estruturas gramaticais típicas de determinadas épocas e com isso traçar um caminho de transformações pela quais a língua passou, além de contar com elementos importantes para a definição da periodização da língua. (CAGLIARI, 2007b, p.5).

Conforme Coutinho (1976), o português teve sua escrita historicamente registrada a partir do século XIII, período em que aparecem os primeiros documentos escritos. Dessa constatação, o estudioso propõe dois estágios de evolução da língua portuguesa: um *pré-histórico,* período em que o idioma, embora falado, não possuía registros; e outro, denominado *proto-histórico,* caracterizado pelos primeiros indícios de palavras em textos escritos.

Esse autor pontua, entretanto, que para Leite de Vasconcelos (1991) a história da língua portuguesa está dividida em três grandes épocas: a) *pré-histórica,* que segundo ele começa com as origens e se prolonga até o século IX, época em que surgem os primeiros documentos latino-portugueses; b) época *proto-histórica,* que se estende do século IX ao XII, com os textos redigidos em latim bárbaro, e c) a época *histórica,* que se inicia no século XII, com os textos ou documentos inteiramente redigidos em português. Foi nessa última época que houve a divisão do Português em arcaico, o qual vai do século XII ao XVI, e moderno, cujo início data do século XVI, estendendo-se até os nossos dias. (Op. cit., p. 56-57).

Segundo Hauy (1989), a história da língua portuguesa começa a se delinear com as invasões à Península Ibérica, desde a Idade Média, entre as quais se destaca a dos bárbaros, que dominaram o Império Romano do Ocidente. Com essa invasão, a nobreza desapareceu e a preocupação com a cultura ficou confinada aos

mosteiros. Assim, o latim clássico, escrito repleto de palavras novas e da contribuição grega, serviu de língua oficial para as ciências da Idade Média. Juntamente com o latim clássico surgiu outro latim, construído com o léxico de outras línguas faladas na Península - denominado de "*latim bárbaro*", e era empregado pelos tabeliães em contratos, testamentos e documentos de ordem jurídica.

Na parte ocidental da Península, o português começou a se desenvolver a partir do latim falado trazido pelos soldados romanos no século III a.C. A dominação dos Romanos, na Península Ibérica, não foi apenas político-militar, mas principalmente cultural e simbólica. Nesse sentido, além da conquista territorial, houve a conquista linguística, com a imposição da língua latina. Assim, todos os povos da região, com exceção dos Bascos, adotaram o latim como língua. O território a Sul do Douro até o Algarves era conhecido como Lusitânia e veio a constituir a maior parte da província romana com o mesmo nome. (SILVA NETO, 1979).

Nesse contexto, Teyssier (2007, p.5) diz:

> Em 409, invasores germânicos – Vândalos, Suevos e Alanos – afluem ao sul do Pirineus, seguidos, mais tarde, pelos Visigodos. Assim começa um dos períodos mais obscuros da história peninsular, que terminará em 711, com a invasão mulçumana. Os Alanos foram rapidamente aniquilados. Os Vândalos passaram para a África do Norte. Os Suevos em compensação conseguiram implantar-se e, por muito tempo, resistiram aos Visigodos, que tentaram reunificar a península ao seu favor. No século V o Reino Suevo era muito extenso, mas por volta de 570 reduziu-se à Gallaecia e aos dois bispados lusitanos de Viseu e Conímbria. Em 585, esse território foi conquistado pelos Visigodos e incorporado ao seu Estado. No que diz respeito à língua e à cultura, a contribuição dos Suevos e dos Visigodos foi mínima.

É importante ressaltar que, embora para Teyssier, esse período tenha se apresentado obscuro, para outros pesquisadores[1], não é assim que essa realidade se apresenta. O máximo que se pode dizer acerca desse momento é que os povos "bárbaros" não deixaram grandes marcas de suas línguas na Língua Portuguesa.

Os fatores de civilização como construção de estradas, organização do comércio, serviço militar, entre outros aparecem mais tarde na Península Ibérica. Convém lembrar que não foi o latim clássico que foi levado à Península, mas o latim usado pelos soldados, o chamado latim vulgar. (CARVALHO e NASCIMENTO, 1987).

[1]Refere-se a alguns autores que não concordam com essa colocação, pois acreditam que o que havia eram poucos indícios da língua desses povos na língua portuguesa.

Com a invasão mulçumana, em 711, e depois a reconquista do território português por D. Afonso I, no século XII, a Língua Portuguesa finalmente se constitui pela transformação gradativa do galego-português da Região Norte. Em galego-português são escritos os primeiros documentos oficiais e textos literários não latinos da região, como os cancioneiros.

Com a Reconquista Cristã[2], Portugal começa a firmar o seu território e a sua língua, o português, teve como centro linguístico a região do Porto. Na segunda metade do século XIII, Portugal consolidou o seu território com a conquista de Algarve, no extremo sul do litoral Atlântico. Antes disso, quando o condado de Portugal se separa do reino de Leão e Castela, no século XI, formou-se um pequeno reino o qual tinha como língua nacional o romanço (múltiplos e variados falares regionais) peculiar que constitui a Língua Portuguesa. (CÂMARA JR., 1985).

Mesmo com o latim na base das línguas românicas, quando novas classes sociais assumiram o poder, foi instituído um modelo linguístico exclusivo para ser seguido. Assim, separando de Leão para se tornar reino independente, Portugal separa-se também da Galícia - reino de Leão, reino de Castela e reino de Espanha (TEYSSIER, 2007, p. 25) e o português foi desvinculado de outras modalidades, tornando-se língua nacional, expandindo-se por vários territórios. As grandes navegações foram fundamentais para que o uso do português se ampliasse no mundo.

Entre os séculos XIV e XVI, com a construção do império português, a Língua Portuguesa faz-se presente em várias regiões da Ásia, África e América, sofrendo influências locais com o Renascimento, como o aumento do número de italianismos e palavras eruditas de derivação grega. O fim desse período de consolidação da língua (ou de utilização do português arcaico) é marcado pela publicação do *Cancioneiro Geral,* de Garcia de Resende, em 1516. (SILVA NETO, 1979).

A língua portuguesa se expandiu, além de Portugal e Brasil, pela África e pela Ásia, fato esse que se deve, segundo Silva Neto (1979, p. 541), “às escolas,

[2] A Reconquista Cristã é a designação historiográfica para o movimento cristão com início no século VIII, que visava à recuperação cristã das terras perdidas para os árabes durante a invasão da Península Ibérica. Alguns guerreiros Visigodos refugiaram-se nos montes das Astúrias impedindo que os Muçulmanos dominassem por completo a Península Ibérica. Foram esses guerreiros que anos depois organizados e comandados por Pelágio iniciaram a luta contra os Mouros que conquistaram de novo as terras que já tinham sido Cristãs. A estas lutas que duraram muitos anos foi chamada de A Reconquista Cristã.

principalmente, ao ensino ministrado pelos jesuítas e a expansão por meio do simples contato e intercomunicação".

Na época das grandesnavegações, Portugal conquistou inúmeras colônias e o idioma português originou-se do latim lusitânico. A língua portuguesa desenvolveu-se principalmente no norte de Portugal e na Galiza, nos condados lucense, asturicense e bracarense da província romana da Galécia coincidentes com o território político do Reino Suevo, e só posteriormente, com a Reconquista foi avançando pelo que atualmente é o centro-sul de Portugal. (SILVA NETO, 1979).

1.2 A Língua Portuguesa em Portugal

Em relação à produção escrita de Portugal, pelos séculos X e XI, existiram os mosteiros, nas dioceses de Braga, Porto e Coimbra. Nesses mosteiros, a população se desenvolvia religiosamente, mas também recebia os ensinamentos linguísticos. Era ainda nas bibliotecas que os monges se afadigavam em copiar laboriosamente toda a literatura de seu tempo. A própria liturgia, ou seja, o culto da Igreja deixou influência na linguagem corrente. (SILVA NETO, 1979).

Os documentos vernaculares mais antigos aparecem pelo fim do século XII e marcam a história do português arcaico. Williams (1973) afirma que a língua portuguesa durante quatro séculos passou por muitas transformações. O autor revela: "Pelo fim do século XVI, quase todas as características distintivas do português arcaico haviam desaparecido; a língua se tornara, no essencial, a mesma de hoje em dia". (WILLIAMS, 1973, p. 27).

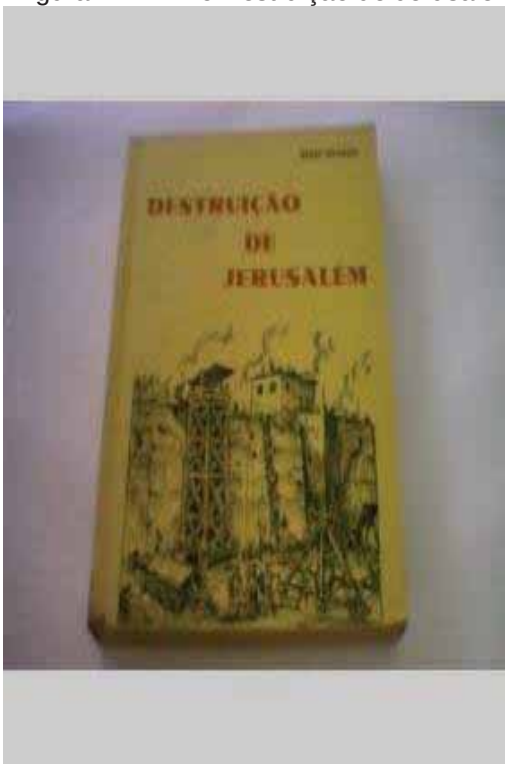
Nos séculos XV e XVI**,** a Língua Portuguesa se espalhou pelo mundo, momento em que Portugal estabeleceu um império colonial e comercial (1415-1999) estendido aoBrasil**,**Américas, Goa**,** e outras partes daÍndia**,**China e Timor-Leste, quando apresenta então dois grandes períodos: o "arcaico", que vai até Camões (século XVI), e o "moderno", que começa com ele. Com relação a esses períodos Coutinho (1976) afirma:

> Não é sem razão que se toma o século XVI por marco divisório das duas mais importantes fases do idioma: a *arcaica* e a *moderna*. É que, a partir dele, a língua portuguesa começa a apresentar não poucos traços que a distinguem da que se usou em Portugal, nos séculos anteriores. (COUTINHO, 1976, p. 65).

No século XVI aparecem escritores importantes em Portugal, momento que se apresenta como o verdadeiro século de ouro da literatura portuguesa. É nesse período que surge a gramática da língua portuguesa, disciplinando a língua. Aparecem com a "*Ortografia da Língua Portuguesa*" e o de Gândavo[3] "Regras que Ensinam a Maneira de Escrever e Ortografia da Língua Portuguesa," ambos considerados pioneiros. (SOUZA, 2009, p. 37).

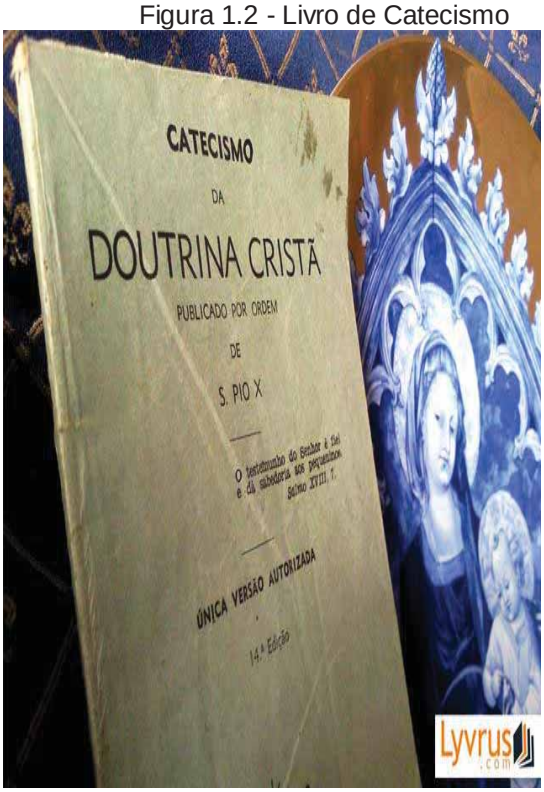
Em 1513, Portugal envia à Abissínia uma remessa de livros que serve de difusão do saber, dentre eles tem-se: *Cartinhas Cobertas de Pergaminho; Livro da Vida e Paixão dos Mártires; Livros de Obras de Nossa Senhora; Livro de Destruição de Jerusalém; Confessionários de Resende; Catecismos; Livros de Catecismos encadernados de taboas meio cobertos de couro.* Segundo Silva Neto (1979), era uma coleção preciosa de mais de dois mil livros, enorme biblioteca para uma época em que as artes impressórias estavam iniciando. A seguir ilustram-se alguns desses livros[4].

Figura 1.1 - Livro Destruição de Jerusalém



Fonte: www.google.com.br/search?Destruição +de+Jerusalem/emule.com.br

Figura 1.2 - Livro de Catecismo



Fonte: www.google.com.br/search? Catecismo. livros.zura.com.br

[3]Gândavo nasceu em Braga em data ignorada, assim como é incerta a data de sua morte. Historiador e cronista português é o autor da primeira história do Brasil (*Tratado da Província do*Brasil e *historia da terra de Santa Cruz*); escreveu o primeiro manual ortográfico da língua portuguesa.

[4]Fotos encontradas no Google imagens.

Figura 1.3 - Livro de Catecismo encadernado de táboa e coberto meio de couro

Fonte:www.google.com.br/search? Catecismo

Figura 1.4 -Livro de Obras de Nossa Senhora

Fonte: www.google.com.br/desposorios+do+esp

Figura 1.5 - Modelo de Cartinhas

Fonte: www.google.com.br/search hostmach

Figura 1.6 - Modelo de Cartinhas em Pergaminho

Fonte: www.google.com.br/search/espiritualismo.

No século XVI, destacam-se dois importantes trabalhos: a primeira gramática de que se tem notícia, "*Gramática da Lingoagem Portugueza"*, escrita por Fernão de Oliveira, em 1536 e a Gramática da Lingua Portuguesa, de João de Barros, cronista e historiador da expansão lusa, lançada em 1540. As duas primeiras gramáticas da língua portuguesa seguiam uma mesma filosofia humanista: a exaltação da língua portuguesa.

Esse período de enriquecimento do idioma foi coroado com a publicação, em 1572, de ‘‘Os Lusíadas”, de Luís de Camões, considerado o maior monumento literário do português. (SILVA NETO, 1979; TEYSSIER, 2007).

Até fins do século XVII, os reflexos da dominação espanhola acentuaram o uso da língua espanhola entre os portugueses cultos. Depois de 1640, com a guerra da Restauração e a entronização do Rei D. João IV, iniciou-se uma antiespanholização e o enfraquecimento da situação de bilinguismo em Portugal. Durante aproximadamente dois séculos, o espanhol foi uma segunda língua de cultura em Portugal, mas a partir do século XVIII deixa de desempenhar esse papel o qual passa a ser exercido pelo francês. É na literatura francesa que os portugueses vão buscar parte de sua cultura. (TEYSSIER, 2007, p. 45).

Até o século XIX aparecem as gramáticas normativas e os tratados de ortografia, como os de Duarte Nunes de Leão (*Orthografia,*1576; *Origem da Língua Portuguesa*.1606), de Bento Pereira (*Ars Grammaticae Pro Língua Lusitana*,1672), de João de Morais Madureira Feijó (*Orthographia*, 1736), dentre outros. (Op. cit., p. 45).

Em Portugal, o século XIX é muito rico no campo literário, pois a primeira geração[5] rompe com a escola clássica e introduz o romantismo. Destacam-se nessa fase os trabalhos de Herculano, Castilho, Garrett. Na segunda geração[6] brilham Tomás Ribeiro, Arnaldo Gama, Camilo Castelo Branco, a mais notável figura da geração romancista. A terceira e última geração[7] tem-se Julio Diniz, Antero de Quental, Eça de Queirós etc.

---

[5]Aprimeira geração do romantismo em Portugal vai de 1825 a 1840.Tem como características sobrevivências neoclássicas: o nacionalismo, o historicismo e o medievalismo.

[6] A segunda geração romântica portuguesa se caracteriza por: mal do século, excesso do subjetivismo e do emocionalismo românticos, irracionalismo, escapismo, fantasia e pessimismo.

[7]Aterceira geração romântica portuguesa se caracteriza pela diluição das características românticas e pelo pré-realismo.

É importante destacar que em termos de paradigmas científicos, esse século é marcado pelos reflexos da racionalidade nas ciências sociais emergentes, que se defendiam de duas formas de conhecimento: do senso comum e das chamadas humanidades. A racionalidade pregada na ciência desse momento caracteriza-se pelo deslocamento dos estudos da natureza para o estudo da sociedade. Desse modo, todos os princípios epistemológicos e metodológicos positivistas empregados nas pesquisas da natureza, desde o século XIV, passam a ser aplicados no estudo da sociedade, iniciando-se o que se chamou de física social. (SANTOS, 1998).

Ocorrerá um ressurgimento do galego nos séculos XIX e XX com visíveis esforços de filólogos e escritores para elaboração de uma língua unificada. Segundo Teyssier (2007, p. 47), nessa fase, o galego, por ele chamado de moderno, já era uma língua diferente "pela sua fonética, sua morfologia, seu vocabulário, pela sua sintaxe e mesmo pela sua ortografia.

Pela importância do estudo da língua portuguesa e dos fatos ocorridos ao longo dos séculos é que se mostra, a seguir, um panorama dos primeiros ortógrafos e gramáticos para melhor entender a contribuição desses autores para o sistema ortográfico da Língua Portuguesa.

1.3 Ortógrafos e gramáticos da Língua Portuguesa

1.3.1. Os ortógrafos: Duarte Nunes de Leão e Pero Magalhães de Gândavo

Duarte Nunes de Leão[8] e Pero Magalhães de Gândavo[9] foram os primeiros ortógrafos a estudar a ortografia da Língua Portuguesa. O primeiro escreveu curiosos tratados, tais como: *Origem da Língua Portuguesa, Ortografia da Língua Portuguesa, primeira Parte das Crônicas dos Reis de Portugal,* dentre outros. A obra de maior destaque de Duarte Nunes foi a *Ortografia da Língua Portuguesa*

[8]De origem judaica, nasceu em Évora, por volta de 1530, filho de João Nunes, médico hebreu. Foi jurista, linguista e historiador. Faleceu em Lisboa, em 1608. Em 1606 publicou O*rigem da língua portuguesa*. Sabe-se ainda da existência de outros escritos, nomeadamente nos domínios da lexicologia, da etimologia que, contudo, se perderam.

[9]Foium historiador e cronista português. Nasceu em Braga em data incerta, provavelmente por volta de 1540. Foi professor de latim e Português nonorte de Portugal. Morreu em Portugal em local incerto.

(1576), considerado um dos mais famosos tratados e de fundamental importância ao estudo de outras línguas. Ele foi o fundador dos estudos ortográficos, tendo, por isso, exercido uma grande influência para alguns tratados posteriores que geralmente citavam sua obra com certa frequência. Nela pode-se resolver dúvidas teóricas ou casos particulares de grafia de certas palavras.

O segundo, Pero Magalhães de Gândavo, também escreveu seus tratados, tais como o famoso livro *História da Província de Santa Cruz***,** o que foi chamado de "Brasil". Nele, o ortógrafo aborda vários assuntos como a flora e a fauna, a descoberta do Brasil, os primórdios da colonização, assuntos que propagavam o clima, as riquezas e a possibilidade de os portugueses enriquecerem nas terras recém descobertas. O historiador, gramático e cronista português do século XVI é autor do primeiro Manual Ortográfico da Língua Portuguesa. Após trabalhar na transcrição de documentos na Torre do Tombo, em Lisboa, é nomeado provedor da fazenda na Bahia, onde permaneceu de 1565 a 1570. (BUESCU, 1978).

1.3.2 Os Gramáticos: Fernão de Oliveira e João de Barros

No que se refere à Língua Portuguesa, tem-se como destaque o gramático Fernão de Oliveira, com sua ilustre obra *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536).O autor, cavaleiro andante que, antes de mais ninguém e com alta perícia, terçou armas por amor à Língua Portuguesa e dentro desse meio de escritos, surgiu, dos prelos, em 27 de janeiro de 1536 aedição de sua *Grammatica da Lingoagem Portuguesa.*

A pequena obra, tal como pode ser lida na sua apresentação, dividida em 50 capítulos, foi dirigida e dedicada ao Mui Magnífico Senhor D. Fernando de Almada, por quem Fernão de Oliveira nutria profundo apreço devido a sua prudência, nobreza e seu interesse por bons livros. Iniciando seu preâmbulo, ao solicitar a atenção do Senhor, o autor fez considerações sobre seus impasses em oferecer-lhe a obra, demarcando a hierarquia presente na sociedade de seu tempo. Dirigindo-se a um homem nobre e de letras, Fernão de Oliveira esclareceu seu objetivo em apresentar-lhe a sua *Grammatica da Lingoagem portuguesa*:

> [...] a notação em algumas coisas do falar português na qual ou nas quais eu não presumo ensinar aos que mais sabem, mas notarei o seu bom costume para que outros muitos aprendam e saibam quanto prima é a natureza dos nossos homens porque ela por sua vontade busca e tem de seu a perfeição da arte que outras nações adquirem com muito trabalho e nestas coisas se acabará esta primeira anotação em dizer não tudo, mas apontar algumas partes necessárias da ortografia, acento, etimologia e analogia de nossa linguagem em comum e particularizado nada de cada dicção, porque isto ficará para outro tempo e obra. E, porém, agora primeiro diremos que coisa é linguagem e da nossa, como é principal entre muitas. O que peço a sua mercê ouça com muita atenção e vontade porque nisso favorecerá o partido de meu trabalho. (OLIVEIRA,1975, p. 38).

Ilustra-se a capa da gramática de Fernão de Oliveira

Figura 1.7 - Capa da Primeira Edição da Gramática

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536).

Ao estabelecer a *Gramática* como uma primeira anotação da linguagem portuguesa, o autor demarcou o caráter de sua obra: apontamentos, registros e comentários sobre a linguagem portuguesa.

Naquela época, a ortografia já conquistara uma relativa importância no âmbito dos estudos gramaticais. Em Portugal, Fernão de Oliveira, por meio de sua obra, realiza uma tentativa de forma e unificação da grafia vernácula. A primeira parte de sua gramática está dividida em três itens – letras, sílabas e vozes – o autor

já manifesta considerações acerca de natureza fonética-fonológica, buscando refinar sua definição na exposição de cada um desses componentes gramaticais.

Esse gramático afirma que *letra* é a figura[10] da voz e está dividida em consoantes e vogais. As vogais têm em si voz, e as consoantes não, senão junto com as vogais. Embora Fernão de Oliveira não seja claro no que considera voz, pode-se inferir por suas observações tratar-se da unidade sonora, da competência acústica das letras, no sentido saussureano e, portanto mais abstrato, de imagem acústica.Para este autor "*sílaba* é uma só voz, formada com letra ou letras, a qual pode significar por si ou ser parte de dicção, assim as vogais, ainda que sejam em ditongo, podem fazer sílaba sem outra ajuda, e as consoantes não, senão juntas com as vogais". (OLIVEIRA, 1975, p. 46). Novamente, ressalta na concepção de sílaba o caráter abstrato do conceito de voz, o qual possuiria, de acordo com sua exposição, uma mesma imagem acústica para duas ou mais letras. Voz e letra juntam-se, por fim, para formar a linguagem, figurada, segundo Fernão de Oliveira, pelo entendimento. (OLIVEIRA, 1975).

Para o gramático lusitano, nosso alfabeto é composto de 33 letras, entre vogais e consoantes: "no nosso *a b c* há aí trinta e três letras, todas nossas e necessárias para nossa língua, das quais oito são vogais [...] E vinte e quatro consoantes". (OLIVEIRA, 1975, p. 48).

Na *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, 1536, de Fernão de Oliveira, aponta que a voz comparece no texto escrito, por meio da oralidade e dos aspectos fonéticos da língua, demonstrando a identidade e as particularidades do povo pela estrutura melódica do falar. A partir dessa obra, de cunho inaugural dos estudos gramaticais sobre o português, outras reflexões e outros escritos foram desenvolvidos com o intuito de se pensar e fixar a língua portuguesa, já entendida como elemento de identidade nacional, como revela o trecho abaixo transcrito:

> [...] Nisto consiste o saber ler, e mais que saber ler. E é verdade que, se não tivermos certa lei no pronunciar das letras, não pode haver certeza de preceitos nem arte na língua, e cada dia acharemos nela mudança, não somente no som da melodia, mas também nos significados das vozes, porque só mudar uma letra, um acento ou som, e mudar uma de vogal grande ou pequena ou de pequena a grande, e assim também de uma consoante dobrada em singela ou, ao contrário, de singela dobrada, faz ou desfaz muito no significado da língua. (OLIVEIRA: 1975, [1536], p. 52).

[10]Para Oliveira a palavra "figura" significava a forma gráfica das letras.

Fernão de Oliveira na sua gramática define a linguagem, discute a formação de palavras e se propõe a definir “gramática”. Apresenta as semelhanças e diferenças entre línguas, povos e vozes demonstrando que através das semelhanças entre as línguas, os povos e os conhecimentos, as diferenças comparecem e ao serem incorporadas, transformam-se em identidades. Segundo o autor, a sua gramática era uma primeira anotação da língua portuguesa. O objetivo primordial da publicação deste compêndio era perpetuar a memória da línguaportuguesa**,** porisso foi publicada em um período em que Portugal procurava afirmar a sua autonomia nacional, em relação às outras nações. Estava, assim, subjacente a intenção de passar para a escrita um sistema linguístico coeso, que caracteriza uma nação e um povo. (BUESCU, 1978).

Apesar de todo o estudo e dedicação da obra de Fernão de Oliveira, foi a gramática de João de Barros que recebeu o título de primeira gramática da língua, em sentido lato. Maria Leonor Buescu (1978, p. 53-54), em seu livro *Gramáticos Portugueses* do século XVI acentua:

> A obra de Oliveira é, efectivamente, um conjunto de curiosas e judiciosas reflexões, de tipo ensaístico. Em suma: uma miscelânea linguística e cultural. Inicia-se por uma parte preambular (ausente da gramática tipicamente escolar do seu sucessor), em que define a linguagem. “A linguagem é figurado entendimento”; e expende considerações, apoiado na autoridade dos filósofos antigos, sobre a formação das línguas. Seguem-se algumas páginas sobre “o modo de falar dos portugueses” e a formação do reino. Só depois de se referir à origem dos nomes de Lisboa, Lusitânia, Portugal, de fazer um breve resumo da história dos primeiros reinados, de tomar como exemplo a perdurabilidade da glória romana, devido à imposição da língua aos vencidos, se propõe definir gramática.

A *Gramática* de João de Barros, juntamente com o D*iálogo em louvor de nossa linguágem*,foram editadas pela primeira vez por Luís Rodrigues, no ano de 1540, compondo-se de quatro partes: Ortografia, Prosódia, Etimologia e Sintaxe ou Construção. Nas duas primeiras, o autor enumera as letras, descreve as sílabas, a quantidade e os acentos. Na terceira parte, estabelece uma classificação das palavras, além de deter-se na análise das flexões nominal e verbal. Na quarta, dedica-se ao estudo da sintaxe, definida como a *conveniência* entre as partes do discurso. E, após apresentar seus princípios de concordância e regência, inclui ainda mais dois capítulos: um que trata das figuras ou “espécies de barbarismos” e outro que retoma, de forma pormenorizada, a questão da ortografia. (Op. cit.).

No parágrafo onde se propõe a estudar as letras e o número delas - *Difinçám das lêteras e o número delas* – o autor diz que o alfabeto português possui vinte e três letras *em poder* e trinta e quatro *em figura*. A respeitodas expressões *letras em poder* e *letras em figuras* Buescu (1978, p. 82) afirma que:

> [...] “letras em poder” são aquelas que *potenciam* uma ou várias representações escritas e são, portanto, em número menor do que aquelas que atualizam (“letras em figura”) essas mesmas re presentações, isto é, a função da escrita. As “letras em poder” formam, pois, o alfabeto originário, ou, se quisermos, arquetípico ou formal, enquanto as “letras em figura” serão a realização desse alfabeto ideal.

Convém salientar que os trabalhos desses gramáticos merecem um destaque especial pelo fato de que os seus estudos sobre o sistema ortográfico procuraram particularizar a originalidade do português. Souza (2009, p. 37), estudiosa do assunto, afirma:

> A língua é dinâmica. Fernão de Oliveira e João de Barros foram os primeiros a se debruçarem sobre a língua portuguesa como objeto passível de codificação e regras, de forma científica. Os seus trabalhos possuem grande valor como fontes de estudos para a descrição do português do século XVI. O papel que esses gramáticos exerceram no cenário português nada deixa a desejar aos demais gramáticos renascentistas das línguas vernáculas. Eles foram audaciosos ao tomarem para si a responsabilidade de projetar a Língua Portuguesa ao nível do latim, língua veicular da tradição e da cultura.

Em linhas gerais, o trabalho realizado pelos dois primeiros gramáticos não pode nem deve ser relegado ao esquecimento. Ambos, com objetivos e propostas bem definidas, foram capazes de traçar o percurso por onde se desenvolveu a história de nossas ideias gramaticais. Cada um, a seu modo, expôs uma doutrina que, sem alterações substanciais, resiste ao tempo e às críticas.

1.4 A Língua Portuguesa no Brasil

O século XIX, segundo Elia (2003) é o século imperial de vida política brasileira, começa com D. Pedro I e termina com a proclamação da República. Houve vários acontecimentos que marcaram a época como: a abdicação do imperador em 1831; período regencial; a maturidade de D. Pedro de Alcântara, como D. Pedro II.

No Brasil, a língua portuguesa passou a ser implementada a partir de um complexo processo de expansão marítima, iniciado nos séculos XV e XVI, momento da sua colonização. Trazida por descobridores e colonos lusos, a língua portuguesa do Brasil sofreu influências do tupi, assim como dos escravos da África e dos portugueses da Europa. Essas três etnias - europeia, indígena e negra - constituem, durante o período colonial, a base da população brasileira.

A língua portuguesa prevaleceu na fundação de cidades, de fazendas coloniais, tendo favorecido certa uniformização linguística, sobretudo, a partir do século XVIII. Foram três os primeiros grandes centros de colonização no litoral brasileiro: Pernambuco, no norte; a Bahia, o Rio de Janeiro, no sul e mais tarde no Maranhão e em São Paulo. (CÂMARA JR.,1979).

Em relação à produção escrita da língua portuguesa, no Brasil, Maria Helena Mira Mateus (2006, p. 93) diz que é possível identificar duas gramáticas diacrônicas do português:

> [...] uma primeira dos séculos XVI – XVII, com forte ligação a Portugal, tendendo para a diferenciação regional, reflete um Brasil rural, de ensino jesuítico; a partir de meados do século XVIII, contudo, o crescimento urbano, o ensino oficial, a imprensa e a independência criam condições para que, por um lado, a língua da colonização se torne hegemônica e, por outro, se fixe uma nova gramática que acolhe inovações e que adquire personalidade própria, configurando uma nova norma para o português.

A autora aponta as diferenças que já se instalavam entre a língua portuguesa da Europa e a falada em terras brasileiras, nesse momento.

Câmara Jr. (1979, p. 30) afirma que, desde o início, o Brasil tinha condições para ter uma vida linguística própria e para desenvolver uma subnorma, na língua comum, em relação ao português europeu, conforme explicação:

> No Brasil tem havido momento de tentativa para uma disciplinação rígida da língua escrita, em moldes estritamente europeus. De maneira geral, entretanto, as divergências permanecem e a elas se deve a vivificação da língua escrita assim em certos contatos com a língua oral comum.

Afirma ainda que, embora houvesse um uso bem aceito, não havia uma relação harmônica entre a língua oral e a escrita. Observa também o descompasso entre as convenções da língua escrita e a fonologia brasileira e formas e construções sintáticas que, na língua oral, são pouco usadas, ou são obsoletas, ou estão abandonadas. (CÂMARA JR., 1979, p. 30).

O vocabulário brasileiro se distancia, em parte, do de Portugal. A forma escrita de algumas palavras é diferente no Brasil e em Portugal, para exemplificar, tem-se os vocábulos *dialecto*, *acção*, *director*, *cousas* em Portugal e *dialeto*, *ação*, *diretor* e *coisas* no Brasil. Existem, no campo da semântica portuguesa, palavras bem diferentes usadas no Brasil: a palavra *comboio* para o Brasil é *trem, gelado* é *sorvete*, o *fato* é *terno* etc. Teve-se uma valiosa contribuição dos índios, dos negros e do americano, para a língua portuguesa No domínio da fonética é que se observam diferenças mais profundas entre o português do Brasil e de Portugal, a exemplo das pronúncias da palavra senhora, que na língua portuguesa falada no Brasil atualiza-se [ɔ]- senhora e em Portugal [o] senhora.

No século XIX surgiram os filólogos e linguistas, a partir de uma filologia e de uma linguística científica. Entre os nomes brasileiros que mais se destacam nesse período citam-se Júlio Ribeiro (1945- 1960), Manuel Said Ali (1861-1853), Mario Barreto (1871-1931), Sousa de Silveira (1883-1967), entre outros. Tem-se no período contemporâneo, com o desenvolvimento do ensino superior, Mattoso Câmara (1904-1970), Serafim da Silva Neto (1917-1960), Silvio Elia Melo, e muitos outros. (TEYSSIER, 2007, p. 114). Foram autores que contribuíram para a foramação da Língua Portuguesa.

1.5 A Língua Portuguesa em São Luís - Maranhão

D. João III divide a Colônia Portuguesa no Brasil em Capitanias Hereditárias, sendo o Maranhão uma delas, para melhor ocupar e proteger o território colonial. Em 1612 a ocupação no Maranhão aconteceu a partir da invasão francesa à Ilha de Upaon Açu, liderada por Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière. O início da cidade de São Luís se deu pela chegada dos franceses, com a fundação do núcleo do povoamento chamado França Equinocial e um forte denominado de “Fort Saint Louis”. (LIMA, 2006).

No Maranhão e no Pará, a Língua Geral[11] Amazônica desenvolveu-se nos séculos XVII e XVIII, quando tanto em São Paulo como Maranhão e Pará designaram a língua de origem indígena falada, nas respectivas províncias, por toda

[11]Língua geral ou língua franca é uma expressão latina para língua de contato ou língua de relação resultante do contato e comunicação entre grupos ou membros de grupos linguisticamente distintos para o comércio internacional e outras interações mais extensas.

a população originada no cruzamento de europeus e índios tupi-garanis, especificamente os tupis em São Paulo e os tupinambás no Maranhão e Pará. Aos poucos, o uso dessa língua intensificou-se e generalizou-se de tal forma que a partir do início do século XVIII acompanhou a expansão portuguesa na Amazônia, estendendo o seu uso ao longo de todo o vale do rio Amazonas e afluentes. Essa língua foi aprendida por grande parte dos colonos e missionários, sendo ensinada aos índios nos aldeamentos.

A colonização portuguesa no Maranhão, no Pará e na Amazônia em geral só teve início na primeira metade do século XVII, após a expulsão dos franceses da ilha de São Luís e das terras vizinhas. Essa região era então domínio dos índios tupinambás, que já no tempo dos franceses (1611-1614) se estendiam até a margem do rio Tocantins. (LIMA, 2006).

Segundo Nogueira (apud Bastos, 2006), no século XIX, em São Luís, havia apenas algumas pesquisas sobre a formação da Língua Portuguesa, no que tange a fala e a escrita desta língua. Havia só preocupações com o ensino de língua materna.

Não é fácil o acesso à referência bibliográfica e estudos registrados sobre a formação da língua falada e escrita no Maranhão, mas os gramáticos estudiosos daquele século apontam, nas pesquisas sobre a Língua Portuguesa, que o ensino de língua materna acontecia na Província do Maranhão a partir das gramáticas e antologias. Entre elas destacam-se: *Compêndio de Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, de Antonio da Costa Duarte (1829), *Grammatica elementar da Língua Portuguesa*, de Filippe Benício de Oliveira Condurú (1850) – gramática provavelmente impressa no Maranhão, em 1888, a obra *Postillas deGrammatica Geral, applicada à Língua Portuguesa pela analyse dos clássicos* (1862), e, em 1866, a*Grammatica Portuguesa, accomodada aos princípios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica*, de Francisco Sotero dos Reis. (NOGUEIRAapud BASTOS, 2006.p.20).

Um dos grandes divisores de águas da história da língua Portuguesa, no Maranhão, foi o Marquês de Pombal. Pombal fundou o vice reino do Grão-Pará e Maranhão**,** com capital em Belém e subdividiu-o em quatro capitanias: Maranhão, Piauí, São José do Rio Negro e Grão-Pará. Além disso, expulsou os jesuítas e criou a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão cuja atuação desenvolveu a economia maranhense.

Essa companhia incentivou as migrações de portugueses, principalmente açorianos, e aumentou o tráfico de escravos e produtos para a região. Tal fato fez com que o cultivo de arroz e algodão ganhasse força e logo colocou o Maranhão dentro do sistema agroexportador. Essa prosperidade econômica se refletiu no perfil urbano de São Luís, pois nessa época foi construída a maior parte dos casarões que compõe o Centro Histórico de São Luís, hoje, reconhecido como Patrimônio Mundial da Humanidade.

Naquela época, Dom João V comunicou ao governo do Maranhão, em 1727, que os índios deveriam ser instruídos na língua portuguesa. Em São Luís, e em Belém, o tupi era a língua falada pelo povo, inclusive nos púlpitos das igrejas. Em 1757, foi instaurada a Lei do Diretório, um código proposto pelo Marquês de Pombal, que na época proibiu o ensino de Tupi nas escolas. O objetivo era popularizar a língua portuguesa e com ela se conseguiu determinar o ensino da língua portuguesa no Pará e do Maranhão. A construção dalíngua portuguesa no Maranhão tem-se os franceses, os portugueses, e os indígenas. (NOGUEIRA apud BASTOS, 2006).

De acordo com Neres (1999), data de 1832 o poema que oficialmente dá início à literatura maranhense, trata-se do “Hino à Tarde”, de autoria de Odorico Mendes. Este foi um político, jornalista e poeta maranhense que viveu no século XIX e se destacou com suas mais variadas obras, entre as quais muitas se perderam. Odorico Mendes tinha como prática verter ao português as obras dos clássicos gregos e latinos, recriando na língua portuguesa a sua poesia. Nasceu em São Luís em 1799 e morreu em agosto de 1864, foi autor das primeiras traduções integrais das obras de Virgílio e Homero. Viveu muito tempo em Coimbra onde envolveu - se com o conturbado momento político que Portugal atravessou depois da Revolução do Porto. Foi nesse momento que conheceu Almeida Garret e escreve os seus primeiros versos de “Hino à Tarde”, em que cantou a saudade da pátria-infância. Para ilustração desta valiosa obra demonstra-se a seguir esse poema. (NERES, 1999; BASTOS, 2006).

Hino à Tarde

Odorico Mendes

Que amável hora! Expiram os favônios; transmonta o sol; o rio se espreguiça; e a cinzenta alcatifa desdobrando pelas azuis diáfanas campinas, na carroça de chumbo assoma a tarde…salve, moça tão meiga e sossegada; salve, formosa virgem pudibunda, que insinuas cos olhos doce afeto, não criminosa abrasadora chama!

Em ti repousa a triste humana prole do trabalho do dia, nem já lavra que há de a fraqueza conduzir ao túmulo. Lasso o colono, mal avista ao longe a irmã da noite coa-lhe nos membrosplácido alívio: — posta a dura enxada, limpa o suor que em bagas vai caindo..que ventura!

A mulher o espera ansiosa cos filhinhos em braço, e já deslembra o homem dos campos a diurna lida; com entranhas de pai ledo abençoa a progênie gentil que a olho pula. Não vês como o fantasma do silêncio erra, e pára o bulício dos viventes?

Só quebra esta mudez o pastor simples, que, trazendo o rebanho dos pastios, coa suspirosa frauta ameiga os bosques…

Feliz! Que nunca o ruído dos banquetes do estrangeiro escutou, nem alta noite foi à porta bater de alheio alvergue. Acha no humilde colmo os seus penates, como acha o grande em soberbões palácios.

Ali também no ouvido lhe estremecem de mãe, de amigo os maviosos nomes; conviva dos festins da natureza, vê perfazerem-se as funções mais altas:

— o homem nascer, morrer, e deixar prantos…

Agora ia entre prados, após Laura, o ardido vate magoando as cordas; e a selvática virgem, recolhendo a grave dor cristã, que a assoberbavado mancebo cedia à paixão nobre, grande e sublime, como os troncos do ermo… ai! mísera atalá!… mas rasga o fogo, e o sino soa pelas brenhas broncas.

Tarde, serena e pura, que lembranças não nos vens despertar no seio d'alma? amiga terna, diz-me, onde colhes o bálsamo que esparges nas feridas do coração?

E em quem sob os seus pés tem visto as flores irem murchando, e atreva do que apenas dás rebate, cala-se a dor; só geras no imo peito mansa melancolia, qual ressumbra infortúnio ante os olhos medonha condensar-se. longe dos pátrios lares, quem não sente os arrebóis da tarde contemplando um súbito alvoroço?

Então pendíamos dos contos arroubados que verteram propícios deuses nos maternos lábios; e branda mão apercebia o berço em que ternos vagidos infausto anúncio de vindouras penas.

Sobre o poial sentada a fiel serva que vezes atentei chamando ao pouso a ave tão útil que arrebanha os filhos, e adeja e canta, e pressurosa acode! coa turba de inocentes companheiros, agora sobre a encosta da colina, a casta lua como mãe saudávamos, e suplicando que nos fosse amparo, em jubilosa grita o ar rompíamos.mas da puerícia o gênio prazenteiro já transpôs a montanha; e com seus risos recentes gerações vai bafejando. A quem ficou aangústia que moderas, ó compassiva tarde?

Olha-te o escravo, sopeia em si os agros pesadumes: ao som dos ferros o instrumento rude tange, bem como em África adorada,quando (tão livre) o filho do deserto lá te aguardava; e o eco da floresta, da ave o gorjeio, o trépido regato, zunindo os ventos, murmurando as sombras, tudo, em cadência harmônica, lhe rouba a alma em mágico sonho embevecida. não mais, ó musa, basta; que da noite os pardos horizontes se tingiram, e me pesa e carrega a escuridade.oh! venha a feliz era que da pátria nessas fecundas, dilatadas veigas tu mais suave a lira me temperes da singela eponina acompanhado na escura gruta que nos cava o tempo hei de ao vale ensinar canções melífluas nos lindos olhos, nos mimosos beiços, nos alvos pomos, no ademã altivo irei tomar as cores que retratem da natureza os íntimos segredos. do ardor da esposa; do sorrir da filha; do rio que espontâneo se oferece da terra que dá fruto sem o arado da árvore agreste que na densa grenha abriga da pendente tempestade a sobreolhar aprenderei haveres, a fazer boa sombra ao peregrino, a dar quartel a errado viandante lá estendendo pelos livres areslongas vistas, nas dobras do futuro, entreverei o derradeiro dia… venha; que acha os despojos do homem justo ó esperança, toma-me em teus braços; com a imagem da pátria me consola!

A partir desse momento da publicação desta obra de Odorico Mendes, o Maranhão no século XIX começa a produzir uma boa quantidade de escritores de grande talento, chegando sua capital a receber o honroso cognome de Atenas Brasileira, em homenagem à quantidade e à diversidade de valores intelectuais surgidos em tão pouco tempo. Esse período caracterizou-se por uma grande efervescência literária e cultural que tomou conta da ilha.

Formou-se ainda naquele século o grupo de vanguarda da literatura local. Estes teriam sido responsáveis por projetar o Maranhão no cenário das letras nacionais, ficando conhecidos como o grupo maranhense do romantismo brasileiro, entre os quais figuravam personalidades como Antonio Gonçalves Dias, Manoel Odorico Mendes, Francisco Sotero dos Reis, Gomes de Sousa entre outros.

Em São Luís, também foi escrita e editada a primeira gramática do Brasil, pelo escritorSotero dos Reis, e realizado, no século XIX, o primeiro romance abolicionistaescrito por uma mulher no Brasil, a escritora Maria Firmina dos Reis. (NERES, 1999).

Merecem destaque, além de Maria Firmina dos Reis, primeira escritora e autora do romance Úrsula[12]; Antônio Henriques Leal, biógrafo, a quem se deve farto material sobre a vida e a obra dos principais intelectuais do século XIX: José

[12]Oprimeiro romance de cunho abolicionista da literatura brasileira. foi ainda, o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afro-descendente, que tematiza o assunto "negro" a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro no Brasil.

Cândido de Morais, o farol, combativo jornalista que, dono de um estilo vibrante, desafiou os poderosos da época.

Inúmeras produções, em diferentes gêneros textuais, tais como documentos jurídicos, religiosos, cartas pessoais e comerciais, certidões de nascimento, jornais, revistas, romances e poesia maranhense revelam aspectos importantes desse momento histórico e literário no Maranhão no século XIX, alguns registravam fatos particulares da ortografia, da fonética, da semântica, da morfologia.

O primeiro jornal lançado no estado do Maranhão , em 1821, foi “O Conciliador do Maranhão” de caráter oficial, pois tinha como objetivo divulgar os atos oficiais do governo provincial. É quando começa a história da imprensa, com jornais que registravam os momentos de conflitos de ideias no contexto da Independência do Brasil e a adesão do Maranhão a essa causa. Os primeiros exemplares desse periódico eram manuscritos e redigidos na casa construída pelos jesuítas, feitos em formato de uma folha de papel almaço, escrito em duas colunas. Só mais tarde, com o governador Bernardo da Silveira Pinto, foi implantada a primeira tipografia. (JORGE, 1987).

Além desses jornais, teve-se como destaque, naquela época, nas décadas de 30 e 40, os pasquins que proliferaram de maneira impressionante no Maranhão. Esses jornais se destacavam pela linguagem de baixo nível, com ataque à honra e à vida particular de adversário político, especificamente. Esses pasquins, onde quer que tenham aparecido, são frutos de um determinado momento político em São Luís. Faziam um bom uso, com redobrada malícia e apimentadas insinuações, de recursos dos versos, das glosas, das charadas, epigramas e tudo que permite a literatura para insultar o alvo preferido. Os autores que os produziam eram poetas como Cândido Mendes e João Lisboa. (Op. cit.).

José Veríssimo, crítico da literatura nacional, do século XIX, dedica todo o décimo primeiro capítulo do seu livro “Educação Nacional (1890)” para elogiar as publicações de Gonçalves Dias, João Lisboa, Sotero dos Reis, Odorico Mendes, Lisboa Serra e Franco de Sá. Enquanto isso, nesse mesmo século, Sílvio Romero, em sua história da literatura brasileira, não poupa críticas ao escrever sobre os românticos maranhenses, tratando de forma especial a produção de Joaquim Serra, Trajano Galvão, Gentil Braga e Sousândrade.

Além dos cantos de Gonçalves Dias, do Guesa (de Sousândrade), do Pantheon Maranhense (de Henriques Leal), do Jornal de Timon (de João Lisboa) e

das eruditas traduções de Odorico Mendes, muitas outras obras importantes, como O Mulato, de Aluísio Azevedo, Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, A Capital Federal, romance de Coelho Neto,Contos Possíveis, de Artur Azevedomerecem leituras e estudos. A idade áurea da literatura maranhense começa, talvez, como aparecimento dos primeiros poemas de Gonçalves Dias no A*rchivo Maranhense*, nos meados de 1840, e dura até a partida de Aluísio Azevedo para o Rio, no começo da década de 1880. (JORGE, 1987).

De todos os poetas e escritores que prosperaram no Maranhão Ateniense, do século XIX, poucos foram os que tiveram seus trabalhos pesquisados do ponto de vista do uso que faziam da língua portuguesa. O que se tem sobre o entendimento linguístico da Língua Portuguesa, no Maranhão, naquele século, como destaque, é a gramática de Filippe Benício de Oliveira Condurú, que marca um lugar importante no conjunto da gramaticografia brasileira.

Na obra, Condurú mostra como se deu o processo de implementação do ensino da Língua Portuguesa no Maranhão, no século em questão. O autor teve grande prestígio no estado e sua gramática foi indicada para vários níveis de instrução.

Manifestação de quanto o Governo da Província preferia a *Grammatica* de Condurú, publicada em 1850, como livro de aula, foi a distribuição gratuita dos seus exemplares nas escolas da década de 60. Essa obra foi aprovada pelo Inspetor da instrução pública para uso das Escolas de primeiras letras da província do Maranhão, assim como pelo Conselho de instrução pública para uso do Liceu, colégios e aulas de instrução primária na província do Pará. Foi o segundo compêndio da língua materna, escrito no Maranhão. (NOGUEIRA (2006) apud BASTOS, 2006).

Condurú, na composição dos capítulos dessa gramática, reserva o III, para fazer um estudo da ortografia tratando das vogais, das consoantes, das letras dobradas, do emprego das letras maiúsculas, do uso do hífen e do apóstrofo e da pontuação. Com relação à escrita, ele destacou o fato de que sua gramática não se limita muito aos estudos relativos à língua escrita, estendeu-se para a linguagem articulada, abrangendo tanto a expressão oral quanto a escrita. (NOGUEIRA(2006) apud BASTOS, 2006).

Nessa gramática, Condurú enfatiza os caracteres da escrita a fim de que os sons se tornassem duráveis. O autor trata da leitura ao fazer a correspondência

entre a letra e o som que ela representa, deixando transparecer a existência de uma única maneira de escrever e falar em Português. O autor ressalta a classificação das palavras quanto a sua formação e no final da introdução da gramatica, ele apresenta conceitos sobre sintaxe.

Nesse mesmo século, houve outra gramática, a de Sotero dos Reis – *Grammatica Portugueza* de muita importância para o Maranhão. Sotero dos Reis nas suas aulas de Latim, juntava à explicação das regras da gramática latina as divergências com a gramática portuguesa. O mestre percebeu que faltava uma gramática, principalmente na parte da sintaxe, no que dizia respeito à análise e construção. A elaboração da obra de Sotero dos Reis adveio do exercício do magistério, com o propósito de uma concepção de ensino simples de língua, apenas com regras necessárias e definições de fácil entendimento. O autor buscava completar aspectos que, do seu ponto de vista, deixavam a desejar em gramáticas anteriores para proporcionar um resultado satisfatório em seu trabalho, a exemplo da parte da *Grammatica Portugueza* que trata da sintaxe.

Na segunda metade do século XIX, aumenta o número de gramáticas da língua portuguesa comprometidas em manter a tradição clássica latina, por isso não refletiam a língua escrita e falada no período, em virtude de serem considerados os modelos clássicos, o ideal absoluto. Uma análise dos manuais didáticos utilizados para o ensino da língua nas primeiras décadas do século XX, até os anos 60, comprova essa tendência de continuidade.

Covém esclarecer que todos esses fatores dimensionaram a História da Língua Portuguesa, auxiliando a percepção de aspectos constitutivos da língua e seu funcionamento como instrumento de uma coletividade humana.

No próximo item, discorre-se sobre a ortografia e a sua importância para os estudos da história da língua portuguesa.

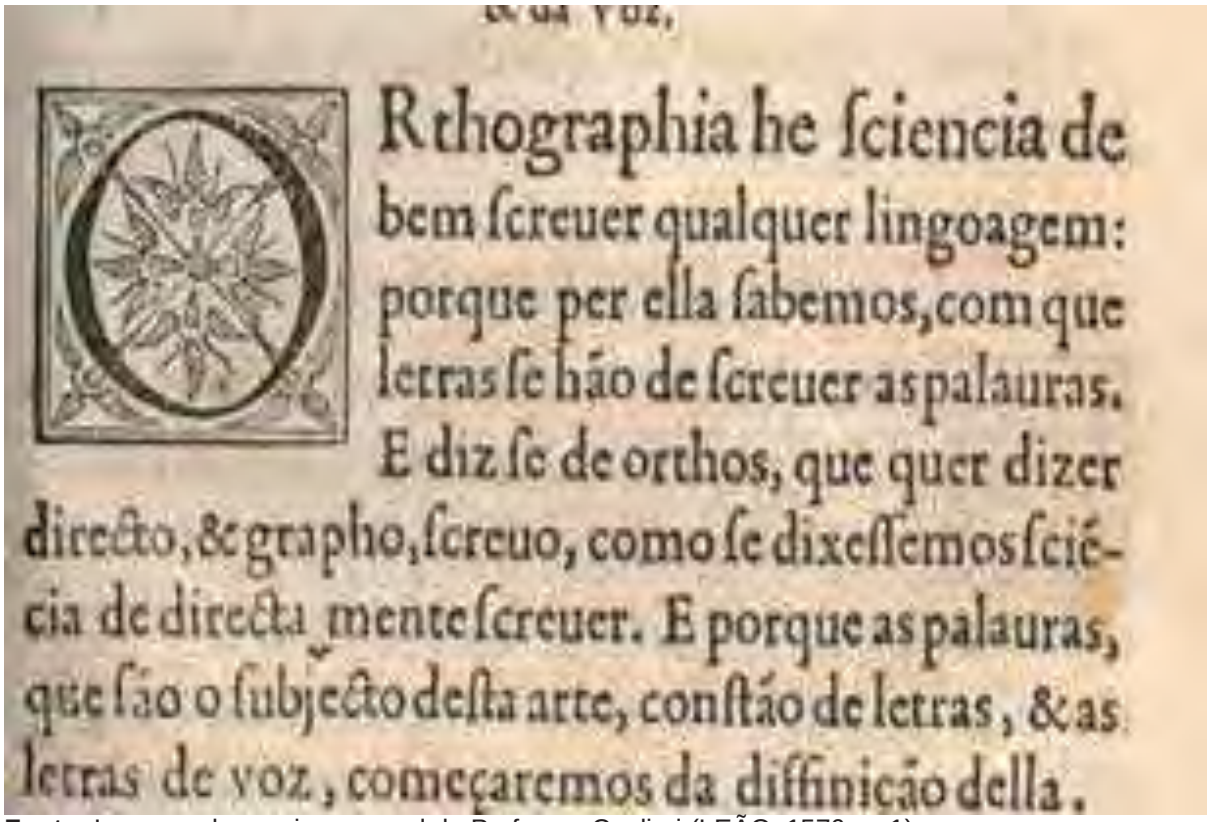
1.6 História da Ortografia do Português do Brasil

Ao longo da história da Língua Portuguesa houve discussões acirradas acerca da constituição de sua ortografia. A segunda metade do século XIX e início do século XX foram períodos de especial destaque, pois se trata de uma época de grande produção sobre o assunto por parte daqueles que buscam a simplificação e a fixação da ortografia. Diante desse fato delimita-se como foco desta pesquisa a

escrita do século XIX, visando à análise de como se constitui a ortografia portuguesa e a história das mudanças sofridas. Julgou-se necessário traçar um percurso histórico da ortografia a partir da visão de vários estudiosos da área, bem como, aspectos relevantes dos séculos anteriores ao período em estudo, para melhor compreensão do sistema ortográfico da língua Portuguesa.

A Gramática antiga de Franco Barreto (1681) define a palavra “ortografia” como a arte de se escrever qualquer linguagem, isto é, qualquer palavra; a de Jerônimo Barbosa (1822) define ortografia como aquela que ensina os signos literais adotados pelo uso, para bem os representar; a de Duarte Nunes de Leão (1530? - 1608), um dos mais antigos estudiosos da ortografia da língua portuguesa, em sua gramática *Orthographia da Lingoa Portvgvesa, de 1576,* define:

Figura 1.8 - Conceito retirado da gramática de Leão

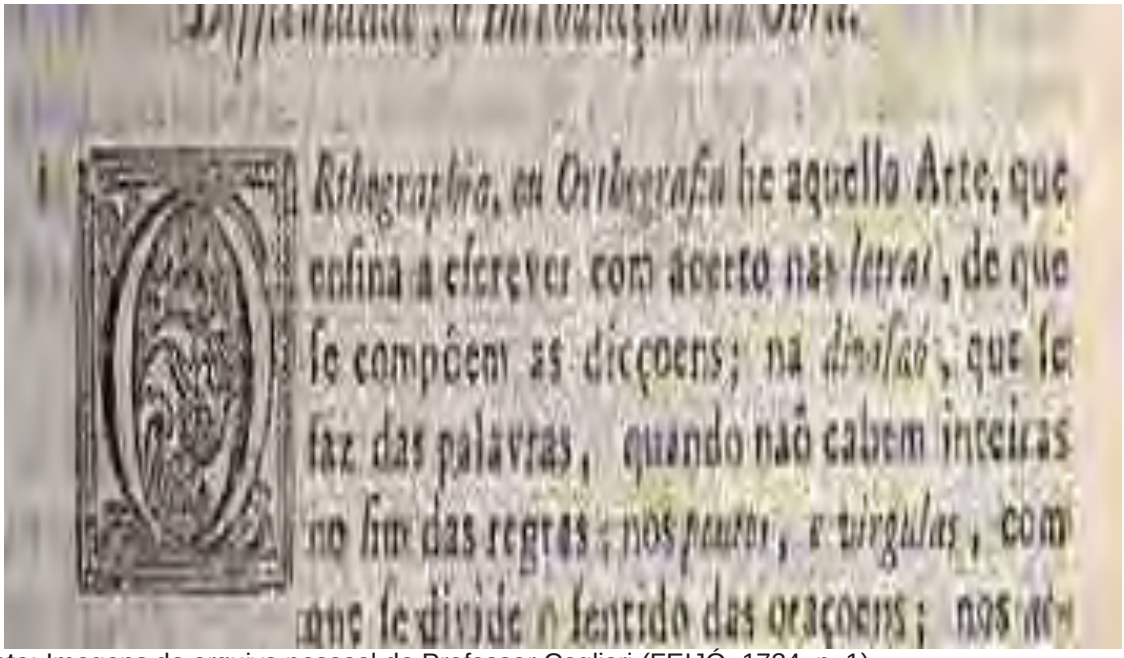


Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (LEÃO, 1576, p. 1).

Transcrição: *Ortografia é a ciência de bem escrever qualquer linguagem: porque por ela sabemos, com que letras se hão de escrever as palavras. E diz-se de orthos, que quer dizer direito, e grapho, escrevo, como se dissésemos ciência de escrever corretamente. E porque as palavras, que são o sujeito desta arte, constam de letras, e as letras de voz, começaremos da definição dela.*

O gramático Feijó (1734), em sua gramática denominada *Orthografia ou a Arte de Escrever ou Pronunciar com acerto a Língua Portugueza*, definiu o conceito de ortografia como:

Figura 1.9 - Conceito da gramática de Feijó



Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (FEIJÓ, 1734, p. 1)

Transcrição:*Ortographia, ou Ortografia é aquela arte, que ensina a escrever com acerto nas letras, de que se compõem as dicções; na divisão, que se faz das palavras, quando não cabem inteiras no fim das regras; nos pontos, e vírgulas, com que se divide no sentido das orações; nos...*

Ambos os estudiosos de forma geral, sintetizaram a definição de ortografia como sendo “a arte que ensina escrever corretamente as palavras”, mas Cagliari (1999b), afirma que o sistema ortográfico não se reduz apenas a isso. Para o autor, “Ela representa um dos usos de um tipo de escrita chamado alfabético. E este é apenas um dos tipos de escrita que se usa na sociedade. (CAGLIARI, 1999a, p. 64).

O autor lembra que existem conceitos que não trazem um conhecimento mais sólido do que é realmente ortografia. A definição de ortografia trazida da etimologia da palavra grega *orto* – correto, direito, justo e *grafia* – escrita, definida a partir deste modo, é muito falha, pois para ele fala-se o português e não grego, até porque não é um vocábulo usado pelos gregos antigos e esse sentido etimológico não revela muita coisa sobre a definição de ortografia. (CAGLIARI, 2009, p. 17).

A Gramática de João de Barros (1540) traz, pela primeira vez, o termo *orthografia*, escrita com TH, o que não acontece no século XIX que se escrevia *ortographia*. Com as reformas do século XX o vocábulo passa a ser escrito *ortografia*. É como Cagliari (2009) afirma “a própria palavra sofreu variação de um traço marcante da história da ortografia”.

É a ortografia, segundo Cagliari, que define os sons das letras e, dessa forma, vai agir na parte gráfica e funcional da escrita. Para o autor, a letra, como o A, é uma abstração de todas as formas que podem ser entendidas como sendo a letra A. Relata ainda que em português a letra A tem vários sons [a], [ã], [ai], [u], como nos exemplos das pronúncias das palavras “casa” (*casa*), “cãma” (*cama*), “rapais” (rapaz) e “fizéru” (*fizeram*). Na língua inglesa, a letra A tem o som “ei”, como em *table,* o que não acontece na língua portuguesa. O renomado autor explica que “Quando se estende isto a todas as línguas que usam o alfabeto, salta aos olhos a complexidade desse sistema de escrita. O alfabeto é só aparentemente simples e fácil”. (CAGLIARI, 2009, p. 42-43).

Para Massini-Cagliari (1999), “letras são sinais que usamos para escrever” e essas letras juntas formam palavras que representam uma escrita. Ela exemplifica usando as várias formas da letra **A**, uma vez que há uma grande variedade gráfica de sinais de escrita desta letra, o que ocorre também com outras letras. No quadro abaixo se pode verificar a relação da letra A em diferentes formas gráficas. (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 33-34).

Quadro 1.1 -Variantes gráficas da letra “A”

A	a	A	a	A	A
A	a	A	a	A	A
A	*a*	A	*A*	A	A
A	a	A	**a**	A	A

Fonte: Adaptação de Massini-Cagliari (1999, p. 34).

O quadro acima demonstra a não relação da letra “A” com o desenho gráfico específico. Nessa perspectiva, a autora explica o que é uma categorização gráfica e funcional. A letra é um suporte, é um desenho que pode ser representado

de diversas formas gráficas; o mais importante é entendê-las no processo de leitura e em particular no sistema alfabético. Segundo a autora, é no seu aspecto funcional que se define uma letra. Do ponto de vista da categorização funcional o que define uma letra é a ortografia. A funcionalidade das letras, segundo Massini-Cagliari (1999, p. 36), tem muito

> [...] a ver com o valor que cada uma delas tem dentro do sistema de escrita. Em outras palavras, o que determina que uma letra possa ser chamada de "A" não é apenas o seu aspecto gráfico, mas o fato de ela poder assumir, dentro do sistema de escrita do português, as posições que o nosso sistema reserva para essa entidade abstrata "A", ou seja, o **valor** de "A".

A esse respeito, Cagliari (1994b, p. 37) afirma:

> As letras se tornam, deste modo, unidades abstratas, representações das formas gráficas e não um simples desenho gráfico: o que vale não é apenas o desenho único e exclusivo, mas o que ele permite que seja interpretado como letra, ou seja, como uma unidade do sistema de escrita.

Em alguns casos, a categorização funcional das letras pode ser explicada através de regras, mas isso nem sempre é possível, devido às várias representações sonoras dos grafemas (dependendo do dialeto).

Cagliari mostra que o alfabeto dispõe apenas de 5 (cinco) caracteres (A, E, I, O, U) para representar as vogais da língua portuguesa; dessa forma, todos os sons vocálicos da fala deverão estar basicamente representados por essas 5 letras na escrita. Podemos exemplificar essa passagem quando pronunciamos a palavra *banana*, em que cada letra A, dependendo do falante, vai ter um som diferente [bɐ̃nɐ̃nɐ], [banɐ̃nɐ], e assim, não se pode afirmar que a escrita é a representação da fala, na verdade, a escrita é um tipo de representação da fala, não é uma transcrição fonética. (CAGLIARI, 1998b).

Com relação às vogais, afirma Câmara Jr. (1985, p. 39) que "em referência às vogais a realidade da língua oral é muito complexa no que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras vogais na escrita. O que há são 7 fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones".

Massini-Cagliari[13] (1999b, p. 35-37), conforme dito anteriormente estabelece que uma letra, além de seu aspecto gráfico, é definida em seu aspecto funcional.

[13]Para maiores conhecimentos a este respeito, ler o livro "Diante das Letras. A escrita na Alfabetização" de Massini-Cagliari (1999).

Para a autora, o alfabeto, através do princípio acrofônico[14] que adota, isoladamente, não pode prever todas as utilizações, ou seja, todas as funções que cada letra assume dentro do sistema de escrita, como exemplo, nem sempre a letra **A** representará exclusivamente o som de /a/, previsto pelo princípio acrofônico. Essa letra assume outros papéis, além do seu som básico. Dependendo do dialeto, pode representar o som de /ɐ/. /ɐ/ ou /ɑ/. Sendo assim, a autora afirma que "o que determina o **valor** de cada letra dentro de um sistema de escrita como o nosso, que não é puramente fonográfico nem ideográfico, mas mistura aspectos de ambos, é a ortografia". (Op.cit., p. 37 - grifo da autora).

A autora ainda explica que no século XIX, a variação na escrita ainda é grande e não possui uma ortografia padronizada. O fato de as pessoas escreverem como falavam preocupou a sociedade da época, que logo percebeu que a escrita estava perdendo o sentido de existir, então decidiu-se criar um modelo para evitar as mudanças frequentes na escrita. Foi então necessário construir uma única forma de escrever que não representasse a linguagem de nenhuma comunidade específica.

Cagliari destaca que a história da língua começa com o problema a respeito de saber "com que letras" se escrevem as palavras e mostra que a palavra "igreja", em Português, já se escreveu dos seguintes modos: jgreja, egleja, egleia, eglesa, eglesia, egreja, eigleja, eygleyga, eigleja, eigrega, eigreja, ergreja, ergueyja, greja, igreija, igreja, etc. Segundo o autor, o que levou as pessoas daquela época a escrever a palavra "igreja" de formas tão diferentes foi a percepção da fala, pois a sua pronúncia não foi muito mudada e afirma que, na história da língua, esse é um dos motivos pelos quais a grafia de uma palavra muda. (CAGLIARI,2009).

Para reforçar a afirmativa acima, o autor pontua:

> Como a escrita representa as palavras de uma língua, e as palavras são constituídas por uma parte semântica (o significado) e por uma parte fonética (a sua pronúncia), os sistemas de escrita do mundo se constituíram em apenas dois tipos básicos: ou são ideográficos, ou seja, partem da representação gráfica das idéias (semântica) para o leitor descobrir como ele fala a palavra que a escrita representa, ou são sistemas fonográficos, isto é, partem da representação dos sons das palavras para que o leitor descubra qual o significado que uma sequência de sons tem na língua, ou seja, descubra qual palavra está escrita. Na prática, as escritas sofrem de

[14]Segundo Cagliari (1998), o princípio acrofônico é o som inicial do nome das letras e um dos sons que a letra representa. Isto é, no início dos nomes das letras encontram-se os sons que elas representam. Desta forma, o princípio acrofônico já estabelece uma relação entre letras e sons.

> um processo cumulativo: formas antigas convivem com formas novas. Reformas ortográficas sempre levam em conta o fato de algumas palavras apresentarem uma grafia tradicional, que não deve ser alterada, ocorrendo como exceções alguma regra geral do sistema. Além disso, as duas possibilidades de escrita, em todos os sistemas, fazem com que, embora predomine um tipo, o outro não é totalmente excluído. Na escrita chinesa, há modos de representar também a pronúncia, para ajudar o leitor, evitando leituras ambíguas ou mesmo erradas. No nosso mundo de escrita, além das letras, usamos uma enorme quantidade de ideogramas, pictogramas, símbolos, marcas que nada mais são do que escritas puramente ideográficas. Os números e as notações científicas que usamos pertencem a um sistema ideográfico e não alfabético. Nesse mundo aparentemente caótico de escrita, vivemos bem, lidamos bem com todos esses modos de escrita, encaramos nosso mundo de escrita como algo familiar. E isso é fascinante. (CAGLIARI, 2009, p.1).

A ortografia passou a ter como função principal anular as variações linguísticas na escrita, ao nível da palavra. Cagliari (1994ª, p. 556), a esse respeito, afirma que:

> [...] a ortografia existe para neutralizar a variação linguística. Se cada usuário escrevesse exatamente do jeito que fala, resultariam muitas maneiras diferentes de se escrever uma mesma palavra. Isto seria muito complicado para a leitura, o que se pode facilmente constatar, observando transcrições fonéticas em livros de linguística.

Esse estudioso observa que as palavras passaram a ser escritas de uma única maneira, mas continuam sendo faladas de diversos modos. Com isso, a ortografia estabeleceu novas relações entre letras e sons, rompendo a ideia mais importante que existia atrás da invenção do alfabeto, que era a do princípio acrofônico.

Massini-Cagliari (1999, p. 115) explica que a nossa escrita é fonográfica, isto é, tem base alfabético-ortográfica. Isso implica dizer que a língua portuguesa é escrita a partir da representação dos sons da língua, através das letras, e é a ortografia que estabelece as relações entre letras e sons, e não o alfabeto. Reconhecendo os sons representados pelas letras, através da ortografia, lemos e entendemos as palavras, que é a unidade básica de todos os sistemas de escrita, e também o significado lexical.

Havia algumas características particulares que representavam linguisticamente os registros de cada comunidade, conforme a pronúncia do dialeto das pessoas que ali viviam. Com a invenção do alfabeto foi permitido a essas comunidades o registro de suas línguas. Dessa forma, cada comunidade escrevia de

acordo com sua fala e assim, essa variação linguística, passou a causar problemas para os usuários. Nesse aspecto, Massini-Cagliari (1999a, p. 30) diz:

> [...] os usuários deste sistema esbarram no problema da "variação linguística". Ficaria muito complicado para um usuário de uma região entender o que o outro tivesse escrito, se cada um deles escrevesse de maneira diferente. Isto destruiria a finalidade básica da escrita – que é possibilitar a leitura.

Câmara Jr.(1985, p. 34) afirma também que a invenção da ortografia trouxe dificuldades com relação à representação dos sons pelas letras, ele enfatiza que "o fonema é um conceito da língua oral e não se confunde com a letra na língua escrita, nesta, o mesmo fonema pode ser representado com letra diferente, como em Português *aço* e *asso*, *chá* e *ja".*

Em Portugal, duas propostas são de fundamental importância para a realização da reforma ortográfica no século XIX: a ortografia fonética, de José Barbosa de Leão (1875) e o empenho de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana e Guilherme Augusto de Vasconcelos Abreu (1885) rumo a uma ortografia simplificada.

Somente no final do século XIX e começo do XX os acadêmicos começam a parar de fazer mudanças na ortografia e estabelece-se um sistema que seja igual para todos os falantes da língua portuguesa. O sistema ortográfico dessa língua passou por várias mudanças ao longo dos séculos. Para exemplificar uma dessas mudanças teve-se, no século XX, o sistema ortográfico, de uso mais geral, a incorporação dos dígrafos PH para F, CH para QU, Y e W. Quanto a esse aspecto Cagliari (apud SILVA, 2009, p. 23) alerta:

> [...] o grande problema para a ortografia é mudá-la e, dependendo da extensão da mudança, as consequências podem ser muito graves e desastrosas. A história das reformas ortográficas da língua portuguesa é um bom exemplo disso e é por medo desses perigos que a língua francesa e a língua inglesa, apesar de toda a pressão que têm sofrido ao longo dos últimos séculos, preferiram permanencer sem grandes mudanças.

A sociedade teve grandes benefícios com a invenção da ortografia, pois foi com ela que o sistema de escrita se consolidou, e ela tem como objetivo permitir a leitura e não a representação de uma pronúncia. (CAGLIARI, 2007, p. 2).

O entendimento da ortografia, de qualquer época ou povo, exige também o conhecimento da escrita, assunto a ser tratado no próximo item.

1.6.1 A ortografia e o sistema da escrita

Na pré-história, o homem buscou se comunicar através de desenhos feitos nas paredes das cavernas. Através desse tipo de representação (pintura rupestre), trocavam mensagens, passavam ideias e transmitiam desejos e necessidades. Porém, ainda não era um tipo de escrita, pois não havia organização, nem mesmo padronização das representações gráficas. O aparecimento da escrita foi um marco colocado entre a pré-história e ahistória da civilização.

Segundo Fischer (2009), a escrita surgiu a partir de desenhos neolíticos, que foram cada vez mais simplificados até se tornarem bem estilizados. Primeiramente, desenhavam-se objetos, animais, plantas e pessoas, o que equivalia a uma cena, em seguida, passou-se a inventar símbolos para noções abstratas e ações, e depois se procurou representar graficamente as palavras, na mesma ordem e forma em que apareciam na língua falada, foi aí que surgiu a escrita como sistema organizado.

Para Cagliari (2009) a escrita surgiu com a formação das primeiras cidades, isto é, com o início da civilização. As mais antigas representações de escrita surgiram cerca de 5000 anos atrás, na Mesopotâmia. As palavras foram surgindo através das expressões e do uso de sinais gráficos.

A escrita se desenvolveu a partir da Suméria e além dela se espalhou no Egito, na China e na América Central, com a civilização maia. Os maias usavam-na para representar a palavra, formas pictográficas de escrita, os chamados *ideogramas,* e para representar parte de palavras, os tipos de *rébus* (CAGLIARI, 2009, p. 164). A esse respeito, Cagliari (apud MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 164) diz, com relação à escrita, que a idéia de escrever surgiu na Suméria e

> [...] se espalhou rapidamente pelo mundo, surgindo muitas variações do sistema de escrita, cada qual procurando adaptar os símbolos gráficos e seus usos para melhor representar a própria língua. Como as línguas eram muito diferentes, surgiram sistemas de escrita também muito diferentes.

Os sistemas de escrita iniciaram com caracteres na forma de desenhos de objetos que davam significados a palavras e frases, dando comunicação aos povos.

Esse tipo de sistema denominou-se de *escrita ideográfica*[15]. Os desenhos ou figuras evocavam uma ideia que se associava a uma palavra. Esse sistema instaurou algumas dificuldades na nomeação de pessoas, principalmente. Tentando solucionar tal problema, os sistemas de escrita começaram a representar os sons das palavras e não mais das idéias, cujo sistema foi chamado de *escrita fonográfica*[16]. Não foi a solução mais adequada para resolver o problema do sistema de escrita. Surgiu, então, a escrita a partir da observação dos sons da fala, no qual juntando-se os tipos de sons (consoantes e vogais) teria-se uma unidade chamada sílaba. (CAGLIARI, 2009, p.165).

Ao longo do tempo, o uso da escrita foi se formando e por isso foram surgindo novas formas ortográficas, gerando caos no sistema de escrita. A cada modificação tem-se uma re-estruturação de muitos aspectos do sistema de escrita. O principal objetivo da escrita é a leitura, e ela se caracteriza por resistir a cada mudança e a alterações que ocorrem ao longo de sua evolução. Cagliari (apud MASSINI-CAGLIARI, 1999b, p. 65-66) a esse respeito afirma:

> A ortografia surge exatamente de um "congelamento" da grafia das palavras, fazendo com que ela perca sua característica básica de ser uma escrita pelos segmentos fonéticos, passando a ser a escrita de "uma palavra de forma fixa", independente de como a escrita fala ou o leitor diz o que lê. Nos sistemas de escrita ideográficos, a resistência é maior ainda do que nos sistemas alfabéticos, porque, nas línguas, os conceitos semânticos mudam menos e mais vagarosamente do que os segmentos fonéticos.

O autor mostra que numa escrita ideográfica pode acontecer a não percepção de dialetos, de pronúncias regionais, mas que em um sistema fonográfico isso pode ser muito mais perceptível, sobretudo a do tipo alfabético. Pronúncias variadas de uma mesma palavra causada pela variação dialetal levaram o sistema alfabético de escrita flutuar e isso originou a ideia de se ter uma ortografia, revela Cagliari (2009).

---

[15] **Escrita Ideográfica** – registra a linguagem a partir dos significados, das idéias. É todo o sistema que parte da representação das idéias veiculadas pelas palavras, para depois chegar aos seus sons. Nesse caso, é mais importante a idéia ser transmitida do que os sons exatos das palavras. A interpretação não precisa ser literal, ela só precisa captar a idéia básica daquilo que o escritor quis passar. (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 22-23).

[16] **Escrita Fonográfica** – registra a escrita a partir dos sons das palavras. Nesse tipo de sistema, os significados veiculados pelas palavras são recuperados, na leitura, através do reconhecimento primeiro dos sons da palavra representada; depois de identificada a palavra, é automática a recuperação da idéia. (MASSINI-CAGLIARI, 1999b, p. 26).

O sistema ortográfico, no ponto de vista funcional, define o que é uma letra, e esta, de acordo com as regras ortográficas de uma língua, é quem estabelece na escrita a sequência de sons de determinadas palavras. Massini-Cagliari (1999b, p. 36) informa que “a categorização funcional das letras tem a ver com o valor que cada uma delas tem dentro do sistema de escrita”.

As histórias da escrita em geral se concentram na escrita formal, frequentemente chamada de “manuscrito”, mas a maioria das escritas formais – como os hieróglifos egípcios – elaboraram formas mais rápidas e simples de escrever coisas comuns. Os manuscritos eram reservados para fins especiais. Eram usadas letras cursivas para escrever escrituras mais simples. A escrita cursiva grega se tornou a escritura do cotidiano, usada em papiros, tabuletas de cera, óstracos,[17]grafites, etc. As inscrições em manuscritos de pedra, objeto de metal e argila de todo tipo eram feitos em manuscritos. (FISCHER, 2009, p. 116).

A escrita é, portanto, uma invenção decisiva para a história da humanidade. Ela é a representação do pensamento e da linguagem humana por meio de símbolos. Um meio durável e privilegiado de comunicação entre as pessoas. Por meio de registros escritos, há milhares de anos, sabe-se como era a vida e a organização social de povos que viveram há milhões de anos. A invenção não surgiu por acaso, mas como consequência das mudanças profundas nas sociedades durante o período do surgimento das primeiras cidades.

1.6.1.1 O alfabeto

O alfabeto é um conjunto de sinais usado para representar de forma gráfica a linguagem verbal humana. A ortografia exerce uma função fundamental e superior sobre o sistema da escrita. Os valores sonoros que as letras têm são ditos pela ortografia. De acordo com as leis ortográficas, o alfabeto da Língua Portuguesa, utilizado hoje, é composto por vinte e seis letras.

O vocábulo “alfabeto” veio do latim *alphabetum*, formado pelos nomes das duas primeiras letras do alfabeto grego, *alpha* e *beta*, que foram emprestadas das línguas semíticas. O uso mais antigo do alfabeto foi encontrado no monte Sinai, no templo da deusa Hator, em Serabit AL-Khadim. O documento mais antigo, com a

[17]Fragmentos de vasos destinados à escrita.

decifração da escrita alfabética, é a estátua *Esfinge do Sinai*, datada de 1800 a.C. Também houve outros documentos que datam cerca de 1500 a.C. Encontraram-se ainda documentos antigos, com escrita fenícia, na lápide da tumba do rei Ahiran de Gebal, em Biblos. (CAGLIARI, 2009, p. 44-45).

A prática da escrita começou na antiga Mesopotâmia e Egito antigo, conforme relatado anteriormente. Os sistemas de escrita desses povos foram desenvolvidos de forma independente. Por volta de 3.000 a.C. o Oriente Médio foi dominado por dois sistemas: o ideográfico sumério e o emergente egípcio. Este atingiu um equilíbrio entre a escrita ideográfica e a fonográfica, aquele evoluiu para atingir esse equilíbrio e se transformou em um sistema silábico. Estes dois sistemas, segundo Cagliari (2009) tornaram-se basicamente fonográficos e com uma ortografia que neutralizava as diversas variações de pronúncias.

Os sumérios desenvolveram, originalmente, o sistema de escrita, a fim de facilitar as negociações, e assim seria com os fenícios. No entanto, o sistema de escrita desenvolvido pelos fenícios era muito diferente do criado por egípcios ou sumérios. Os fenícios tinham contato mais próximo com os egípcios do que com os sumérios. O alfabeto fenício arcaico, apesar de ter poucas letras, dava possibilidade de escrever qualquer palavra com os sinais consonantais. (HIGOUNET, 2003, p. 65).

A necessidade do alfabeto iniciou muito tempo atrás e se expandiu por toda a parte do mundo. Alguns povos que não o utilizavam como sistema principal usavam-no como necessidade de comercializar seus produtos e de intercambiar com outros povos. A esse respeito Cagliari (2009, p. 89) afirma: “é fácil constatar que, com o passar do tempo, o alfabeto teve uma importância cada vez maior entre os sistemas de escrita”.

O sistema alfabético[18], de certa forma, precisa da ortografia, pois esta é o grande invento da escrita. Sem a ortografia, o sistema tem pouca probabilidade de uso pelas pessoas. Para um melhor funcionamento, o alfabeto precisou que as formas gráficas das palavras se fixassem. Cagliari (2009, p. 91) a esse respeito postula que:

[18]Para maiores estudos e conhecimento sobre este assunto, veja o livro “A História do Alfabeto”. Cagliari, 2009.

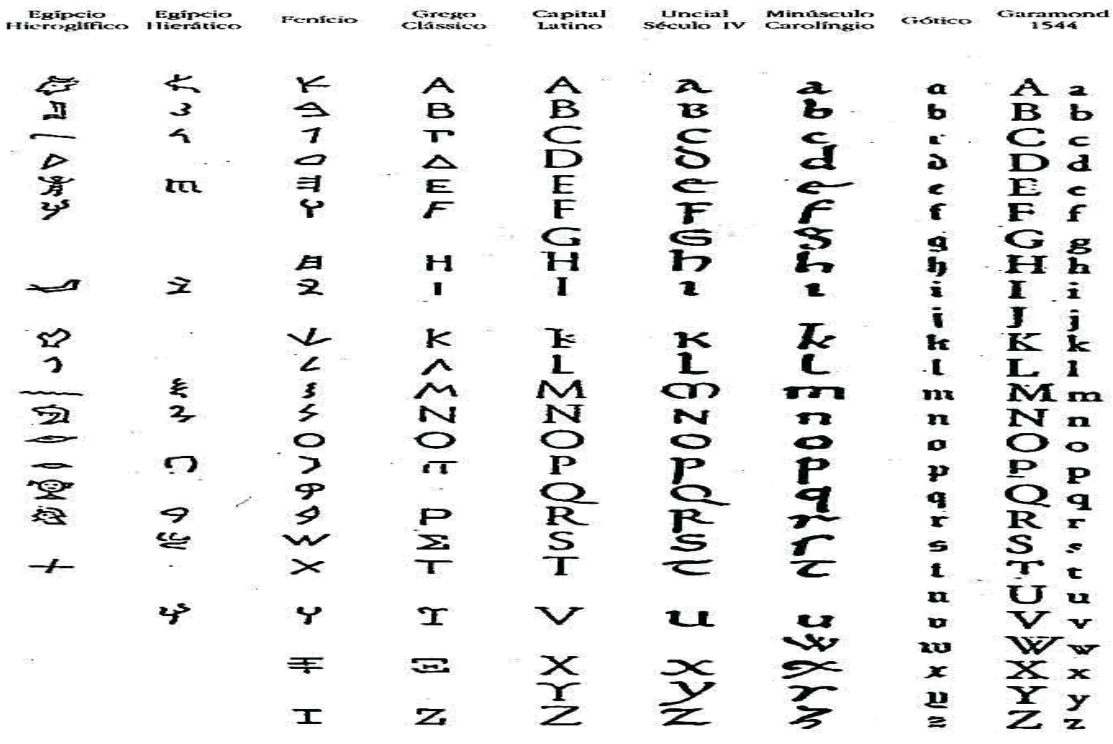
> [...] ao fazer isso, perdeu em grande parte sua base fonética primitiva. Assim, podemos reconhecer nas letras do alfabeto dois valores: um advindo do próprio alfabeto, do nome das letras seguindo o princípio acrofônico, e o outro originado da ortografia. Nesse segundo caso, uma letra representa um som que os falantes de todos os dialetos atribuem a ela em todas as palavras da língua em que ela ocorre.

O alfabeto, segundo Cagliari (2009), teve uma grande importância entre os sistemas de escrita e o alfabeto latino foi o mais importante deles, devido ser o mais conhecido em todo o mundo.

As letras do nosso alfabeto têm origem, principalmente, no fenício, que se estendeu pelos povos da Ásia a partir do século XV, antes de Cristo. Progressivamente, o alfabeto fenício foi adaptado na Grécia. Na Itália, o alfabeto grego influenciou bastante o abecedário etrusco, que, por sua vez, originou o alfabeto latino (século VII a III antes de Cristo). (HIGOUNET, 2003).

O quadro abaixo exemplifica a história do alfabeto a partir dos Egípcios, demostrando as diferentes letras desde a escrita dos Hieroglíficos, Hierático, Fenício, Grego Clássico, Capital Latino, minúsculo Carolíngio, Gótico até Garamond.

Figura 1.10 - História do Alfabeto



Fonte: http:/horaderelaxar.com.br/wp-content

A escrita alfabética parte da representação dos sons da fala, isto é, do que Saussure chamou de significante do signo linguístico (escrita fonográfica). A partir das próprias características da linguagem humana, na sua unidade mínima – o signo linguístico – é que se constrói a escrita alfabética. Mas Saussure diz, também, que se pode representar a fala a partir do significado do signo linguístico, ou seja, escrever a partir das idéias (escrita ideográfica).

Nesta assertiva conclui-se que a fala pode ser representada partindo das ideias ou dos sons, Cagliari (1999b, p. 65) relata:

> Pode-se escrever, quer a partir do significado, quer a partir do significante, ou seja, quer a partir de idéias, quer a partir dos sons das palavras. No primeiro caso, temos a escrita ideográfica, no segundo a escrita fonográfica. Toda escrita precisa ser uma representação linguística e não apenas um desenho, uma figura, um rabisco. Com exceção das escritas pictográficas primitivas (que não puramente ideográfica) e das transcrições fonéticas (que são puramente fonográficas), todos os sistemas de escrita que a humanidade tem usado caracterizam-se por ser em parte ideográficos e em parte fonográficos, às vezes, prevalecendo um desses aspectos, às vezes outro. Todos os sistemas procuram um "equilíbrio" entre os dois modos de escrever.

O caráter fonográfico é predominante na escrita alfabética, devido ao uso deste partir da representação dos sons da fala. Para se representar esses sons da fala foram utilizados caracteres denominados de letras. As letras do alfabeto durante anos utilizaram um único estilo, que atualmente é chamada de letras maiúsculas. Cagliari[19] (2009, p. 79-80), em seu livro *A História do Alfabeto*, a este respeito afirma que:

> Todos os sistemas e escrita desenvolvem também uma forma "mais rápida" de escrita, para uso pessoal ou comercial, que se caracteriza por uma simplificação gráfica no traçado, por ligaduras que chegam a amalgamar caracteres e por preferência de forma arredondada às demais. Essa maneira de escrever é conhecida como *escrita cursiva*. O estilo de escrita padrão, mais formal, nunca foi substituído por um modelo de escrita cursiva, mas esta influenciou aquela muitas vezes, chegando a introduzir características que geraram até novos estilos formais para as letras. Assim, por exemplo, a letra A passou a ter a forma inicial a devido ao fato de necessitar de dois traçados e não de três, uma clara influência da maneira como se escreve cursivamente, modificando a forma gráfica da letra tradicional.

[19]Para maiores estudos do alfabeto pesquisar o livro A Historia do Alfabeto do professor Dr. Cagliari.

A escrita faz reviver as diferentes civilizações, informando sobre o cotidiano, história, ciência, literatura, religião... enfim, ela deixa o legado de um patrimônio cultural das civilizações já desaparecidas. E por ela, compreende-se como a escrita atual foi desenvolvida.

Parafraseando a fala de Cagliari (2009), a ortografia tem uma enorme importância para o alfabeto, pois ela é o grande invento da escrita. Sem ortografia os sistemas abatem-se e o uso da escrita fica inacessível, um sistema ortográfico não se cria do nada.

1.7 A ortografia portuguesa

A história da ortografia da língua portuguesa deu-se com a preocupação dos filólogos que tinham a escrita como evidência em seus estudos. Cagliari (1994b, p. 103) a esse respeito afirma que "organizar os *caos*[20]ortográficos num *cosmo* teórico da Linguística Comparada foi uma tarefa de montagem de um grande quebra-cabeça, com resultados surpreendentes no bom e no mal sentido"

Para melhor entender a história da ortografia da língua portuguesa, relata-se a seguir a divisão em períodos que fizeram parte dessa história. Foram as etapas denominadas*: período fonético, período pseudo-etimológico e período simplificado ou das reformas.*

Não se discutirá cada período, detalhadamente. Far-se-á uma breve exposição das principais características do primeiro e do terceiro período, dando-se maior atenção ao segundo período, pois contextualiza os documentos que compõem os *corpora* deste estudo.

1.7.1 A periodização da história da ortografia da língua portuguesa

A história da ortografia da Língua Portuguesa divide-se em três grandes períodos: o fonético, o pseudo-etimológico e o simplificado. O primeiro vai do século XII ao XV, o segundo, do século XVII ao XIX; e, o último diz respeito ao século XX. (COUTINHO, 1976).

[20]Expressão utilizada por Cagliari (1994a).

No fonético, alguns estudiosos acreditavam que as palavras eram grafadas mais ou menos de acordo com a pronúncia, sem nenhuma sistematização criteriosa. Em linhas gerais, caracterizava-se por uma flutuação na grafia das palavras. Não havia um padrão uniforme na transcrição das palavras. Por exemplo, a vogal **I** era representada também por **Y** e **J**. Cagliari (1994), com relação a este período, faz a seguinte colocação:

> [...] atribuir o período arcaico a uma *Ortografia Fonética*, como se naquela época as pessoas escrevessem como falavam, e achar que os textos refletiam as variações dialetais, sem levar em conta a *ortografia arcaica* é um erro que tem levado muitos estudiosos a conclusões estranhas e até mesmo a erros. (Op. cit., p. 2).

Para Cagliari (1998, p. 67) o que ocorria não era a ortografia fonética, mas uma escrita baseada no modelo latino, na qual, por causa da variação dialetal, ocasionava uma confusão ortográfica. Nota-se que com a regulamentação de uma ortografia, a grafia das palavras já não pode ser escrita de acordo com o que as pessoas decidem. E é nessa perspectiva que o autor enfatiza o postulado de que a função básica da ortografia é neutralizar a variação linguística na escrita.

Este período coincide com o surgimento das primeiras gramáticas do português, a de Fernão de Oliveira, em 1536, e as de João de Barros e de Nunes de Leão, 1540.

Para Melo (1967 apud CAGLIARI, 2006) este período vai das origens da escrita da Língua Portuguesa até o início do século XVII, e a principal preocupação deste período fonético era, também, de retratar a pronúncia.

Melo assinala que a nossa grafia começou simples e bastante relacionada à prosódia. Não ocorriam as chamadas letras mudas que não correspondem a nenhum som, nem se dobravam as consoantes, com exceção de “r”, “s”, “f”, “l”, “m”. (MELO, 1967, p. 211 apud SCLIAR-CABRAL, 2003).

Os documentos em português mais antigo que aparecem nessa fase foram o *Testamento de Afonso II,* datado de 1214, e a *Notícia do Torto*, escrita em 1214-1216. (SCLIAR-CABRAL, 2003).

Para Coutinho (1971) esse primeiro período começa com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Nota-se, no período citado, que apesar da certa flutuação existente na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento.

A preocupação pseudo-etimológica, no segundo período, inicia-se no Sec. XVI e vai até o século XX em 1904, quando a ortografia nacional de Gonçalves Viana foi publicada. Dentro desse período, as palavras eram escritas de acordo com a grafia de origem, reproduzindo-se todas as letras do étimo, mesmo quando não pronunciadas. As consoantes intervocálicas se duplicavam. Buscou-se a origem do vocábulo através do francês, que se imitava largamente. Assim escrevíamos: *sepulchro, thesoura, cysne, systhema,* dentre outros. Não havia padrão uniforme de ortografia. (HIGOUNET**,** 2003, p. 52-56).

Coutinho (1971) afirma que este período caracteriza-se pelo uso das consoantes geminadas e "insonoras" e também das letras gregas *y, k,* e *w*, que existiam nas palavras, por princípio anacrônico,[21] que marca a separação entre língua falada e escrita.

Melo (1967) comenta que nesse período faltava aos usuários da língua o conhecimento da filologia com relação às transformações fonéticas, assim como a representação gráfica. Estudiosos criavam seu próprio sistema sem uma noção científica sólida. Foi nesta fase que o português foi invadido por dígrafos, levando a ortografia portuguesa a uma grande confusão.

Nesse período, há uma necessidade de se respeitar as letras originárias das palavras, embora não represente nenhum valor fonético, mas Coutinho (1971, p. 75) afirma que é apenas para os que seguem a grafia etimológica. Os primeiros tratados de ortografia surgem com uma obra intitulada *Regras de escrever a ortografia da língua portuguesa,* de Pêro de Magalhães de Gândavo, em 1574 e a *Ortografia da língua portuguesa,* de Duarte Nunes de Leão, em 1576.

Houve outros destaques deste período como Álvaro Ferreira de Vera, com *Ortografia ou modo para escrever certo na língua portuguesa;* João Franco Barreto, com a obra O*rtografia da língua portuguesa*. Teve-se também Madureira Feijó, com a *Ortografia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa* e Monte Carmelo, autor de *Compêndio de ortografia*.

Williams (1973, p.41) relata que não foi dada atenção necessária à pronúncia, às grafias latinas e gregas, nesse período. Encontra-se a presença dos dígrafos *CH,PH,RH,TH* em palavras de origem grega e as letras S e C, S e Z

[21]Princípio anacrônico - é o princípio que apresenta anacronismo; que contraria a cronologia, que está em desacordo com os usos e costumes de uma época.

aparecem de forma confusa e algumas consoantes duplas em palavras de origem latinas.

Os gramáticos e ortógrafos daquela época reagiram contra esse sistema de escrita etimológica. Dentre várias reações tem-se a publicação da Gramática de Port-Royal, em 1660 ou *Grammaire générale et raisonnèe,* de Arnauld e Lancelot, que representa uma ruptura com o modelo latino. Essa gramática serviu de base para outras gramáticas filosóficas publicadas na Europa. (COUTINHO, 1976, p. 109).

E, finalmente o terceiro período, o simplificado, assinalava a renovação dos estudos linguísticos em Portugal, surge Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, com a obra '*Ortografia Nacional*'. Foneticista que, depois de algumas tentativas, consegue apresentar um sistema racional de grafia, com base na história da língua. Gonçalves Viana persiste em dizer que é comum confundir uma grafia simplificada de uma fonética. O sistema da grafia fonética tem como base a pronúncia, mas o sistema simplificado, além, da pronúncia, baseia-se na etimologia e no elemento histórico. (CAGLIARI, 2007, p. 20).

Este período teria iniciado pelo governo português, em 1911, e foi oficialmente adotado em Portugal em 1916, com o fortalecimento da nova ortografia. Corresponde a escrita atual, com alterações propostas pelo vocabulário ortográfico, em 1940, organizado por Rebelo Gonçalves. (WILLIAN, 1973).

No Brasil, encontra-se João Ribeiro, com sua Gramática Portuguesa datada de 1887, trazendo questões ortográficas. Mario Barreto foi defensor da grafia simplificada de Gonçalves Viana, e mais tarde aquele aderiu à reforma portuguesa de 1911. Destacaram-se também como um dos batalhadores da ortografia simplificada Silva Ramos, Rego Monteiro e Sousa da Silva. Em 1931, Mattoso Câmara Jr. adotou a ortografia simplificada no Brasil. (SCLIAR-CABRAL, 2003, p. 71).

O sistema ortográfico da Língua Portuguesa apresentava grande variação ortográfica, apesar de apresentarem modelos diversos de estudiosos da língua. Segundo Cagliari (2007), nenhum autor conseguiu impor um modelo e formar uma tradição. Os próprios governos só passaram a se interessarpela ortografia no final do século XIX. Durante muitos séculos, cada povo escrevia de acordo com os

modismos da época, fazendo idiossincrasias[22] quando apresentavam dúvidas ortográficas.

Diante desse quadro, pode-se notar que a ortografia do Português empregada no Brasil vem sempre se modificando através dos tempos. Alguns pontos da ortografia passaram a ser insuficientes, e houve necessidade de transformações, até mesmo porque a língua pode ser falada ou escrita. Como ocorre em todos os pontos do planeta, essas formas diferem muito entre si. Ninguém fala como escreve, como também ninguém escreve como fala.

Nesse sentido, reformas e acordos ortográficos serviram como ponto de conexão neste longo processo, em que sempre se ia em busca de uma uniformidade, a fim de não haver complexidades tão extremas numa mesma língua.

Quanto à metodologia utilizada para análise do sistema ortográfico nesses *corpora* encontrados no Arquivo Público em São Luís-MA, no século XIX, apresenta-se no capítulo seguinte toda a análise, desde a escolha dos *corpora*, da sua organização e distribuição dos gêneros até as explicações de cada tabela.

[22]Diante de um conjunto de dados idênticos, os sujeitos têm tendência a organizá-los de maneira diferente, conforme suas disposições intelectuais, ou afetivas particulares. A maioria dos “erros” individuais deve-se a comportamentos idiossincrásicos.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

2.1 Dos objetivos e Justificativa

Esta seção tem por objetivo apresentar a metodologia utilizada para analisar a ortografia da Língua Portuguesa do século XIX, em alguns tipos de *corpus*, bem como contextualizar os textos avaliados.

O critério de seleção dos *corpora* deu-se pela escolha de escritos do século XIX, pois esta pesquisa insere-se em um projeto maior intitulado História da Ortografia da Língua Portuguesa do professor doutor Luiz Carlos Cagliari. Trata-se de projeto de natureza histórica e descritiva, cujo objetivo é descrever as diferentes manifestações da ortografia da Língua Portuguesa ao longo do tempo, classificando-as de acordo com suas características. Esta pesquisa e estudos serão feitos com material fac-similado de obras consideradas relevantes do século XIX. Diante dessa realidade, e por ser esta pesquisa também fruto de um Doutorado interinstitucional, um acordo entre a UNESP-UFMA-CEFET, cujas metas apontavam para a necessidade de se desenvolverem estudos voltados para a esfera maranhense, optou-se pela análise de documentos relacionados à realidade do Estado do Maranhão, no período novecentista. Dessa forma, selecionaram-se textos de diferentes gêneros e de natureza manuscrita e impressa, devido ser um material de melhor estado e muito utilizado no século XIX.

O primeiro bloco dos *copora* a ser analisado são os manuscritos do livro "*Poesia e Prosa reunidas de Sousândrade*" - uma coletânea de fac-símiles[23], publicado em 2003, pelo autor maranhense Jomar Moraes, com parceria do norte-americano Frederick Willams. Desse livro foi selecionado o poema *Harpa de Ouro* com duzentas e oitenta e cinco estrofes, mas somente foram analisadas duzentas e cinqüenta estrofes devido as demais repetirem palavras que constavam nas outras anteriores e por já terem sido analisadas.

O segundo bloco do *corpus* desta pesquisa são textos que compõem um livro de documentos impressos, escritos em diferentes gêneros discursivos (BAKHTIN, 1992), da edição de "Documentos para a História da Balaiada",

[23]No volume dos anexos, apresenta-se a edição fac-similar de cada manuscrito de Sousândrade.

encontrado no Arquivo Público do Estado do Maranhão, organizado pela maranhense Maria Raimunda Araújo, chefa do Arquivo Público em São Luís, em 2001. O livro foi publicado no próprio estado do Maranhão - “Coleção de documentos do Arquivo Público do Estado do Maranhão”. Os duzentos e cinquenta e oito documentos impressos reunidos a respeito da Guerra da Balaiada representam uma parte valiosa do acervo existente sobre o tema Balaiada. Desse livro foram eleitos trinta documentos para análise ortográfica da língua portuguesa, do século XIX, em São Luís. O critério de seleção desses trinta documentos consistiu na eleição de textos publicados nas distintas décadas do século em que ocorreu a Guerra da Balaiada, no Maranhão. Os documentos elencados para análise foram: Ofício de Rebeldes, Proclamações dos Balaios, Ofício do Presidente da Província, Ofício do Prefeito de Comarca, Oficio do Subprefeito, Ofício do comandante de Expedição e manifestos de rebeldes.

Para confrontar a ortografia daquela época, analisaram-se ainda as primeiras páginas de alguns jornais[24] que circulavam por São Luís, tais como: Semmanário Maranhense de 1867, O Globo e A Republica, de 1890, O Federalista, de 1894. Foram jornais escritos no final do século XIX, momento em que o jornalismo se desenvolveu ao lado da literatura com o objetivo de levantar, alimentar e estimular os debates públicos, acerca das questões sociais em que a sociedade acreditava. Os poetas e jornalistas da época, às vezes com pseudônimos, faziam suas publicações nesses jornais.

O Manuscrito de Sousândrade, os documentos da guerra da Balaiada,e os jornais trazem uma representatividade da escrita ortográfica da época. O primeiro representa a escrita da língua portuguesa do século XIX entre 1889 a 1899 e o segundo escrito entre 1839 a 1842.

Os jornais analisados, que circulavam naquela época representam a escrita entre 1867 a 1894. São, portanto gêneros diferentes produzidos em épocas e por autores diferentes. Dessa forma, pode-se fazer uma análise, não somente da estabilidade, mas também, da ortografia de outros diferentes gêneros do século em estudo, percorrendo as transformações, as ocorrências e a variação ortográfica existentes nas décadas daquele século, a fim de verificar se os dados coletados

[24]Foram analisadas somente as primeiras páginas de cada jornal devido conter no livro de poesias de Sousândrade apenas estas páginas fac-similadas.

nesses *corpora* são recorrentes em todos os textos, ou se existem normas diferentes para os diferentes gêneros analisados neste estudo.

2.2 Organização dos *Corpora*

Em relação ao primeiro *corpus,* composto por 285 estrofes manuscritas do poema “Harpa de Ouro”, foram analisadas somente as 200 primeiras estrofes, devido a frequência com que as palavras se repetiam nas estrofes restantes.

Para efeitos metodológicos, efetuou-se uma divisão dessas estrofes em arquivos do programa *Microsoft Excel*, totalizando quatro arquivos, que foram enumerados de 1 a 4. Cada arquivo contém 50 estrofes, com 6 linhas cada. A obra é feita de uma cópia fac-símile, de um documento original do autor e uma digitalização destes em scanner transferida para o programa Microsoft Word, cujo objetivo foi agilizar a busca de ocorrência do tipo: sinal de pontuação, grafemas duplicados e surdos, encontros consonantais e vocálicos entre outros.

Os documentos da Guerra da Balaiada, que compõem o segundo *corpus*, foram difíceis de ser consultados, devido ao estado de deterioração em que se apresentam. Não foi permitido, pelo Arquivo Público, tirar fotos dos documentos, mas conseguiu-se uma transcrição de alguns documentos feita por um estagiário do curso de História. Todos os corpora foram escaneados e digitalizados no programa Microsoft Word. Repetiu-se o mesmo procedimento de enumeração anterior, enumerou-se cada documento, cada linha e dividiu-se em arquivos de números 5 a 7, contendo dez documentos por arquivo, totalizando trinta documentos da Guerra da Balaiada. Esses dados foram postos em tabelas e analisou-se a ortografia dessas décadas.

Utilizou-se também, retirado do livro de Poesia e Prosas reunidas de Sousândrade, fac-símile dos jornais: *Semmanário Maranhense*, *O Globo e A República,O Federalista*. Optou-se por mais esse tipo de documento para analisar a ortografia de outras décadas, escrita por poetas, jornalistas, políticos e estudiosos daquela época, podendo assim, fazer o cotejo com as décadas em estudo e verificar as mudanças existentes ao longo dos séculos. A análise se desdobrou de forma diferente dos demais documentos analisados, em razão de esses textos não apresentarem tantas variações ortográficas como os demais corpora e por possuírem uma linguagem mais rebuscada, uma vez que foram escritos por poetas

e escritores daquela época, serviram como textos para comparação e comprovação ortográfica.

Após organização destes *corpora*, iniciou-se exaustivamente a coleta dos dados de cada estrofe, de cada documento, enfim, de todos os *corpora*, observando-se as ocorrências e buscando a origem etimológica das palavras e dos vocábulos não conhecidos. Todos os *corpora*foram lidos diversas vezes para análise. Primeiro optou-se pelo aspecto ortográfico do vocábulo, em seguida os aspectos fonéticos, vindo com a ocorrência e a variação de palavra, depois a etimologia ajudou na descoberta do radical da palavra, vendo sua origem, e por fim avalair o fenômeno ocorrido na transformação do século XIX para o XIX.

2.3 Distribuição dos dados por gêneros / Explicação das tabelas

Dando continuidade à organização deste *corpus*, primeiro se enumerou cada estrofe e cada linha dentro do seu arquivo, em seguida, fez-se uma tabela no programa Microsoft Excel 2007 contendo cinco colunas; a primeira com o número do documento, a página, o número da estrofe e a linha; para exemplificar tem-se **2:328:51:1**, em que **2** é o número do documento, **328** é a página deste documento, **51** é o número da estrofe, e **1** é o numero da linha. A segunda coluna foi colocada as palavras que apresentaram diferenças ortográficas; A terceira, para análise das diferenças gráficas. Para exemplificação tem-se o vocábulo **asylo,** segundo o qual pontua-se que foi usada a letra ***Y***em vez de***I.*** A quarta coluna destina-se a recorrências dos vocábulos nos textos, enquanto a última é reservada para a grafia atual das palavras.

Em algumas análises fez-se um levantamento de todos os vocábulos que apresentam uma grafia diversa da ortografia atual utilizada no Brasil, e acrescentou-se mais uma coluna para a etimologia das palavras com o objetivo de melhor entender a mudança ocorrida nas palavras. A tabela abaixo exemplifica uma amostra do processo de análise dos *corpora,* podendo observar em anexo todo o processo de análise.

Quadro 2.1 - Processo de Análise dos Corpora

DOC/PAG/ ESTROF/LIN	VOCABULÁRIO	DIFERENÇAS GRÁFICAS	OCORRÊNCIA	GRAFIA ATUAL	ETIMOLOGIA
1: 313:1:2 Harpas de Ouro	Asylo	uso da letra Y em vez de I	2: 323:6:2	Asilo	lat. Asýlum
1:315:6:3 Harpas de Ouro	Oiro	I em lugar de U	1:8:6;1:17:1	Ouro	lat. Aurum
1:315: 5:5 Harpas de Ouro	Ceos	Uso da letra O ao invés de U, falta do acento agudo na vogal	1:5:6;1:15:4;1:19:4	Céus	lat. caelumsxiii ceo,
1: 1/04 Manifesto da Guerra da Balaiada	Prezidente	Troca da letra S pela letra Z	1:5:3:10/11, 6:2, 6:9,8:16	Presidente	lat *praesidens,éntis*.
2:1/21 Ofício da Guerra da Balaiada	Deos	Troca da letra U pela letra O	3:25, 4/14,6:15	Deus	lat. *Deus, dei*'
17:09:21 Proclamação da Guerra da Balaiada	Acabaçe	Uso da letra Ç em vez do dígrafo SS	-	Acabasse	lat. *accapáre
Jornal 1 O Semmanario Maranhense	Belleza	Duplicação da letra L	-	Beleza	*Provç.at.vulg. *bellitia belleza*
Jornal 2 O globo	Chapeos	Troca da vogal U por O e falta do acento agudo na tônica	-	Chapéus	*lat.tar. cappellus, i*
Jornal 2 O Federalista	Catechismo	Uso do dígrafo CH em vez da letra C	-	Catecismo	lat. *Catechismus*

Fonte: Elaborado pela própria autora.

A partir desta análise avaliou-se com exatidão a extensão de cada documento. Primeiro fez-se, com o auxílio da ferramenta do Word 2007 – contar palavras – o levantamento da quantidade de palavras utilizadas. No livro de Poesias Harpas de Ouro realizou-se a contagem das palavras das estrofes, totalizando 9.547 palavras; nos documentos da Guerra da Balaiada foram 6.965 palavras. Dentro desse número de palavras do Livro de poesia foram analisadas em média 1.147, enquanto nos documentos da Guerra da Balaiada foram aproximadamente 1.089 palavras analisadas nos Jornais, não houve uma contagem devido ao fato de os

textos estarem no fac-símile e não ter uma transcrição digitalizada, o que dificultou a contagem dessas palavras. Outra razão foi que os jornais serviram de parâmetros para comparação de algumas palavras, pois se trata de um gênero escrito por poetas e jornalistas daquela época

Nesses documentos, as análises, de forma geral, foram áridas, fez-se um estudo pormenorizado de cada parte de um todo, para conhecer melhor sua natureza, relações, causas etc., e assim poder compará-los. Todas as ocorrências de letras foram analisadas para representar a ortografia real da língua portuguesa no século em estudo.

Após esse procedimento, os dados foram organizados em categorias, para análise, tais como: duplicação de consoantes, acentuação, tipo de pontuação, tipo de variação, letras mudas, ditongos, dígrafos, encontro consonantal etc. Isso permitiu interpretar as regras de emprego das letras e das demais marcas da escrita nesses documentos em estudo.

Conforme Massini-Cagliari e Cagliari (1998), a ortografia do século em estudo teve suas transformações a partir da origem etimológica, como afirmam quando dizem que a ortografia da Língua Portuguesa sempre foi etimológica, uma vez que tem suas origens no latim.

Para a análise de comparação e interpretação dos dados buscou-se em gramáticas dos séculos anteriores, tais como a *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa, Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, Orthographia da Lingoa Portyvesa* dentre outras, a teoria necessária, assim como nos tratados de ortografia, pois estes estudos são fundamentais para os gramáticos por representarem as regras de emprego e uso da grafia portuguesa. Além dessas pesquisas, estudar toda a história da ortografia escrita por especialistas nesta área, tais como os mais variados trabalhos de Luiz Carlos Cagliari, Gladis Massini_ Cagliari, os de Nina Catach, os de Geoffrey Sampson, os de Charles Higounet, ajudaram a compreender o uso e modificações da escrita ortográfica da Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal no decorrer dos séculos. Obteve-se, ainda, como fundamentação histórica, os relatos dos ortógrafos Duarte Nunes de Leão, Madureira Feijó, Sebastião José Mello, Ioam Franco Barretto, Fernão de Oliveira, dentre outros, com relação às regras de emprego e uso das letras do alfabeto.

Nessa perspectiva, falar das transformações das regras, usos da ortografia e demais marcas de escrita, retirados das poesias de Sousândrade e dos documentos sobre a Guerra da Balaiada, no século XIX, possibilitou estudar, pesquisar,

descrever, analisar e demonstrar um tipo de sistema ortográfico, no qual estão contidas as mudanças que ocorreram durante os séculos anteriores e o século em estudo.

Após todo o levantamento dos *corpora*depoemas, ofícios e jornais, fez-se um confronto entre eles com o objetivo de confirmar se os dados tabulados eram semelhantes ou possuíam regras diferentes, apesar de todos serem escritos no mesmo século. Fez-se um cotejamento entre os documentos para ver se o que relataram os gramáticos antigos é o que de fato aconteceu na transformação da ortografia do século XIX.

2.4 Os *Corpora* utilizados

Como já citado anteriormente, foram utilizados diferentes *corpora* para análise e cotejamento entre os documentos. Elencaram-se gêneros do tipo: manuscritos – as estrofes “Harpa de Ouro” do livro de Poesias Reunidas, e os impressos - o Jornal “Semmanario Maranhense”, O Globo e A Republica, O Federalista, contidos na obra de Sousândrade, e os documentos da Guerra da Balaiada. A seguir, descreve-se brevemente a natureza de cada corpus.

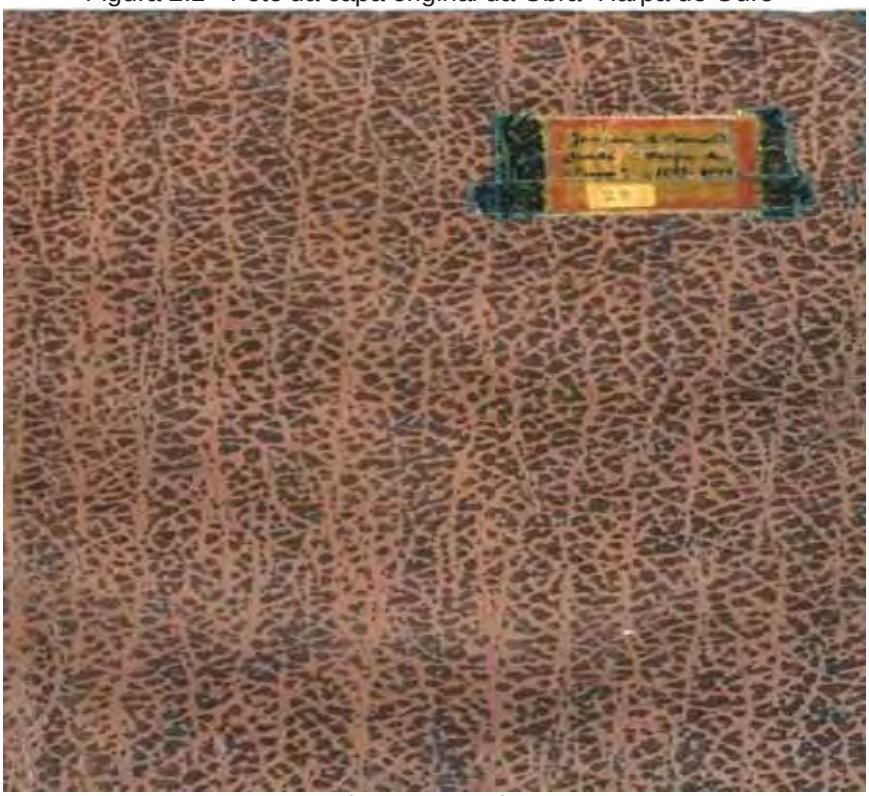
2.4.1 O documento manuscrito

O documento manuscrito foi retirado do livroedição fac-símile, “*Poesia e Prosa reunidas de Sousândrade* reproduzido integralmente, que se encontra em delicado estado de conservação. Esta edição fac-similar foi elaborada com a colaboração do Professor Dr. Virgílio Domingues da Silva Filho, e os organizadores foram o norte-americano e Frederick G. Williams, e o maranhense Jomar da Silva Moraes. O escritor norte-americano é bacharel em Civilização Hispânica pela Universidade de Brigham, mestre e doutor em Literatura Luso-Brasileira. Em 1970, veio a São Luís para fazer parceria com o escritor Jomar Moraes da qual resultaram diversos trabalhos, tais como: *Sousândrade*: *inéditos*, *Sousândrade: prosa* e *Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade*. Ajudou e criou o Centro de Estudos Portugueses, no qual desenvolveu intensas atividades editorias, publicando obras sobre autores renomados da literatura portuguesa, brasileira e africana, a exemplo de: Camões, Anchieta, Vieira, Carlos Drummond de Andrade, George de Sena, Graciliano Ramos. O escritor maranhense, Jomar Moraes, é bacharel em Direito e

mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Foi vencedor de onze prêmios literários e reeditor de mais de quarenta títulos para os quais fez crítica textual. Fez introduções e notas, a exemplo de *Harpa de Ouro*, de Sousândrade, dos jornais do século XIX – *Semmanário Maranhense*, *O Censor Maranhense*, dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão, dentre outros. Co-autor e co-editor com Frederick Williams das introduções de notas dos livros Sousândrade: inédito (1970) e Sousândrade: prosa (1997) e Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade (2003), (WILLIAMS e MORAES, 2003).

A obra original está capeada por papel imitação de couro, de cor marrom, como proteção aos manuscritos de Harpa de Ouro e seguida dos versos escritos em cores originais. Encontra-se na biblioteca pública de São Luís em estado razoável de conservação. Abaixo uma foto da capa.

Figura 2.1 - Foto da capa original da Obra “Harpa de Ouro”



Fonte: WILLIAN E MORAES (2003, p. 311).

No lado direito da capa da obra encontra-se em manuscrito de caneta azul o nome do autor – Joaquim de Sousa Andrade, do lado, o nome da obra entre aspas “Harpa de Ouro” e em seguida o ano de 1889 – 1899 e abaixo o número 28 que se acredita ser a referência do livro. O poema foi escrito com tinta vermelha e em papel almaço pautado, tamanho comum. O original acredita-se que não tenha sido

manuscrito por Sousândrade, pelo fato de ter correções feitas com outra caligrafia que, indiscutívelmente semelhança com a caligrafia do poeta Sousândrade. Há emendas, acréscimos, substituições e correções, tudo feito por seu próprio punho.

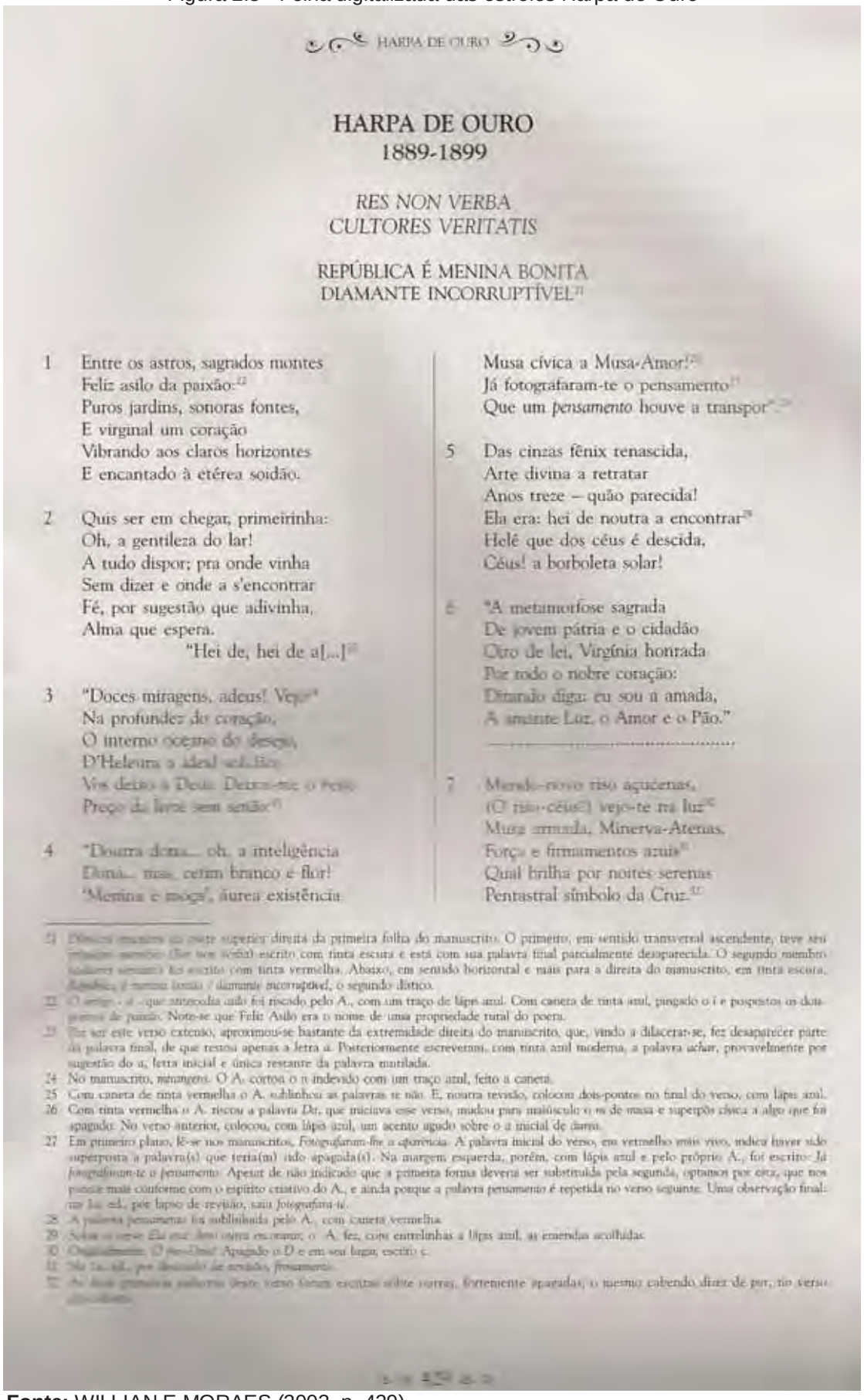
Percebe-se que as estrofes, em sua maioria, encontram-se com letras delineadas, uma caligrafia bem escrita que, acredita-se, foi escrita por pessoa do sexo feminino, pois ao compará-la com as várias correções de caneta de outra cor, pode-se registrar que essas correções são do autor, daí a dedução aqui chegada com relação à caligrafia. A letra do poeta foi reconhecida a partir de comparações de sua grafia em documentos pertencentes ao arquivo da Câmara Municipal de São Luís e dedicatória de livros seus a diversas pessoas. (WILLIAMS e MORAES, 2003).

Para melhor ilustração, exemplifica-se, a seguir, uma página com estrofes manuscritas e a mesma página digitalizada do livro de poesia Harpa de Ouro de Sousândrade (Op. cit., 2003).

Figura 2.2 - Folha manuscrita dos poemas Harpas de Ouro

Fonte: WILLIAN E MORAES (2003, p. 311).

Figura 2.3 - Folha digitalizada das estrofes Harpa de Ouro



HARPA DE OURO

HARPA DE OURO
1889-1899

RES NON VERBA
CULTORES VERITATIS

REPÚBLICA É MENINA BONITA
DIAMANTE INCORRUPTÍVEL[21]

1 Entre os astros, sagrados montes
Feliz asilo da paixão:[22]
Puros jardins, sonoras fontes,
E virginal um coração
Vibrando aos claros horizontes
E encantado à etérea soidão.

2 Quis ser em chegar, primeirinha:
Oh, a gentileza do lar!
A tudo dispor; pra onde vinha
Sem dizer e onde a s'encontrar
Fé, por sugestão que adivinha,
Alma que espera.
"Hei de, hei de a[...][23]

3 "Doces miragens, adeus! Vejo[24]
Na profundez do coração,
O interno oceano do desejo,
D'Heleura a ideal solidão:
Vos deixo a Deus. Deixo-me o beijo
Preço da livre sem senão[25]

4 "Doutra dona... oh, a inteligência
Dona... mas, cetim branco e flor!
'Menina e moça', áurea existência
Musa cívica a Musa-Amor![26]
Já fotografaram-te o pensamento[27]
Que um *pensamento* houve a transpor".[28]

5 Das cinzas fênix renascida,
Arte divina a retratar
Anos treze – quão parecida!
Ela era: hei de noutra a encontrar[29]
Helê que dos céus é descida,
Céus! a borboleta solar!

6 "A metamorfose sagrada
De jovem pátria e o cidadão
Otro de lei, Virgínia honrada
Por todo o nobre coração:
Ditando diga: eu sou a amada,
A amante Luz, o Amor e o Pão."

7 Mendo-novo riso açucenas,
(O riso-céus!) vejo-te na luz[30]
Musa armada, Minerva-Atenas,
Força e firmamentos azuis[31]
Qual brilha por noites serenas
Pentastral símbolo da Cruz.[32]

21 [illegible] superior direita da primeira folha do manuscrito. O primeiro, em sentido transversal ascendente, teve seu [illegible] escrito com tinta escura e está com sua palavra final parcialmente desaparecida. O segundo membro [illegible] foi escrito com tinta vermelha. Abaixo, em sentido horizontal e mais para a direita do manuscrito, em tinta escura, *República é menina bonita / diamante incorruptível*, o segundo dístico.
22 O *antigo - a -* que antecedia *asilo* foi riscado pelo A., com um traço de lápis azul. Com caneta de tinta azul, pingado o *i* e pospostos os dois-pontos de paixão. Note-se que Feliz Asilo era o nome de uma propriedade rural do poeta.
23 Por ser este verso extenso, aproximou-se bastante da extremidade direita do manuscrito, que, vindo a dilacerar-se, fez desaparecer parte da palavra final, de que restou apenas a letra *a*. Posteriormente escreveram, com tinta azul moderna, a palavra *achar*, provavelmente por sugestão do *a*, letra inicial e única restante da palavra mutilada.
24 No manuscrito, *miragens*. O A. cortou o *n* indevido com um traço azul, feito a caneta.
25 Com caneta de tinta vermelha o A. sublinhou as palavras *se não*. E, noutra revisão, colocou dois-pontos no final do verso, com lápis azul.
26 Com tinta vermelha o A. riscou a palavra *Da*, que iniciava esse verso, mudou para maiúsculo o *m* de *musa* e superpôs *cívica* a algo que foi apagado. No verso anterior, colocou, com lápis azul, um acento agudo sobre o *a* inicial de *dama*.
27 Em primeiro plano, lê-se nos manuscritos, *Fotografaram-lhe a aparência*. A palavra inicial do verso, em vermelho mais vivo, indica haver sido superposta a palavra(s) que teria(m) sido apagada(s). Na margem esquerda, porém, com lápis azul e pelo próprio A., foi escrito: *Já fotografaram-te o pensamento*. Apesar de não indicado que a primeira forma deveria ser substituída pela segunda, optamos por esta, que nos parece mais conforme com o espírito criativo do A., e ainda porque a palavra *pensamento* é repetida no verso seguinte. Uma observação final: na 1a. ed., por lapso de revisão, saiu *fotografara-te*.
28 A palavra *pensamento* foi sublinhada pelo A., com caneta vermelha.
29 Sobre o verso *Ela era: hei outra encontrar*, o A. fez, com entrelinhas a lápis azul, as emendas acolhidas.
30 Originalmente, *O riso-Deus!* Apagado o *D* e em seu lugar, escrito *c*.
31 Na 1a. ed., por descuido de revisão, *firmamento*.
32 As duas primeiras palavras deste verso foram escritas sobre outras, fortemente apagadas, o mesmo cabendo dizer de *por*, no verso [illegible].

Fonte: WILLIAN E MORAES (2003, p. 429).

Os autores Williams e Moraes (2003) no fac-símile relatam que o poema tinha o título *Harpas Douradas,* e este está rasurado com uma emenda para o nome *Harpa de Ouro*, apagando-se a letra S de Harpas, e a terminação DAS da palavra DOURADAS, como mostra a figura de número 2.3, acima.Anteriormente foi denominada *Harpa de Oiro*.

"Harpa de Ouro" faz parte do livro de poesia intitulado **Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade**. São poesias ricas em adjetivação, na qual Sousândrade adjetiva através de substantivos dando mais solidez à sua poesia, pois se trata de uma louvação à República. Ele faz graves e incisivas acusações aos descaminhos em que errava a aplicação, no Brasil, do novo sistema político adotado. A estrofe 145 exemplifica essa passagem. Ao longo das estrofes, Sousândrade faz referência à verdadeira paixão pelo governo republicano dos Estados Unidos e o grande amor pelo Brasil, constata-se isso nas estrofes 147 e 224; 166 e 167. Faz também referência às suas outras obras, utiliza palavras de origem estrangeiras, principalmente da língua inglesa (estrofes 76, 108). (WILLIAMS e MORAES, 2003).

Escolheu-se para compor o *corpus* deste trabalho a poesia *Harpa de Ouro*, dentre um número enorme de outras poesias escritas por Sousândrade, devido ser um documento possível de detectar o sistema de escrita e de registrar fragmentos escritos em língua portuguesa no século XIX. Encontraram-se algumas variações na escrita daquela época que serviram de base para análise ortográfica dessa pesquisa.

Sousândrade foi um autor que muito contribuiu para o engrandecimento da cultura brasileira, sobretudo, na criação de novas palavras e expressões que rechearam toda sua literatura. Os poemas de *Harpa de Ouro* foram lamentações do poeta e acredita-se que a linguagem utilizada por ele retrata de forma um pouco mais formal a ortografia da época.

Nesses poemas o autor mostra seu desapontamento em face à República com que sonhara e a que via instalada no Brasil. *Harpa de Ouro* contém 285 estrofes que totalizam 1.706 versos. Dessas, foram selecionadas 200 estrofes para a análise ortográfica da língua portuguesa escritas no século XIX.

2.4.1.1 Sousândrade: Poeta Maranhense

Um dos escritores mais originais do Romantismo Nacional, após diversos reveses na vida, veio a se tornar importante político maranhense, presidindo a comissão que redigiu o primeiro projeto da constituição Republicana do Maranhão. Joaquim de Souza Andrade conhecido como Sousândrade, escritor e poeta brasileiro, teve formação em Letras pela Universidade de Sorbonne, em Paris, supostamente não concluído e lá mesmo fez o curso de Engenharia de Minas.

Em 1857, publicou seu primeiro livro de poesia, *Harpas Selvagens*. Nos Estados Unidos publicou a obra poética *O Guesa*, em 1871; nesta obra, o autor utilizou recursos expressivos, como criação de neologismo e de metáforas, escreveu três volumes de poesias, além do *O Guesa*compôs diversos poemas que figuram no livro de poesia *Liras perdidas.* (WILLIAMS e MORAES, 2003).

Escreveu várias obras como Harpas selvagens, Harpas eólias, O Guesa, Novo Éden, Harpa de ouro e Liras perdidas e publicou artigos em jornais de grande circulação em São Luís – O Semmanário Maranhense, O Federalista. (WILLIAMS e MORAES, 2003).

De volta ao Maranhão, aderiu ao golpe de 1889[25], foi o primeiro presidente da Intendência (prefeitura) Municipal de São Luís, em 1890. No seu estado realizou a reforma do ensino, fundou escolas mistas e idealizou a bandeira de Estado, garantindo que as cores representassem as raças ou etnias que construíram sua história. Foi professor de grego no Liceu maranhense (1894); abolicionista e republicano, desenvolveu uma intensa e variada atividade que o coloca como atuante cidadão e patriota de seu tempo. No final de sua vida, dedicou-se ao poema *O Guesa*, seu mais caro e ambicioso projeto literário.

Morreu na capital maranhense em completo abandono, tendo sido considerado louco. Durante várias décadas sua obra foi esquecida do público maranhense. (CAMPOS e CAMPOS, 1979).

[25] Período que se deu a Proclamação da República.

2.4.2 Os documentos impressos

Do conjunto de documentos impressos da edição *Documentos para a História da Balaiada,* serão utilizados trinta documentos publicados entre as décadas de 38 a 42 do século XIX, encontrados na Coleção de documentos do Arquivo Público do Estado do Maranhão, referente à Guerra da Balaiada.

No Maranhão, no período da escravidão, existiram grandes quilombos semelhantes ao de Palmares. Os maiores foram o Quilombo Lagoa Amarela, no município de Chapadinha, e o Quilombo de Limoeiro, no município de Turiaçu. Os quilombolas participaram de movimentos de dimensões que ultrapassam a defesa do quilombo, sendo que o principal desses movimentos foi a **Guerra da Balaiada**, ocorrida no Maranhão entre 1838 e 1841(ARAÚJO, 2001).

2.4.2.1 A Guerra da Balaiada: Panorama Histórico

Na primeira metade do século XIX situa-se o tempo histórico da Balaiada, revolta que se desenvolveu no sertão maranhense. A historiografia consagrou 13 de dezembro de 1838 como o início da revolta. Considerada uma das maiores e mais significativas rebeliões populares já registrada em terras do Maranhão e com forte repercussão em todo o país, aconteceu num momento de falta de estabilidade nas províncias, consequência natural da disputa entre as forças políticas. Na época da revolta, a economia agrária do Maranhão estava em crise, sua riqueza principal, o algodão, perdeu seu preço e quem mais sofreu as consequências foi a população pobre, como os vaqueiros, sertanejos e escravos. (SANTOS, 2010).

A guerra da Balaiada durou quase três anos e teve como líderes principais: Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, fazedor de balaios, daí o nome balaiada, Cosme Bento das Chagas, chefe de um quilombo que reunia aproximadamente três mil negros fugitivos e o vaqueiro Raimundo Gomes, juntos, eles conseguiram conquistar a cidade de Caxias, uma das mais importantes do Maranhão. Contudo, não havia uma organização consistente entre os líderes, o que houve foram lutas dos sertanejos marcados pelo desejo de vingança social contra os poderosos da região. A Historiadora e pesquisadora do assunto Sandra Santos (2010, p. 12-13), complementa:

> Embora no começo as autoridades provinciais desconhecessem ou procurassem negar a força que os rebeldes representavam, isto se reverteu, quando da ocupação da cidade de Caxias e da ameaça da ocupação de São Luís, razões que levaram o governo regencial a encarar a revolta como uma ameaça à ordem e ao poder. Isto explica a nomeação de Luís Alves de Lima e Silva, oficial do Exército como presidente e comandante das Armas. Este militar, utilizando-se de fortes mecanismos de controle e da repressão armada, conseguiu pôr fim no momento.

Essa guerra foi também chamada de 'revolta dos balaios', pois resultou em mais uma manifestação do processo de crise por que passava a sociedade brasileira durante o período regencial. Em 1839, esses balaios invadiram a Vila de Caxias e andavam pelas ruas da Vila cantando:

> *"O Balaio chegou! O Balaio Chegou.*
> *Cadê branco!*
> *Não há mais branco!*
> *Não há mais sinhô!" (*SANTOS, 2010, p. 16)

Esses rebeldes organizaram-se em um Conselho Militar com a participação de elementos apelidados de bem-te-vis,[26] e uma delegação foi enviada a São Luís para entregar ao presidente da Província da época uma proposta de pacificação: anistia para os revoltosos, revogação da "lei de prefeitos", pagamentos das forças rebeldes, expulsão dos portugueses natos e diminuição de direitos aos naturalizados e instauração de processo regular para os presos existentes nas cadeias. O movimento pacifista apesar de ter atingido a parte mais importante da Província ameaçou São Luís e entrou em declínio (SANTOS, 2010).

A foto abaixo demonstra um momento de descanso dos escravos na roça durante a guerra da Balaiada no século XIX, no Maranhão.

[26]Os bem-te-vis foram os liberais que iniciaram a revolta contra os grandes fazendeiros onservadores do Maranhão e contaram com a participação dos sertanejos pobres.

Figura 2.4 - Momento da revolta dos balaios no Maranhão

Fonte: www.google.com.br/search?momento+da+revolta+dos+balaios+no+Maranhao.

Luis Alves, em 1841, com farto armamento e um grupo de oito mil homens, obteve sucesso na contenção dos revoltosos e, por isso, recebeu o título de Conde de Caxias. A desarticulação entre os vários braços revoltosos da Balaiada e a desunião em torno de objetivos comuns, facilitaram bastante a ação repressora estabelecida pelas forças governamentais.

Todos os negros fugidos acusados de envolvimento na revolta foram reescravizados. Manoel Francisco Gomes foi abatido durante o movimento de retaliação da revolta. Já o vaqueiro Raimundo Gomes foi expulso do Maranhão e, durante sua deportação para São Paulo, faleceu em uma embarcação. O líder dos escravos, Cosme Bento, foi preso e condenado à forca, em 1842. (ARAÚJO: 2001).

A foto demonstra um momento de luta dos escravos na Guerra da Balaiada.

Figura 2.5- Escravos em luta na Guerra da Balaiada

Fonte: www.google.com.br/search?momento+da+revolta+dos+balaios+no+Maranhao

A Balaiada se distingue das outras revoltas que eclodiram no período regencial por ter sido um movimento eminentemente popular contra os grandes proprietários agrários da região e o conflito só termina com Luís Alves de Lima e Silva que por ter vencido os rebeldes em Caxias recebeu o seu primeiro título de nobreza: Barão de Caxias, mais tarde foi chamado de Duque de Caxias, com o qual é mais conhecido.

Os documentos relativos à Balaiada consistem na correspondência dos presidentes Manoel Felizardo de Souza e Melo e de Luís Alves de Lima (Duque de Caxias) com vários ministérios. Trata-se da versão dos eventos que o comando militar dá ao governo central. Os documentos seguem a ordem dos acontecimentos em diversos municípios maranhenses, a partir dos últimos meses de 1838. Há vários tipos de documentos como cartas de oficiais inferiores e até algumas cartas de

rebeldes relatando as lutas dos quilombolas em várias áreas do interior do Maranhão. Através dos relatos dos comandantes militares, nesses documentos, percebe-se o dia-a-dia da guerra e as dificuldades enfrentadas, particularmente do lado dos balaios. As cartas relatam a luta contra o despotismo e a reivindicação de cidadania (documento de número 012 exemplifica esta passagem), ao lado da fidelidade ao imperador e à religião católica. (ARAÚJO, 2001).

Os documentos da guerra revelam também a figura de Caxias, no que tange à reorganização do Exército da legalidade para lidar com uma guerra de guerrilhas. Há também documentos que relatam alguns dos artifícios usados para o triunfo da guerra: espalhar a discórdia entre os escravos aquilombados (o documento de número 214) e atiçar o ódio entre rebeldes escravos e livres. (ARAÚJO, 2001).

Do conjunto da edição de documentos para A *História da Balaiada*, dentre duzentos e cinquenta e oito documentos reunidos neste volume, apenas foram escolhidos trinta para análise ortográfica, dentre eles os gêneros textuais ofícios, manifestos e proclamações. Os outros documentos não foram analisados, devido um número enorme de palavras repetidas. Levou-se em consideração o nível da linguagem desses textos, geralmente escritos pelo negro Cosme, os escravos líderes da revolta e os aprisionados, assim como os Prefeitos das Comarcas, Comandantes Militares e Presidentes das Províncias.

O quadro abaixo mostra os documentos utilizados na análise do sistema ortográfico de língua portuguesa, do século XIX.

Quadro 2.2 - Demostração dos documentos analisados da Guerra da Balaiada

Documento Impresso	***Autoria***	***Destinatário***	***Ano/pag/número documento***
1. Manifesto	Raimundo Gomes	João Luiz de Abreu	1838 / p. 36 / 012
2. Ofício	Rebelde Pedro Alexandrino dos Santos	Presidente da Província**.**	1839 / p.98 / 062
3. Ofício	Rebelde Raimundo Gomes	Prefeito da Comarca de Itapecuru-Mirim	1839 / p.104 / 066
4. Ofício	Rebelde Raimundo Gomes	Alexandre Pereira da Cunha	1839/ p.105 / 067
5. Ofício	Rebelde Raimundo Gomes	Major Falcão	1839/ p.125 / 079
6. Ofício	Rebelde Raimundo Gomes	Membrosda Comissão	1839/ p.139 / 088
7. Ofício	Rebelde Arcenio	Domingos da Silva Matruá	1839 / p.159 / 100
8. Ofício	Rebelde Mathias	Comandante da Coluna Em Frente	1839 / p.172 / 108
9. Oficio	Rebelde Raimundo Gomes	Rebelde Valério Braúna	1839 / p.190 / 122
10. Ofício	Rebelde Raimundo Gomes	Rebelde Valério Braúna	1839 / p.191 / 123
11. Ofício	Rebelde Vicente Arruda	Rebelde Antonio Pedregulho	1839 / p.192 / 124
12. Ofício	Rebelde Pedro Alexandrino dos Santos	Rebelde João da Mata Coelho Castelo Branco	1839 / p.203 / 133
13. Ofício	Rebelde Pedro Alexandrino dos Santos	Rebelde João da Mata Coelho Castelo Branco	1839 / p.208 / 135
14. Ofício	Rebelde João Da Mata Castelo Branco	Rebelde Pedro Alexandrino dos Santos	1839 / p.209 / 136
15. Ofício	Rebelde Pedro Alexandrino Dos Santos	Rebelde João da Mata Coelho Castelo Branco	1839 / p.214 / 139
16. Ofício	Rebelde Raimundo Gomes	Commandante de uma Força Bem-Te-Vi	1840 / p.289 / 176
17. Proclamação dos Balaios	Sem informação	Sem informação	1839 / p.108 / 069

18. Ofício	Presidente da Província	Prefeito da Comarca do Itapecuru-Mirim	1838 / p.20 / 002
Documento Impresso	***Autoria***	***Destinatário***	***Ano/pag/número documento***
19. Oficio	Prefeito da Comarca do Itapecuru-Mirim	Presidente da Província	1838 / p.35 / 011
20. Proclamação dos Rebeldes	Sem informação	Sem informação	1839 / p.235 / 153
21. Ofícios	Subprefeito do Iguará	Prefeito da Comarca do Itapecuru-Mirim	1838 / p.34 / 010
22. Ofício	Presidente da Província	Subprefeito da Vila do Rosário	1839 / p. 63 / 030
23. Ofício	Comandante da Expedição ao Norte de Caxias	Comandante e Presidente das Armas da Província	1840 / p.312 / 193
24. Ofício	Rebelde Raimundo Gomes	Commandante de Icatú	1840 / p.330 / 204
25. Ofício	Comandante Militar da Vila do Rosário	Presidente e Comandante das Armas da Província	1841/ p.372 / 228
26. Aviso	Presidente da Provincia do Maranhão	Ministério da Justiça	1842/ p.405 / 255
27. Ofício	Rebelde Jezuino Sucupira	Rebelde Francisco Pio.	1839 / p.228 / 150
28. Ofício	Presidente da Província	Prefeito da Comarca do Itapecuru-Mirim.	1839 / p.37 / 013
29. Ofício	Presidente da Província	Subprefeito da Chapada	1839 / p.166 / 104
30. Ofício	Presidente da Província	Ministro e Secretário do Estado dos Negócios da Marinha	1839 / p.109 / 070

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Esses documentos atualmente são motivos de estudos e análises por historiadores e pesquisadores das mais diversas áreas. Eles representam a escrita

do século XIX em sua forma mais popular de linguagem. Isso porque esses textos eram redigidos por pessoas de níveis de escolarização diferentes, como o negro Cosme e outros.

Este estudo se propõe a análise de distintas formas de escrita ortográfica da língua portuguesa no período novecentista, fez-se também um estudo comparativo do sistema ortográfico da língua portuguesa em São Luís, analisando-se as primeiras páginas dos principais jornais que circulavam àquela época na cidade.

O enfoque sobre esses textos deve-se à hipótese de que esse suporte textual, via de regra, é redigido dentro de uma norma mais padronizada da língua. Os jornais noticiavam e comentavam fatos da atualidade norte-americana e brasileira, dedicando-se a assuntos como política, música, educação, economia. agricultura, moda, literatura, entre outros.

Tem-se *O Semmanário Maranhense* (doravante jornal 1), *O Globo* (jornal 2), *O Federalista* (jornal 3) e *A República* (jornal 4), contidos no fac-símile “Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade. Na parte intitulada “Caderno Iconográfico”. O primeiro marca a data de 15 de novembro de **1867**, reproduzido na coleção xerocopiada desse periódico, pertencente a Jomar Moraes, que posteriormente fez a edição fac-símile e integral dessa publicação. O segundo, data de 15 de fevereiro de **1890** jornal em que Sousândrade manteve a Seção Republicana. O terceiro data de 20 de agosto de **1894** e, finalmente, A República, publicado em 19 de fevereiro de **1890**. O jornal A República era oficial do Estado do Maranhão, lido pelos mais cultos. Contudo, todos esses jornais contribuíram para divulgação de informações e para conhecimento dos fatos ocorridos naquele século.

Em seguida se ilustram dois dos cinco jornais, retirado do fac-símile em estudo, “O Globo” e a “República”:

Figura 2.6 - Primeira página do Jornal o Globo do século XIX

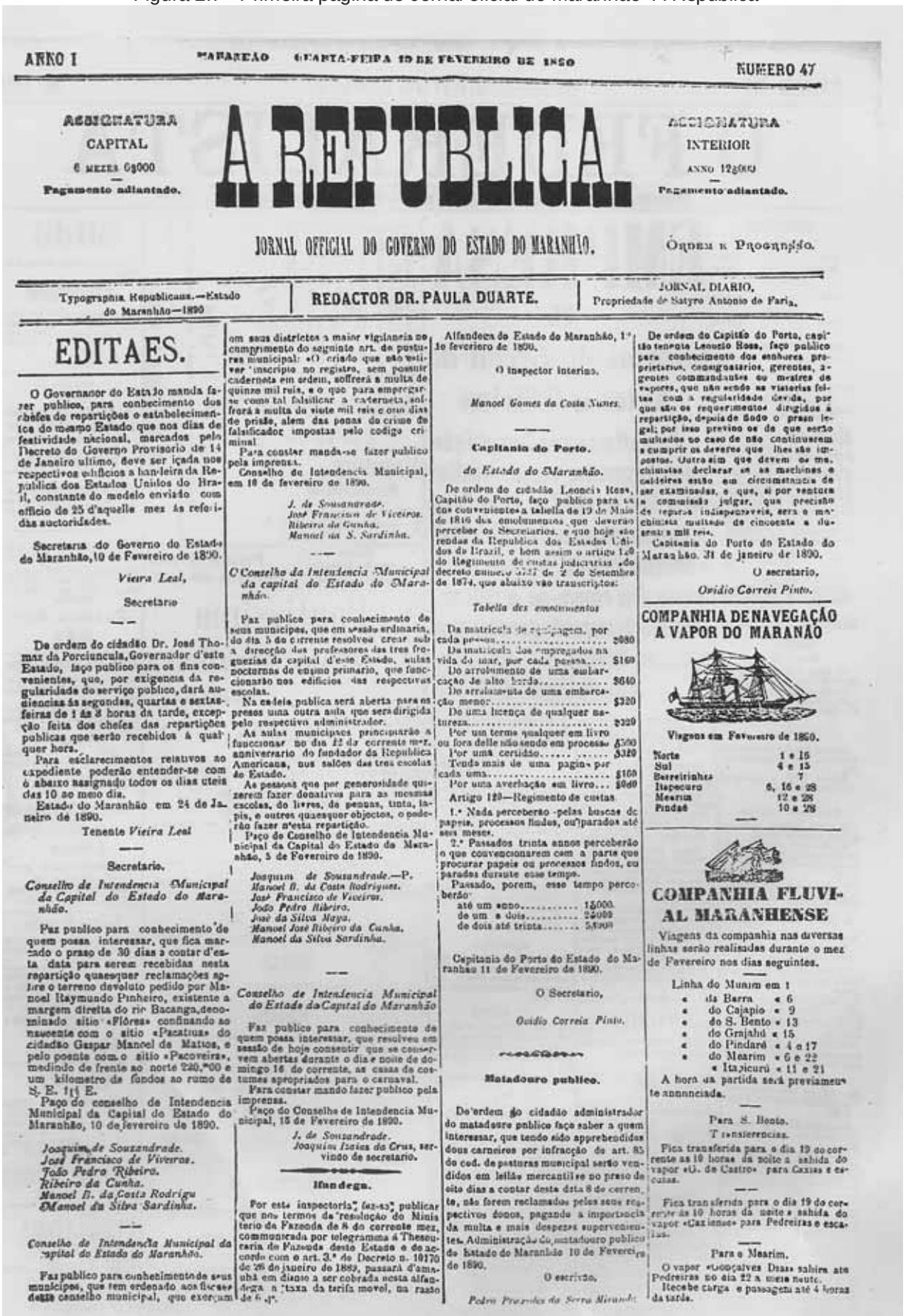
O GLOBO

Director e proprietario—Casimiro Junior

ANNO II — Maranhão – Sabbado, 15 de fevereiro de 1890 — NUMERO 135

Fonte: WILLIAN E MORAES (2003, p. 307).

Figura 2.7 - Primeira página do Jornal oficial do Maranhão “A Republica”



ANNO I — MARANHÃO — QUARTA-FEIRA 19 DE FEVEREIRO DE 1890 — NUMERO 47

ASSIGNATURA
CAPITAL
6 MEZES 6$000
Pagamento adiantado.

A REPUBLICA.

ASSIGNATURA
INTERIOR
ANNO 12$000
Pagamento adiantado.

JORNAL OFFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO.

Ordem e Progresso.

Typographia Republicana.—Estado do Maranhão—1890

REDACTOR DR. PAULA DUARTE.

JORNAL DIARIO,
Propriedade de Satyro Antonio de Faria.

EDITAES.

O Governador do Estado manda fazer publico, para conhecimento dos chefes de repartições e estabelecimentos do mesmo Estado que nos dias de festividade nacional, marcados pelo Decreto do Governo Provisorio de 14 de Janeiro ultimo, deve ser içada nos respectivos edificios a bandeira da Republica dos Estados Unidos do Brasil, constante do modelo enviado com officio de 25 d'aquelle mez ás referidas auctoridades.

Secretaria do Governo do Estado do Maranhão, 10 de Fevereiro de 1890.

Vieira Leal,

Secretario

De ordem do cidadão Dr. José Thomaz da Porciuncula, Governador d'este Estado, faço publico para os fins convenientes, que, por exigencia do regularidade do serviço publico, dará audiencias ás segundas, quartas e sextas-feiras de 1 ás 3 horas da tarde, excepção feita dos chefes das repartições publicas que serão recebidos á qualquer hora.

Para esclarecimentos relativos ao expediente poderão entender-se com o abaixo assignado todos os dias uteis das 10 ao meio dia.

Estado do Maranhão em 24 de Janeiro de 1890.

Tenente *Vieira Leal*

Secretario.

Conselho de Intendencia Municipal da Capital do Estado do Maranhão.

Faz publico para conhecimento de quem possa interessar, que fica marcado o praso de 30 dias a contar d'esta data para serem recebidas nesta repartição quaesquer reclamações sobre o terreno devoluto pedido por Manoel Raymundo Pinheiro, existente a margem direita do rio Bacanga, denominado sitio «Flôres» confinando ao nascente com o sitio «Pacatiua» do cidadão Gaspar Manoel de Mattos, e pelo poente com o sitio «Pacoveira», medindo de frente ao norte 220,°00 e um kilometro de fundos ao rumo de S. E. ¼ E.

Paço do conselho de Intendencia Municipal da Capital do Estado do Maranhão, 10 de fevereiro de 1890.

Joaquim de Souzandrade.
José Francisco de Viveiros.
João Pedro Ribeiro.
Ribeiro da Cunha.
Manoel B. da Costa Rodrigu
Manoel da Silva Sardinha.

Conselho de Intendencia Municipal da Capital do Estado do Maranhão.

Faz publico para conhecimento de seus municipes, que tem ordenado aos fiscaes delle conselho municipal, que exercam com seus districtos a maior vigilancia no cumprimento do seguinte art. de posturas municipal: «O criado que não tiver inscripto no registro, sem possuir caderneta em ordem, soffrerá a multa de quinze mil reis, e o que para empregar-se como tal falsificar a caderneta, soffrerá a multa de viute mil reis e oito dias de prisão, alem das penas do crime de falsificador impostas pelo codigo criminal.

Para constar mandou-se fazer publico pela imprensa.

Conselho de Intendencia Municipal, em 18 de fevereiro de 1890.

J. de Souzandrade.
José Francisco de Viveiros.
Ribeiro da Cunha.
Manoel da S. Sardinha.

O Conselho da Intendencia Municipal da capital do Estado do Maranhão.

Faz publico para conhecimento de seus municipes, que em sessão ordinaria, de dia 5 do corrente resolveo crear sob a direcção dos professores das tres freguezias da capital d'este Estado, aulas nocturnas de ensino primario, que funccionarão nos edificios das respectivas escolas.

Na cadeia publica será aberta para os presos uma outra aula que será dirigida pelo respectivo administrador.

As aulas municipaes principiarão a funccionar no dia 12 do corrente mez, anniversario do fundador da Republica Americana, nos salões das tres escolas do Estado.

As pessoas que por generosidade quizerem fazer donativos para as mesmas escolas, de livros, de pennas, tinta, lapis, e outros quaesquer objectos, o poderão fazer n'esta repartição.

Paço do Conselho de Intendencia Municipal da Capital do Estado do Maranhão, 5 de Fevereiro de 1890.

Joaquim de Souzandrade.—P.
Manoel B. da Costa Rodrigues.
José Francisco de Viveiros.
João Pedro Ribeiro.
José da Silva Maya.
Manoel José Ribeiro da Cunha.
Manoel da Silva Sardinha.

Conselho de Intendencia Municipal do Estado da Capital do Maranhão

Faz publico para conhecimento de quem possa interessar, que resolveu em sessão de hoje consentir que se conservem abertas durante o dia e noite de domingo 16 do corrente, as casas de costumes apropriados para o carnaval.

Para constar mando fazer publico pela imprensa.

Paço do Conselho de Intendencia Municipal, 15 de Fevereiro de 1890.

J. de Souzandrade.
Joaquim Isaias da Cruz, servindo de secretario.

Alfandega.

Por este inspectoria[illegible] publicar que nos termos da resolução do Ministerio da Fazenda de 8 do corrente mez, communicada por telegramma á Thesouraria da Fazenda deste Estado e de accordo com o art. 3.° do Decreto n. 10170 de 26 de janeiro de 1889, passará d'amanhã em diante a ser cobrada nesta alfandega a taxa da tarifa movel, na razão de 6 .|.

Alfandega do Estado do Maranhão, 1.° de fevereiro de 1890.

O inspector interino.

Manoel Gomes da Costa Nunes.

Capitania do Porto.

do Estado do Maranhão.

De ordem do cidadão Leonel Rosa, Capitão do Porto, faço publico para os fins convenientes a tabella de 19 de Maio de 1846 dos emolumentos que deverão perceber os Secretarios, e que hoje são rendas da Republica dos Estados Unidos do Brazil, e bem assim o artigo 128 do Regimento de custas judiciarias, decreto numero [illegible] de 2 de Setembro de 1874, que abaixo vão transcriptos:

Tabella dos emolumentos

Da matricula de equipagem, por cada pessoa..... $080
Da matricula dos empregados na vida do mar, por cada pessoa..... $160
Do arrolamento de uma embarcação de alto bordo..... $640
Do arrolamento de uma embarcação menor..... $320
De uma licença de qualquer natureza..... $320
Por um termo qualquer em livro ou fora delle não sendo em processo $500
Por uma certidão..... $320
Tendo mais de uma pagina por cada uma..... $160
Por uma averbação em livro... $080

Artigo 128—Regimento de custas

1.° Nada perceberão pelas buscas de papeis, processos findos, ou parados até seis mezes.

2.° Passados trinta annos perceberão o que convencionarem com a parte que procurar papeis ou processos findos, ou parados durante esse tempo.

Passado, porem, esse tempo perceberão:
até um anno..... 1$000
de um a dois..... 2$000
de dois até trinta..... 5$000

Capitania do Porto do Estado do Maranhão 11 de Fevereiro de 1890.

O Secretario,

Ovidio Correia Pinto.

Matadouro publico.

De ordem do cidadão administrador do matadouro publico faço saber a quem interessar, que tendo sido apprehendidos dous carneiros por infracção do art. 85 do cod. de posturas municipal serão vendidos em leilão mercantil se no praso de oito dias a contar desta data 8 do corrente, não forem reclamados pelos seus respectivos donos, pagando a importancia da multa e mais despezas supervenientes. Administração do matadouro publico do Estado do Maranhão 10 de Fevereiro de 1890.

O escrivão,

Pedro Prazeres de Serra Miranda.

De ordem do Capitão do Porto, capitão tenente Leoncio Rosa, faço publico para conhecimento dos senhores proprietarios, consignatarios, gerentes, agentes commandantes ou mestres de vapores, que não sendo as vistorias feitas com a regularidade devida, por que são os requerimentos dirigidos á repartição, depois de findo o praso legal; por isso previno os de que serão multados no caso de não continuarem a cumprir os deveres que lhes são impostos. Outrosim que devem os machinistas declarar se as machinas e caldeiras estão em circumstancia de ser examinadas, e que, si por ventura a commissão julgar, que precisão de reparos indispensaveis, será o machinista multado de cincoenta a duzentos mil reis.

Capitania do Porto do Estado do Maranhão, 31 de janeiro de 1890.

O secretario,

Ovidio Correia Pinto.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO MARANHÃO

Viagens em Fevereiro de 1890.

Norte	1 e 15
Sul	4 e 18
Barreirinhas	7
Itapecuru	6, 16 e 28
Mearim	12 e 28
Pindaré	10 e 28

COMPANHIA FLUVIAL MARANHENSE

Viagens da companhia nas diversas linhas serão realisadas durante o mez de Fevereiro nos dias seguintes.

Linha do Munim em 1
« da Barra « 6
« do Cajapio « 9
« do S. Bento « 13
« do Grajahú « 15
« do Pindaré « 4 e 17
« do Mearim « 6 e 22
« Itapicurú « 11 e 21

A hora da partida será previamente annunciada.

Para S. Bento.
Transferencia.

Fica transferida para o dia 19 do corrente as 10 horas da noite a sahida do vapor «O. de Castro» para Caxias e escalas.

Fica transferida para o dia 19 do corrente as 10 horas da noite a sahida do vapor «Caxiense» para Pedreiras e escalas.

Para o Mearim.

O vapor «Gonçalves Dias» sahirá até Pedreiras no dia 22 a meia noite.

Recebe carga e passagem até 4 horas da tarde.

Fonte: WILLIAN E MORAES (2003, p. 310).

2.5 Macroestrutura

A constituição dos *corpora* desta pesquisa, a partir dos quais será analisada a ortografia do século XIX nas poesias sousandradinas, nas primeiras edições da obra Harpa de Ouro (1889/1899) e o Caderno Iconográfico (entre 1867 e 1894), resultará em um estudo ortográfico comparativo nessa obra com os documentos da Guerra da Balaiada (entre 1838 e 1842) em seguida uma análise com a ortografia atual. O conjunto dos documentos será organizado em tabelas, iniciando pela ortografia da época, a fim de facilitar a comparação a partir das diferenças gráficas. Só terão os mesmos formatos os documentos fac-símiles, pois os impressos terão apenas uma análise geral. Contudo, apresentam-se análises de informações, registrando-se as observações de cunho etimológico para uma melhor análise comparativa. Desse modo, organizam-se os resultados observando os seguintes aspectos:

a) Análise das palavras, levando-se em conta o ano de publicação dos documentos com o objetivo de verificar a mudança de uma década para outra.
b) Optou-se pela etimologia das palavras para conhecimento, análise e comparação dos vocábulos.

2.6 Microestrutura

Os campos propostos para análise aparecerão constituindo um conjunto de formas cujo objetivo descritivo será uniforme na estrutura da análise das obras que constituirão os *corpora* desta pesquisa. A orientação seguirá a seguinte fórmula: o número do arquivo com número do documento, página e linha, em seguida o próprio vocábulo escrito na ortografia da época, seguido do problema/ referência gráfica, depois a recorrência deste vocábulo, e finalmente a grafia atual.

Todos os documentos supracitados deram base para o estudo detalhado do sistema ortográfico da língua portuguesa, no século XIX, em São Luís do Maranhão. Dessa forma, no capítulo seguinte, apresenta-se o resultado do trabalho de registro e análise desse sistema ortográfico encontrado nesses *corpora*.

CAPÍTULO 3 - O SISTEMA VOCÁLICO E CONSONANTAL NO FAC-SÍMILE DE POESIAS DE SOUSÂNDRADE, NOS DOCUMENTOS DA GUERRA DA BALAIADA E NOS JORNAIS DO SÉCULO XIX

O objetivo principal deste capítulo é demonstrar como se estruturava o sistema vocálico e consonantal da língua portuguesa dentro do sistema ortográfico do século XIX, a partir de documentos encontrados no arquivo público de São Luís-Maranhão. Entre esses documentos destacam-se os poemas de Sousândrade, os documentos sobre a história da guerra da Balaiada e as primeiras páginas dos principais jornais que circulavam no Maranhão, àquela época.

Na tentativa de estabelecer a fidedignidade do sistema ortográfico dos documentos elencados considera-se a etimologia das palavras, as quais sofreram alteração ao longo do tempo, assim como analisam-se exemplares desses textos para melhor confronto com o Português atual. Trata-se então de analisar, nos diferentes gêneros de textos, o sistema ortográfico da língua portuguesa do século XIX.

3.1 A diferença entre vogal e consoante

A análise do sistema ortográfico de qualquer língua, independente do período em questão, exige, antes, reflexões do que é a escrita, pois é por meio dessa tecnologia que a ortografia se materializa

O objetivo primordial da escrita é permitir a leitura a qual se processa quando interpretada a partir dos símbolos escritos, traduzidos na linguagem oral. Cagliari apud Silva (2009, p. 18) define a escrita como uma “representação gráfica que permite a leitura”. Esta definição é fundamental para se entender qualquer aspecto relacionado a ela. O especialista acrescenta que:

> Com relação aos sistemas de escrita, é preciso sempre partir da ideia de que eles foram criados para permitir a leitura. [...] Ora, se o sistema de escrita permite a leitura, ele é uma representação da linguagem oral e só faz se associado à linguagem oral; não é uma linguagem independente, não vale por si. A escrita nunca é representação direta de um pensamento, porque este só existe na linguagem oral.

Ainda, para esse autor, a unidade básica de todo sistema de escrita é a palavra. Nenhum sistema de escrita transmite, diretamente, um significado ou um som. Toda representação escrita exige do leitor (ou do escritor, na hora de escrever) uma interpretação para traduzir o que está escrito em material próprio da língua oral. Segundo o autor:

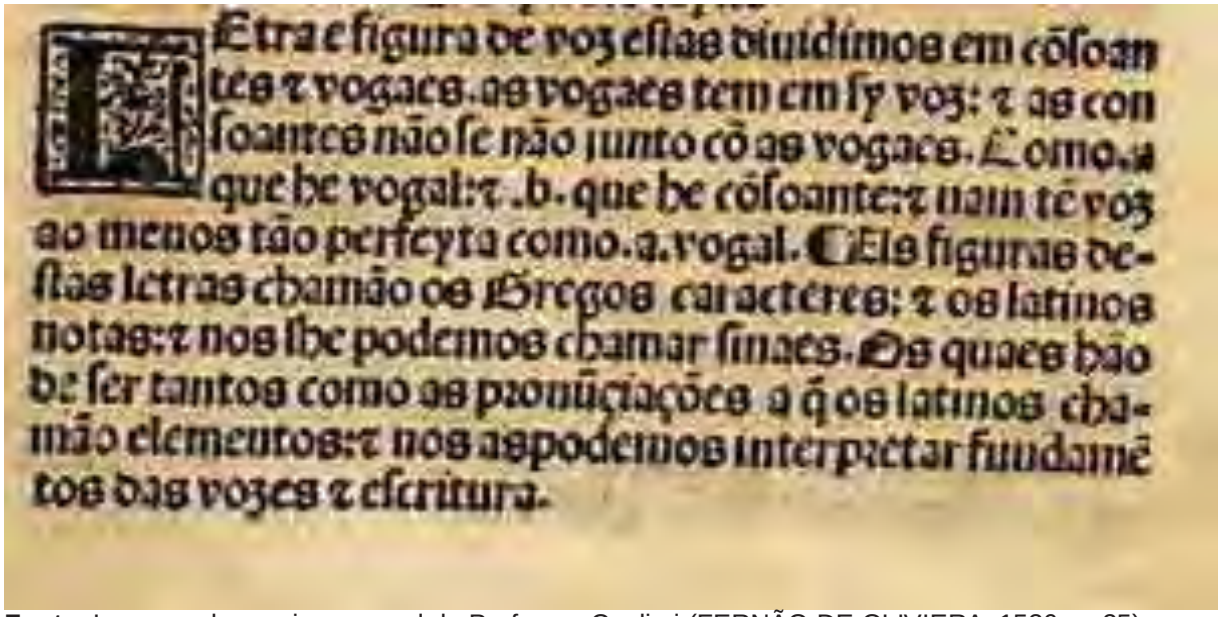
> A ortografia abriu caminho para a leitura em qualquer variedade dialetal. Isto ajudou muito o leitor que terá diante de si um mesmo texto, que poderá ser lido em diferentes pronúncias, de acordo com as conveniências sociais, como diz a sociolinguística. Para a escrita, porém, a ortografia complicou a vida do usuário. Agora, ninguém pode mais escrever como fala. Precisa escrever de acordo com a ortografia vigente. Isto requer um aprendizado a mais, além do simples ato de escrever alfabeticamente. (CAGLIARI, 1994a, p. 6).

O sistema ortográfico da língua portuguesa é composto de letras vocálicas e consonantais. A natureza fonêmica da ortografia portuguesa, assim como a dos sistemas ortográficos de outras línguas, garante a unidade do sistema de escrita. Se a escrita fosse fonética, isto é, se representasse exatamente os sons da fala, teríamos uma diversidade tamanha que a unidade da língua ficaria comprometida. Isso porque a escrita reproduziria, não só a imensa variedade dialetal brasileira, mas também aquela que se verifica entre os falares do português europeu e africano. Uma palavra cuja forma ortográfica única é ‘vestido’, por exemplo, pode ser pronunciada no português do Brasil de, no mínimo, cinco formas diferentes, [ves’tido], [vis’tido], [vis’tidu], [vis’tʃidu], ou [viʃ’tʃidu] dependendo do dialeto do falante. Se cada usuário da língua portuguesa escrevesse a palavra “vestido” da maneira como pronuncia seria um caos para a leitura. Nessa perspectiva, vale ressaltar aqui, as palavras do foneticista Cagliari (2004, p. 18) “a ortografia existe para neutralizar a variação linguística”.

Articulatoriamente, a diferença entre consoantes e vogais é que, para as consoantes, o ar é obstruído de alguma maneira, enquanto a passagem do ar é livre para as vogais. Os segmentos consonantais são sons de fala produzidos com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais, podendo haver obstrução total/parcial ou fricção da corrente de ar. Os segmentos vocálicos são sons produzidos por uma corrente de ar pulmonar egressiva que faz vibrar as cordas vocais normalmente. O que varia na produção dos sons vocálicos é a forma e o tamanho do trato vocal. (SILVA, 2003).

Na Gramática de Fernão de Oliveira (1536, p. 25), no sexto capítulo, o autor faz uma referência sobre a diferença entre os segmentos vocálicos e consonantais, no qual relata:

Figura 3.1 - Diferença entre letra e figura de voz


Letra e figura de voz estas diuidimos em cõsoan
tes e vogaes. as vogaes tem em sy voz: e as con
soantes não se não junto cõ as vogaes. Como.a
que he vogal: e .b. que he cõsoante: e nam tẽ voz
ao menos tão perfeyta como.a.vogal. Elas figuras de-
stas letras chamão os Gregos caracteres: e os latinos
notas: e nos lhe podemos chamar sinaes. Os quaes hão
de ser tantos como as pronũciações a q̃ os latinos cha-
mão elementos: e nos aspodemos interpretar fundamẽ
tos das vozes e escritura.

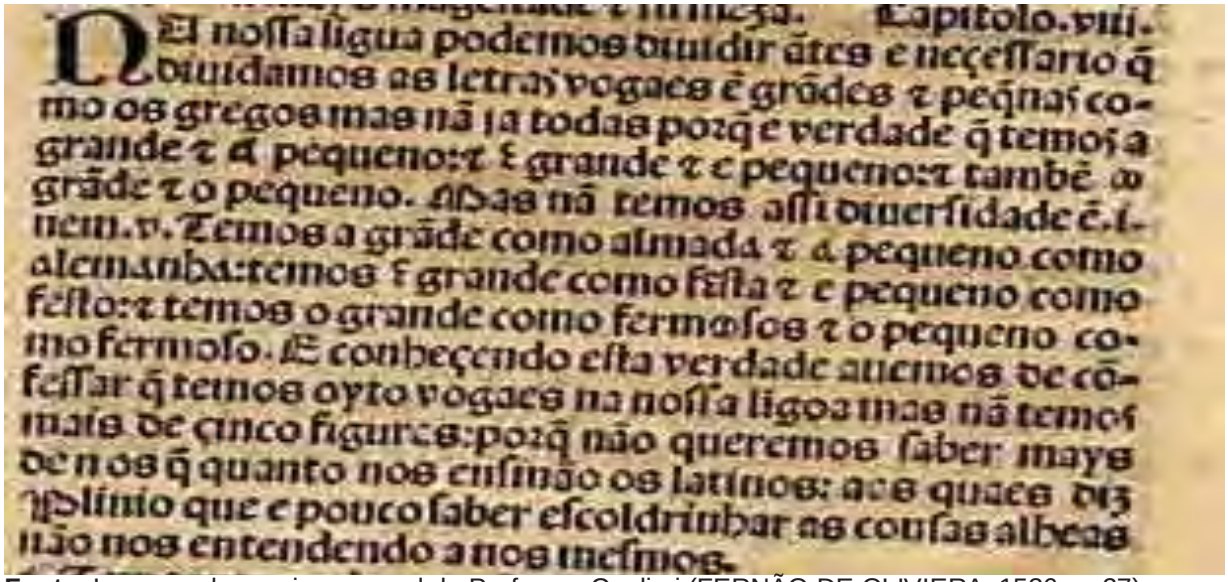
Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (FERNÃO DE OLIVIERA, 1536, p. 25).

Transcrição: *Letra é figura de voz estas dividimos em consoantes e vogais. As vogais tem em se voz: e as consoantes não se não juntas com as vogais.Como .A. que é vogal: .B. que é consoante: e não tem voz ao menos tão perfeita como .A. vogal. As figuras dessas letras chamam os gregos de caracteres: e os latinos notas: Nós lhe podemos chamar Sinais. Os quais hão de ser tantos como as pronunciações a quem os latinos chamam de elementos: e nós podemos interpretar fundamentos das vozes e escritura.*

Fernão de Oliveira descreve letra como figura de voz, ou seja, o que atualmente é considerado um fonema. Estas figuras são divididas em vogais e consoantes, sendo as vogais, aquelas figuras que possuem voz e as consoantes as que não possuem, senão junto com as vogais. Já a letra é por ele chamada de sinal.

Não muito diferente de Fernão de Oliveira, Madureira Feijó (1734) diferencia as vogais das consoantes, também pela relação da letra com a voz. Ambos os autores as diferenciam mostrando que as consoantes só produzem sons junto com as vogais. Estas são em números de oito, - [a, ɛ, e, i, o, ɔ, u, y], mas que não têm mais que cinco figuras. Oliveira (1536, p. 27), por sua vez, afirma:

Figura: 3.2 - Vogais grandes e pequenas



Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (FERNÃO DE OLIVIERA, 1536, p. 27).

Transcrição: *Na nossa língua podemos dividir antes e necessário que dividamos as letras vogais em grandes e pequenas como os gregos, mas não já todas porque é verdade que temos a grande e œ pequeno; e ɛ grande e e pequeno; e também ɯgrande e o pequeno. Mas não temos assim diversidade em .i. nem.v.Temos a grande como almada e œ pequeno como œlemœnha: temos ɛ grande como fɛsta e e pequeno como festo: e temoso grande como fermɯso e o pequeno como fermoso. E conhecendo esta verdade avemos de confessar que temos oito vogais na nossa língua, mas não temos mais de cinco figuras: porque não queremos saber mais de nos que quando nos ensinam os latinos: aos quais diz Plinio que é pouco saber escoldrilhar as coisas alheias não nos entendendo a nos mesmos.*

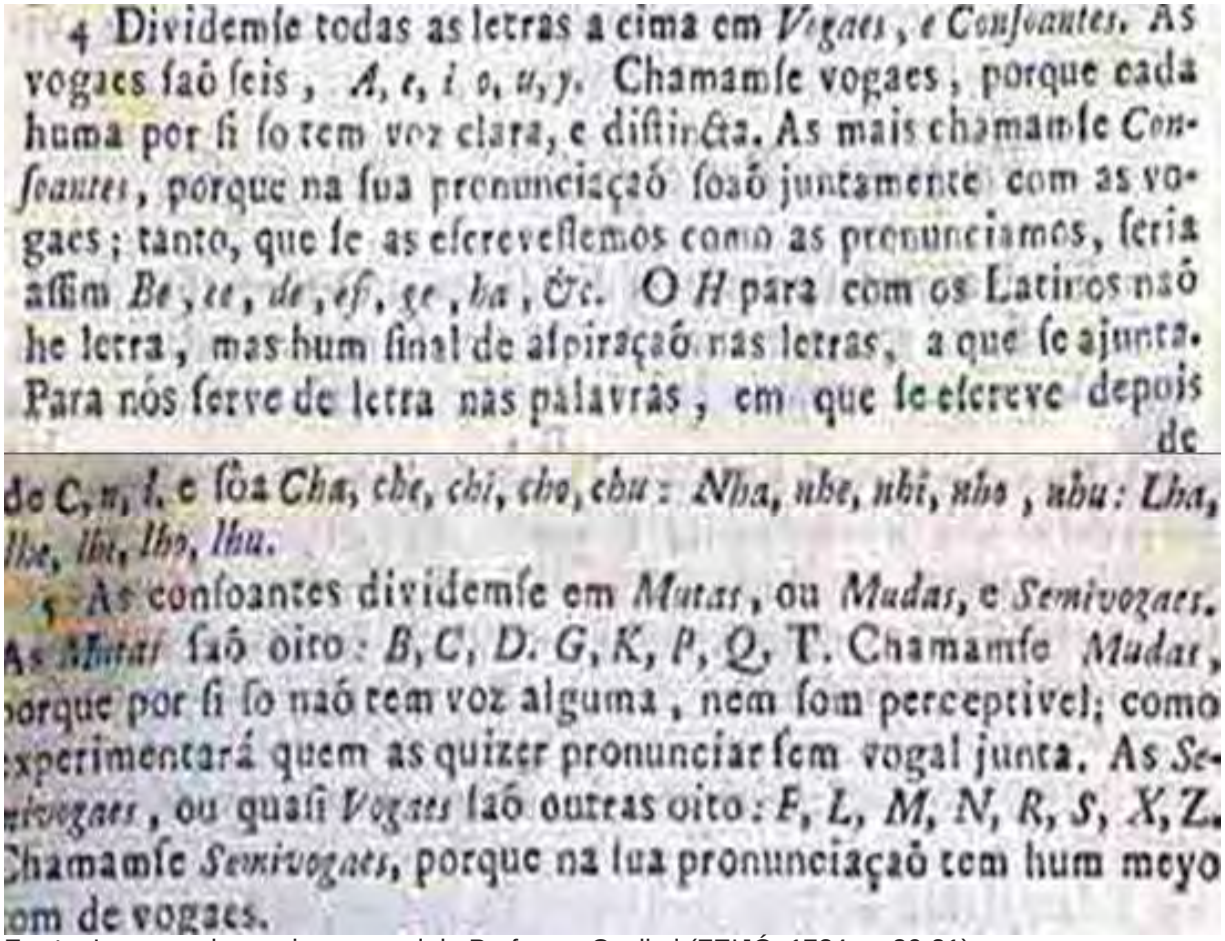
Oliveira (1536), na sua gramática, pontua que as vogais estão dividas em grandes e pequenas. O que ele chamou de grandes são as vogais abertas [a], [ɛ],[ɔ] e de pequenas as fechadas [e], [o], [u].

Para o referido autor, os gramáticos costumam:

> [...] repartir as letras consoantes em mudas e semivogais em qualquer língua, e esta é a principal causa de sua repartição, que as semivogais podem estar no fim das vozes como as vogais. E, portanto, se chamam semivogais, que quer dizer quase vogais. E as mudas, cujo nome é bem claro, não podem dar cabo às vozes. E deixadas outras razões desta divisão por esta que me a mim melhor parece: não há aí entre nós mais letras semivogais que somente estas: l, r, s e z [...]. As letras mudas são estas: b, c, d, f, g, m, n, p, q, t e x. Chamam-se mudas porque em si (não) têm voz alguma nem oficio ou lugar que lha dê (OLIVEIRA, 1536, p. 7-7v).

Feijó (1734, p. 20-21) em sua gramática “Orthographia ou Arte de Escrever, e Pronunciar com Acerto a Língua Portugueza” fez uma distinção sobre as vogais e consoantes:

Figura 3.3 - diferença entre vogal e consoante



4 Dividemſe todas as letras a cima em *Vogaes*, e *Conſoantes*. As vogaes ſaõ ſeis, *A, e, i, o, u, y*. Chamamſe vogaes, porque cada huma por ſi ſo tem voz clara, e diſtincta. As mais chamamſe *Conſoantes*, porque na ſua pronunciaçaõ ſoaõ juntamente com as vogaes; tanto, que ſe as eſcreveſſemos como as pronunciamos, ſeria aſſim *Be, ce, de, éfi, ge, ha*, &c. O *H* para com os Latinos naõ he letra, mas hum ſinal de aſpiraçaõ nas letras, a que ſe ajunta. Para nós ſerve de letra nas palavras, em que ſe eſcreve depois de C, n, l, e ſoa *Cha, che, chi, cho, chu: Nha, nhe, nhi, nho, nhu: Lha, lhe, lhi, lho, lhu.*

5 As conſoantes dividemſe em *Mutas*, ou *Mudas*, e *Semivogaes*. As *Mutas* ſaõ oito: *B, C, D, G, K, P, Q, T*. Chamamſe *Mudas*, porque por ſi ſo naõ tem voz alguma, nem ſom perceptivel; como experimentará quem as quizer pronunciar ſem vogal junta. As *Semivogaes*, ou quaſi *Vogaes* ſaõ outras oito: *F, L, M, N, R, S, X, Z*. Chamamſe *Semivogaes*, porque na ſua pronunciaçaõ tem hum meyo ſom de vogaes.

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (FEIJÓ, 1734, p. 20-21).

Transcrição: *4. Dividem-se todas as letras acima em Vogais e Consoantes. As vogais são seis, A, e, i, o, u, y. Chamam-se vogais, porque cada uma por si só tem voz clara, e definida. As mais chamam-se de Consoantes, porque na sua pronunciação soam juntamente com as vogais; tanto que se as escrevêssemos como as pronunciamos seriam assim be, ce, de, efi, Ge, aha e jota. O H para os latinos, não é letra, mas um sinal de aspiração nas letras, a que se junta. Para nós serve de letra nas palavras, em que se escreve depois de C, N, L, e soa Cha, Che, Chi, Cho, Chu, Nha, Nhe, Nhi, Nho, Nhu, Lha, Lhe Lhi, Lho, Lhu.*

5. As Consoantes dividem-se em Mutas ou Mudas, e Semivogais. As Mutas são oito: B, C, D, G, K, P, Q, T. Chamam-se Mudas, porque por si só não tem voz alguma, nem som perceptível; como experimentará quem as quizer pronunciar sem a vogal junta. As semivogais, ou quase vogal são outras oito: F, L, M, N, R, S, X e Z.. Chamam-se semivogais porque na sua pronunciação tem um meio tom de vogais.

Para Feijó todas as letras são divididas em vogais e consoantes, as vogais eram assim chamadas devido à clareza na voz e eram em número de seis [a, e, i, o, u, y]. As consoantes, na sua pronúncia, segundo ele, eram produzidas como as vogais:

> [...] tanto que se escrevêssemos como pronunciamos teríamos os sons *be, ce, de, efi*, Ge, etc. (...) As consoantes dividem-s em mutas ou mudas e semivogais. As mudas são oito – B, C, D, G, K, P, Q, T. Chamam-se Mudas porque por si só não tem voz alguma, nem som perceptível, como experimentará que as quizer pronunciar sem a vogal junta. (FEIJÓ, 1734, p. 21).

Coutinho (1973) define um som vocálico como fonemas que ao serem produzidos ocorrerá uma vibração da glote e irá passar pela boca, sem encontrar obstáculo. E as consoantes são fonemas resultantes do obstáculo oposto pelos órgãos bucais à corrente de ar, sonorizada ou não pela glote. O autor acrescenta que:

> Não se julgue que exista diferença radical entre vogais e consoantes. Um abrimento maior ou estreitamento do tubo vocal poderá determinar a transição de uma espécie para outra, fazendo que as vogais se transformem em consoantes, e vice-versa. (COUTINHO, 1973, p. 93).

Ao pronunciarmos palavras formadas tanto por sons vocálicos quanto consonantais, estamos traduzindo padrões fônicos mentais, aos quais chamamos de fonemas. Os sons são ilimitados em termos articulatórios e acústicos, podendo não ser nunca exatamente iguais. Já os fonemas são poucos, mas sempre os mesmos. Na escrita, o sistema de sinalização visual acontece semelhante ao da fala. Escrevemos e desenhamos letras que traduzem modelos gráficos mentais aos quais denominamos “grafemas”.

Bloomfield, na esteira do pensamento lingüístico de Sapir, postulou que fonema “seria uma unidade mínima de traços sônicos distintivos”. Para Trubetzkoy e Jakbson, fonema é um conjunto de traços fonologicamente relevantes numa estrutura fônica. (CAMARA JR., 1980, p. 30,31).

Um mesmo fonema varia, na sua realização, de acordo com o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante. No português isso acontece com o fonema /l/, quando pré-vocálico ele é dental ou anterior e quando pós-vocálico é posterior ou velar, por exemplo*: liberdade, immortal*. Por outro lado, sendo o fonema um conceito da língua oral, não deve ser confundido com a letra da língua escrita.

Trubetzkoy (apud CÂMARA JR, 2008) distingue o segmento vocálico do consonantal através de um critério distributivo de que as vogais podem sempre estar na posição de núcleo de sílaba, enquanto as consoantes, em muitas línguas, não podem. Para o autor, as consoantes do sistema ortográfico português não possuem função silábica e o núcleo da sílaba será sempre uma vogal. (CÂMARA JR, 2008, p. 51).

Vogais e consoantes são sons produzidos dentro de padrões mentais, como já citado anteriormente, que permitem codificar e decodificar um número infinito de mensagens faladas e escritas. Em relação às consoantes pode-se verificar:

a) o uso de mais de uma letra para um só fonema; Tem-se para exemplificação alguns modelos retirados dos *corpora* em estudo:

Para o fonema /s/ - letras C, Ç, SS e Z (entre vogais)

Quadro 3.1 - Representação do fonema /s/ nos corpora

Harpas de Ouro	*Documentos da Guerra*	*Jornais*
Ceos	província	Lyceu
Secção	amiaçada	Pontissima
cassino	consecuençias	Acções
revèzes	vantajozo	Brazileira

b) o uso de uma só letra para mais de um fonema:

Para os fonemas /k, ʃ / - letras CH, X

Quadro 3.2 - Representação do fonema /k / e /ʃ/ nos *corpora*

Harpas de Ouro	*Documentos da Guerra*	*Jornais*
Eucharistia	marche	Christã
Chita	achavão	Catechismo
Paixão, rouxinoes	caxias, lanxão	Luxo
choro	*Obs:* Não foi encontrada nenhuma palavra com a letra X com o som de /K/	Complexo

As vogais do português são representadas por Câmara Jr (1980, p. 41) por um triângulo, em que de um lado há uma série de vogais anteriores com um avanço

da parte anterior da língua gradualmente elevada e de outro uma série de vogais posteriores com um recuo da parte superior da língua gradualmente elevada. Ao produzir-se há um arredondamento gradual dos lábios.

Cagliari (2007b) distingue a relação entre sons e letras, mostrando que essa relação leva a um objetivo que é a decifração e a leitura e acrescenta ainda que a "passagem das letras para os sons necessita de apenas algumas regras". Do ponto de vista da leitura é importante saber decodificar a palavra para que o leitor ao ler, utilizando sua variação dialetal, compreenda a mensagem. Do ponto de vista da escrita, o usuário deve conhecer a grafia das palavras que escreve, diferenciando um segmento consonantal de um vocálico, sabendo a ordem que elas aparecem para que haja sentido. O autor distingue, ainda, os segmentos vocálicos dos consonantais a partir de seus aspectos acústicos e diz:

> As vogais se distinguem das consoantes pelo fato de terem uma qualidade acústica específica, pelo modo como são articuladas e pela maneira como participam na formação das sílabas. Numa sílaba, por exemplo, podemos ter uma vogal precedida e seguida de consoantes, mas não podemos ter uma sílaba com uma consoante precedida e seguida de uma vogal. (CAGLIARI, 2007b, p. 51).

Segundo Câmara Jr. (2008), os sons vocais elementares são classificados em vogais ou consoantes. Para ele, a divisão resulta de processo da parte de quem fala e de quem ouve. Segundo a tradição da corrente estruturalista, o referido autor apresenta dois critérios para estabelecer a diferença entre vogal e consoante. No primeiro critério, o autor considera a vogal como sendo um som produzido pela ressonância bucal em que a corrente de ar passa sem impedimento algum. No segundo critério, na passagem da corrente de ar, ocorre uma oclusão ou fechamento, uma contrição ou um aperto, uma oclusão parcial ou uma tremulação da língua imprimindo uma vibração à corrente de ar, produzindo uma consoante.

As relações que se estabelecem entre o sistema de sons da língua e o sistema ortográfico foram mostrados por Lemle (1982), no qual analisa o sistema de consoantes descrevendo dois tipos de relações que se estabelecem entre fonemas e grafemas: as biunívocas e as múltiplas. A relação biunívoca ocorre quando um fonema tem apenas uma representação gráfica e esta corresponde a apenas um fonema. A seguir podem-se observar os casos em que tal relação se verifica:

Quadro 3.3 - Relações biunívocas

FONEMA	GRAFEMA	EXEMPLOS
/p/	‘p’	Prometheus,pae
/b/	‘b’	bello, lábio, isabell,
/t/	‘t’	Tectos,
/d/	‘d’	Della, ideaes
/ f /	‘f’	Fôra, Cofre
/v/	‘v’	Verdosas, desvelos

As relações múltiplas definem-se pelo fato de haver um grafema representando vários fonemas ou um fonema para vários grafemas. Exemplos desse tipo de relação estão apresentados a seguir, nos quadros abaixo.

Quadro 3.4 - Relações múltiplas: um grafema representando vários fonemas, de acordo com a posição

GRAFEMA	*FONEMA*	*EXEMPLOS*
‘r’	/x/ / ɾ/	rubor, refractaio Choro, oiro
‘c’	/k/ /s/	Corôas, volcão Ceos, ausência
‘s’	/s/ /z/	Serpentes , hóstia, pés Malicioso, rosal
‘g’	/g/ /ʒ/	Sangue, algas, governo Imagem, gentil

Quadro 3.5 - Relações múltiplas: um fonema representado por vários grafemas

FONEMA	*GRAFEMA*	*EXEMPLOS*
/s/	‘ss’ ‘sc’ ‘sç’ ‘xc’ ‘ s’ ‘c’ ‘ç’ ‘x’	Assi, scismo adolesça, Sorriu, infanticídio, berço,
/x/	‘r ’ ‘rr’	Rir, torre
/ʒ/	‘ j’ ‘g’	ja Lactejante, relógios
/g/	‘g’ ‘gu”	Guesa, agoiro

Nos quadros 3.4 e 3.5, apresentam-se exemplos de relações múltiplas sem que se fizesse menção ao contexto em que tais relações se estabelecem. Não se pode deixar de referir que o reconhecimento do contexto leva a uma redução do número de alternativas para grafia de certos fonemas. Observe o caso do fonema /s/, por exemplo. Como pode-se ver no quadro 3.5, são oito os grafemas disponíveis no sistema para representá-lo, porém, existem limitações para o uso de alguns deles. O 'ss' assim como os demais dígrafos, 'sc'/'sç' e 'xc', por exemplo, só podem ser utilizados entre vogais, o que reduz as opções de grafias disponíveis.

É, pois, nesse contexto histórico de difusão de palavras escrita e falada com segmentos vocálicos e consonantais que se pesquisa sobre o uso da grafia no português do Brasil, mas antes discute-se o sistema vocálico e consonantal do português.

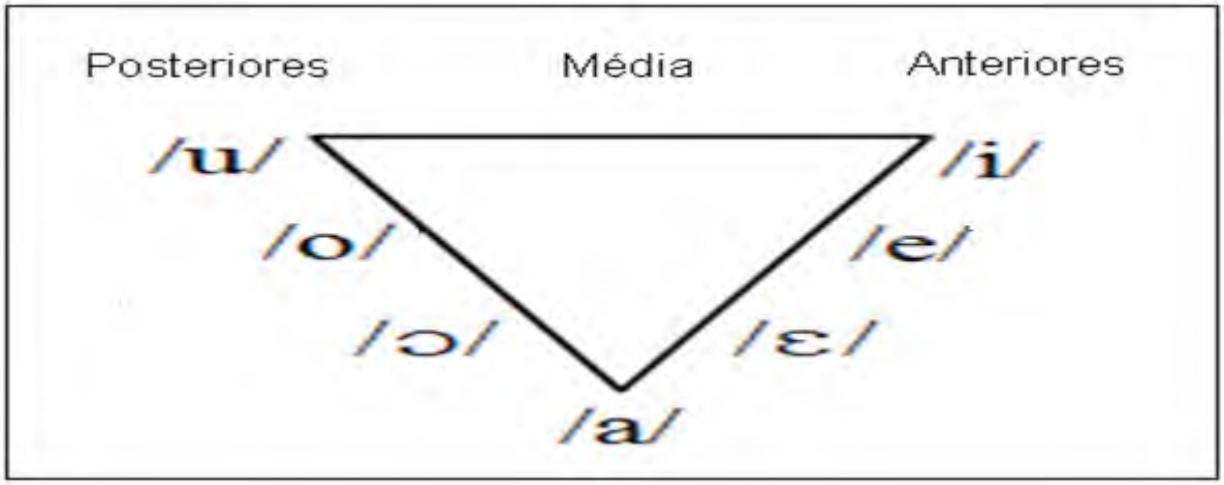
3.2 O sistema vocálico do português

No sistema vocálico do português no Brasil, segundo Bisol (2005), existem regras fonológicas que nele atuam às vezes por razões prosódicas, fonotáticas e por razões morfológicas. Muitas vezes são as vogais médias, alvo destas regras fonológicas que sofrem mais alterações, ora alternando entre si,ora alternando com as vogais altas. (BISOL, 2005, p. 171).

Conforme já afirmado, Mattoso Câmara (2008) representou as vogais de forma triangular, assim como fez Trubetzkoy. De acordo com a figura 3.4 abaixo, o autor apresenta esses fonemas dividindo-os em partes, de um lado do triângulo, ele colocou uma série de vogais, que denominou de anteriores, devido ao avanço da parte anterior da língua e do outro lado, outra série de vogais, com um recuo da parte posterior da língua gradualmente elevada. Nestas vogais também há um arredondamento gradual dos lábios. Ainda de acordo com o autor, o sistema vocálico do português é composto por sete vogais que contrastam em sílaba tônica, b/a/la, b/ɔ/la, b/o/ca, s/ɛ/ca, s/e/co, f/u/ja, f/i/go. Para Cagliari (2007) as vogais articulam-se em quatro níveis de altura em relação à posição mais fechada até a mais aberta dos articuladores. Elas podem ser também articuladas com ou sem protrusão. As vogais são fonemas produzidos apenas pela vibração da glote, e passam pela boca, sem encontrar obstáculo.

Além do que foi dito até aqui, é preciso chamar a atenção para o fato de as vogais portuguesas serem normalmente representadas pelo que Trubetzkoy chamou de triângulo vocálico e que Câmara Jr. (2008), no sistema do português organizou conforme mostrado a seguir:

Figura 3.4 Triângulo das vogais



Fonte: CÂMARA Jr, 2008.

No português do Brasil a posição da vogal tônica diante de consoante nasal na sílaba seguinte elimina as vogais médias do 1º grau /ɛ/ e /ɔ/ e torna a vogal baixa central levemente posterior em vez de anterior, o que auditivamente lhe imprime um som abafado. (BISOL, 2005).

Segundo Câmara Jr. (2008), a configuração do sistema de vogais do português se modificaria caso o /a/, como disse o autor, “abafado” posterior que aparece diante de consoante nasal, como em *ano, amo*, fosse levado em conta.

Nos *corpora* em estudo encontraram-se várias palavras como em:

Quadro 3.6 - Letra /a/ diante de consoante nasal

Harpas de Ouro	**Documento da Guerra**	**Jornais**
Chamma	Annos, também	Anjo
Manhan	Vantajozo	Programma
Annelão	Anhelamos	Maranão

O autor denomina esse processo de alofonia, que é uma variante posicional ou combinatória.

No Português Brasileiro, encontra-se no sistema vocálico: a vogal baixa /a/, as vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/ as vogais médias /o/ e /e/, e as vogais altas /u/ e /i/, sendo assim caracterizado desde Câmara Jr. (1980). Na variedade oral, devido à alternância nas articulações da fala, mapeamentos diferentes ocorrem nas posições pretônica, tônica, postônica e átona final. Dessa forma, o sistema vocálico do português brasileiro passa por um processo de redução que pode ser identificado por sete vogais na sílaba tônica, as quais são reduzidas para cinco na posição pretônica, para quatro na posição postônica não-final e três na posição átona final.

A distribuição das vogais do Português Brasileiro conforme Câmara Jr., (1980) é apresentada nos quadros abaixo.

(1) Vogais em posição tônica

Quadro 3.7. Vogais tônicas

VOGAIS TÔNICAS			
	POSTERIOR	**CENTRAL**	**ANTERIOR**
ALTAS	/u/		/i/
MÉDIAS 2^{O} GRAU	/o/		/e/
MÉDIAS 1^{O} GRAU	/ ɔ/		/ɛ/
BAIXA		/a/	
	ARRED.		NÃO-ARRED.

Fonte: CÂMARA JR. (1980, p. 41).

Isso significa que, no contexto da sílaba tônica, os sons vocálicos criam oposição do tipo: s[a]co, s[e]co, s[ɛ]co, s[o]co, s[ɔ]co, s[i]lo, s[u]co. Sendo assim, Câmara Jr. (1980) apresenta as vogais em posição tônica diante de consoante nasal da seguinte forma:

(2) Vogais em posição tônica diante de consoante nasal

Quadro 3.8 - Vogais tônicas diante de nasal

VOGAIS TÔNICAS DIANTE DE NASAL			
POSTERIOR	**CENTRAL**	**ANTERIOR**	
ALTAS	/u/		/i/
MÉDIAS 2^{O} GRAU	/o/		/e/
MÉDIAS 1^{O} GRAU	-		-
BAIXA		/a/ - /ã/	
	ARRED.		NÃO-ARRED.

Fonte: CÂMARA JR. (1980, p. 43).

Desta mesma forma Câmara Jr. reduziu essas vogais para cinco na posição pretônica, o que o autor denominou de neutralização, isto é, a perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas em uma unidade fonológica: b[ɛ]lo - b[e]leza, caf[ɛ] - caf[e]teira.

(3) Vogais em posição pretônica

Quadro 3.9 - Vogais pré-tônicas

VOGAIS PRÉ-TÔNICAS			
	POSTERIOR	**CENTRAL**	**ANTERIOR**
ALTAS	/u/		/i/
MÉDIAS 2^{O} GRAU	/o/		/e/
MÉDIAS 1^{O} GRAU	/ ɔ/		/ɛ/
BAIXA		/a/	
	ARRED.		NÃO-ARRED.

Fonte: CÂMARA JR. (1980, p. 43).

Constata nessa posição – pretônica além da neutralização das vogais mé dias de 1º e 2º graus, a harmonia vocálica, na qual as vogais médias pretônicas assimilam a altura da vogal alta da sílaba seguinte. Sendo assim, encontram-se variantes do tipo: b[o]lacha - b[u]lacha, p[e]pino - p[i]pino. Bisol (2005, p. 173) mostra

que “esse fenômeno não possui o caráter fonológico da neutralização mencionada. Trata-se de variação, que não provoca alteração no sistema”.

Quando a vogal aparece em posição postônica não-final, a neutralização dá-se entre as posteriores /o/ e /u/, mas não entre as anteriores /e/ e /i/, como se observa abaixo:

(4) Vogal em posição postônica não-final

Quadro 3.10 - Vogais pós-tônicas não finais

VOGAIS PÓS-TÔNICAS NÃO FINAIS			
	POSTERIOR	**CENTRAL**	**ANTERIOR**
ALTAS	/u/		/i/
MÉDIAS 2^{O} GRAU	-		-
MÉDIAS 1^{O} GRAU	/e/		/ɛ/
BAIXA		/a/	
	ARRED.		NÃO-ARRED.

Fonte: CÂMARA JR. (1980, p. 44).

Enfim, as vogais em sílabas átonas finais seguidas ou não de s, ficam reduzidas a três uma vez que ocorre a neutralização entre as vogais médias e as altas.

(5) Vogais em posição final diante de s ou não

Quadro 3.11 - Vogais pós-tônicas finais diante de s ou não

VOGAIS PÓS-TÔNICAS FINAIS DIANTE DE S OU NÃO			
	POSTERIOR	**CENTRAL**	**ANTERIOR**
ALTAS	/u/		/i/
MÉDIAS 2^{O} GRAU	-		-
MÉDIAS 1^{O} GRAU	-		-
BAIXA		/a/	
	ARRED.		NÃO-ARRED.

Fonte: CÂMARA JR.(1980, p. 44).

Com essas vogais átonas finais diante de /s/ ou não, Câmara Jr (1977) afirma que do ponto de vista fonêmico não há oposição distintiva entre essas vogais reduzidas /i/ e /u/. Na posição átona final essas vogais são falsamente tidas como intermediárias que figuram sistematicamente em vez do /e/ e do /i/ de um lado e de outro, em vez do /o/ e do /u/. O autor lembra que a atual ortografia, inspirada em Gonçalves Viana (1892), adotou as formas **quase** e **tribo** em vez dos tradicionais *quasi* e *tribu*. Para Câmara Jr. (1977), o princípio fonêmico que subjaz nesse contexto, é a indistinção entre /e/ e /i/ e /o/ e /u/ em posição átona final.

Nos *corpora* em estudo foram encontrados todos os grafemas do sistema vocálico. Apresenta-se a seguir uma relação de algumas palavras encontradas nas análises feitas e distribuídas em cada corpus.

3.2.1. Ocorrências da vogal A

Em início de palavras:

Quadro 3.12 - Ocorrência da vogal **a** no início de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Asacinar - assassinar	Aureo porto - aeroporto	Anno - ano
Agoa - água	Abysmo - abismo	Aparas - aparas
Asem - assim	Areial - areia	Acções - ações
Amanhan - amanhã	Aquellas - aquelas	Cathecismo - catecismo
Altar. - altar	Acta - ata	Aulas - aulas

Fonte: Elaborado pela autora.

No interior de palavras:

Quadro 3.13 - Ocorrência da vogal **a** no interior de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Cajás - cajás	Officiaes - oficiais	Manda - manda
Gerais - gerais	Familias - famílias	Cadeia - cadeia
Paes - pais	Armada - armada	Aberta - abertas
Brasil - Brasil	Attacal-a, - atacá-la	Garrafas - garrafas
Paixão - Paixão	Patria - pátria	Baptista - Batista

Fonte: Elaborado pela autora.

No final de palavras:

Quadro 3.14 - Ocorrência da vogal **a** no final de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Esposa - esposa	Peleija - peleja	Moda - moda
Fòrma - forma	Provincia - província	Alugada - alugada
Exalma - exalta	Dezeja - deseja	Musica - música
incarna - encarna	Sima - cima	Lingoa - língua
S'esmigalha-se esmigalha	Caza - casa	Profana - profana

Fonte: Elaborado pela autora.

3.2.2 Ocorrências da vogal E

Em início de palavras:

Quadro 3.15 Ocorrência da vogal **e** no início de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Elle - ele	elles - eles	Effectuar - efetuar
Espelhos - espelho	Endagar - Indagar	Espera-se - espera-se
Eterno - eterno	Estão - estão	Economia - economia
Ella - ela	Eu - eu	Effeito - efeito
Escravo - escravo	Entre - entre	Evangelho – evangelho

Fonte: Elaborado pela autora.

No interior de palavras:

Quadro 3.16 - Ocorrência da vogal **e** no interior de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Leito - leito	Demettido - demitido	Semmanario – semanário
Ceos - céus	Prezidente – presidente	Tecido – tecido
Cabellos - cabelos	Leys – leis	Poesia – poesia
Lealdade - lealdade	Geraes – gerais	Céo - céu

Fonte: Elaborado pela autora.

No final de palavras:

Quadro 3.17 - Ocorrência da vogal **e** no final de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Sente	Elles - eles	Baile – baile
Prudente	Deixeçe - deixasse	Expediente- expediente
Lealdade - lealdade	Deçe - desse	Café - café
Noite – noite	Chorre - chore	Vende-se - vende-se

Fonte: Elaborado pela autora.

3.2.3 Ocorrências da vogal I

Em início de palavras:

Quadro 3.18 - Ocorrência da vogal **i** no início de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Imperio - império	Iguará - Iguará	Içada – içada
Idylico - idílico	Imperio - império	Intendencia- intendência
Idade - idade	Imediato- imediato	Imprensa – imprensa
Infesto - infesto	Intento – intento	Inspectoria – inspetoria
	Interga – entrega	

Fonte: Elaborado pela autora.

No interior de palavras:

Quadro 3.19 - Ocorrência da vogal **i** no interior de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Lyrios - lírios	Villa - vila	Acima - acima
Victima - vítima	Seburbios - subúrbios	Sortimento– sortimento
Ouvide - ouvide	Emissarios- emissários	Prateleira – prateleira
Oiro - ouro	Mil - mil	Linguas - línguas
		Quase - quase

Fonte: Elaborado pela autora.

No final de palavras:

Quadro 3.20 - Ocorrência da vogal **i** no final de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Aprendei vós - aprendi	Bemtevi -bem-te-vi	Ali - ali
Hei - hei	Quase - quasi	Lei - lei
Forjai vós - forjar	Somenti - somente	
Assi - assim	Illustri - ilustre	

Fonte: Elaborado pela autora.

3.2.4 Ocorrências da vogal O

Em início de palavras:

Quadro 3.21 - Ocorrência da vogal **o** no início de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Oromaso - oromasco	Oito - oito	Obra - obra
Oh - oh	Officiaes - oficiais	Ovidio - ovídio
Onde - onde	Ontem - ontem	Os - os
Oiço - ouço	Oratorio – oratório	
	Odios - ódios	

Fonte: Elaborado pela autora.

No interior de palavras:

Quadro 3.22 - Ocorrência da vogal **o** no interior de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Ho! Hostia - hóstia	Fogo - fogo	Povo
Amor - amor	Deos - deus	Moysés - Moises
Cofres - cofres	Portos - portos	Prosa - prosa
Consorte - com sorte	Motivo - motivo	Dominio - domínio

Fonte: Elaborado pela autora.

No final de palavras:

Quadro 3.23 - Ocorrência da vogal **o** no final de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Creio - creio	Facto - fato	Disto - disto
Hombro - ombro	Aconteceo - aconteceu	Efeito - efeito
Lirio - lírio	Piqueno - pequeno	Intervallo - intervalo
Comtigo - contigo	Socego - sossegar	Assumpto – assunto
		Estylo – estilo

Fonte: Elaborado pela autora.

3.2.5 Ocorrências da vogal U

Em início de palavras:

Quadro 3.24 - Ocorrência da vogal **u** no início de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Uns - uns	Um - um	Um - um
Um - um	União - união	Uma – uma
União - união	Única - única	
Unam - unam	unace - una-se	

Fonte: Elaborado pela autora.

No interior de palavras:

Quadro 3.25 - Ocorrência da vogal **u** no interior de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
rumor - rumor	Reuna - reúna	Literattura - literatura
Fructos - frutos	Jurarão - juraram	Musica - música
Sepulchro - sepulcro	Absuluta - absoluta	Salutare - salutar
Juvente - juventude	Povuação - povoação	Capitulo - capítulo

Fonte: Elaborado pela autora.

No final de palavras:

Quadro 3.26 - Ocorrência da vogal **u** no final de palavras

Harpa de Ouro	Documentos da Guerra	Jornais
Apagou - apagou	Abreu - Abreu	Creou – criou
Corou - corou	Chegou - chegou	Cururupú – Cururupu
Eu - eu	Estou - estou	Chapeu - chapéu
veiu - veio	Au - ao	Despachou-se - despachou

Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se observar na análise dos *corpora* que a vogal **u** acontece no final de palavras, com maior frequência em verbos no pretérito perfeito do indicativo, e nos ditongos; e a vogal **i** em final de palavra e, também em ditongos. Acredita-se que essas ocorrências sejam marcas de oralidade dos falantes produtores dos textos. Nos quatro jornais que circulavam em São Luís, naquela época, a ocorrência da vogal**u** em início de palavras foi restrita, talvez pelo não uso nestes jornais.

Observa-se que a vogal *i* apresenta pouquíssima ocorrência em final de palavras, isso pode ter ocorrido devido ao tipo de gênero - o jornalístico – que se valia de uma linguagem mais formal e, possivelmente, era produzido para leitores com nível de letramento maior. As vogais a, e, e o aparecem com maior ocorrência, nos contextos: inicial, medial e final, em todas as classes gramaticais.

No levantamento das ocorrências em posição de núcleo silábico, todas as vogais ocorrem nos contextos: inicial, interior e final. A seguir demonstram-se as semivogais i e u.

3.3 As semivogais I e U

Semivogais são os fonemas i e u, quando formam sílaba com uma vogal. São caracterizados pelo timbre, próprio das vogais, e pelo ruído, próprio das consoantes. (CARVALHO e NASCIMENTO, 1987, p. 31).

As semivogais, também conhecidas como semivocóide, semicontóide, vogal assilábica, semivogal e glide (SILVA, 2003) sempre acompanham alguma vogal, com a qual formam uma sílaba. Portanto, nunca haverá uma sílaba com apenas uma semivogal. Desta forma, as semivogais nunca farão o papel de núcleo da sílaba, posto que este é sempre desempenhado por uma vogal. Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais) quando assilábicas e acompanhandouma vogal numa mesma sílaba.

Representam-se fonologicamente as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/. (BECHARA, 2001, p. 66). O quadro abaixo demonstra todos os fonemas que são representados pelas vogais i e u.

SEMIVOGAIS

Quadro 3.27 - Representação das vogais **i** e **u**

Letras	**Fonemas**	**Representação gráfica**	**Representação fonética**
e - i	/y/ (som de i)	Vitae / Paes / Lei	/vitay/ /pays/ /ley/
o - u	/w/ (som de u)	Ceo / Couber	/sew/ / kowber/
m*	/y/ e /w/	Sentem / Cantam	/sëtëy/ / kãtãw/
n*	/y/	Munin	/ muniy/
* São semivogais somente nos encontros am, em e en, em final de palavra			

Fonte: Elaborado pela autora.

Câmara Jr. (2008) afirma que entre as vogais existem duas mais fechadas (/i/, /u/) que têm função assilábica como vogal que auxilia os ditongos. Quando emitem-se os fonemas (/i/, /u/) seguidos ou precedidos de uma vogal, formando uma só sílaba, pode-se notar um pequeno ruído ao pronunciá-los. Foi a partir deste aspecto que os foneticistas diferenciaram esses dois sons das outras vogais e os denominaram de semivogais. A combinação de uma vogal com uma ou mais semivogais forma o *hiato*, o *ditongo* e o *tritongo*, aspectos que serão vistos mais adiante.

Coutinho (1976) mostra que a semivogal **i** passou, ortograficamente, a **j** a partir do Renascimento, assim como a semivogal **u** passou a **v**. Para exemplificar,

tem-se algumas palavras como: iam > já, ianuariu > janeiro, ous > vós, nouu > novo. Estes fatos não ocorrem nos *corpora* analisados.

Demonstram-se a seguir exemplos de semivogais nos*corpora*em estudo:

Quadro 3.28 - Semivogais nos *corpora*

Harpa de Ouro	**Documentos da Guerra da Balaiada**	**Jornais**
Vaidoso (estrofe 101. 04) Maus (estrofe 138,02)	Traiçons (doc 11.04) Cauzas (doc 02,16)	Traeira (jornal 3)
Hei (estrofe 114,01 Deus (estrofe 136.01)	Deixe (doc 10,02) Forneceu (doc 23.04)	Primeiro (jornal 1) Leques (jornal 2)
Oiro (estrofe 107,02) Outrora (estro 140,03)	Dois (doc 07,02) Couber (doc 06. 13)	Semannario (jornal 1) Depois (jornal 4)
Esquicha (estrofe 139.02) Quis (estrofe 132.01)	Quizerão (doc 14,09) Dicidiu (doc 06,01)	Freguesias (jornal 4)

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com Câmara Jr. (1980), em português, as vogais nasais apresentam um problema análogo às assilábicas, o que se demonstra a seguir.

3.4 As Vogais Nasais

Nas línguas do mundo, a nasalidade das vogais apresenta formas estruturais diferentes: a primeira nos termos de Câmara Jr.(1980), é a nasalidade pura da vogal, a segunda forma é o resultado da vogal com uma consoante nasal da sílaba seguinte do mesmo vocábulo. Segundo o autor, esse último tipo de nasalidade não funciona para distinguir formas, uma vez que não é de natureza fonológica, como em *cama, ano, lema.* Mas, nas palavras *lança, cinto* e *lenda*, a emissão nasal da vogal é fonológica, tem valor distintivo, isto é,o vocábulo *lança* distingue-se de *laça,cinto* de *cito* e *lenda* de *leda*. É a partir dessas formas estruturais que Câmara Jr. tem uma concepção sobre vogais nasais afirmando que se trata de um conjunto de vogal seguida de consoante nasal na mesma sílaba.

Segundo Câmara Jr., a nasalidade da vogal em português é “consequência obrigatória do travamento da sílaba pelas consoantes nasais /m/ e /n/ depois de uma vogal”. Para ele, em português não existem vogais nasais e sim vogais nasalizadas pelas consoantes nasais em final de sílaba. Ele analisa a consoante nasal de travamento como um arquifonema[27] representado pelo fonema /N/. (CÂMARAapud BISOL, 2005, p. 175).

Para Silva (2003), as vogais nasais são produzidas pelo abaixamento do véu palatino, permitindo a corrente de ar penetrar na cavidade nasal. Devido a esse abaixamento, a configuração da cavidade bucal é alterada, e isso vai diferenciar a qualidade vocálica das vogais orais com as vogais nasais. Na visão da autora, existem sete vogais orais - [i,e,ɛ,a,ɔ,o,u] e cinco vogais nasais -.[ĩ,ẽ,ã,õ,ũ]. Mas mostra a oposição de contraste fonêmico de Câmara Jr.(1980), para o qual as vogais nasais do português consistem da combinação de uma vogal com o arquifonema /N/ e que as representam como /iN/, /eN/, /aN/, /oN/, /uN/.

Cagliari (2007) faz uma análise das vogais de uma língua a partir de três formas diferentes. A primeira observa um som vocálico fazendo a comparação com vogais conhecidas de outras línguas. A segunda forma faz análise por categorias vocálicas baseadas em seus parâmetros articulatórios. Observe o quadro abaixo, elaborado pelo autor.

Quadro 3.29 - Classificações das vogais segundo Cagliari

VOGAIS	ANTERIORES	CENTRAIS	POSTERIORES
Altas	i y	ɨ ʉ	ɯ u
Médias	e ø	ə	o
Baixas	ɛ æ	a	ʌ ɔ

Fonte: Cagliari (2007, p. 52).

Cagliari (2007, p.52) afirma:

> Nesse sistema, um som vocálico é analisado, tentando-se colocá-lo numa das categorias geradas pelos parâmetros classificatórios. Tal sistema tem produzido na prática muitas ambigüidades nas descrições linguísticas. Por

[27]Arquifonema é o resultado da neutralização. Para Silva (2003) expressa a perda de contraste fonêmico, ou seja, a neutralização de um ou mais fonemas em um contexto específico.

> exemplo, o que se representa pelo símbolo [a] ou [ɐ] pode ter uma qualidade vocálica numa língua diferente da qualidade vocálica que esse símbolo representa numa outra língua. Às vezes tais ambigüidades ocorrem até mesmo dentro de uma mesma língua, ao se descrever sons que ocorrem em contextos diferentes com qualidade vocálica diferentes, mas com funções fonológicas semelhantes.

A terceira forma de análise é a que é feita por vogais cardeais. Este método baseia-se na análise perceptual da qualidade das vogais e na percepção cinestésica dos movimentos da língua[28]. (CAGLIARI, 2007, p. 52).

As vogais encontradas nos *corpora* estudados são representadas de modo muito semelhantes às do português atual. Foram encontradas todas as vogais nasais e nasalizadas nos *corpora*. Observe os exemplos.

Doc. da Balaiada:

Quadro 3.30 - Exemplos de vogais dos documentos

reunião	imperio
cidadãos	hião
sejão	imfalivelmente
consecuençias	tãobem
Monim	prezente
Huma	hum

Doc. Harpa de Ouro:

Quadro 3.31 - Exemplos de vogais dos poemas

montes	paixão
jardins	incantado
intelligencia	profundez
apparencia	quão
joven	dictando
resoando	bethlehem

Doc. Jornais:

Quadro 3.32 - Exemplos das vogais dos jornais

maranhense	assignantes
sortimento	virem

[28]Para aprofundar este assunto, ver o texto de Cagliari (2007)cap. III do livro “Elementos da Fonética do Português Brasileiro”.

vinho	caução
pindaré	benção
Raymundo	mercantil

3.5 Hiato

Chama-se de hiato o encontro de duas vogais numa mesma palavra. Entretanto como em uma sílaba só pode haver uma única vogal, os hiatos são sempre separados na separação silábica.

Na fonética tradicional do português, hiato é uma sequência de vogais com o limite silábico entre elas. Para a fonética geral, hiato é uma pequena pausa feita entre dois sons. (CAGLIARI, 2007, p. 73).

Segundo Carvalho e Nascimento (1987, p. 56), desde a sua fase arcaica, a língua portuguesa apresentava uma tendência da língua vulgar em evitar os hiatos, por serem de articulações mais difíceis. Souza (1990, p. 40) ressalta que isso acontecia por meio de sucessivas transformações fonéticas, como:

> duas vogais iguais reunidas pela síncope de uma consoante medial, contraíam-se: palatium > paaço > paço.
>
> duas vogais iguais fundiam-se numa só, isto é, a átona na tônica, como vedere > veer < ver , ponere .> poor > por.
>
> duas vogais se fundiam pela assimilação, mesmo sendo diferentes, tais como: maestra > mestra, paomba > pomba.
>
> quando caía uma das vogais a outra era absorvida por consoante precedente da mesma natureza, com: caelo > ceo> céu, angeo > anjo.
>
> pela ditongação proveniente de um i epentético antes da átona final, como: cea > ceia, tea > teia.
>
> desenvolvimento de uma consoante entre duas vogais como nas sequências i-o e i-a que se tornaram inho e inha. Vi-o > vinu < vinho, gali-a > gallina > galinha.

> contração de duas vogais numa vogal única quando uma das duas era nasal: lã – a > lã, bõ – o > bom.

Souza (1990) afirma que o hiato permanecia quando a segunda vogal era **i** ou **u** (vogais altas) e neste caso o som mais forte prevalecia: salute > saúde.

Cunha (1970 apud CAGLIARI 2007a, p. 66) observa que “na literatura linguística, o termo hiato se refere à existência de um limite silábico entre duas vogais, o que faz com que um ditongo seja diferente de uma sequência de duas vogais, quando essas duas vogais formam um hiato, pertencendo cada uma delas as sílabas diferentes”.

Nos *corpora* analisados, encontram-se as seguintes recorrências de hiato:

a) Harpa de Ouro

> ideal, orião voar, saúde contagião, zodiaco, violetas, piano, eólia, montevideano, lampear, pieridas, voador, creação, praias, fiel, enchordoar! genuína, tuas, bombardeada, veiu, diamante, deante, maya, ideaes, doía, ciúmes, paraíso, chaotico, deodorico, grandiosos, mausoléos, piedade, raiara, seios, coroas, refractaio, alaúde, metamorphoseia, graciosa , paraisal, entre outros.

b) Documentos da Guerra da Balaiada

> reunião, constituição, garantias, provincia, tutóia, amiaçada, reunir, officiaes,, annuir, hião, saida, nomiação, pintiado, violencia, ofiçiei, veio, enfuluença, familia, gloriozos, briozos, emtoziasmo, sedicioza, bronziai, união, religião, havião, ainda, remualdo, juiz, concluira, facciozos, legoas, entre outros.

c) Jornais

> grandioso, Messias, historiador, espirituosos, mostruosidade, poeta, poesia, originariamente, cadenciada, continuada, período, ousadia, expediente, continuar, dia, Caxias, Mearim, thesouraria, relojoaria, effectuar, maior,

Leoncio, viagens, previamente vistorias, inspectoria, diante, sitio, poente, convencionarem, proprietarius, continuarem, palaceo, entre outros.

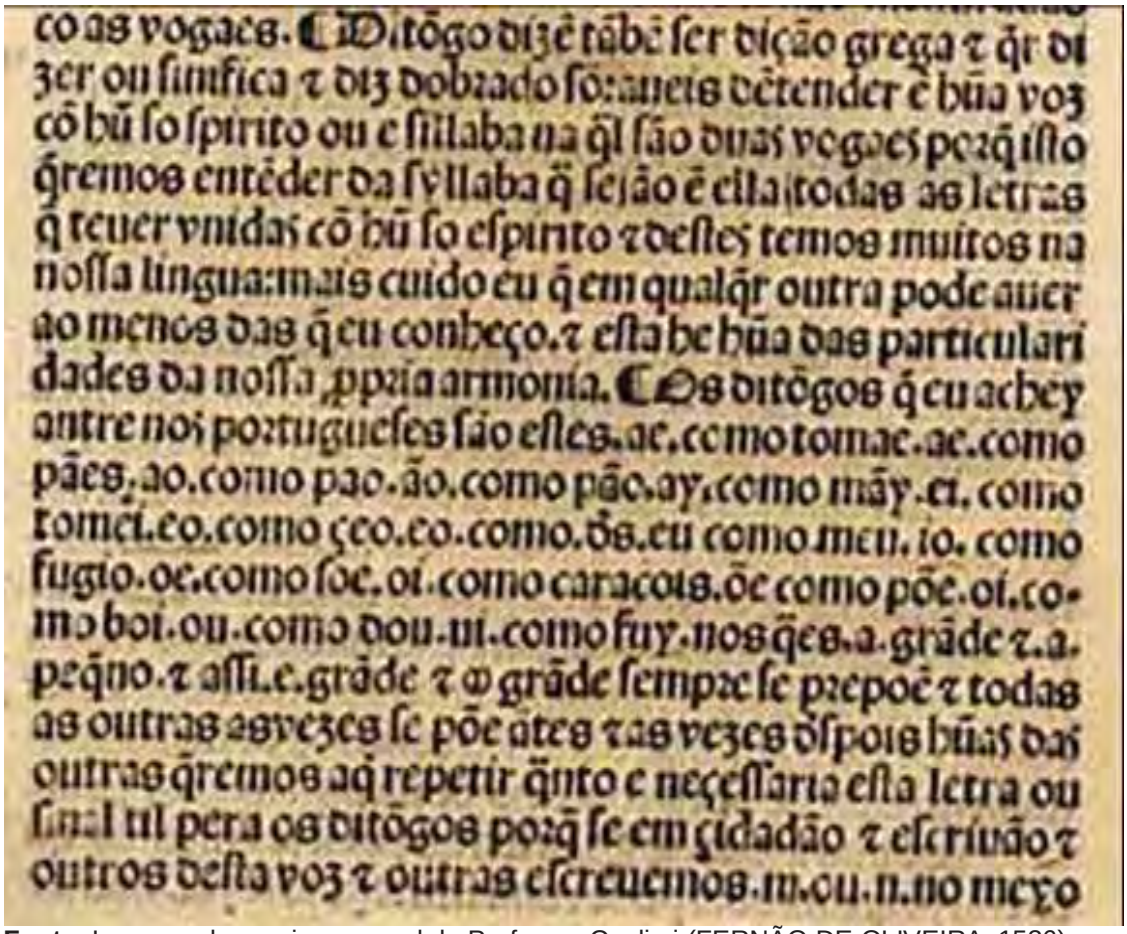
3.6 Ditongos

Sabe-se que no latim, os ditongos reduziram-se a três, depois da fase arcaica, tais como: au, que era muito frequente, “ae” e “oe” não muito usado, pois só ocorria em palavras de empréstimo. (SILVA NETO, 1979).

Na passagem para o português, formaram-se os ditongos ae > é, como exemplo *caelu* > *céu* e au > ou e au: audace > audaz, tauro > touro. O ditongo ou alterna-se com o ditongo oi, sem que haja explicação fonética. Nos *corpora* como as estrofes de Harpa de Ouro e nos documentos da Guerra da Balaiada foram encontrados essa alternância, como exemplo temos: *ouro* e *oiro*, *cousa* e *coisa*. (CARVALHO e NACIMENTO, 1987).

Gramáticos e ortógrafos em suas gramáticas discorriam sobre ditongos. Ambos costumavam definir ditongos como sequência de vogais. Na gramática de Oliveira (1536), o autor define ditongo como:

Figura 3.5 - Definição de ditongos segundo Oliveira



Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536).

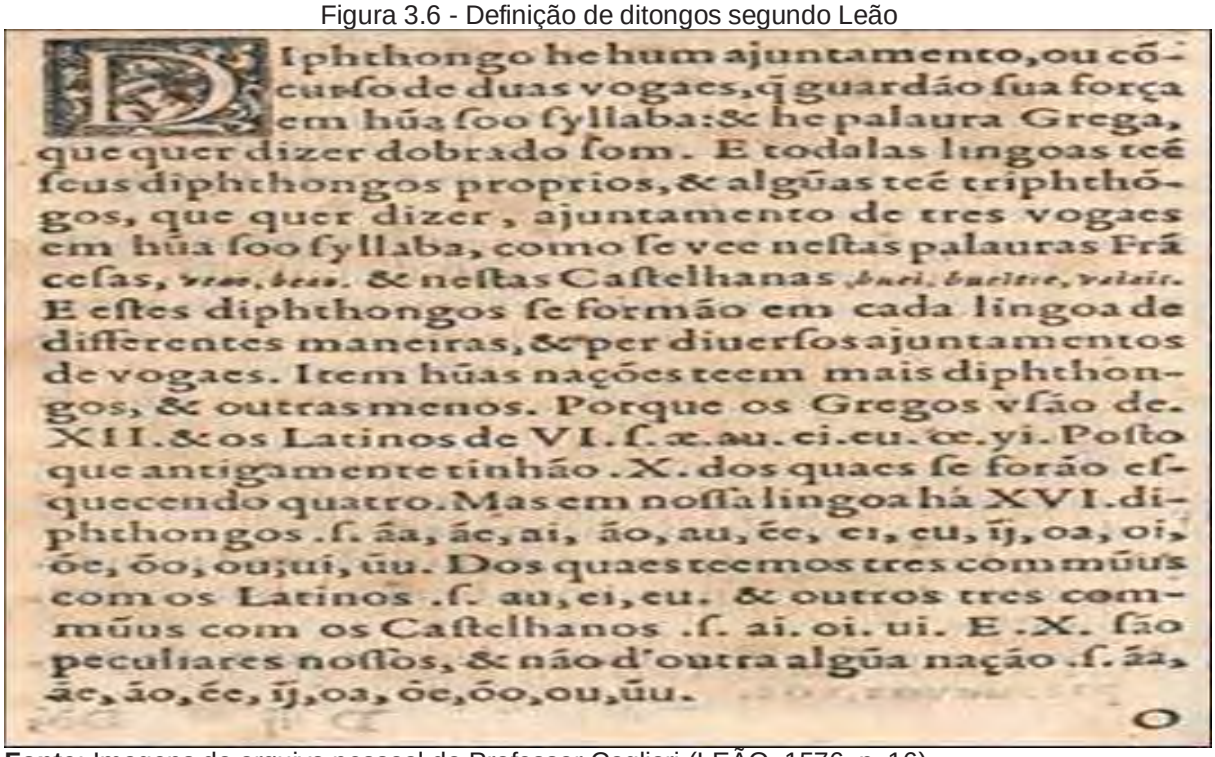
***Transcrição**: Ditongo diz também ser dicção grega e quer dizer ou significa e diz dobrado som: [...] é tua voz com um só espírito ou é sílaba na qual são duas vogais porque isto queremos entender da sílaba que sejam é ela todas as letras que tem unidas com um só espírito e destes temos muitos na nossa língua: mais cuido eu que em qualquer pode [...] ao menos das que eu conheço, e esta é uma das particularidades da nossa própria armonia.Os ditongos que eu achei entre nos portugueses são estes .ae. como tomae, como pães .ao. como pão, ao. .eo. como d's .eu. como meu .io. como fugio .oe. coomo soe .oi. como caracóis .õe como põe .oi. como boi .ou. como dou .ui. como fuy nos que .a. grande e .a. pequeno e assim ,e,grande e grande sempre se prepõe e todas as outras as vezes se põe antes e as vezes depois umas das outras queremos aqui repetir quanto é necessária esta letra ou sinal til para os ditongos porque se em cidadão e escrivão e outras desta voz e outras escrevemos .m. ou ,n. no meio.....*

Oliveira menciona que os ditongos dizem também ser dicção grega e quer dizer ou significa dizer "dobrado som". Percebe-se a presença dos ditongos, embora alguns confusos como "eo", "eu" "eo" "oi" e a falta dos ditongos "ẽi" que era representado na sua ortografia como "e" + "m" ou "~", assim como o ditongo nasal

‘õu. Observou-se, também, na sua ortografia, que duas vogais de “mesma natureza” não constituíam ditongos (OLIVEIRA: 1536).

Não muito diferente de Oliveira, Leão (1576,16v), na sua gramática “Orthographia da Lingoa Portygyesa”, define os ditongos da seguinte forma:

Figura 3.6 - Definição de ditongos segundo Leão


Diphthongo he hum ajuntamento, ou cõcurso de duas vogaes, q̃ guardão sua força em hũa soo syllaba: & he palaura Grega, que quer dizer dobrado som. E todalas lingoas teẽ seus diphthongos proprios, & algũas teẽ triphthõgos, que quer dizer, ajuntamento de tres vogaes em hũa soo syllaba, como se vee nestas palauras Frãcesas, vrai, beau. & nestas Castelhanas ſuaue, fuerte, veiais. E estes diphthongos se formão em cada lingoa de differentes maneiras, & per diuersos ajuntamentos de vogaes. Item hũas nações teem mais diphthongos, & outras menos. Porque os Gregos vsão de. XII. & os Latinos de VI. s. æ. au. ei. eu. œ. yi. Posto que antigamente tinhão. X. dos quaes se forão esquecendo quatro. Mas em nossa lingoa há XVI. diphthongos. s. áa, áe, ai, ão, au, ée, ei, eu, ĩj, oa, oi, óe, õo, ou, uí, ũu. Dos quaes teemos tres com mũus com os Latinos. s. au, ei, eu. & outros tres com mũus com os Castelhanos. s. ai. oi. ui. E. X. são peculiares nossos, & não d'outra algũa nação. s. áa, ãe, ão, ée, ĩj, oa, óe, óo, ou, ũu.

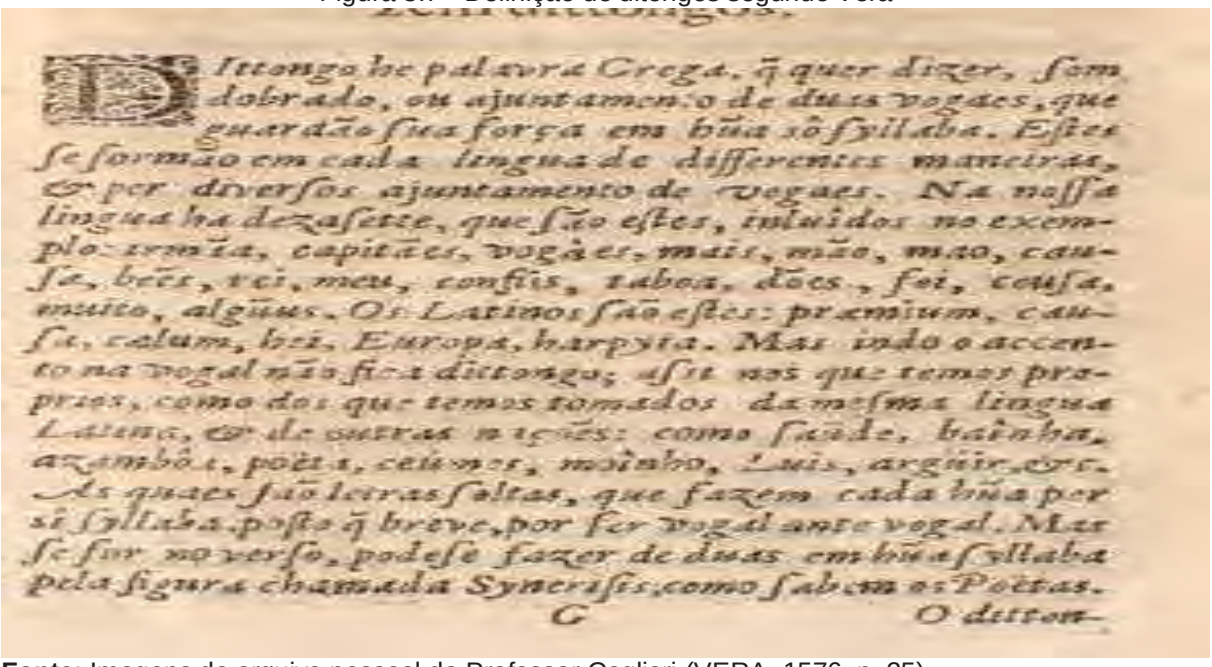
Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (LEÃO, 1576, p. 16).

Transcrição *Ditongo é um ajuntamento ou concurso de duas vogais que guardam sua força em uma só sílaba: e é palavra grega, que quer dizer dobrado som. E todas as línguas têm seus ditongos próprios [...]). E estes ditongos se formam em cada língua de diferentes maneiras e por diversos ajuntamentos de vogais. [...]. Umas nações têm mais ditongos e outras menos [...]. Mas em nossa língua dezesseis ditongos: ãa, ãe, ai, ão, au, ee, ei, eu, iy, ao, oi, õe, õo, ou, ui, ũu. Dos quais temos três comuns com os latinos, scilicet, au, ei, eu. E outros três comuns com os castelhanos, scilicet, ai, oi, ui. E dez são peculiares nossos e não de outra nação, scilicet, ãa, ãe, ee, ĩi, ão, õe, õo, ou, ũu.*

Conforme o ortógrafo Álvaro Ferreira de Vera (1631) na Língua Portuguesa existem dezessete ditongos, tais como: *ãa, ãe, áes, ai, ão, ao, au, ee, ei, eu, iĩ, oa, õe, oi, ou, ui, uũ*. O autor na sua gramática “ *Orthographia, ov modo para escrever certo na língua portuguesa*” exemplificou: irmãa, capitães, vogáes, mais, mão, mao,causa, beaphiaes, rei, meu, confiĩs, taboa, dões, foi, cousa, muito, alguũs [...]. A seguir trechoretirado da sua gramática onde o autor faz considerações sobre

tratados das vogais que juntas na linguagem portuguesa se fazem ditongos. (VERA, 1631, 25).

Figura 3.7 - Definição de ditongos segundo Vera



Ditongo he palavra Grega, q̃ quer dizer, ſom dobrado, ou ajuntamento de duas vogaes, que guardão ſua força em hũa ſó ſyllaba. Eſtes ſe formão em cada lingua de differentes maneiras, & por diverſos ajuntamento de vogaes. Na noſſa lingua ha dezaſette, que ſão eſtes, incluidos no exemplo: irmãa, capitães, vogáes, mais, mão, mao, cauſa, beẽs, rei, meu, confiis, taboa, dões, foi, couſa, muito, algũus. Os Latinos ſão eſtes: præmium, cauſa, calum, hei, Europa, harpyia. Mas indo o accento na vogal não fica ditongo; aſſi nos que temos proprios, como dos que temos tomados da meſma lingua Latina, & de outras nações: como ſaúde, bainha, azambôa, poëta, ceümes, moinho, Luis, argüir, &c. As quaes ſão letras ſoltas, que fazem cada hũa per ſi ſyllaba, poſto q̃ breve, por ſer vogal ante vogal. Mas ſe ſor no verſo, podeſe fazer de duas em hũa ſyllaba pela figura chamada Syneriſis, como ſabem os Poëtas.

C O ditton-

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (VERA, 1576, p. 25).

***Transcrição**: Ditongo é a palavra grega que quer dizer, som dobrado, ou ajuntamento: o de duas vogais, que guardam sua força em uma só sílaba. Estes se formam em cada língua de diferentes maneiras. ou por ajuntamento de vogais. Na nossa língua há dezessete, que são estes incluídos nos exemplos: irmãa, capitães, vogáes, mais, mão, mao, causa, beaphiaes, rei, meu, confiïs, taboa, dões, foi, cousa, muito, alguũs. [...].*

Podem-se observar as semelhanças existentes entre as concepções dos autores acima citados. Eles mencionam sobre ditongos como um som dobrado e partiam da escrita de vogais contíguas para encontrar os ditongos.

Tem-se em português uma sequência de dois fonemas vocálicos pronunciados, isto é, vogais contíguas, como diziam os antigos. Essa sequência é constituída de uma vogal denominada de vogal silábica que é a base do ditongo, e por uma vogal assilábica que pode vir antes ou depois da base, isto é, da vogal. Esse fenômeno é o que se chama de ditongo.

Diz-se que quando situa-se antes da base, trata-se de uma semivogal e este ditongo é classificado de ditongo crescente E quando a vogal assilábica situa-se após a base, forma o ditongo decrescente.

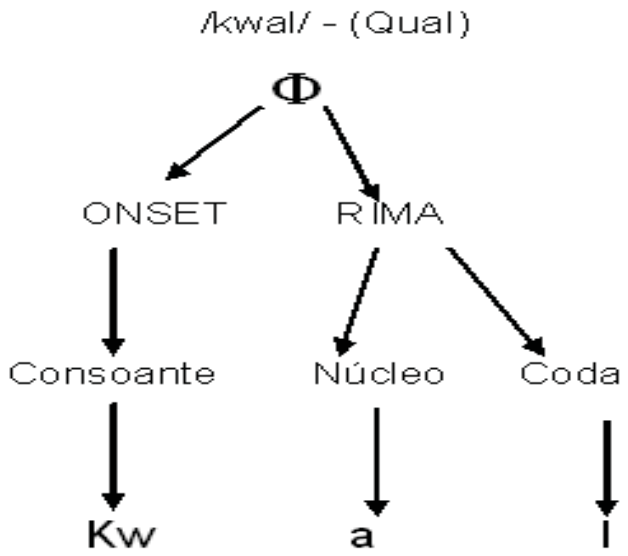
Para Silva (2003, 94, p. 98), a vogal do ditongo tem proeminência acentual e o glide[29] não tem. A vogal e o glide são pronunciados na mesma sílaba. A autora apresenta a classificação deste encontro mostrando que na sequência de glide [ɪ] ou [ʊ] + vogal tem-se um ditongo crescente, e estes em português são sempre orais. Os ditongos decrescentes, ainda segundo a autora, é uma sequência de vogal + glide.

Câmara Jr. (1980) reconhece um ditongo crescente e doze decrescentes em português, tais como:

[aɪ̯] - pai	[oɪ̯] - boi
[aʊ̯] - pau	[oʊ̯] - vou
[eɪ̯] - papeis	[uɪ̯] - fui
[ɛɪ̯] - rei	[ɔʊ̯] - sol
[iʊ̯] - viu	[ɛʊ̯] - céu
[ɔɪ̯] - rói	[eʊ̯] - meu

Câmara (1980) e Bisol (2005) postulam que em português os verdadeiros ditongos são os decrescentes e que os ditongos crescentes variam com os hiatos, isto é, ora esses fonemas podem ser um ditongo, ora um hiato, como nos exemplos: histór-i-a, história, glór-i-a, gló-ri-a. Por outro lado, se houver uma consoante velar /k/ e /g/ mais o glide /w/ tem-se um ditongo crescente pós-lexical, como se vê no gráfico a seguir.

[29] O termo glide, tomado de empréstimo à fonética inglesa, designa os fonemas tradicionalmente chamados, e com uma grande imprecisão, semiconsoantes ou semivogais. Esses fonemas o [j] de [sɛrju]"sério", o [w] de [agwa]"água", constituem uma classe de fonemas como as consoantes e as vogais, caracterizada pelo fato de que não são nem vocálicos nem consonânticos. (DUBOIS, 2007, p. 306).



Fonte: Adaptado pela autora(CÃMARA JR. 1980)

Observa-se que a consoante velar + glide quando seguida de a/o forma uma só unidade fonológica, isto é um segmento consonantal.

Cagliari (2007) apresenta dois modos para a noção de ditongos, um com base na ideia de silabicidade e outro com base no movimento articulatório ligado a mudança de qualidade vocálica. Para o autor, “discutir a noção de ditongo sem analisar os problemas da sílaba é impossível”. (CAGLIARI, 2007, p. 66-67).

O especialista acima relata em sua obra, ”Elementos de Fonética do Português Brasileiro”, que alguns autores afirmam que os ditongos em português são formados foneticamente de uma vogal e uma semivogal, mas Cagliari contrapõe que a “análise de ditongos em vogais e semivogais é um artifício fonológico”. (CAGLIARI, 2007, p. 72).

Ditongos encontrados nos *corpora*

Poesias de Harpa de Ouro

> Soidão, doidissima, etherea, hei, ceos, paixão, oiro, lei, annelão, theologaes, pão, meiga, rouxinoes, deus, vão rósea, chão, doirado, orgãos, thesoiro, oiço, vêa, também, pães, derradeiro, cheiro, capitão, ouviu, eólia , naufragado, gratidão,vaidoso, veiu, ankea, , auroral, vária, maya, tropheos, ideaes, bénção, oitubro, roseiral, agoiro, mausoléos, cansais, teem, pae, ideaes, volcão, thesoiros, inferneo, epopéia, refractaio, moysés, odysseus,

metamorphoseia, memoria, relógios, pluvia,, visão, victoria , malicioso, hóstia, suicida, gênio. pátria, azues, contagião, orião, lírio, praias, navio, rios, água, permittiu, eólia industria, incêndio, effigie, phrygie, raiara, lyrios, Floriano.

Documentos da Guerra da Balaiada

Oitocentos, oito, reunião, primeiro, cidadãos, prefeitos,. imperio, despeijarem, provincia, familias, brazileiras, beira, tutóia, achavão, eu, meu, capitão, negocio, pecontrario, consecuençias, ofício, meo, inteira, pleitos, inteligencia, elleição, achão, coreiro, tãobem, cautella, ção, aconteceo, relegião, oratorio, rezão, deichando, secourro, varios, ouver, cauza, achão, legoas, officiaes, Deos, seo, subprefeito, auxílios, dirigio, oito, moléstias, repugnância.

Jornais

Orgão, negocios, céu, mayo, revolução, baixo, Sousândrade, Reis, idolatrias, deixar, ousaria, inumeraveis, principaes, escolheo, Deus,diluvio, assyrios, hebraico, moysés, lingua, comprai-o, respeito,directoria, thesouraria, arreios, fevereiro, cidadãos,baile, noites, lei,pulseiras,deixarão, Lyceu, officios, caução, brasileira,enfeites, dinheiro, queijos,cuotas,

Cagliari (2007) afirma que quando há uma vogal de qualidade constante durante uma articulação ocorre a monotongação, como exemplos tem-se: *La, só, ma, avó, há, és.* Foram encontrados alguns casos de variação, tais como: ditongos reduzidos a monotongos, na representação escrita de palavras: isso se deve a erros ortográficos causados por pronuncias diferentes, que deram formas gráficas diferentes. Nos documentos em análise observou-se esse processo.

Harpa de ouro

Leito, deixo, sacrário, creu, então, ahi (ai), imagem, verdadeira, peito

Documento da Guerra da balaiada

Assemblea (assembleia), ahi (ai), correjo(correio), quera (queira), debaxo (debaixo), cidadãos, achavão, também, inteira, brazileiras.

Jornais

Idéa, (ideia), assembléa (assembleia),

Houve pouquíssima ocorrência deste processo nas primeiras páginas dos jornais analisados, possivelmente, o fato da ausência de monotongação, deve-se por se tratar de jornais que circulavam na sociedade maranhense, escrito por poetas, escritores e jornalistas, daquela época, assim como nos poemas de Sousândrade. Mas, nos documentos da guerra, pode-se observar uma frequência maior. Isso, provavelmente, deve-se ao fato de estes documentos serem escritos, de certa forma, como se pronunciava.

Houve também variação no ditongo com relação à troca da vogal /u/ por /i/, /i/ por /e/, /u/ por /o/, /o/ por /e/, /o/ por /u/.

Harpa de ouro

ouro (oiro), agouro (agoiro) thesouro (thesoiro), dourado (doirado), outubro (oitubro) pousavam (poisavam), ouço (oiço), rouxinóis (rouxinoes), pai (pae), cai, (cae) ideais (Ideaes), triunfais (triumphaes), céus (ceos), véus (veos), Mausoléus (mausoléos), frigio (phrygie), veio (veiu), troféus (tropheos).

Documento da Guerra da Balaiada

ai (ahi), cidadãos (cidadões), dois (dous), meu (meo), Deus (Deos/Dios), oficiais (officiaes), esmoreceu (ismoreceo), atendeu (atendeo), vendeu (vendeo), água (agoa), gerais (geraes), prometais (promitaes), conduziu (conduzio), dois (dous), dirigiu (dirigio), réu (reo), legais (legaes).

Jornais

Principais (principaes), Judeus, (Judeos), céu, (céo), dois (dous), Hebreus, (Hebreos), iguais (iguaes), essenciais (essenciaes), chapéus (chapeos), municipais (municipaes).

3.7 O Tritongo

Com relação aos tritongos, os gramáticos antigos, em estudo nesta pesquisa, não fazem muita referência. Apenas Leão (1576) que a fez, mas não na língua portuguesa, e sim na francesa.

No Brasil, tem-se estudado mais. O estudioso Cagliari (2007), por sua vez, afirma que os tritongos do português sempre são precedidos por uma oclusiva velar [g] e [k] e iniciam-se na área vocálica do [ɷ]podem-se dividir em duas classes:

1. Tritongo que terminam na área vocálica de [ɪ]:

   [ɷeɪ]- averiguei - [averigɷeɪ], [ɷaɪ]- quais - [kɷais]

2. Tritongo que terminam na área vocálica de [ɷ]:

   [ɷɑɷ] - qual - [kɷɑɷ], [ɷiɷ] - delinquiu - [delĩŋkɷiɷ], [ɷoɷ]- averiguou - [averigɷoɷ].

Nos *corpora* estudados encontraram-se alguns tritongos:

Poesias de Harpa de Ouro

Cheguei, queimada, figueira, queimara, fiquei, cegueira, fragueiro, argueiro, fagueiro, amangueira, quão.

Documentos da Guerra da Balaiada

Fiquei, Buqueirão, queira, Figueiredo, Coqueiro, communiquei, quaes, quaesquer.

Jornais

Qualquer, igualmente, igual, quão. quaes. Quaesquer.

3.8 Variações vocálicas nos *corpora*

Segundo Said Ali (1964), algumas vezes, a alternância da vogal A para a vogal E, e vice versa, ocorria devido existir no português antigo um [ɑ]"fechado" em oposição a um [a] mais aberto. Nos *corpora* em estudo encontraram-se variações de outros tipos como entre e/i, i/e, o/u, i/u.

Harpa de ouro

> Quase (quasi), lugar (logar), via (vêa), encanta (incanta), quais (quaes), areio (aereo), azuis (azues),

Documento da Guerra da balaiada

> Demettido/ dimittido, decizão/ dicizão, correjo /correio, Pidrigulho/ Pedregulho/ Pedrigulho, reunir/ reonir, Dios/Deos, quase/quase, reçibi/ recebi, i/e.

Jornais

> Quasi/quase, Deos/deus. dois (dous). Das cinco primeiras páginas dos jornais analisados, encontraram-se poucas variações de vogais.

Como se pode observar,há existência de variações vocálicas nos três *corpora*. No capítulo VIII, da gramática de Fernão de Oliveira (1536), o autor afirma, muito claramente, a existência de oito vogais na nossa língua, mas "não temos mais de que cinco figuras". Exemplifica todos os casos com vogais em sílaba acentuada, embora não destaque que está tratando de vogais numa determinada posição no vocábulo. Desta forma, se pode inferir apenas que talvez não houvesse variação decorrente de neutralização[30], na das vogais em outras distribuições. Entretanto, no capítulo XVIII, trata da "comunicação" que algumas letras[31] têm ou de alguma participação que todas têm entre si. Ele apresenta alguns exemplos das vogais entre /u/ e /o/,entre /e/ e /i/, entre /o/ e /u/.(OLIVEIRA, 1536)

---

[30]Termo usado na fonologia para descrever, quando em certas posições da cadeia falada, uma posição fonológica como [e]/ [i], [o]/ [u] não é mais pertinente, ou quando a distinção entre dois fonemas se perde em um determinado ambiente.

[31]A palavra "letra" neste contexto não significa sinal gráfico, mas produção sonora.

3.9 Nasalizações: vogais, ditongos

As vogais e os ditongos nasais do português resultam de vogais seguidas de consoantes nasais M e N. Essas consoantes podem estar em posições, segundo Mattos e Silva (2001, p. 69) tais como:

> - posição implosiva, isto é, fechando sílaba, portanto homossilábica (lat. d*en*te, cambiare -, port. D*en*te, cambiar);
> - posicao intervocálica, em que a consoante do latim vai desaparecer (lat. *lan*a, m*an*u:port. l*ã*, m*ão*);
> - posição implosiva final de palavra, ou seja, antes de pausa (lat. ama*n*t, i*n*, cu*m*: port. ama*m,em, com*);
> - nasalidade da vogal também pode resultar da contiguidade da consoante nasal que inicia a sílaba seguinte, ou seja, heterossilábica, que não desapareceu do latim para o português, como ocorre no segundo caso (lat. a*m*are, fla*mm*a: port. a*m*ar, cha*m*a; a*nn*u-, pa*nn*u-: port. a*n*o, pa*n*o).

Pode-se observar que, em todos os casos, as consoantes nasais antecedem as vogais, eis porque os gramáticos e ortógrafos transcreveram foneticamente usando o til. A presença de uma nasal heterossilábica pode resultar no português na nasalização da vogal precedente. Essas vogais de que tratamos são as *vogais chamadas de* n*asalizadas*.

Nos poemas manuscritos de Sousândrade, nos documentos da Guerra da Balaiada e nos Jornais do século XIX há representação da nasalidade, como nos exemplos a seguir.

Harpa de ouro

> Photographaram, Mandam , brilham, lampejou; tempos, Redemptora, sempre, quem, Bethlehem, nem; setim, rubim, fortim, império, vim; sombras, pombas, Promptinha, assomem, Imcomprehensivel, comtigo; um, triumphador, *umbror, nenhum, triumphal.*
>
> Incantado, branco, dictando, amante, resoando, manco; viagens, miragens, pensamento; Cain, incanto, invisivel, insecto, intransitoria; consagrando, tronco, contrapus, responde, fronte; mundo, nunca, profundo.

Documento da Guerra da balaiada

> Acampamento, também, Batalham, pernambucanos, amocambados; dezembro, empregos, bem, alem, Assemblea, empedimento; Imperio., fim,

imfellismente, mfalivelmente, importância; comcidadons, com, commissario, tombem; hum, cumprir, deslumbrando, algum, circumstancias, cumpre.

Jornais

Suam, bem, tempo, assemptos, exemplos, membros, empresa, imaginem; simplicidade, com, composição, acompanhava, homem.

Antiga, cantiga, tanto, anjo, grandioso, evangelho, levantada, santa; testamento, magem, doente, entrou, vinte, infinito, distinctas,; convem, completo, abunda, mundo.

Após estudo do sistema vocálico, analisa-se na próxima sessão, a ortografia das consoantes para melhor compreensão e conhecimento do sistema ortográfico do século XIX nos *corpora* analisados.

3.10 A ortografia das consoantes

O objetivo principal deste item é demonstrar a estrutura do sistema ortográfico das consoantes no século XIX, em documentos escritos, em São Luís do Maranhão, por poetas, por presidente de províncias e por escravos rebeldes daquela época. São fontes fundamentais com a grafia dos documentos, tais como: os poemas de Sousândrade, os documentos da guerra da Balaiada e as cinco primeiras páginas dos principais jornais que circulavam em São Luís naquele século.

Utilizou-se de gramáticas e tratados de renomados autores para fundamentação do assunto em estudo e para verificar a variação de palavras nos *corpora*, em um mesmo autor e entre autores. Algumas gramáticas foram escolhidas pela sua importância e por representarem o sistema ortográfico de uma época de estudo sobre o sistema da escrita.

Os gramáticos e ortógrafos antigos não apresentavam divergências na definição de consoantes. Na gramática de Fernão de Oliveira (1536) esta palavra está definida como ”figura de voz”. Para o autor, a letra é dividida em consoantes e vogais. A voz da vogal é mais ativa e a consoante só encontra voz em relação à vogal. Embora Fernão de Oliveira não seja explícito no que considera como voz, pode-se inferir por suas observações tratar-se da unidade sonora da competência

acústica das letras, no sentido sassurreano, e, portanto, mais abstrato, de imagem acústica. Sendo assim, a concretização físico-fisiológica da voz ficaria a cargo da pronunciação em que para o autor, a voz adquire real concretude, razão pela qual o gramático quinhentista afirma que consoantes não possuem voz, mas podem ser pronunciadas ao lado da vogal.

Na gramática de Vera (1631) “Orthographia ou Modo para Escrever certo na Língua Portuguesa”, o autor comunga com a de Oliveira e com a de Feijó no que tange às consoantes. Explica que são chamadas desta forma porque não são possíveis de serem pronunciadas senão ferindo ou soando com vogais. Ele divide as consoantes em mudas e semivogais e as exemplifica de acordo com a deFeijó.

Para Feijó (1 734), as consoantes também dividem-se em Mudas ou Mutas e Semivogais. As Mudas têm esta terminologia por não possuírem, por si só, voz alguma e nem som que seja perceptível. São elas: B, C, D, G, K, P, Q, T. As Semivogais ao serem pronunciadas têm um tom meio de vogal, são elas: F, L, M, N, R, S, X, Z. Destas semivogais, segundo o autor, se originaram as quatro líquidas, L, M, N, R, e são chamadas assim porque quando pronunciadas depois de uma Muta perdem o som que tinham. Na palavra “*claro”* para exemplificar, a consoante **L** depois da muta **C**, perde o som de **L** e fica líquida. As letras **Z** e **X** valem por duas consoantes e por isso elas não dobram em nenhuma palavra da língua portuguesa. O **H** não é letra para os latinos, mas um sinal de aspiração nas letras a que se juntam. Para nós o **H** forma letra diante das consoantes C, N, e L. (FEIJÓ, 1734, p. 21).

No século XIX, tem-se o gramático Gonçalves Viana (1892), como destaque daquela época. Em sua gramática E*xposição da pronuncia Normal Portuguesa,* o autor trata das consoantes, fazendo uma abordagem articulatória acerca dos sons da fala humana. O autor mostra ainda que ao se produzir determinado som usa-se de uma corrente de ar expiratória e inspiratória e que estes elementos ou sons são chamados fonemas quando proferidos e letras quando reproduzidos pela escrita. E estes sons são subordinados a um dos dois sistemas: vogais e consoantes.

Para Gonçalves Viana alguns fonemas consonantais são pronunciados mediante a fricção do ar e por isso são chamados de consoantes contínuas: f, v, s, z, x, j. Quando pela expulsão do ar são chamados de consoantes momentâneas: p, b, t, d, k, g. Já as consoantes m, n, nh são chamadas de ressonantes ou nasais e l, lh, r são as consoantes ancípites. (GONÇALVES VIANA, 1892, p. 4).

Mattoso Câmara (1985) apresenta o sistema consonantal fazendo uma diferença entre o sistema latino em relação ao português. Para ele, há 19 consoantes caracterizadas por três posições: quanto à natureza da obstrução bucal; quanto ao ponto articulatório bucal e quanto à atuação da glote. A seguir demonstram-se as consoantes, a partir dos quadros abaixo adaptados de Mattos e Silva (2006).

Quadro 3.33 - Sistema Latino Clássico

Ponto de articulação	**Labiais**		**Anteriores**		**Posteriores**	
Modo de articulação	**Simples**	**Germinadas**	**Simples**	**Germinadas**	**Simples**	**Germinadas**
Oclusivas Surdas Sonoras	ppp bbb		ttt ddd		kkk ggg	
Constritivas Surdas Sonoras	fff -	-	sss -	-	-	-
Nasais	mmm		nnn		-	-
Laterais	-	-	ll		-	-
Vibrantes	-	-	rrr		-	-

Fonte: Adaptado pela autora. (MATTOS e SILVA, 2006)

Quadro 3.34 - Sistema Português atual

Ponto de articulação	**Labiais**	**Anteriores**	**Posteriores**
Modo de articulação			
Oclusivas Surdas	**p**	**t**	**k**
Sonoras	**b**	**d**	**g**
Construtivas Surdas	**f**	**s**	**ʃ**
Sonoras	**v**	**z**	**ʒ**
Nasais	**m**	**n**	ɲ
Laterais	**-**	**l**	**ʎ**
Vibrantes	**-**	**ɾ**	**ʀ**

Fonte: Adaptado pela autora. (MATTOS e SILVA, 2006)

Pode-se observar as diferenças existentes entre as consoantes latinas e portuguesas, pois no latim havia consoantes dobradas ou geminadas como eram chamadas, o que atualmente não ocorre em português. Estas, no Latim, eram duplicadas quando intervocálicas. As consoantes oclusivas mantém a mesma correlação do latim – labial, anterior, posterior, surda e sonora. As constritivas, que só se apresentam como surdas no sistema latino, no sistema português apresentam-se com suas correspondentes sonoras.

Nos *corpora* analisados encontraram-se com frequência as letras geminadas. A seguir demonstram-se exemplos:

Harpa de ouro

> mamman, anagramma, flamma, summo, annos, annell, apparecesse Affeição, affectos, effigie, tenerriffe, gotta, repartte, Cattete,, omlette, toilette, alli, elle, bella, allinaça, strellaejas, cabellos, lluminava, occaso.

Documentos da Guerra da Balaiada

> oppressores, oppozerão appareceo apparecer officiaes, cheffes, deffeza, deffensouras, suffocar, officiaes commissarios,, commandante, commissão, commigo, communiquei, acammpamento, immediatas, Villa, .Illustrissimo, pellas, Mello, delle, elle, .elleger, imfellisme, aquellas, salla, Illustre, helles, Bellos, cavallo, callor, annos, anniquilada, tronno, Vianna, Felicianno, annuir, faccioso, dettermina, vistto, attingida, remettido, attacal-a, ditto.

Jornais

> Litteratura, attesta, litterato, della, ntervallo, naquella, allegoria, belleza, ella, intellectual, bello, tabella, Castello, illuminação, escalla, offerecem, effeito, soffre, effectuar, inflammaveis, encommendas, gomma, communicada, telegramma, annos,

Silva Neto (1979) na esteira de Câmara Jr.(1985), explica na gramática sobre as consoantes, utilizando o quadro das consoantes latinas. O autor distribuiu, um pouco, de forma diferente a classificação delas. As oclusivas subdivide em *Guturais* (velares palatais) e *Labiais* (labiodentais e bilabiais) e as constritivas em fricativas, vibrantes e nasais. No quadro também não consta o H, como os demais

ortógrafos e gramáticos antigos, porque desde cedo não passava de um sinal gráfico, sem realidade fonética. (SILVA NETO, 1979, p. 201-202).

Cagliari (2007) também faz referência as consoantes em seu livro "Elementos da Fonética do Português Brasileiro", afirmando que os sons consonantais para serem descritos precisam em primeiro lugar do modo como são articulados na corrente de ar egressiva[32] e em seguida o ponto ou lugar dessa articulação e, por fim, do tipo de fonação ocorrido nestes sons. (CAGLIARI, 2007, p. 49).

A este respeito Cagliari afirma:

> A classificação dos sons em função dos lugares de articulação segue os nomes das regiões delimitadas. Assim, um som articulado na região palatal será um som palatal; um som articulado na fronteira da região dental e alveolar será um som alveodental e assim por diante [...]. Há sons que ocorrem com um bloqueio completo à corrente de ar denominado de oclusivo [...]. E quando há um estreitamento entre dois articuladores de tal modo que o ar passando por ele produz fricção, chamam-se fricativos [...], e assim por diante.

Dada a natureza dos *corpora* e o uso do alfabeto, será exposto, a seguir, o sistema de escrita de algumas consoantes, devido já existirem trabalhos com todo o alfabeto, assim como mostrar as mais variadas no século XIX, nos corpora em estudo. Fundamentam-se as consoantes deste estudo a partir dos gramáticos, foneticista, fonólogos e ortógrafos aqui mencionados. No caso de exemplificação mostram-se as letras que representam as consoantes dos *corpora* em estudo nesta pesquisa para melhor visualização e pode-se constatar no Cd em anexo.

3.10.1 As letras C e Ç

Os contextos em que ocorre a letra C partem de algumas regras das gramáticas e tratados dos autores citados. Oliveira (1536, p. 9) descreve esta letra da seguinte forma:

[32] Um som produzido com a corrente de ar egressiva se dirige para fora dos pulmões e é expelido por meio de pressão exercida pelos músculos do diafragma. Todos os segmentos consonantais do português são produzidos com a corrente de ar egressiva. (SILVA, 2003, p.27).

> C pronuncia-se dobrando a língua sobre os dentes queixais, fazendo um certo lombo no meio dela diante do papo, quase chegando com esse lombo da língua ao céu da boca e impedindo o espírito,o qual por força faça apartar a língua e faces e quebre nos beiços com ímpeto.

Para Vera (1631, p. 6-7) esta letra:

> Ç é mui diferente de C, assim no nome, como na figura: e como tais tem duas pronunciações diversas: porque com uma dizemos, caca, e com outra caça: barca, que navega; e barça, vaso de palha acude, verbo; açude de moinho; e assim calco; e calço; moca e moça; cappa; e çappa. E por ter esta clareza me admiro não estar posta em nosso alfabeto na forma, que agora ordenei. Porque no trocar uma letra por outra, não somente troca o soído, mas ainda altera o sentido nas dicções, que tem diferente significação. Pelo que digo que esta letra ç, é das que chamamos mudas: e tem por excelência não acabar nela dicção alguma, nem ser ferida de alguma outra letra; antes fere, e toca todas as vogais com aquela brandura, que esta letra de si tem: como se vê nesses exemplos: açucena, cifra, maçãa, poço, buço: sua pronunciação se faz tocando brandamente com a língua no céu da boca, e alto dos dentes; bem diferente do que quando pronunciamos a letra C, que a modo do pronunciar do, K, Grego (em cujo lugar há de ficar) sai do interior da língua, lançando a respiração com a boca mais ao alto.

Na gramática de Feijó (1734, p. 43-44), o autor a respeito da letra C diz:

> A letra C humas vezes soa na pronunciação com C, v.g. – Ce, Ci: e outra soa como Q, v.g. Ca, Co. quando soa como C, pronunciase com a extremidade anterior da língua tocando nos dentes quasi fechado, em quanto sahe o seu som, que He brando, e suave; como se percebe nestas palavras Cêa, Cear, Cinco, Cinza e quando soa como Q, pronunciase applicando o meyo da língua quase junto ao paladar com os beiços abertos v.g. Cabello, Ceco.
> O Cantes do A, O, U, escrito so como aqui se figura, sempre soa quase como Q ou como K dos gregos, v.g. Caco, Coco, cuco. Mas escrito com hum aplica por baixo, saindo da extremidade inferior do C como huma virgula, sempre soa como C antes de A, O, U: v.g. Faça, Faço, Açucar . Antes das vogais E, I nunca necessita de plica; porque nunca póde soar senaõ como C v.g. Cem, Cento, Cincoente, cinco [...].

Em Gonçalves Viana (1892, p. 10):

> Escrevem-se com Ç,(e, i), inicial as silabas em que a sibilante é dental dura, e só é supra-alveolar nas partes do país onde não há outra sibilante dura inicial: peço, ciéncia , concelho, poço, doçura, preço, çapato, çarça, cárcere, etc. Determinação histórica e comparação.

Silva Neto (1979, p. 202-203) na sua gramática traça um paralelo entre a letra C e G:

> É dos mais importantes o tratamento de c e g antes de **e** e **i** [...]Antes de a, o, u, manteve-se o c. Mas é preciso levar em conta alguns casos em que o " vocábulo fonético" dava um resultado que o c –, tornando-se medieval intervocálico, se sonorizava; por exemplo: calatus> galatus, camella > gamela, collc >gola.

Cagliari (2004, p. 128) não muito diferente dos autores supracitados descreve a letra C: "A letra Ç nunca ocorre em início de palavras, nem em final de palavras [...]. A letra C ocorre somente diante de A, O, U e nunca diante de E ou I. Por exemplo: açúcar, aço, maçã".

O especialista no assunto mostra ainda que:

> A letra Ç surgiu na Península Ibérica no inicio da escrita das línguas neolatinas para representar o mesmo som que os antigos ingleses representavam pela letra *thorn* e *wynn*. A forma gráfica mais antiga do Ç era formada por um C com um pequeno z subscrito. (CAGLIARI, 1999, p. 178).

Na obra do autor, denominada *Aspectos Teóricos lingüísticos da Ortografia*, Cagliari faz uma observação sobre a letra C mostrando que o diacrítico cedilha, colocado nesta letra não deveria estar fora do alfabeto, aparecendo apenas em grafia de palavras no Vocabulário Ortográfico. Segundo o especialista, não se pode dizer que a cedilha seja hoje um diacrítico desta letra, como foi na origem da letra C. O Ç foi uma letra que se originou da modificação de C a partir do acréscimo da cedilha, resultando o Ç. (CAGLIARI, 2004, p. 98).

A realização da letra C é transcrita foneticamente em [k] e [s] o som [k] ocorre diante de 'a', 'o' e 'u', em início de sílaba, antes de 'l' e 'r' nos encontros consonantais, e o som [s] diante de 'e', e de 'i'. Apresentam-se a seguir as letras C e Ç nos *corpora* Harpas de Ouro, Documentos da Guerra e nos jornais, a partir de seus usos.

3.10.1.1 Letra C representando o som de [k] diante de 'a', 'o', 'u'

Harpa de Ouro

> coração, corcel, combates, contagião, cortezã, tragico, branco, manco, flanco, Corcovado,incanta, carro, calvários, *relicario* electrica, candentes, curvar-se, século, fáculas, entaculas,culpa...

Documentos da Guerra da Balaiada

publico, constituição, consta, cerco, casados, commandante, Caxias, Itapicurú, capitão, calmar, attacal-a, caber, caracter, causar, casados, ficando, consecuençias, execução, Cunha, desculpa, cujas,cumprir, Marculino...

Jornais

caracteristico, capitulo, cânticos, hebraica, cantavão, casa, borrasca , encarnado, colecção, codigo, corrente, escolheo, authentico, correcção, encontrão, collarinhos, escorreigo, corpo, balanço, cujo, curiosodade, executiva, desculpa...

3.10.1.2 Letra C representando o som de [s] diante de 'e' e 'i'

Harpa de Ouro

oceano, intelligencia, adormecida cívica, cinzas, ceos, açucenas, scentelhas, cysnes, acção, accende, cegueira, doce, resplendesceu, exércitos...

Documentos da Guerra da Balaiada

oitocentos, necessidade, vice, acerto, certeza, socego, terceiro, excepção, excepção, cidadãos, provincia, officiaes, negocio, citio, percizo, guarnecidos, participar, , província, cima, prudência, .desculpa, cíveis, pacificação, recebi, sciente....

Jornais

ancianídade, civilisação, céo, offerecem, mencionado, cadenciada, pronuncia, citado, commercial, gerencia, cabacinhas, Lyceu.Ceará...

3.10.1.3 Letra C diante de consoante representando o som [k]

Harpa de Ouro

charidade cruz, character, sacrário, accompanhei-te, creu, creação, claro, crystal, crauacanga, creste, decretar, cresças, cruzadores, crepusclo, Cravado, cruenta, escripto, preclara, clarões, proclame, claridão, clarão...

Documentos da Guerra da Balaiada

criar-se, Croata, Secretário, escravos, sacrifiquemos, emcruhey, escriptos, criminozos, incluzos, Poclamação, concluirmos, declarado, aclamado, inclusa.

Jornais

descreve, escriptores, creação, caracteres, escriptura, criptos, critico, chistalizado, criado, respectivos, machinas...

3.10.2 As letras G e J

A gramática esrita por Oliveira (1536) faz um estudo sobre a letra G e diz que é uma letra muda porque em si, não possui voz alguma. Esta letra, segundo o autor, “é pronunciada como a letra C com menos espírito” (OLIVEIRA, 1536, p.54). A letra J**,** o autor diferencia da vogal .i., e diz que ela é representada por uma haste mais longa, com uma dobra na ponta, como se fosse uma ponta de um cabo virado. Ele comenta que “a sua pronunciação é semelhante a do .XI., com menos força. E esta mesma virtude damos a letra J quando se segue depois dele .e. ou .i. mas a mim me parece que com o .i. consoante o podemos escusar”. (OLIVEIRA, 1546, 9v).

Ferreira Vera (1631) também considera as letras G e J, como mudas. A letra G chamou da Ga, e para letra J chamou-a de Je. Diferentemente da letra G a letra J tem sempre sua pronúncia com todas as vogais, o que não ocorre com a letra G, pois tem apenas a pronúncia diferente diante das vogais ‘a’, ‘o’, e ‘u’. Pode-se observar esta explicação no próprio discurso do autor:

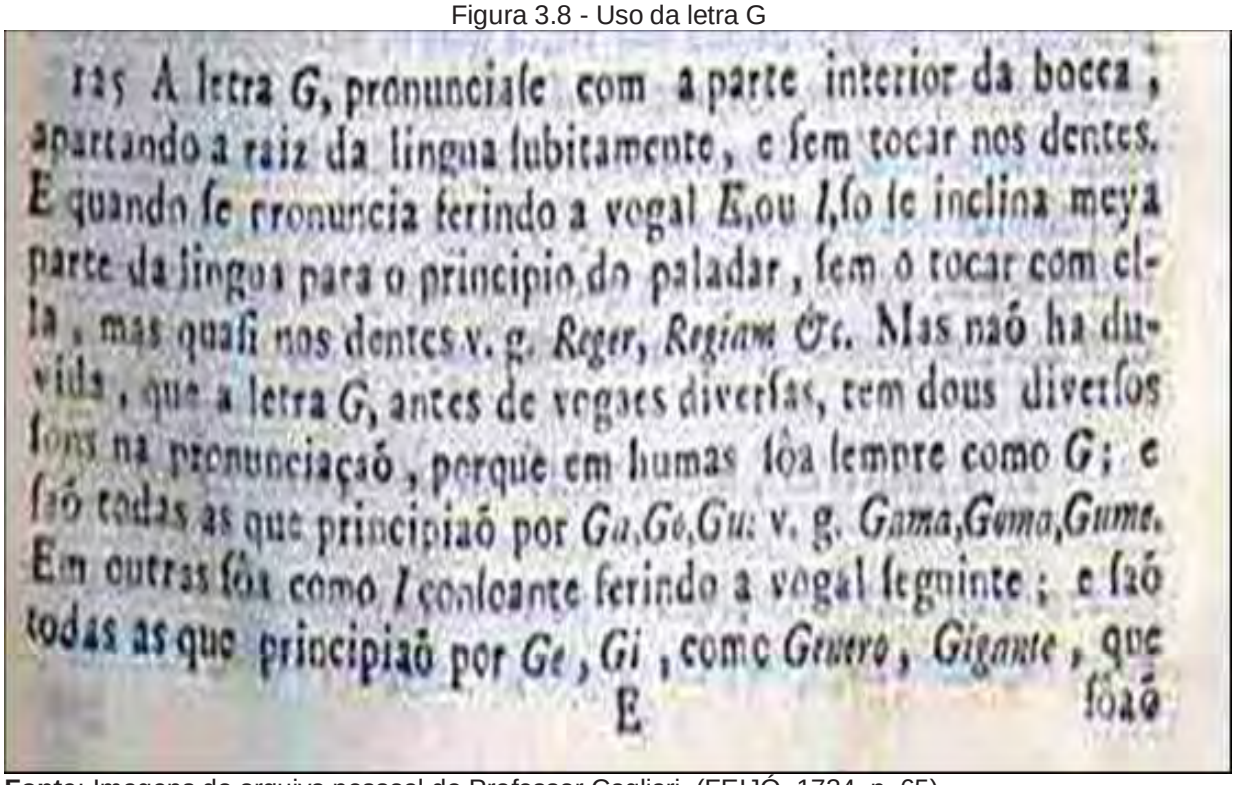
> E assim se vê que é muito diferente dizer-se: ja, je, ji, jo, ju do que ga, ge, gi, go, gu, que para ter a pronunciação de ga com as ditas letras .e., .i. havemos de dizer e escrever desta maneira: ga, gue, gui, go, gu, como:

> gaguejar, guisar, gotejar, gurgulho. Pelo que se há de diferenciar .j. de .g. chamando a primeira je e a segunda ga, que é sua pronunciação direita e toda a mais que até agora lhe dávamos (juntas as letras .e., .i.) é alheia de sua valia. E assim no pronunciar desta letra .j. tocamos com a língua no céu da boca, branda e suavemente dizemos .je., mui diferente da pronunciação do .ga. que se forma com a aspiração do mais anterior da nossa língua que própria pronunciação dos Mouros, dos quais a recebemos. E escrevendo-se assim, fica-se dando a cada letra o que é seu, sem se mudar o soído, nem alterar o sentido, estimando esta letra por suprir o desconserto de dizermos guelra e, logo lhe trocando a valia, dizermos guela, não ficando o .u. líquido antes do .e. e nem mesmo antes de .i., como se viu no exemplo: argüir. (VERA, 1631, 8v-9).

Em seu aspecto fonético, a letra G diante de ‘e’ e de ‘i’ tem o som não de [ge] e [gi], mas, segundo as regras ortográficas do latim, que permanece no português atual, a sua pronuncia é de [ʒ] e as demais vogais terão a pronúncia de [g]. Esta letra vai ocupar sempre a posição de *onset* na sílaba.

Madureira Feijó (1734) fez uma apresentação, em sua gramática, das letras G e J de acordo com o modo e lugar de articulação. Ele descreve o uso destas letras a partir de várias regras diferenciando quando usar uma e outra. E sobre estas letras diz que:

Figura 3.8 - Uso da letra G



ras A letra G, pronunciaſe com a parte interior da bocca, apartando a raiz da lingua ſubitamente, e ſem tocar nos dentes. E quando ſe pronuncia ferindo a vogal E, ou I, ſo ſe inclina meya parte da lingua para o principio do paladar, ſem o tocar com ella, mas quaſi nos dentes v. g. Reger, Regiam &c. Mas náo ha duvida, que a letra G, antes de vogaes diverſas, tem dous diverſos ſons na pronunciaçáo, porque em humas ſóa ſempre como G; e ſáo todas as que principiáo por Ga, Go, Gu: v. g. Gama, Goma, Gume. Em outras ſóa como I conſoante ferindo a vogal ſeguinte; e ſáo todas as que principiáo por Ge, Gi, como Genero, Gigante, que

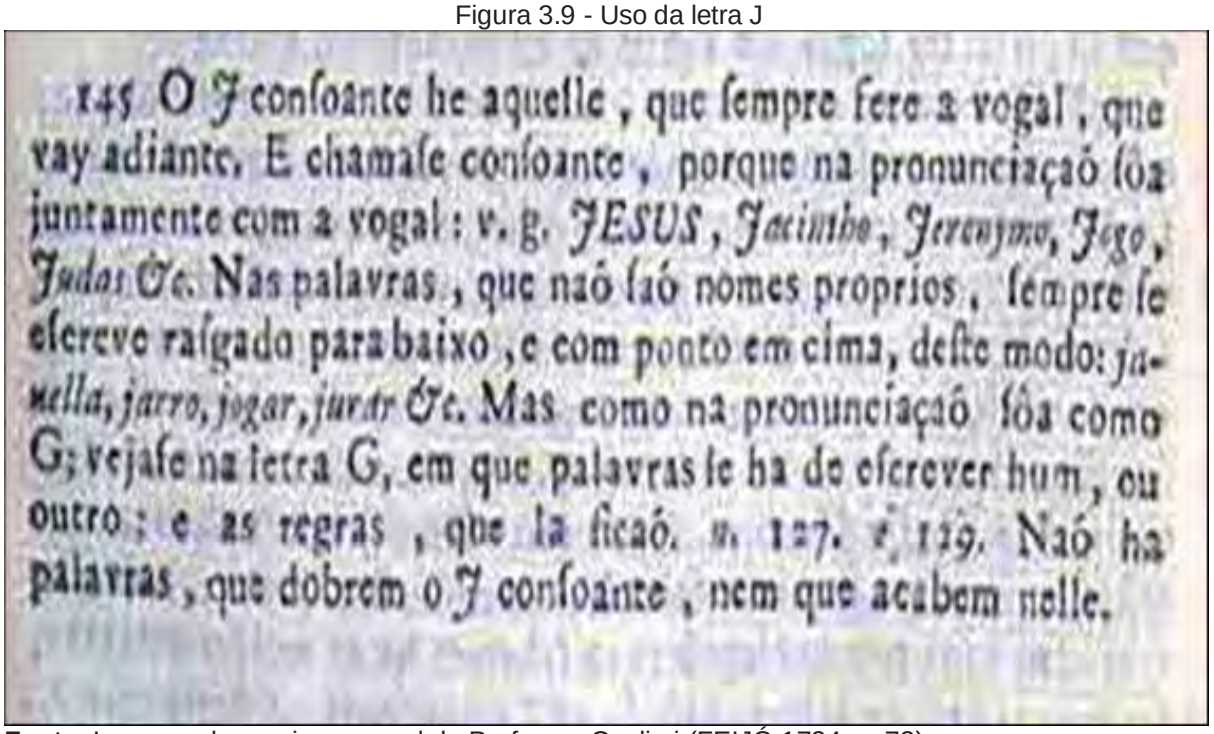
E

ſóaó

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari. (FEIJÓ, 1734, p. 65).

***Transcrição**: A letra G pronuncia-se com a parte interior da boca, apartando a raiz da língua subitamente, e sem tocar nos dentes, E quando se pronuncia ferindo a vogal E, ou I, só se inclina meia parte da língua para o princípio do paladar, sem tocar ela, mas quase nos dentes v.g. Reger, Regiam. Mas não há duvida, que a letra G, antes de vogais diversas, tem dois diversos sons na pronunciação, porque em umas soa sempre como G; e são todas as que principiam por Ga, Go, Gu: Gama, Goma, Gumo. Em outras soa como I consoante ferindo a vogal I seguinte; e são todas as que principiam por Ge, Gi, como Gênero, Gigante, que soam E.*

Figura 3.9 - Uso da letra J



145 O J conſoante he aquelle, que ſempre fere a vogal, que vay adiante. E chamaſe conſoante, porque na pronunciaçáo ſóa juntamente com a vogal: v. g. JESUS, Jacinthe, Jeronymo, Jogo, Judas &c. Nas palavras, que náo ſáó nomes proprios, ſempre ſe eſcreve raſgado para baixo, e com ponto em cima, deſte modo: janella, jarro, jogar, jurar &c. Mas como na pronunciaçáó ſóa como G; vejaſe na letra G, em que palavras ſe ha de eſcrever hum, ou outro; e as regras, que lá ficáó. n. 127. e 129. Náó ha palavras, que dobrem o J conſoante, nem que acabem nelle.

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (FEIJÓ,1734, p. 73)

***Transcrição**: O 'J' consoante é aquele, que sempre fere a vogal, que vai adiante, e chama-se consoante, porque na pronunciação soa juntamente com a vogal: v.g. Jesus, Jacinto,Jircuyno, jogo, Judas. Nas palavras, que não são nomes próprios se escreve raigado para baixo, e com ponto em cima, deste modo: janella, jarro, jogar, jurar. Mas como na pronu mnciação soa como G; veja se na letra G, em que as palavras há de se escrever um ou outro; e as regras, que lá ficam N. 127 e 129. Não há palavras, que dobrem o J consoante, nem que acabe nelle.*

Gonçalves Viana (1892) descreve a oclusiva velar 'G' e a fricativa alveopalatal 'J' quanto à sua forma de ser articulada. A parte anterior do palato duro toca com a superfície superior do ápice da língua (J) e a parte posterior da língua

toca no palato mole ou véu palatino (G). O ‘G’ inicial português é usado antes de ‘a’, ‘o’, e ‘u’ e o J com todas as vogais. (GONÇALVES VIANA, 1892, p. 33).

Para que possa-se pronunciar a letra G com ‘e’ e ‘i’ precisa-se acrescentar a vogal ‘u’ para que seja dita: ga, gue, gui, go, gu. (LEÃO, 1606, p .59).

Maria Filomena Gonçalves (1992) diz a respeito desta letra G que por haver os sons diferentes para a mesma letra [ɡ] seguido de ‘a’ e ‘o’, e [ʒ] seguido de ‘e’ e ‘i’ há um problema de heterofonia.

Acerca da letra J, Cagliari (2009, p. 92) diz que ela surgiu

> [...] da forma alongada da letra I, quando ocorria dois Is (II), para não confundir isso com a letra U. no século XIV, surgiu o costume de colocar pingo nos Is e nos Js. O ortógrafo francês Louis Meigret colocou o J depois do I no alfabeto, dando-lhe o valor de nova letra, uma vez que passou a representar um som diferente (ou de uma fricativa alveodental sonora). Esse valor fonético, provavelmente já tinha aparecido antes.

Nos *corpora* manuscritos e fac-símiles escritos no século XIX no Maranhão, as letras G e J encontram-se com o mesmo emprego que se faz atualmente na língua portuguesa.

3.10.2.1 Letra G com o som de [ʒ] antes de ‘e’ e de ‘i’

Harpa de Ouro

gentileza, suggestão, mirangens, intelligencia, Genio, virgem, vegeta, longe, *Gerichos, generoso, imagem, genial, gelada, Esfulge,* virginal, Virginia, relógios, contagião, original, phrygie, regiões, orgia, originar.

Documentos da Guerra da Balaiada

rígida, geraes, gente, geral, inteligencia, elleger, paçagem, George, viagem, Vargem, tragédias, flagelado, diligencia, collige, corage, fragelhos!, genérica, Magestade, germen, urgente, dirigirem, reginerador, exzegir, relegião, deregi, deregindo, Religião, attingida, Magistrados, magistade.

Jornais

evangelho, Genesis, generosidade, gerência, engenho, passageiro, gêneros, viagem, imagem, agente, origem, exigência, pagina, original, dirigida, vigilância, registro, regimento, imaginem, legislador.

3.10.2.2 Letra G com som de [g] antes de ‘a’, ‘o’, e ‘u’

Harpa de Ouro

chegar, diga, Theologaes, meiga, pagam, sigo, chegou., logo, fogo, ergo, jogo, Bogotás, relampago,, fulgor, refegos, apago, cego, cheguei, alguém, S'erguem, ninguém, sangue, figueira, águia, seguro, guarda, agulha, cegueira, Guanabara, água, fragueiro, guerra, entre outros.

Documentos da Guerra da Balaiada

manga, garantia, largar, Parga, encarregadas, vigario, madrugada, chegarão, entregar, fuga, carregadas, obrigado, socego, governo, artigo, empregos, vigor, negocio, disgosto, Lago, julgo, agoa, retagoarda, inimigo, seguintes, portuguezes, Iguará, sangue, segurança, alguma, segurarmo, Pidrigulho, segunda, empuguneis, angustias.

Jornais

navegação, carga, gaz, alfandega, chegar, garrafa, alugada, larga, improrrogável, pagamento, Parga, theogonia, vigor, allegorias, antigo, logo, largo, grego, artigo, governo, rigor, gomma, gostos,caligo, cargo, figuras, regularidades, línguas, segundo, figuradas, Gustavo, fulgura.

3.10.2.3 Letra G como som de [g]antes de consoante “l’, ‘r’, ‘n

Harpa de Ouro

sagrados, Photographaram, sagrada, grande, consagrou, negros, gravo, sagrado, negror, gritos, telegrapho, degraus, gloria, gloriosa, gladiador, prelgros, ennegreceram,incógnito, ignivoma, ígneos, ignoramos, magnólia, Magnete, peignoir, magna, Ignês.

Documentos da Guerra da Balaiada:

grande, sagrado, negros, engrossando, sagrada,disgrassados, grupos, graça, gritos, regresso, gloria, gloriosos, assignado, designação, significa, repugnância,digno.

Jornais

sagrada, igreja, grandeza, grandioso, grajahú, grego, grande, consignatario, consignado, magnífica, ignora, assignantes, assignaturas, assignado.

A letra G antes de 'l' e 'n' não foi muito encontrada nos*corpora* de modo geral, possivelmente se deu devido a este grupo consonantal, vindo do latim, não ter permanecido no português no começo, mas o grupo "gn" em alguns casos, gerou a nasal palatal "nh'. para Madureira Feijó, "nenhuma palavra Portuguesa acaba em G; alguns nomes próprios que se escrevem com ele, são hebraicos, como: Agag, Gag, Magog, Og". (MADUREIRA FEIJÓ, 1734, p. 69).

3.10.2.4 Letra J no início e no meio de palavras

Harpa de Ouro

jardins, deseja, adeja, janella, alvejam, vejam, já, jamais, lactejante, janta-se, haja**,** forjai, Jesus, projectis vejo, beijo, joven, lampejou, jovito, viajor, jogo, anjo, Joaquim, José, juiz, juvente, juritis.

Documentos da Guerra da Balaiada

seja, já, sejão, despeijarem, cujas, jeito, Jeronimo, despejem, José, ultraje, objetos,gente, Jesuíno, esteje, major, vantajozo, d'oje, desejo, correjo, Brejo, João, junho, Jutahi, junta, julgo, Junior, ajudante, jurarão.

Jornais

janeiro, cuja, já, igreja, arrojadas, Grajahú, grajair, engaja-se,Joaquim, relojoaria, João, José, junta, Junior, julgar, queijara, judiciárias, justas...

Houve pouca ocorrência da fricativa alveolar sonora J diante de ‘e’, e diante de ‘i’. Na análise dos *corpora* não foi encontrada qualquer ocorrência. Esta letra se encontra sempre em posição de *onset*, na sílaba.

3.10.3 As letras M e N

As letras M e N nos *corpora* em análise seguem a mesma grafia do sistema ortográfico do português atual com relação à formação das palavras. A letra M ocorre em início de sílaba representando uma nasal bilabial sonora. É marca de nasalidade quando em posição pós-vocálica dentro de uma sílaba. Neste caso esta letra é representada foneticamente pela vogal anterior à letra M com o diacrítico til, estando sempre em posição de *onset* e de *coda* na sílaba.

Oliveira (1536, p. 9) faz referência á letra M mostrando que “A pronunciação do .m. muge entre os beiços apertados apanhando para dentro” e o N é “tocado com a ponta da língua as gengivas de cima”. O autor preconiza que:

> Esta letra .m. não é semivogal nem pode fenecer em ella as nossas vozes: porque isto é verdade que nesses cabos onde a escrevemos e também no meio das dicções em cabo de muitas sílabas soa uma letra muito branda que nem é .m. nem .n. como nós escrevemos ora uma delas: ora outra imitando os latinos. Mas a meu ver de necessidade escrevamos nos tais lugares esta letra que chamamos til ainda que a alguns parecera sobeja e que não serve mais que de soprir por outras (OLIVEIRA, 1536, p. 29).

Leão (1606) diz que as letras M e N são semivogais, pois pronunciam-se por si só formando o som de uma semivogal. A letra M é sempre escrita antes das consonantes B e P e em início de sílabas. Acrescenta ainda que:

> Nas palavras, que assim no Latim, como no Português, são compostas das preposições *Con* e *In* e de dicções, que principiem por M, mudaremos o N das preposições em M; e escreveremos outras palavras: *commedo, communicação, commendaste, commissário, immenso, immemorial, immovel* etc. as mais, que não forem compostas, na duvida se escreverão com N, ainda que os compostos da preposição *Circum* como circumferencia, circumstancia, se escrevem também com M e não é dobrado, nem se segue B ou P, nem palavra, que principie por M. Do mesmo modo se escrevem Solemnidade, Silamne mas eu não achei outras desta exceção (LEÃO, 1606, p. 81).

Vera (1631), comungando com outros ortógrafos e gramáticos, relata em sua gramática que a nasal bilabial M e nasal alveolar N são semivogais e que a letra M é

pronunciada quase fora da boca entre os beiços. Este autor acrescenta com relação à letra M que:

> Fere todas as vogais diretamente, não admitindo antes nem depois de si outra consoante mais que B e P e a mesma letra M, antes das quais escreveremos sempre M e não N, e assim dizemos: ambos, tempo, immenso e não anbos, tenpo inmóvel. [...] Contudo, há de se advertir que há alguns nome propriamente Gregos e verbos Latinos que admitem .m. e não .n. antes da dita consoante n, que é bem se saibam para sabermos usar deles sendo necessário, como: hymno, solemne, somno, condemno, calũnio, e muitos nomes próprios que por brevidade deixo, como: Agamêmnon, Polymneia, Clytemnestra e outros que os versados na língua Latina sabem e usam na pronunciação e escritura. E só este nome Latino se achará que se escreve com m antes de s que é: hyems (VERA, 1631, 13-13v).

E com relação à letra N:

> [...] dela se servem as línguas por ser mui necessária: nenhuma a põe (salvo a Castellana antes das três letras, B, M, P: nem se juntam com outra consoante, mais que com a letra S: como, transferir, instrumento. Polo na composição dos vocábulos, quando vem as pronunciações in, con; se o verbo ou nome a que se ajunta, começa em algumas das ditas letras, B, M, P, N se muda em M: como embeber, commutar, implorar (VERA, 1631, 13-13v).

Na Gramática de Madureira Feijó (1734) as letras M e N são descritas também como a forma de articulação. Assim ele as descreveu:

> A letra M, pronuncia-se abrindo ligeiramente os beiços. Como se vê em *Mano, Manuel*. É pronunciada por si só, forma o som de semivogal, com se disséramos, *Eme*. O uso desta letra é fácil de reduzir a regras certas, e serão as seguintes com a sua inteligência. (FEIJÓ, 1734, p. 81).

> A letra N, pronuncia-se com a extremidade da língua tocando no principio do paladar, soltamente, como se vê nestas palavras. *Nascimento, Nação, Nome, Nuvem*. É pronunciadasó, soa como se disséramos *Ene*. O uso desta letra é fácil depois de sabermos, quando se escreve M, como fica dito acima. Donde, pode ser regra geral, que nunca usaremos do N antes de B, P, M, e nas palavras, que levam a proposição Circum, como circumferencia, circumloquio, circumstancia, circumspecto. Ainda que alguns também escrevem as duas ultimas com N.(FEIJÓ, 1734, p. 85).

Para o foneticista português, Gonçalves Viana (1892), as letras M e N são sons sonoros, isto é, com voz e conforme a maior ou menor aproximação dos órgãos que as produzem são chamadas de nasais. O autor acrescenta:

> Quando uma vogal nasal se segue consoante explosiva além dessa vogal, ouve-se atenuada, reduzida, uma consoante nasal, homorgânica com essa explosiva: assim, campa, canta, manda, tranca, manga, pronunciam-se

> *campa, cãnta, mãnda, trãnca, manga.* A nasalidade portuguesa é mais fraca do que a francesa, pelo menos no centro e sul de reino: é de 1º grau (26). (GONÇALVES VIANA, 1892, p.52-53).

Silva Neto (1979) classifica as letras M e N em nasais, sendo a primeira labial e a segunda dental. Mostra que em posição final esses sons não são pronunciados, o que não é diferente de todos os outros autores citados nesta pesquisa. A representação fonética destas letras são feitas pelo diacrítico til (~).

Cagliari (2004) escreve que, de acordo com as normas ortográficas, diante de P, B, (e M) só se escreve letra M e não N. E que em final de palavras só ocorre a letra M, a letra N ocorre em pouquíssimos casos. No período fonético, a letra M, quando seguida de uma consoante nasal a vogal anterior, podia ser empregada antes de alveolar ou dental. Nos documentos da guerra da Balaiada ocorreu este fenômeno com a palavra emsinar – ensinar. A letra N era usada para nasalizar a vogal anterior. O autor formulou regras de uso de algumas consoantes e as regras para as letras M e N foram:

> 1. Se houver nasal entre vogal e consoante, ocorre M diante de P e B. Nos demais casos ocorre N. exemplos: campo, tambor, canto canção cânfora, anjo...2. depois de N, não se usam letras duplas (do tipo RR e SS). Exemplos: honra, insulto..etc. 3. O plural dos nomes terminados em M é NS. (CAGLIARI, 2004, p. 178).

Nos corpora analisados, as letras M e N ocorrem nas mais diversas posições como:

3.10.3.1 No início de palavras em posição de onset

Harpa de Ouro

> Menino, manco, mirar-se, mamman, mudo, mal, mesa, mel, manhan, Musa, mar, montanha, muro, mão, madrugada, Metamorphoseados, môça, marinheiro, murtas, miragem, mensagem.

> Nação, nome, noite, namôro, não, navegamos, nem, noivinha, nuven, natureza, nuvens, nunca, nesse, nova, noiva, naufragio, navio, noctâmbulo, nato, nutrição, nidoso,

Documentos da Guerra da Balaiada

Manga, mil, Munin, milhores, major, Mirim, meo, minha, motivo, mãos, medidas, Meretissimo, máxima, Manoel. Militar, mandada, mesmo, maiores, madrugada, marinha, marcho, mal, malvados, marxa, Maranhenças.

Nossa, necessidade, neste, noticia, noça, nada, não, nos, nenhum, noso, notiçias, Nazareth, Nunes,nesse, noços, negócios, nunca, nenhuma, numero, nome, negros, Norte, nopticia.

Jornais

Maranhense, matadouro, moda, Messias, Moysés, monumentos, mundo, membro, monstruosidade, mascaras, menos, maioria, mereça, mandou, magnífica, maquinas, maravilhadas, mencionadas.

Novo, navegação, numero, nenhuma, Nazareth, nosso, novidade, natureza, Nunes, nacional, navio.

3.10.3.2 No meio de palavras

Harpa de Ouro

Primeirinha, amor, alma, amor, amante, armada, symbolo, firmamentos, tempos, fome, Redemptora, tamanho, ermo, família, prémio, nalma, democracia. Constellemos, firmamento, formosura, promissão, sublime.

Fontes, jardins, encontrar, interno, transpor, renascida, divina, Virginia, minerva, açucena, Athenas, outomno, gênio, somno, planetas, planeta, lunar, meninos, rouxinoes, sonoro, infinito.

Documentos da Guerra da Balaiada

Demettido, empregos, famílias, armada, fizemos, amiaçada, mesma, ânimos, semilhante, fizemos, conhecimento, acalmar, remediadas, primeiro, famílias, armado, despotismo, tomadas, armado, imediatamente, simelhante.

Reunião, governo, Parnaíba, reunido, ânimos, funestas, governo, reginerador, funestos, dono, coluna, Cabanos, asacinar, emnovar, detriminar, piqueno,pineira, ingano.,

Jornais

Sublimes, simples, começou, comparado, homem, admirável, romances, pontissima.

Vinte, ancianidade, grandeza, principais, antiguidade, engenho, tratando, barbante, principais, antigo.

3.10.3.3 Diante de consoantes e em posição de coda

Harpa de Ouro

Imperio, sempre, embota, limpa, relampago, sómbrio, companheiros, lembraram, lembrança, comtigo, hombro, tombado, pombas, Omhero, semblante, lampeja, relâmpagos, bemdiz, triumphador.

Horizonte, uns, envermelham, grand, sangue, morangos, gentil, estrangulado, aprendei, antemuraram, Princeza, pendão, Incorruptivel, Sancta, pentastral, descansa, trança, infesto, vingança, mensagem, pondo, incendeia, Magnólia.

Documentos da Guerra da Balaiada

Dezembro, Imperio, empregos, composto, assemblea, membros, lembranças, novembro, pernambucano, emdagar, comprio, embora, sempre, emfuluidos, emxerga, comvida, emfim, emtoziasmo, amocambados, ambição,tempestade, emperador.

Quinze, sustentada, manga, prezidente, província, entrega, Constituição, honra, vindo, grande, conselho, commandante, reprezentação, pecontrario, consecuençias, honrados, pretensão, vantajozo, concedem, ponto, penteado.

Jornais

Simples, bem, com, fazem, conservem, comprado, ordem, homem, assumpto, simplicidade, composição, cumprir, imposto.

Grandioso, evangelho, principaes, entrou, consagrado, monumento, infinito, convensermos, mundo, attenção, romances, monstruosidade, tratando, convinha, mencionado , engenho.

3.10.4 As letras S e Z

As fricativas são sons produzidos com um estreitamento da passagem de ar pelos articuladores de forma a produzir fricção. Dentro da classe das fricativas encontram-se as sibilantes. Os seguintes sons são considerados sibilantes [s, z, ʃʒ][33]. Nas sibilantes alveolares [s, z], a fricção ocorre na região dos alvéolos, e, nas sibilantes alveopalatais [ʃ,ʒ], a fricção ocorre na parte medial ou palato duro (SILVA, 2003).

No português brasileiro, todas as sibilantes ocorrem em posição inicial de sílaba e, nesse contexto, apresentam contraste fonêmico, como pode ser observado pelos exemplos: a) assa [asə], asa [azə], acha [aʃə] e aja [aʒə]; b) seca [sɛka], Zeca [zɛka], checa [ʃɛka] e jeca [ʒɛka]. Em posição pós-vocálica, esse contraste neutraliza-se. Isso significa que qualquer uma das sibilantes pode ocorrer em final de sílaba sem causar mudança de significado: por exemplo: paz [ˈpas],[ˈpaz],[ˈpaʃ], [ˈpaʒ]. Para assinalar a neutralização usa-se o arquifonema /S/ (MATTOSO CÂMARA,1992; SILVA, 2003).

A ocorrência de um dos segmentos [s, z, ʃ, ʒ] em posição pós-vocálica depende do contexto fonético e do dialeto.

Oliveira (1536) faz uma descrição das consoantes S e Z, descrevendo suas pronúncias a partir da articulação destes sons. Para serem pronunciadas direciona-se o ápice da língua para o palato (céu da boca). O Z se diferencia um pouco do S, pelo cerramento dos dentes ao ser pronunciado. O autor centra-se nas regularidades das variações do S e não nas irregularidades e deste modo descreve a letra S da seguinte maneira:

> .S. singelo, diz Quintiliano, é letra mimosa e quando a pronunciamos levantamos a ponta da língua para o céu da boca e o espírito assovia pelas ilhargas da língua. O .ss. dobrado pronuncia-se como o outro pregando mais a língua no céu da boca”
> A pronunciação do .Z. tine entre os dentes cerrados, com a língua chegada a eles e os beiços apartados um do outro, e é nossa própria esta letra” (OLIVEIRA, 1536, p. 35).

[33] Alguns autores (cf. Mattoso-Câmara, 1970) utilizam o termo sibilantes para os sons [s, z] e chiantes para [ʃ,ʒ]. Nesse trabalho, utiliza-se apenas o termo sibilantes para [s, z, ʃʒ].

Nos fins do século, em 1574, o ortógrafo Magalhães de Gândavo refere-se à confusão entre C, S, e Z, acrescentando que não só as pessoas “vulgares” quanto outras pessoas se enganam na escrita ortográfica destas letras, confundindo-as. O autor lembra que essas letras são diferentes e distintas na suas pronunciações e na natureza, assim como são na figura.

Vera (1631, p. 22-23) afirma que a fricativa alveolar S é uma só letra e não duas como puseram alguns autores em seu alfabeto. Esta letra só é dobrada entre vogais que terá um som de Ç e quando vier depois de consoantes, se pronuncia como dobrada. Com relação à outra fricativa alveolar Z, este gramático chamou de figura e disse que se pronuncia com a ponta da língua com mais força do que o S.O autor sobre estas letras diz:

> [...] porque s, ſ, essa diferença é para graça da escritura, mas não para fazer diferença na pronunciação,que ser .ſ. comprido ou .s. curto, não é por serem de duas espécies,nem menos um singelo e outro dobrado. [...].Assim que esta letra .s. ou .ſ., comprido ou curto, é uma só letra semivogal e mais assobio que letra (segundo dizia Marco Massala) porque imita no soído ao silvo da cobra. E daqui (dizem alguns) se deu a feitura S .ſ. torcida e enroscada, à feição e postura que a cobra tem. (VERA, 1631, 17-18).
> Avemos chegado à letra final do alfabeto; que é esta letra semivogal Z da qual carecerão os Latinos até o tempo de Augusto em que a tiveram, para lhes escusar letras dobradas, que eram, ſ, d. Assim que esta letra Z, por ser figura, a abreviação de duas letras, se chama letra dobrada, porque se pronunciavam os gregos [...] escrevemos com z todos os nomes patronymicos Portugueses. [...] Os nomes femininos denominados de outros, como avareza, simpleza, nobreza, Os que na ultima syllaba tem a, com acento nela, como *rapaz, capaz*.[...] (VERA, 1631, p. 23).

Para Feijó (1734, p. 94) o som S era pronunciado com a ponta da língua aplicada ao palato, direcionado para os dentes superiores com os lábios pouco abertos, soando um assobio saindo do meio da boca, enquanto que o som Z pronuncia-se com a parte anterior da língua com mais força e certo zunido. Feijó faz uma relação da letra S com a letra C/Ç dizendo:

> [...] se os nossos ortógrafos bem advertiram neste sibilo ou assobio do S no som da sua pronuncia, nunca dirão, que o S tinha forma de C e que se equivoca com ele; porque pouco sabe da pronunciação portuguesa, quem não percebe como soam diversamente, *sa, se, si, so ,su* de c*a, ce, ci. ço, çu.* A dúvida maior no uso do S é, quando se há de escrever simples, ou dobrado; porque escrevendo-se simples, umas vezes só como S, e outras como Z; e para se escrever dobrado não nos assinam regra certa. Eu porem direi o que julgo a clareza, que costumo nas regras seguintes, para falarmos com distinção. Primeira regra: o S no principio das palavras nunca se dobra

> e sempre soa como S ferindo as vogais com certo sibilo, que não tem o C. Ex. Sarar, Sabia, Saber, Sinal, Signo. Segunda regra: o S depois de consoantes, também senão dobra, e fere a vogal seguinte como S. Ex. Falso, Manso, imprensa. (MADUREIRA FEIJÓ, 1734, p. 95).

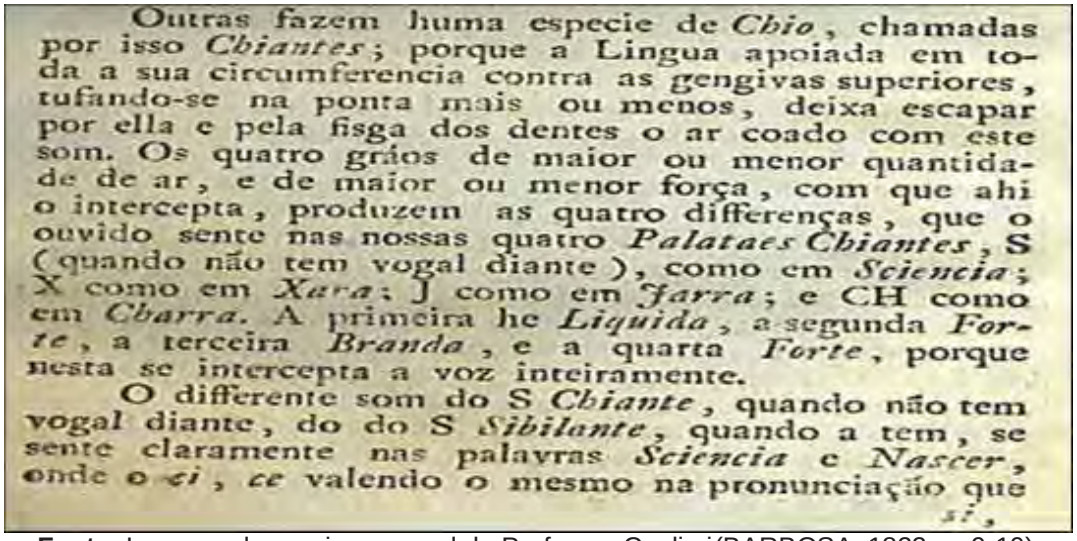
O autor redigiu também regras para que não houvesse confusão com o uso da letra Z, tais como:

> [...] com a letra Z senão equivoca com nenhuma outra na pronunciação, só o S entre duas vogais se pronuncia com ele, não podem fazer duvida as palavras, que principiam por Z, porque a pronunciação as ensina. Ex. Zimbre, Zoar, Zodiaco [...]. as palavras que escreve com Z intermediário é uma regra mais dificultosa, por serem muitas as palavras, que entre duas vogais se escrevem com um só S, e se pronuncia com Z. As regras gerais são, que escrevem com Z todas as linguagens dos verbos *Fazer, Dizer, Prazer,Trazer*, nos tempos em que o Z fere a vogal seguinte. O mesmo é nos mais verbos que ficam a cima; mas só nos mesmos tempos; porque naqueles, em que se muda de pronunciação, também se muda de letra, como os pretéritos.Também escrevemos geralmente com Z no plural, todos os nomes, que no singular acabam em Z, com Cruz, Cruzes. [...] (FEIJÓ, 1734, p. 94).

A respeito da sibilante sonora, Feijó (1734) comenta que não há regra definitiva para saber quando deve se escrever com S ou com Z as palavras que possuem o fonema sibilante sonoro.

Jerônimo Barbosa (1822) comunga com a descrição de Madureira Feijó (1734) com relação aos sons das letras S e Z, dizendo que são chamadas de sibilantes pela forma de assobio forte e brando que estas fazem ao ser pronunciadas. Ele diferencia o som do S Chiante e o som do S sibilante, O S chiante é quando este se posiciona antes de consoantes, como exemplo tem-se as palavras *nascer, sciencia.* E o S sibilante quando se posiciona com vogais – Sêlo, em oposição da consoante palatal sibilante Z que é mais forte, com zunido – Zêlo. O autor explica em sua “Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral Applicados à Nossa Linguagem” que:

Figura 3.10 - S sibilantes e S chiante



Outras fazem huma especie de *Chio*, chamadas por isso *Chiantes*; porque a Lingua apoiada em toda a sua circumferencia contra as gengivas superiores, tufando-se na ponta mais ou menos, deixa escapar por ella e pela fisga dos dentes o ar coado com este som. Os quatro gráos de maior ou menor quantidade de ar, e de maior ou menor força, com que ahi o intercepta, produzem as quatro differenças, que o ouvido sente nas nossas quatro *Palataes Chiantes*, S (quando não tem vogal diante), como em *Sciencia*; X como em *Xara*; J como em *Jarra*; e CH como em *Charra*. A primeira he *Liquida*, a segunda *Forte*, a terceira *Branda*, e a quarta *Forte*, porque nesta se intercepta a voz inteiramente.

O differente som do S *Chiante*, quando não tem vogal diante, do do S *Sibilante*, quando a tem, se sente claramente nas palavras *Sciencia* e *Nascer*, onde o *ci*, *ce* valendo o mesmo na pronunciação que *si*,

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari(BARBOSA, 1822, p. 9-10).

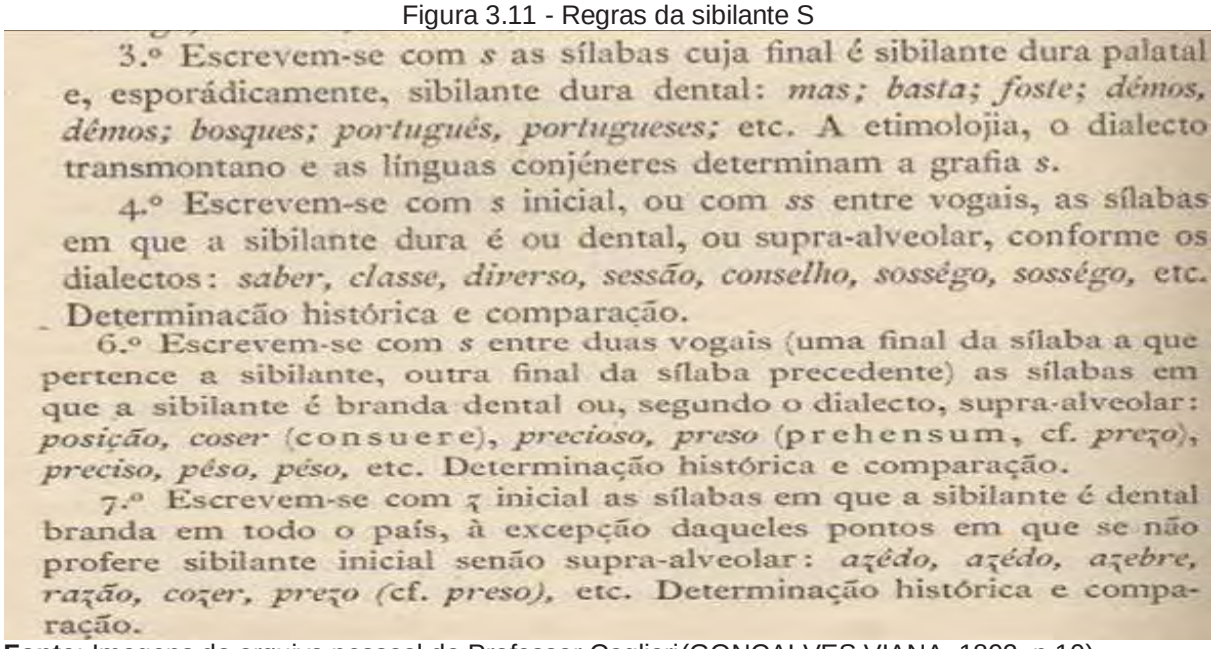
Transcrição: *Outras fazem uma espécie de chio, chamadas por isso chiantes; porque a Língua apoiada em toda a sua circunferência contra as gengivas superiores, tufando-se na ponta mais ou menos, deixa por ela e pela fisga do dente o ar coado este som. Os quatro grãos de maior ou menor quantidade de ar, e de maior ou menor força, com que aí o intercepta, produzem as quatro diferenças, que o ouvido sente nas nossas quatro Palatais Chiantes, S (quando não tem vogal diante), como em Sciencia; X como em Xara; J como em Jarra; e CH como em Charra. A primeira é liquida, a segunda Forte, a terceira Branda, e a quarta Forte, porque nesta se intercepta a voz inteiramente.*

O diferente som do S Chiante, quando não tem vogal diante, do S Sibilante, quando a tem, se sente claramente nas palavras Sciencia e Nascer, onde o ci , ce valendo o mesmo na pronunciação que si,

Para este gramático uma das maiores dificuldades existentes na escrita ortográfica é o uso do C sem cedilha antes das vogais ‘e’ e ‘i’, e C com cedilha antes das vogais ‘a’, ‘o’ e ‘u’, pois ele acredita que ambas têm o mesmo valor de um S simples e para se saber como escrever ortograficamente tem-se que conhecer a origem latina das palavras. (BARBOSA, 1822, p. 51).

Quanto às variações na escrita das S e Z, por exemplo, Gonçalves Viana (1892) também elabora diversas regras para uso delas. Pode-se perceber que com relação a estas sibilantes a maioria dos ortógrafos, gramáticos, tratadistas e estudiosos da língua se preocuparam com seus usos. O referido autor propõe:

Figura 3.11 - Regras da sibilante S



3.º Escrevem-se com *s* as sílabas cuja final é sibilante dura palatal e, esporádicamente, sibilante dura dental: *mas; basta; foste; démos, dêmos; bosques; português, portugueses;* etc. A etimolojia, o dialecto transmontano e as línguas conjéneres determinam a grafia *s*.

4.º Escrevem-se com *s* inicial, ou com *ss* entre vogais, as sílabas em que a sibilante dura é ou dental, ou supra-alveolar, conforme os dialectos: *saber, classe, diverso, sessão, conselho, sosségo, sosségo,* etc. Determinacão histórica e comparação.

6.º Escrevem-se com *s* entre duas vogais (uma final da sílaba a que pertence a sibilante, outra final da sílaba precedente) as sílabas em que a sibilante é branda dental ou, segundo o dialecto, supra-alveolar: *posição, coser* (consuere), *precioso, preso* (prehensum, cf. *prezo*), *preciso, péso, péso,* etc. Determinação histórica e comparação.

7.º Escrevem-se com *z* inicial as sílabas em que a sibilante é dental branda em todo o país, à excepção daqueles pontos em que se não profere sibilante inicial senão supra-alveolar: *azêdo, azédo, azebre, razão, cozer, prezo* (cf. *preso*), etc. Determinação histórica e comparação.

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari(GONÇALVES VIANA, 1892, p.10).

Transcrição:*3º Escrevem-se com S as sílabas cuja final é sibilante dura palatal e, esporadicamente, sibilante dura dental: mas; basta; foste; demos; demos; bosque, português, portugueses; etc. A etimologia, o dialeto transmontano e as línguas congêneres determinam a grafia S.*

4º Escrevem-se com S inicial, ou com SS entre vogais, as sílabas em que a sibilante dura é ou dental, ou supra-alveolar, conforma os dialetos: saber, classe, diverso, sessão, conselho, sossego, etc. Determinação histórica e comparação.

6º Escrevem-se com S entre duas vogais (uma final da sílaba a que pertence a sibilante, outra final da sílaba precedente) as sílabas em que a sibilante é branda dental ou, segundo o dialeto, supra-alveolar: posição, coser (consuere), precioso, preso (prehensum, cf. prezo), preciso, pêso, peso, etc. Determinação histórica e comparação.

7º Escrevem-se com Z inicial as sílabas em que a sibilante é dental branda em todo país, à exceção daqueles pontos em que se não profere sibilante inicial senão supra-alveolar: azêdo, azédo, azebre, razão, cozer, prezo (cf.preso), etc. Determinação histórica e comparação.

Nota-se a ocorrência das dificuldades na escrita destas sibilantes em diferentes séculos. O gramático brasileiro Silva Neto (1979) aborda também essas ocorrências em sua gramática, mostrando o problema mais interessante do consonantalismo que diz respeito ao sistema de sibilantes. Segundo o autor, antigamente, por volta do século XVI, as sibilantes não eram confundidas, na pronúncia padrão nem nas palavras escritas com S e Z, nem as grafadas com S, SS, e Ç. Foi a partir daquele século que houve uma generalização das pré-dorsais. Dos estudos feitos por gramáticos, ortógrafos, tratadistas que escreveram suas gramáticas e tratados como Gonçalves Viana e Leite de Vasconcelos, é que

Portugal a partir da distribuição geográfica ficou dividido atualmente em três partes quanto ao sistema das sibilantes, tais como:

> a) Uma zona muito conservadora em que sobrevivem quatro sibilantes diversas – duas predorso-dentais, uma surda, outra sonora, e duas ápico-alveolares, também uma surda e outra sonora, correspondendo respectivamente ao C, ao Ç, ao Z gráficos e ao S, ao SS e ao S intervocálico gráficos. Nesta zona, pronuncia-se portanto *cego, caça*, *fazer com sibilantes predorso-dentais, mas saber*, passo e casa com sibilantes ápico-alveolares; cozer o pão (com Z predorsal) mas coser a roupa (com Z apical), *cegar*, "perder a vista" diverso de *segar* "cortar o trigo".
> b) Numa segunda zona, há apenas duas sibilantes, uma surda e outra sonora, ambas ápico-alveolares, podemos chamar–lhe zona de ceceio com S apical. Nela pronuncia-se *cego, caça, saber, passo, fazer, casa e coser = cozer, cegar = segar*, sempre com sibilantes ápico-alveolares.
> c) Numa terceira zona, há também apenas duas sibilantes, uma surda e outra sonora, mas são ambas predorso-dentais: pronuncia-se nela *cego, saber, passo, fazer, casa e coser = coser, cegar = segar*, sempre com sibilante predorsais. É a zona de ceceio em S predorsodental ("ceceio" porque s predorsal vem como adiante direi do ts, antiga pronuncia do c), em que está compreendido o português de Lisboa, a que se associa ao português do Brasil. (SILVA NETO, 1979, p. 486).

Silva Neto (1979) mostra que no Brasil vieram não só colonizadores que em seu sistema linguístico usavam sibilantes de tipo pré-dorsal, mas também um grande número que distinguia quatro sibilantes (S, Z, S, Z) e um apreciável contingente para os quais só havia sibilantes apicais, mas há um contato de três tipos de sistema segundo o autor: (SILVA NETO, 1979, p. 591). a) De quatro sibilantes (S, Z, S, Z); b) De duas sibilantes (S, Z); c) De duas sibilantes (S, Z).

Cagliari (2007) faz uma breve explicação quanto às sibilantes portuguesa [s, z, ʃ, ʒ]. Ele as classifica em fricativas alveolares e faz uma comparação entre o dialeto paulista, onde ocorre o som [s] em final de sílabas e no carioca ocorre a sibilante [ʃ]. Mas o autor ainda explica que:

> Alguns falantes usam, na verdade, uma articulação que começa com a produção de uma fricativa alveolar surda e acaba com a língua articulando uma fricativa palatoalveolar surda, o que se poderia, então transcrever da seguinte maneira [sʃ]. Alguns autores têm mencionado a produção inversa, isto é, uma articulação que começa na posição de uma fricativa palatoalveolar e termina na posição de uma fricativa alveolar surda. Tal tipo de ocorrência nunca foi encontrado por mim. Essas fricativas tornam-se sonoras ou vozeadas, em geral, quando são seguidas por consoantes sonoras ou quando estão envolvidas no fenômeno de juntura. (CAGLIARI, 2007, p. 37).

Sabe-se que as distribuições das fricativas alveodentais do português vão ocorrer fonologicamente em posição de onset ou ataque, quando iniciada em sílaba e na posição de coda quando estiver no final de sílaba ou sílaba travada, ocorrendo um valor de arquifonema, sendo representado pelo som /s/.

Desde a história da escrita sempre ocorreu esta confusão quanto ao uso das sibilantes portuguesas, seja de maior ou menor intensidade, acredita-se ter havido mudanças, variações e até mais de um sistema de escrita destas sibilantes, ocorrendo em diferentes regiões de Portugal, como atualmente ocorre. Muitos estudiosos do assunto fornecem tanto dados dialetais como históricos os quais, muitas vezes, a grafia das palavras está ligada à pronúncia de um determinado dialeto**,** como explicitam todos os autores citados neste estudo.

Após o estudo bibliográfico destas sibilantes fez-se um levantamento destes grafemas nos corpora analisados, com o objetivo de verificar se essas letras eram utilizadas baseadas nas regras elaboradas pelos ortógrafos e gramáticos ou se representavam a etimologia do vocábulo.

A seguir listam-se as ocorrências nos corpora utilizados nesta pesquisa:

3.10.4.1 'S' no início de palavras em posição de onset

Harpa de Ouro

Sagrados, sonoras, soidão, suggestão, setim, sagrada, serenas, sol, sem. sou. social, Scintilla, selim, sublime, sonhar, symbolo, senha, Septennia, si, sigo.

Documentos da Guerra da Balaiada

Senhor, socego, sejão, seburbios, sabias, sanar, seguinte, sustentados, somenti, segurança, sahir, similhante, só, servisso, saída, supratito, sessão, sangue, Salla, sima, seos, siguro.

Jornais

Semmanario, são, simples, sahir, santos absurdo, seu, saleiro, surpresa, sobre, só.

3.10.4.2 ‘S’no final de sílabas e posição de coda

Harpa de Ouro

Templos, uns, dês, través, rudes, Paes, coroas, lyrios, pátrias, minas, ceos, armas, Moysés, trevas, chammas, glorias, artes, estudantes, Jesus, mães, aves, puras, tens, harpas.

Documentos da Guerra da Balaiada

Ordens, annos, honrozos, piquetes, alguns, povos, Caxias, dous, quaes, cidadões, dois, suas, funestos, dis, Deos, mais, ordens, pois, eles, cabanos, officiais, cartuxos, notiçias, armas, alfurisos, tropas.

Jornais

Mesmo, dois, rosto, mais, costura, verdades, principaes, três, Deus, Lisboa, mas, mostrão, , dous, monstruosidade,Christo, dias.

1.10.4.3. ‘S’ intervocálico com o som de [z]

Harpa de Ouro

Asylo, horisontes, deseja, musa, trese, riso, mesa, brasilio, casa, rósea, rosal, Guesa, thesoiro, quase, desastradas, Brasil, formoso, ausência, desapparecer, visões, rosas, oásis , desertos, luminosos.

Documentos da Guerra da Balaiada

Casados, efusão, resolva, representarem, quasi, desista, desejo, designação, José, presente, entusiasmos, causa, casa, avisos, desordem, presidente, presos, crise.

Jornais

Resulta, grandioso, desafia, poesia,Jesus, designada, quasi, ousadia, praso, civilisação, espirituosos, monstruosidade.

3.10.4.4 ‘S’ intervocálico com som de [s]

Harpa de Ouro

Abrasou, resoa, Oromaso, paraisal, *gyrasol,* parisea,

Documentos da Guerra da Balaiada

Asim, nosso, asem, notisia, asacinar, iso, nese, lasar, nosos,

Jornais

Sobresair.

3.10.4.5 ‘S’ em meio de palavras, antes de consoante

Harpa de Ouro

Festas, Industria, consta, destinos, buscar, proscriptor, escravo, esposa, esp'rança, stragam, talismans, descobrimento, menestrel, stellares, scismares, homóstego, tristonhos, discípula, historia, studando, christã, rosto, desconfiada, sphacelado, astral, transporte. esfolha, tansformado, esfaimado, desgraçadinha, resgataram, mesmo, Abysmo, disciplo, espumar, espumeja, resplendor, mesquinha.

Documentos da Guerra da Balaiada

Desculpa, desconfiar, sciente, buscá-lo, risco, arriscar, escravos, desde, disgracados, disgosto, deslumbrando, Estandislau, mesmo, filismente, ismoreceo, entusiasmos, patrisotismo, cabanista, constituição, estúpidos,consta, deste, composto, angustia, revesti-vos, despeijarem, espírito, despotismo, espia, resposta, disposto, espalharos.

Jornais

Escala, respectivo, quaesquer, desde, maranhense, transferir, consignado, contraste, estado, considerar, posta, presta, mestres, circunstâncias, vistoria.

3.10.4.6 ‘S’ em meio de palavras, depois de consoantes

Harpa de Ouro

Marselheza, dorso, universo, verso, terso, vens, consagrando, bons, sensivel transformando, insecto, intransitoria, immenso, nuvens, sons, miragens, pensamento.

Documentos da Guerra da Balaiada

Absuluta, obstar, expulsados, circumstancias., tombemsam, consta, Sinfains, ordens, conseqüências, alguns,conservar, Bons, perseguiçõe, conversar.

Jornais

Consiste, construcção, persas, universal, Walsa, inscripto, falsificar, absurda, passagens, circumstancia, consignatários.

3.10.4.7 Troca da letra ‘S’ por ‘Z’

Harpa de Ouro

Quiz,- (cf.quis) azas- (cf, asas), marquezes - (cf, marqueses), revezes – (cf. reveses), cortezã – (cf. cortesã), abrazas – (cf. abrasas), brazil – (cf. Brasil), Marselheza – (cf. Marselhesa), brazilios – (cf. brasilios)

Documentos da Guerra da Balaiada

Prezidente – (cf. presidente), portuguezes – (cf. portugueses), brazileras – (cf. brasileiras), trez – (cf. três), rezolvi – (resolvi), reprezentação – (cf. representação), expuzemos – (cf. expusemos), cauzas – (c.f causas), vantajozo – (cf. vantajoso), percizo – (cf. preciso), honrozos – (cf. honrosos), requizições – (cf.requisições), decizão – (cf. decisão), perzistirmos – (cf. persistirmos), dezeja – (cf. deseja), caza – (cf. casa), quizer – (cf. quiser).

Jornais

Não foi encontrada ocorrência

3.10.4.8 Escrita com ‘sc’

Harpa de Ouro:

Disciplo, escura, adolescente, sciencia, descanso, descer, crepusclo, nascestes, Scythia, crescera, proscripto, escravo, scismares, descobrimento, frescura, descem, discípula.

Documentos da Guerra da Balaiada:

Desculpa, desconfiar, sciente, risco, buscar, Francisco, escravos, escriptos, arriscar, escuna.

Jornais

Nascente, fiscaes, buscar, transcriotos.

3.10.4.9 ‘Z’ no início de palavras em posição de onset

Harpa de Ouro

Zodíaco, Zeus, Zack, *Zelasssem, Zény,* zeloso, zodical,

Documentos da Guerra da Balaiada

zelo

Jornais

Zeferino

3.10.4.10 ‘Z’ no meio da palavra (intervocálico) e em posição de coda

Harpa de Ouro

Horizonte, Brazil, Princeza, brazílico, Thereza, luzes, tristeza, produzem, fazem, luzentes, cinzas, Amazonas, Marquezes, Revèzes.(intervocálico)
luz, cruz, conduz, quis, fez, faz. voz, cortez, imperatriz, bemdiz, feliz, talvez, feroz, veloz.cerviz, cicatriz. (posição de coda)

Documentos da Guerra da Balaiada

Prezidente, dezembro, brazileiras, rezolvi, reprezentação, cauzas, prazo, vantajozo, caracterizados, honrozo, decizão, comfuzo, emtoziasmo, treze, criminozo, facciozos,, rezedencia/rezidencia, percizão.

Luiz, trez,dez, Thomaz, Henriquez,fez, faz, fiz.

Jornais

Brazileira, fazem, dizer, Brazil, grandeza, belleza, quizerem, freguezes, confuzo, rezão, dezejo, duzentos.

Diz, mez, gaz, rendez, Thomaz, faz.

3.10.4.11 'Z' antes de consoantes

Harpa de Ouro

Nenhuma ocorrência.

Documentos da Guerra da Balaiada

Nenhuma ocorrência.

Jornais

Nenhuma ocorrência.

3.10.4.12 'Z' depois de consoantes

Harpa de Ouro

Isabelzinha, cinzas, onze, donzella, animalzinho, vanzeiro, quinze,

Documentos da Guerra da Balaiada

Quinze, exzegir, enzercendo, aperzentar, aperzentara, bronziai,exzecuta-las.

Jornais

Quinze.

3.11 Grupos Consonantais

Diz-se que quando agrupamos duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, este agrupamento é denominado de encontro consonantal. Pode-se dizer que um grupo consonantal, segundo Coutinho (1971, p. 118) é a reunião de duas ou mais consoantes contíguas, no corpo do vocábulo.

Existem variações quanto à classificação dos grupos consonantais.Coutinho (1971) classifica em quatro formas, tais como, quanto à formação, que são os grupos próprios e impróprios; quanto à posição – iniciais e mediais, e quanto à procedência – latinos e românicos.

Com relação aos grupos que são constituídos de consoantes diferentes e de consoantes oclusivas ou 'F' mais as líquidas 'L' e 'R', são chamados de próprios e aqueles que não estão contidos no caso anterior são os impróprios. Quanto à sua posição, eles podem vir no início e no meio do vocábulo. E quanto à sua procedência são de origem latinos e românicos. Como exemplos têm-se *flóreo, flanco, flamma, reflectir* e *fructo, fronte,chifrim*.

Silva (1999, p. 1-2) classifica os encontros consonantais do português em encontros consonantais tautossilábicos e heterossilábicos.

> [...] Em encontros consonantais tautossilábicos, as duas consoantes ocorrem na mesma sílaba. Neste caso, temos sempre uma seqüência de (obstruinte+líquida*): 'prato, atlas, livro, flanela'*. Em encontros consonantais heterossilábicos, as duas consoantes em seqüência ocorrem em sílabas diferentes. Neste caso, temos dois grupos. No primeiro grupo de encontros consonantais heterossilábicos, ocorre uma consoante posvocálica /N,R,S,l/ em final de sílaba, sendo que na sílaba seguinte ocorre outra consoante do português: '*gancho, carta, festa, salto'*. No segundo grupo de encontros consonantais heterossilábicos ocorre uma consoante (diferente de /N,R,S,l/) em final de sílaba, sendo seguida de outra consoante do português: 'afta, dogma'. Este caso difere do primeiro grupo por apresentar opcionalmente a inserção da vogal epentética /i/ entre as duas consoantes heterossilábicas: '*af[i]ta, dog[i]ma'.* O primeiro grupo não permite a ocorrência de vogal epentética [i] entre as duas consoantes heterossilábicas. Ou seja, **fes[i]ta* ou **car[i]ta* não ocorrem como formas alternativas à *'festa, carta'.*

Não há um propósito, neste estudo em se fazer um levantamento exaustivo dos grupos consonantais, pois o objetivo é apenas mostrar que no século XIX, no sistema ortográfico da Língua Portuguesa, há ocorrência de encontros consonantais. Exemplificam-se a seguir palavras retiradas dos *corpora.*

3.11.1 Grupos consonantais próprios

Harpa de Ouro

(BR) – brasilio, abrasou, Lembrança, Brinde, bradavam, Brasil, sombras, brinquedos, umbror, vibrar, febre, abrazas.

(CR) – escravo, sacramentos, cruz, incrementa, sacro, creio, crime,democracia, escreve, descreu, cria, descrer, crença.

(DR) – squadra , quadro, madrugada, pedra, ladrão, odre, padre,

(FR) – França, frescas, fructo, *fronte, Naufragio, fragueiro, fraternal, fragor,* refractaio, cofres, chifrim, fria.

(GR) – gralhas, desgraçadinha, negra, alegra, graça, intégra, sagrado, negror, negrejantes, segredo, sagrado.

(PR) – prendem, sempre, preclara, compressa, Imcomprehensivel, proclame, preso, presentindo, Prometheus, pranto, prova, improvisos.

(TR) – Industria, três, triumphaes, extranha, trança, patria, contrário, trezenda, Distribui-lhes, menestrel, triumphante, estrellas, trintonhos, tropheos, penetro,

(VR) – livre, *lavrar,* livrar, livres

(BL) – pública, sublime, republicano, semblante, republica, semblante.

(CL) – claros, aclara, Claridade, *cyclista, clamavam,* inclina, clarão, Climas, claridão, clamara, aclararam, preclara proclame, crepusclo, rosicler,

(FL) – flores, flor, florões, Florindo, flóreo, flanco, flamma, reflectir, floram, Fluctua, flavo, influas, florido.Florinhas, flauteios, reflectida, afflicto, conflagração.

(GL) – gloria, gloriosa, Gabaglia.

(PL) – planetas, cisplatinete, platina, esplendor, Resplendesceu, amplo, esplendendo, rataplans, splendido, resplandeceu, templos, pluvia, Plato.

(TL) - Atlante.

Documentos da Guerra da Balaiada

(BR) – dezembro, brazileiras, Brejo, breve, deslumbrando, Abreu, brevidade, membros, lembrança, outubro, obrigado, nobre.

(CR) – croata, secretrario, sacrifiquemos, emcruhey, escriptor, criminozoz, crusando, creio, crise.

(DR) – padre, Alexandre, madrugada, Pedro, pedras, Pedrigulho.

(FR) – ofrecer, frente, fraco, ofreço, Francisco, fragelhos.

(GR) – grande, sagrado, negros, engrossando, disgrassados, sagradas, grupos, graça, gritos, regresso.

(PR) – Primeiro, prezidente, província, subprefeitos, emprego, representação, prefeitos, protestamos, prazo, probidade, aprovado, privactivamente, supradito, Cipriano, premeiro, prende apreço, comprio, sempre, pronpto, precure,

(TR) – Illustrissimo, trinta, entregue, encontro, tropa, trez, centro, distroço, pecontrario, tranqüilidade, contrario, trinta, patriotismo, Silvestre, outrosim, tragédias, detriminar, districto.

(VR) – palavriados, livrar, palavra

(BL) – publicados, publica, Assemblea, públicos.

(CL) – incluzos, concluirmos, emcluso, proclamaçãlo, declarado, aclamado, concluira, inclusa.

(FL) – flagelado, influencia, afliçons.

(GL) – gloria, glorioso

(PL) – pleitos.

(TL) - Não houve ocorrência.

Jornais

(BR) – sobresahir, hebraico, pobre, hebreus, membros, sobre.

(CR) – escriptores, creação, crítico, criado.inscripto.

(DR) – pedreiros, quadrilha, pedra.

(FR) _ frágil, frente, soffrerá, safra.

(GR) - igreja, sagrada, grinalda, grandioso, gregos, grandeza.

(PR) – principaes, primeiro, propheta, proponho, apreciar, prateleira.

(TR) - letras, outros, monstruosidade, tratado, doutrina, construção.

(VR) - livros, palavras.

(BL) – bíblia, sublime, publico.

(CL) – reclamações, esclarecimento.

(FL) – flores

(GL) – ocorrência não encontrada

(PL) – simplicidade, simples, exemplo.

(TL) – Não houve ocorrência.

Coutinho (1971) mostra que os grupos consonantais próprios ‘CL’, ‘FL’ e ‘PL’, palatizaram em “CH’ quando precedido de consoantes e, em ‘LH’ quando precedido de vogal, como nas palavras – masculu> masclu > macho; inflare > inchar; implere > encher; tribulu > triblu > trilho; tegula >tegle > telha.

3.11.2 Grupos consonantais impróprios[34]

Harpa de Ouro

> Abysmo, mesma, *scismar,* talismans, esmeralda, mutismo, esmalte, Baptismo, s'esmigalha, strabismo, ponctismo; Cysnes, estava, destino, astro, hasteia, pentastra, infesto, honesto, modesto, Eucharistias;esperança, resplandeça, responde, phosphor, despertar, despertar, desespero, espumar, esposa, espera, conspiradores, resplendor;suggestão, astro, existência, estalou, celeste, dentista, peste, leste, justa, estalar, estylete, estrella, exposto; retractar, dictando. dilectas, afflicto, luctas, reflectida, fructos, Selectas; aptos, redemptora, septima, promptinha; incógnito, ignivoma, ígneos, incógnita, ignoramos, magnolia estrangulado, yporanga, Longínquo,dorso, universo,verso, terso, universal, transformado, conspiradores, descanso, ganso; altivo, volta, saltator, alturas, soltando, altar; palpitante, culpa.

Documentos da Guerra da Balaiada

> Despotismo, mesmo, patriotismo, imfellismente, esmerem, filismente, ismoreceo, entusiasmos, Cosme, transmitidas; Manga, manga, Domingos, ingano, vingança; designação, assignado, significa, repugnância, digno, despeijarem, espirito, espero, despotismo, despejem; Victal, acta, actual, extinctos, facto, privactivamente, caracter, caracterizado, destricto; escriptos, Egypto, nopticia, Baptista, prompto;diversos, perseguições, conversar, desculpa,falte, resultado, resultado, ultraje, altar, falto, soltou.

[34] Chama-se de grupo consonantal impróprio, o grupo de consoantes que se separam em sílabas. Em início de sílaba são inseparáveis, gno-mo quando mediais, em pronúncia tensa, podem ser articulados numa só sílaba ou em sílabas distintas – a-pto, ap-to, na linguagem coloquial brasileira, há, porém, uma acentuada tendência de destruir estes encontros de difícil pronúncia pela intercalação da vogal **i** ou **e**. (CUNHA,2001,p.50).

Jornais

Universal, persas, referencia, principaes, convencermos, ancianídade, distinctos, admirável, antiga, vinte, contem evidentemente, encontra, verdade, evangelho,magnífica, ignora, comparado, completo, pensamento, consignado, caracteres, posta, mostra, magestade, disto, historiador, respeito, absurdas.

Assim como os grupos consonantais próprios sofreram transformações do Latim para o Português, os impróprios também tiveram suas mudanças. Os grupos iniciados por 'S' impuros[35], recebem um 'E' protético[36] e se o grupo for 'SC' seguindo de vogal 'I' ou 'E', o 'S' sofre aférese[37], como exemplo tem-se respectivamente: Stella> estrela, scientia> ciência. (COUTINHO, 1971).

3.12 Os Dígrafos

Assim como os encontros consonantais, o estudo dos dígrafos tem como objetivo verificar quais eram as ocorrências e mostrar que naquele século elas já haviam sido estabelecidas, sendosemelhante às que são utilizadas atualmente.

A palavra dígrafo é formada por elementos gregos: "di", que significa dois e "grafo" que significa escrever. Este ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Podem ser dígrafos separáveis – RR, SS, SC, XC, XS e inseparáveis – CH, LH, NH, GU, QU.

Cunha Cintra (2001) lembram que não se deve confundir consoantes e vogais com letras, pois estas são sinais representativos daqueles sons. Nas palavras correio, colosso, cheio, filhas e linha não há encontro consonantal, pois as letra rr, ss, ch, lh, nh representam uma só consoante. E a esses grupos de letras que simbolizam apenas um som, o autor denominou de dígrafos. A seguir exemplificam-se os dígrafos encontrados nos *corpora* do século XIX nos poemas de Sousândrade, nos documentos da guerra da Balaiada e na primeira página dos quatro jornais de maior circulação em São Luís, naquela época.

---

[35] Chama-se de letra impura, as consoantes que ficam em sílabas diferentes.

[36] Prótese é um tipo de metaplasmo por aumento, isto é, o acréscimo de um fonema no início do vocábulo.

[37] Áferese é um tipo de metaplasmo por supressão, isto é, a retirada de um fonema no início do vocábulo.

3.12.1 Dígrafos Separáveis

Harpa de Ouro

(RR) - Carro, terra, terror, serras, erras, derrocada, correio, s'enterra, térreo...

(SS) - Passas, promissão, colosso, assomem, esse, belíssima...

(SC)- Renascidas,, descida, descobre, desce, busco, descanso, Scintilla, escreve-o, frescas, scentelhas;

(SÇ) – cresça, adolesça,

(XC) – Não houve ocorrência

Documentos da Guerra da Balaiada

RR) - Corrente, curraes,, irradiaram, térrea, encarregadas, corroído, derramamento, secorro, correjo...

(SS) - Illustrissimo, commissarios, posse, assim, nossa, remetesse, emissarios, Assemblea, necessidade, assignado, comissão...

(SC) - Desculpa, desconfiar, sciente, risco, busca-lo, escravos, Francisco, escriptores. Excepção.

(SÇ) - Não houve ocorrência.

(XC) - Excepção.

Jornais

(RR) - Correção, corresponde, carroça, borrachas, arrojados.

(SS) - Possuimos, assas, disse, grosseiras, assemelha, interesse, desses, expressão.

(SC) - Escriptores, descreve.

(SÇ) - Não houve ocorrência.

(XC) – Exceder.

3.12.2 Dígrafos Inseparáveis

Harpa de Ouro

(CH) - Chegar, Charidade, chorda, enchordoou, chão, rochedos, cheio, Fechado, chamma, choravam, cheias

(LH) - Brilha, melhor, filhas. Olhar, scentelhas, avelhenta, ilha, brilhantes...

(NH) - Primeirinha, advinha, vinha, florinhas, Isabellzinha, caminha, linha, tamanho,extranho, banho, ganho, sonhar.

(GU) - (Aguia, ergui, guarda-o, Guesa, cheguei, perguntando, alguém, Proseguem, ninguém, guerrear, sangue.

(QU) - Quis, que, quao, quem, quaes, Marquezes, banquete, quando, quasi, inquiro, brinquedo, quedas, d'aquelles.

Para Vogais Nasais

(AM) - Photographaram, mandam, salvaram, obedeçam, 'speram, augmentam, Salvam, Pampas, amplamente, também.

(AN) - Branco, manco, flanco, consagrando, incantada, expande, consagrando, arregalando, grandes, pranto, tanto, cantava, escândalo.

(EM) - Templos. homem, miragem, imagem, aragem ramagem, sempre, lembrança, nem, emquanto, quem, tempestuosa.

(EN) - Gentileza, encontrar, intelligencia, existencia, apparencia, pensamento, firmamentos, dentista, vencedor, aprende.

(IM) - setim, selim, rubim, sim mim, fortim, império, impuro, limpa, Imperatriz, chifrim, improvisos, fim.

(IN) - Incantada, invisível, illuminava, indicará, insecto, intransitoria, incógnita, sinto, intelligencia, Independencia.

(OM) - Bom, bombardeado, sombria, companheiros, comtigo, hombro, accompanhada, trombas, tombado, pombas.

(ON) - Horizonte, constante, responde, continentes, onze, tronco, conduz, consultaram, ondas, responde, Verdon, longo.

(UM)- Um, Columbus, umbror, nenhum, trimphal, deslumbraria, triumphante, cumprir.

(UN) - Mundo, nunca, profundo, funde, profundez, junctinha.

Documentos da Guerra da Balaiada

(CH) - Acho, achavão. marcharei, chefe, Rocha, chegarão, marcho, deixando, Chapadinha, deochava, marche, cheffes, chore.

(LH) - Velho, milhores, conselhos, simelhante, julho, lhe, olhando, batalham, velha, olho, Pedrigulho, Coelho, esbandalhar, espalharos, vermelho, espalharos, olho.

(NH) - Senhor, minha, conhecimento, Maranhense, tenho, reconhecida, ponhão, anhelamos, amanhã, marinha, caminhos, dezempenharmo.

(GU) - Seguintes, segundo, entregue, portuguezes, guarnecidos, Iguará, sangue, guarde, segue, segurança, guardaremos, conseguimos, alguma, siguro, serguramo.

(QU) - Quarto, quinze, que, daquella, qualidade, quartel, qual qualquer,piquetes, requizições, quaes, quasi, emquanto, ataques, querendo.

Para vogais Nasais

(AM) - Também, acampamento, batalham. , Pernambuco, amocambados. Ambição, sam.

AN) - Manga, garantias, ficando, commandante, tanto, santo grande, semilhante, constantes, sangue, vantajozo.

(EM) - dezembro, empregos, despeijarem, ontem, assemblea, empedimento, membros, viagem, dezempenharmo, vargem, emformação, embora, emtoziasmo, quem, empuguneis.

(EN) - Sustentada, prezidente, somente, entregue, reprezentação, sentimentos, pessoalmente, consecuençias, sustentados, Independencia, oitocentos, prudência, corrente.

(IM) - Imperio, assim, fim, Joaquim, outrosim, imperador, Munim, importância, Mirim, impedir, importante.

(IN) - Trinta, seguintes, província, quinze, vindo inteira, extinctos, independência, intento, trinta, inteligência, ainda, interesse.

(OM) - Com, composto, comparessa, expom, comfuso, combater, comcidadons.

(ON) - Constituição, encontro, honra, confio, longo, ponto, contribuição, ontem, conselho, consecuençias, honrozos, convidado, conciliação.

(UM) - Hum, algum, nenhum, circumstancias, cumprido, Cumpra-se, cumprimento.

(UN) - Segundo, Raimundo, junta, ajuntar, segunda, nunca, junto, Cunha.

Jornais

(CH) – China, mechanismo, Christo, chapeos, despacho.

(LH) – Velho, evangelho, espelho, olhar, Alhambra.

(NH) – Engenho, tinha, convinha, proponho.

(GU) – Segundo, antiguidade, igualmente.

(QU) – Que, quasi.

Para vogais Nasais

(AM) – campanha, alhambra, preparam, Sampaio.

(AN) – antiga,grandioso, mandou, santo, branca.

(EM) – bem, convem, testamento, exemplo, excedem, pensamento.

(EN) – entrou, engenho, attenção, mencionados.

(IM) –simples, assim, simplicidade, tucupim, importancia.

(IN) – inferior, língua, interessar.

(OM) – composto, completo, considerados.

(ON) – convinha, monte, defronte.

(UM) – cumprir, circumstancia,

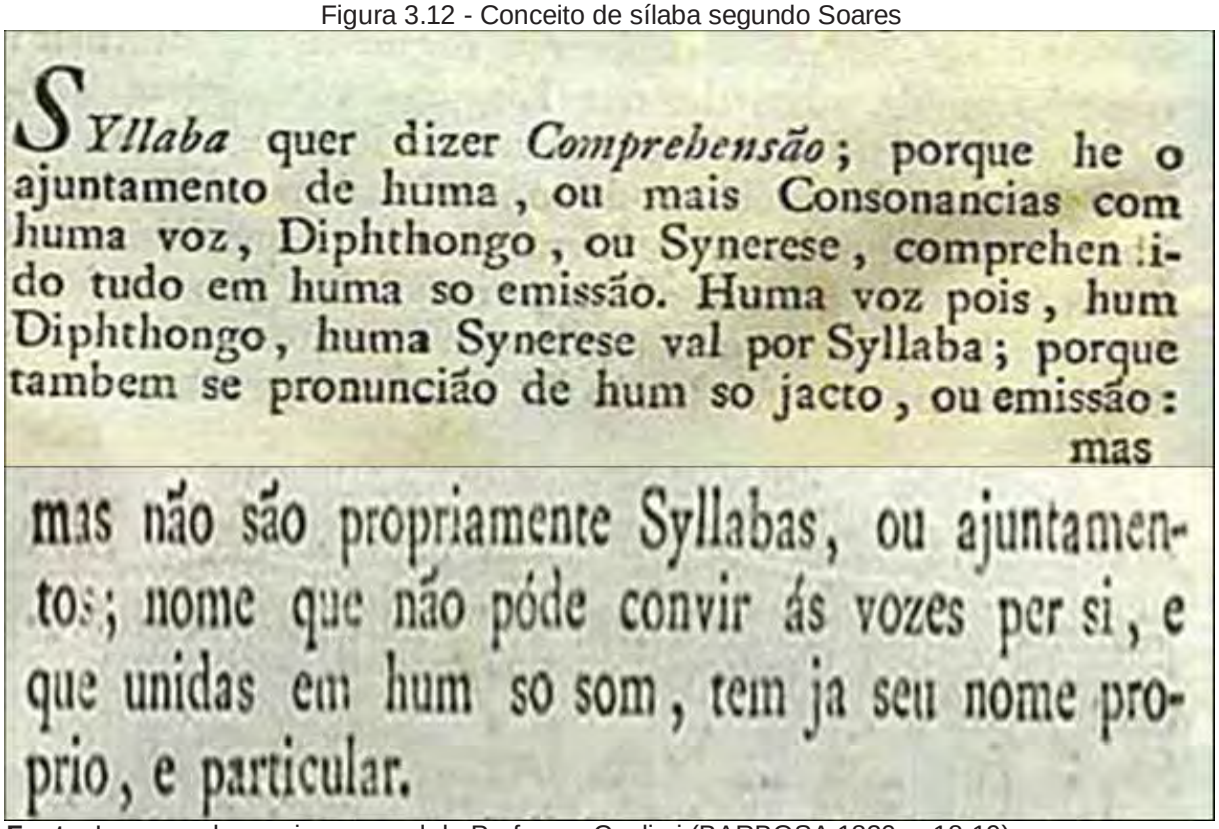
(UN) – mundo, pronuncia, fundos, annunciada.

3.13 A estrutura Silábica

Fernão de Oliveira afirma que "*sílaba* é uma só voz, formada com letra ou letras, a qual pode significar por si ou ser parte de dicção, e assim as vogais, ainda que sejam em ditongo, podem fazer sílaba sem outra ajuda, e as consoantes não, senão misturadas com as vogais". (OLIVEIRA, 1536, p. 46). Novamente, ressalta na concepção de sílaba o caráter abstrato do conceito de voz, o qual possuiria, de acordo com sua exposição, uma mesma imagem acústica para duas ou mais letras. (OLIVEIRA, 1536, p. 46).

No trecho da Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral Applicados à Nossa Linguagem, Jeronymo Soares Barbosa (1830, p. 18-19) faz uma referência sobre sílaba dizendo:

Figura 3.12 - Conceito de sílaba segundo Soares



SYllaba quer dizer *Comprehensão*; porque he o ajuntamento de huma, ou mais Consonancias com huma voz, Diphthongo, ou Synerese, comprehendido tudo em huma so emissão. Huma voz pois, hum Diphthongo, huma Synerese val por Syllaba; porque tambem se pronunciáo de hum so jacto, ou emissão: mas

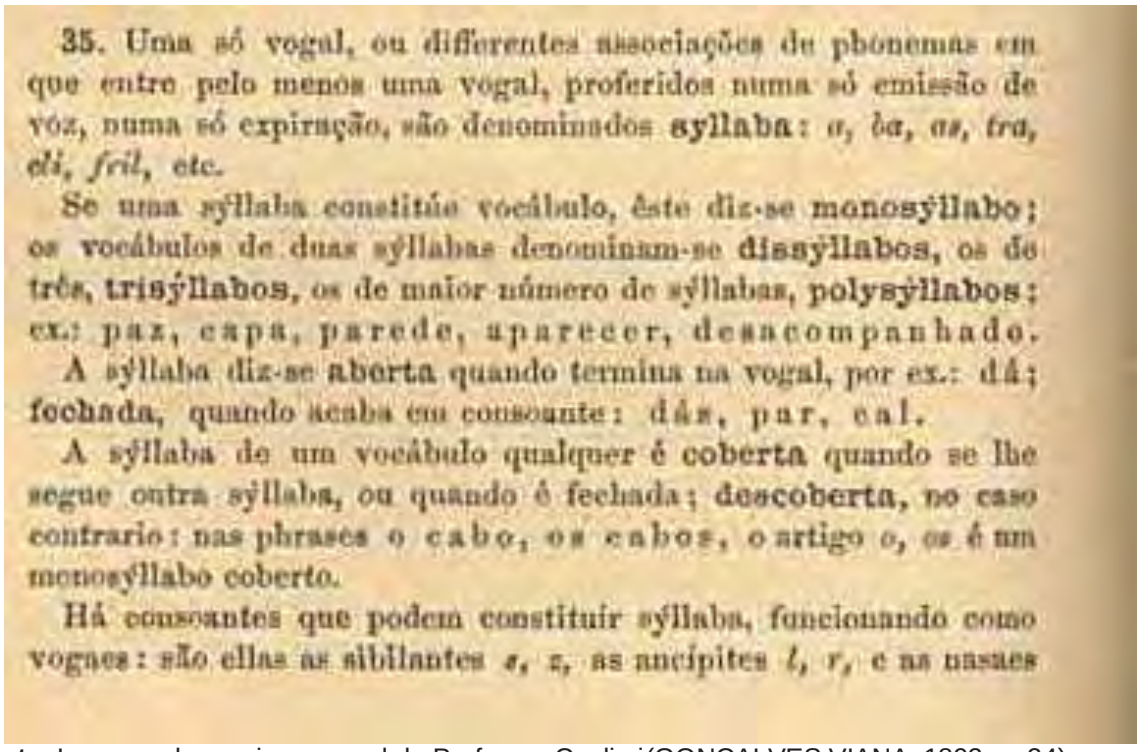
mas não são propriamente Syllabas, ou ajuntamentos; nome que não póde convir ás vozes per si, e que unidas em hum so som, tem ja seu nome proprio, e particular.

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari (BARBOSA,1830, p.18-19).

***Transcrição**: Sílaba quer dizer compreensão; porque é o ajuntamento de uma ou mais consonâncias com uma voz, ditongo, ou sinérese, compreendido tudo em uma só emissão. Uma voz, pois, um ditongo, uma sinérese Vale por sílaba; porque também se pronunciam de um só jato, ou emissão: mas não são propriamente Sílabas, ou ajuntamento; nome que não pode convir às vozes por si, e que unidas em um só som, tem já seu nome próprio, e particular.*

Em sua gramática, Gonçalves Viana (1892, p. 24) não conceitua sílaba, mas demonstra as concepções sobre ela e assevera que:

3.13 - Concepções sobre sílaba



35. Uma só vogal, ou differentes associações de phonemas em que entre pelo menos uma vogal, proferidos numa só emissão de vóz, numa só expiração, são denominados **syllaba**: *a, ba, as, tra, di, fril*, etc.

Se uma syllaba constitúe vocábulo, êste diz-se **monosyllabo**; os vocábulos de duas syllabas denominam-se **dissyllabos**, os de três, **trisyllabos**, os de maior número de syllabas, **polysyllabos**; ex.: paz, capa, parede, aparecer, desacompanhado.

A syllaba diz-se **aberta** quando termina na vogal, por ex.: dá; **fechada**, quando acaba em consoante: dás, par, cal.

A syllaba de um vocábulo qualquer é **coberta** quando se lhe segue outra syllaba, ou quando é fechada; **descoberta**, no caso contrario: nas phrases o cabo, os cabos, o artigo o, os é um monosyllabo coberto.

Há consoantes que podem constituir syllaba, funccionando como vogaes: são ellas as sibilantes *s, z*, as ancipites *l, r*, e as nasaes

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari(GONÇALVES VIANA, 1892, p. 24)

Transcrição: Uma só vogal, ou diferentes associações de fonemas em que entre pelo menos uma vogal, proferidos numa só emissão de voz, numa só expiração são denominados sílaba: a, ba, as, tra, di, fril, etc.

Só uma sílaba constitui vocábulo, este diz-se monossílabo; os vocábulos de duas sílabas denominam-se dissílabos, os de três, trissílabos, os de maior número de silabas, polissílabos; ex. paz, capa, parede, aparecer, desacompanhado.

A sílaba diz-se aberta quando termina na vogal, por ex: dá; fechada, quando acaba em consoantes: dás, par, cal.

A sílaba de um vocábulo qualquer é coberta quando se lhe segue outra sílaba, ou quando é fechada; descoberta, no caso contrário: nas frases o cabo, os cabos, o artigo o, os é um monossílabo coberto.

Há consoantes que podem constituir sílaba, funcionando como vogais: são elas as sibilantes s, z, as ancipiantaes l, r e as nasais...

Na concepção do professor Cagliari (2007, p.109) conceituar sílaba é muito difícil, pois “segmentar a fala formando uma sequência de sons com características individuais bem distintas e delimitadas” não é fácil. O autor mostra o que causa isso:

> [...] está na natureza dos movimentos articulatórios, que são muito complexos, rápidos, pequenos, contínuos e produzidos normalmente de maneira inconsciente pelo falante. Apesar disso tudo, do ponto de vista fisiológico, tais movimentos podem passar para o nível do consciente e o

> falante pode, através de um processo de cinestesia, tomar consciência de muitos dos movimentos da fala. A própria percepção cinestésica pode ser treinada a tal ponto que o foneticista chega a controlar movimentos altamente complexos, rápidos, pequenos, acompanhando conscientemente todo o seu desenrolar (CAGLIARI, 2007, p.109).

Para Cunha (2001) quando se pronuncia uma palavra, não se o faz separando um som de outro, mas se divide a palavra em segmentos fônicos. A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração, o autor chamou esse processo de sílaba. Semelhante a Gonçalves Viana (1892), Cunha também classifica a sílaba em aberta e fechada. Mas existem alguns autores que não são consensuais ao definir sílaba, às vezes, escolhem pontos de vista diferentes, como acústicos, articulatórios funcionais etc.

Como se pode pressupor pelas definições de sílabas propostas pelos autores antigos citados, e pelas análises realizadas ao longo desta seção, a unidade silábica do português daquela época não se diferencia da proposta atualmente, desde a teoria de base vocálica à classificação das sílabas.

Apósanálise das características históricas dos sistemas vocálico e consonantal, da ortografia do século XIX, no Maranhão, parte-se, no próximo capítulo, para o estudo dos documentos, a fim de conhecer o sistema ortográfico do português daquela época e compará-lo com o atual. Para essa empreitada, foi estudado um *corpus* com 200 poemas escritos por Sousândrade entre a década de 1889/1899; outro *corpus* constituído por 30 documentos sobre a Guerra da Balaiada, escritos de 1838 a 1841 e as primeiras páginas dos Jornais – Semmanario Maranhense, O Globo, O Federalista e A Republica, escritos no século XIX.

4. ANÁLISE DOS *CORPORA*

Este capítulo resume os resultados das análises sobre o estudo do sistema ortográfico da Língua Portuguesa, no século XIX. Após a apresentação das características históricas dos sistemas vocálico e consonantal, parte-se para uma análise geral destes *corpora* a fim de conhecer o sistema gráfico do português brasileiro naquela época. Para isso contou-se com as 200 estrofes a obra de Sousândrade, os 30 documentos da guerra da Balaiada e as primeiras páginas dos jornais mais importantes da época.

4.1 A descrição dos *corpora*

Em março de 2004, o ensaísta e pesquisador Jomar Moraes, ex-presidente da Academia Maranhense de Letras e o professor norte-americano Frederick G. Williams, mestre e doutor em literatura luso-brasileira pela Universidade de Wisconsin, publicaram, em São Luís, um livro valiosíssimo: *Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade* (aml, 536p.), em formato grande, capa dura e papel de primeira qualidade.

Dentro dessa obra de grande valor literário se encontra “Harpa de Ouro”, livro de poesia de autoria de Joaquim de Sousa Andrade, escrito no século XIX, entre 1889 – 1899.

A primeira parte desta coletânea consta de poemas que, na obra, totalizam duzentos e oitenta e cinco estrofes. Todas as estrofes são manuscritas e existem indícios de que não foi o próprio autor quem os escreveu, há várias correções feitas a lápis com possibilidade de estes ajustes, sim, pertencerem ao autor, logo abaixo das correções há o seu próprio nome assinado de caneta azul, com um desenho caligráfico bem semelhante ao desenho das correções encontradas ao longo dos poemas. Do conjunto de estrofes fac-similadas, serão utilizadas apenas as duzentas primeiras estrofes para a análise ortográfica empreendida nesta pesquisa.

Com relação aos documentos da Guerra da Balaiada, foram selecionados textos da edição de *Documentos para a História da Balaiada*, do arquivo público de São Luís. Esses documentos são compostos por sentenças de execução de Cosme

Bento das Chagas – Negro Cosme - que lutou até o final da guerra, sendo capturado, julgado e condenado à morte; por ofícios de prefeitos, subprefeitos e por manifestos de rebeldes entre outros. Foram escritos duzentos e cinquenta e oito documentos reunidos nesta edição, mas utilizaram-se apenas trinta.

A escolha destes documentos deu-se a partir do levantamento das variações gráficas existentes entre os gêneros e autores diferentes, objetivando-se verificar as mudanças no sistema ortográfico no século em estudo.

Os Jornais, que também fazem parte deste estudo, foram retirados do fac-símile de Jomar Moraes e Frederick Williams. Destes, serão analisadas apenas as primeiras páginas dos jornais de maior circulação no século XIX, em São Luís. Não houve uma seleção, mas analisaram-se aqueles quatro que estavam contidos no livro fac-similado de Sousândrade e, nele, só havia as primeiras páginas de cada jornal. Alguns textos contidos nessas páginas foram escritos por poetas maranhenses e outros por jornalistas da época, como Joaquim de Sousândrade, Manoel B. da Costa Rodrigues, José Francisco de Viveiros, João Pedro Ribeiro, José Silva Maya, Manoel Ribeiro da Cunha.

Os documentos analisados estão disponíveis nos anexos, assim como, a digitalização da transcrição diplomática em scanner, as digitalizadas no programa Microsoft Office Word e as análises no programa Microsoft Office Excel. Esta digitalização permite fazer buscas rápidas do sistema ortográfico daquela época, tais como, letras do alfabeto, sinais de pontuação, abreviaturas, diacríticos, duplicação consonantal, sistema vocálico e consonantal entre outros.

4.2 Organização dos elementos do sistema ortográfico

O sistema ortográfico foi organizado a partir dos elementos tais como o alfabeto, as vogais, as consonantes, os dígrafos, as consoantes duplicadas e mudas, os sinais de pontuação, as abreviaturas, os diacríticos e a distribuição das consoantes por ocorrência, acentuação gráfica. Mostram-se a seguir as características gerais de alguns elementos com exemplos retirados de todos os*corpora* em estudo e alguns contextos em que estes elementos gráficos são usados. Expõem-se da seguinte forma: apresentam-se exemplos retirados de cada corpus na sequência; Harpa de Ouro, Documentos da Guerra e Jornais, os quais estão separados pelo ponto e vírgula.

4.2.1 Alfabeto

Cagliari (2009) faz um percurso histórico sobre o alfabeto[38] desde sua origem até hoje. Ele afirma que por volta de 3000 a.C., o Oriente Médio era dominado por dois sistemas de escrita: a ideográfica suméria e a emergente egípcia, ambos os sistemas, mais tarde, ficaram basicamente fonográficos. Segundo o autor, desde a invenção da escrita pelos sumérios:

> [...] já se tinha visto que era preciso "congelar " formas de escrita para que todos escrevessem de um único modo as mesmas palavras, independentemente da maneira como cada um (pessoa ou dialeto)as pronunciava.Os egípcios também estabeleceram logo essa regra. Em outras palavras, constata-se que o princípio ortográfico faz parte de todo e qualquer sistema de escrita. E o alfabeto não era uma exceção. (CAGLIARI, 2009, p. 41).

Demonstram-se, a seguir as letras do alfabeto presentes nos *corpora*escritos no século XIX no Maranhão.

Harpa de Ouro / Documento da Guerra / Jornais

Maiúsculas – A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, X, Z

Observação: as letras K, W e Y foram pouco usadas na posição de *onset,* e no meio de palavras nos *corpora* em estudo.

Minúsculas – a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v. x, z

O quadro demonstra exemplos de palavras com letras do alfabeto retiradas de cada fonte. Quando não houver ocorrência será representado por três barras (///).

[38]Para maior conhecimento neste assunto leia o livro "A história do alfabeto" (do foneticistaprofº Dr. Luiz Carlos Cagliari, 2009).

Quadro 4.1 - Letras do alfabeto nos *corpora*

LETRAS	INÍCIO DE PALAVRAS	FINAL DE PALAVRAS
A	asylo – armada, antiga	etherea – manga, posta
B	belissima ,brevidade, blibica	///, ///, ///
C	ceos – conselho, colecção	///, ///, ///
D	dictando – direitos, Deus	Legalidad, ///, ///
E	esp'rança – efusão, entrou	Saúde, posse, descreve
F	fôrça – facto, feitios	///, ///, ///
G	gyrar –- geraes, grandioso	///, ///, ///
H	hinverno - honra, hora	Zenith, ///, ///
I	immortal – império, inflammaveis	hei – hi – quasi
J	janella - jeito,	///, ///,///
K	Kondor - ///, ///	///, ///,///
L	logar – lugar, longo	pentrastal – mil, fragil
M	martyr – major, modelo	setim – debellarem, homem
N	namôro- necessidade, novo	manhan – ///, joven
O	orgãos –-officio	aereo – cazo,
P	pieridas - prezidente, poeta	///, ///, ///
Q	quis – quinze,	///, ///,///
R	revèzes – presença, result	ressomnar – poder, publicar
S	scentelhas – socego, sublime	cysnes – leys, simples
T	trese – tempo, testamento	///, ///, part
U	universo, uma, unidos	resplendesceu – vou, itapucurú.
V	víctimas, Villa, velho	///, ///, ///
W	washington, ///, ///	///, ///, ///
X	///, xame, ///,	phenix, ///, ///
Z	zelasssem, zelo, ///	luz – mez, trez
Y	yankea, ///, ///	itamaraty, jury, emcruhey

Fonte: Elaborado pela autora.

Observou-se que o alfabeto do século XIX não difere tanto do alfabeto português atualmente. As letras que tiveram poucas ocorrências no início de palavras foram K, X, W, Y, como ainda acontece no século XXI. Não foram encontradas em Harpa de Ouro, as letras B. C, F, G, J, K, P, Q, V e W,em posição de *coda*, isto é em final de palavras, assim como nos documentos da Guerra da Balaiada e nas páginas dos Jornais.

O alfabeto Latino possuía 21 letras, a letra K caiu em desuso, mas em compensação foram introduzidas a letras G, J e V, representações variantes das semivogais I e U. A esse respeito Cagliari (2009) faz um histórico do alfabeto latino:

> No século IV a.C., o latim substituiu o som S por R e o caractere que representava o som Z caiu em desuso. As letras etruscas C,K e Q foram usadas no começo; porém,depois, sobrou apenas a letra C, que representava o som de [k]. Como a letra C representava também a oclusiva sonora, Spurius Carvilius Ruga inventou o traço vertical na letra C, produzindo a letra G, em 230 a. C. (CAGLIARI, 2009, p.70).

O autor mostra a formação dos nomes das letras no alfabeto latino, o que se pode observar que atualmente permanece da mesma forma. Ele explica que:

> Como a escrita alfabética baseia-se no princípio acrofônico, bastava identificar os sons das letras para constituir seus nomes. Assim, as letras passaram a se chamar: *a, bê, cê, dê*, etc. No começo, as consoantes se diziam pelo som inicial mais a vogal *e,* exceto K que se dizia *Ka*, Q que se dizia *qu* e X que se dizia *iks*. Na época do gramático Varrão (nascido cerca de 116-27 a.C.), os nomes das letras mudaram. As vogais continuaram tendo apenas o som que representavam. As consoantes F, L, M, N, S e R passaram a ter o som consonantal precedido da vogal E, e não seguido, como acontecia com as demais letras. As letras Z e Y foram reintroduzidas no alfabeto posteriormente, ocupando os últimos lugares e ficaram com os nomes gregos: *zeta* e *Ípsilon.* A letra H era chamada de *adspiratio*, que lembra até hoje o caráter fonético de uma fricativa glotal, ou aspiração. Com esta estrutura, o alfabeto latino iria dominar o mundo da escrita até os dias de hoje. (CAGLIARI, 2009, p. 70-71).

O alfabeto português foi constituído da mesma forma e até recentemente ele possuía vinte e três letras para vinte seis fonemas, as letras K, W, Y não pertenciam ao nosso alfabeto. Após o novo acordo ortográfico que entrou em vigor em janeiro de 2009 estas letras foram inclusas, mas a norma atual será aceita oficialmente até dezembro de 2012. (HOUAISS, 2008).

Nos documentos da Guerra da Balaiada, as letras K, e Y apresentaram pouca frequência. Foi encontrada uma ocorrência da letra K no meio de palavra,

sendo um nome próprio – Makor, com a letra W não houve ocorrência, mas com Y houve dezessete ocorrências, para exemplificar tem-se: leys, ley, jury**,** Raymundo, Piauhy, Jutahy. Em Harpa de Ouro foram encontradas Zack, Kondor Jáckie,Kinley Yankea**,** Kelidónia, Kôndoro, algumas eram nomes próprios, e outras eram palavras em língua inglesa: syke, like lookinglass. Nas primeiras páginas dos jornais houve apenas uma ocorrência da letra K: kilometro. Uma frequência maior foi a da letra Y: Moysés, hymnos, Lyceu, typographia, Raymundo... Possivelmente porque o 'Y' foi uma herança que os latinos herdaram dos gregos. No português brasileiro, atualmente é comum seu uso em nomes próprios. Nos termos de Gonçalves (1992), algumas palavras foram escritas na época baseadas em analogia. Antes de 1911 esta letra era grafada em palavras de origem grega e latina, assim comopara representar uma semivogal. A autora se referindo a Feijó (1734) pontua:

> Quanto ao <Y>, apesar de Madureira não lhe reconhecer valor fônico próprio – *Esta letra He o I dos Gregos, a que chamaõ Ypsilon, e tem o mesmo som e pronunciação do nosso I vo*gal –, a sua inclusão deve-se a motivos de ordem etimológica (nos vocábulos de origem grega) ou, então, de forma totalmente arbitrária, para representar a semivogal /j/- [...] *o mesmo He em Ley Rey. Mas isto he mais uso, que necessidade; e só tem mais lugar entre duas vogaes, quando na pronunciaçaõ o I não fere a vogal seguinte, porque o Y, nunca fere as vogaes, como em Meya, Meyo, Cayar, Cayado,* etc. *e se escrevêssemos Caiado, Caiar, ficaria a duvida se era Cajar e Cajado ou Cayar ou Cayado*. (GONÇALVES, 1992, p. 67).

4.2.2 Consoantes

Harpa de Ouro / Documento da Guerra / Jornais

B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X,, Y, Z.

b, c, d, f, g, h, j, k, l, m , n, p, q, r, s, t, v, w, x, y, z.

Observação: As consoantes foram encontradas em todos os *corpora*, mas as letras K, W, Y apresentarampouco índice de ocorrência, como já listado anteriormente.

4.2.2.1 Consoantes duplicadas ou geminadas

No capítulo anterior se fez um estudo muito breve da duplicação de algumas consoantes e neste capítulo pretende-se abordar com mais aprofundamento o estudo destas consoantes.

Há casos de duplicação de consoantes nos corpora analisados, isso, em princípio, deve-se à grafia latina. A própria etimologia da palavra é uma das características que pode justificar a duplicação destas consoantes.

Deste modo, a palavra officio, encontrada nos três *corpora,* recebia a duplicação da letra *f*, porque no latim, a palavra de origem é grafada com dois *ff*, como *officil. T*êm-se, ainda, as palavras janella que também veio do latim como *januella*, anno que era grafada *annus*, afflicto que veio como *afflicuts*, tabella, também veio do latim como *tabella*, dentre outras.

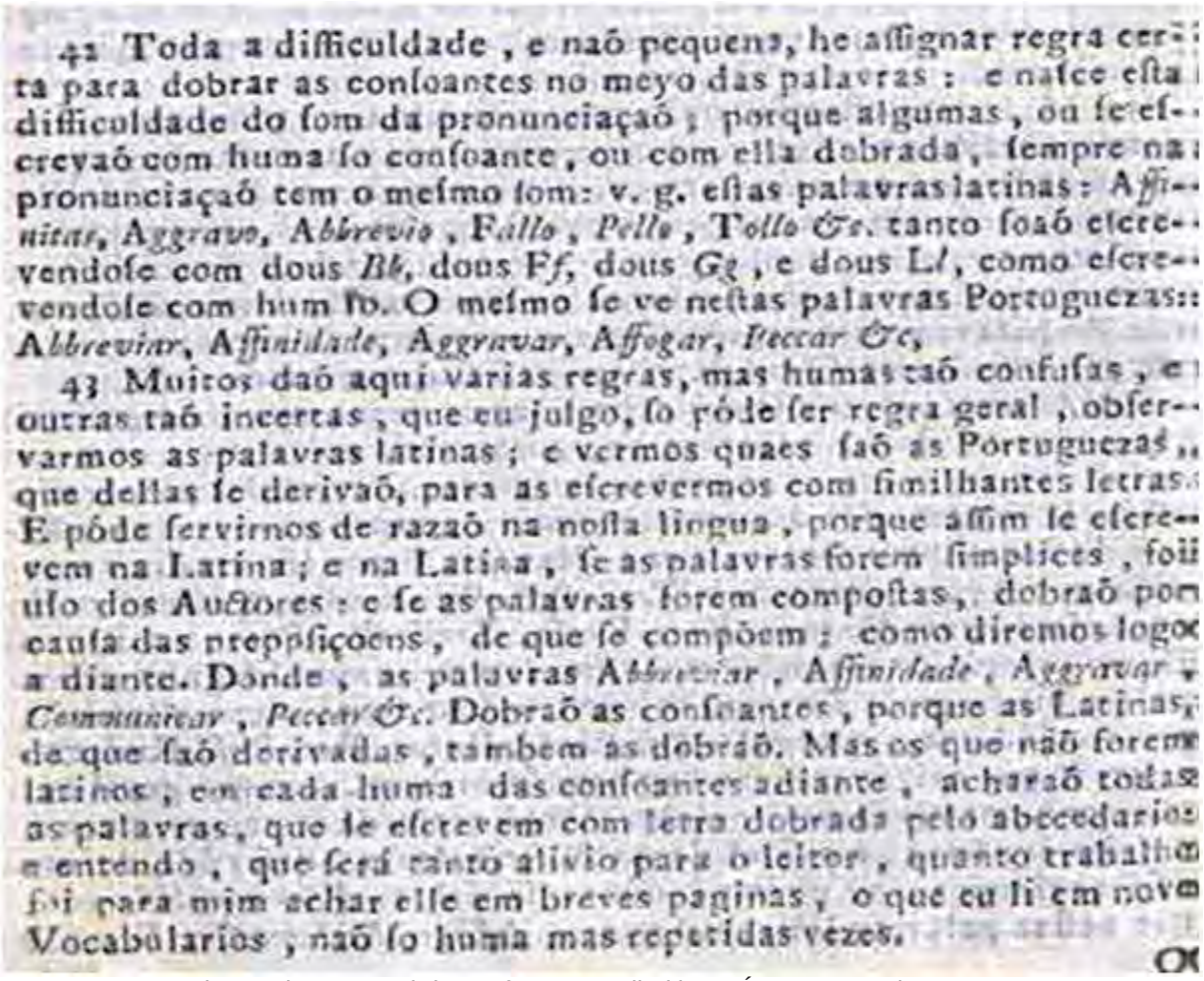
*E*ncontraram-se palavras que não tinham sua etimologia no latim, mas que eram duplicadas: “anagrama”, de origem grega - *anagramma,* dilema, derivada do grego, também com duas consoantes duplicadas *díllemma, “*collarinho” oriundado grego *collare* etc.

Existiram palavras, no século XIX, que apresentavam duplicação das consoantes, mas que na etimologia latina não possuíam duplicação das letras, tais como: *summo*que veio do latim vulgar *zumo; elleição*,veio como *electĭo-ōnis; cheffe* originou-se também do latim *caput- ĭts,* que significava cabeça, parte superior, bico, ponta, cabo, rês, vida. (CUNHA, 2007, p. 178).

De acordo com gramáticos renomados há regras que justificam a duplicação de algumas consoantes, dentre eles, tem-se Soares Barbosa, Gonçalves Viana, Madureira Feijó, e outros.

Neste estudo demonstram-se algumas regras encontradas em gramáticas e tratados que mostram como acontecia a duplicação de algumas consoantes. Inicia-se com a obra *Ortografia ou Arte de Escrever, e Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa*, escrita por Feijó (1734, p. 32), que afirmava:

Figura 4.1 - Regraspara letras dobradas



42 Toda a difficuldade, e naõ pequena, he aſſignar regra certa para dobrar as conſoantes no meyo das palavras: e naſce eſta difficuldade do ſom da pronunciaçaõ; porque algumas, ou ſe eſcrevaõ com huma ſo conſoante, ou com ella dobrada, ſempre na pronunciaçaõ tem o meſmo ſom: v. g. eſtas palavras latinas: *Affinitas, Aggravo, Abbrevio, Fallo, Pelle, Tollo &c.* tanto ſoaõ eſcrevendoſe com dous *Bb*, dous *Ff*, dous *Gg*, e dous *Ll*, como eſcrevendoſe com hum ſo. O meſmo ſe ve neſtas palavras Portuguezas: *Abbreviar, Affinidade, Aggravar, Affogar, Peccar &c.*

43 Muitos daõ aqui varias regras, mas humas taõ confuſas, e outras taõ incertas, que eu julgo, ſo póde ſer regra geral, obſervarmos as palavras latinas; e vermos quaes ſaõ as Portuguezas, que dellas ſe derivaõ, para as eſcrevermos com ſimilhantes letras. E póde ſervirnos de razaõ na noſſa lingua, porque aſſim ſe eſcrevem na Latina; e na Latina, ſe as palavras forem ſimplices, foi uſo dos Auctores: e ſe as palavras forem compoſtas, dobraõ por cauſa das preppſiçoens, de que ſe compõem; como diremos logo a diante. Donde, as palavras *Abbreviar, Affinidade, Aggravar, Communicar, Peccar &c.* Dobraõ as conſoantes, porque as Latinas, de que ſaõ derivadas, tambem as dobraõ. Mas os que naõ forem latinos, em cada huma das conſoantes adiante, acharaõ todas as palavras, que ſe eſcreve com letra dobrada pelo abecedario: a entendo, que ſerá tanto alivio para o leitor, quanto trabalho foi para mim achar elle em breves paginas, o que eu li em nove Vocabularios, naõ ſo huma mas repetidas vezes.

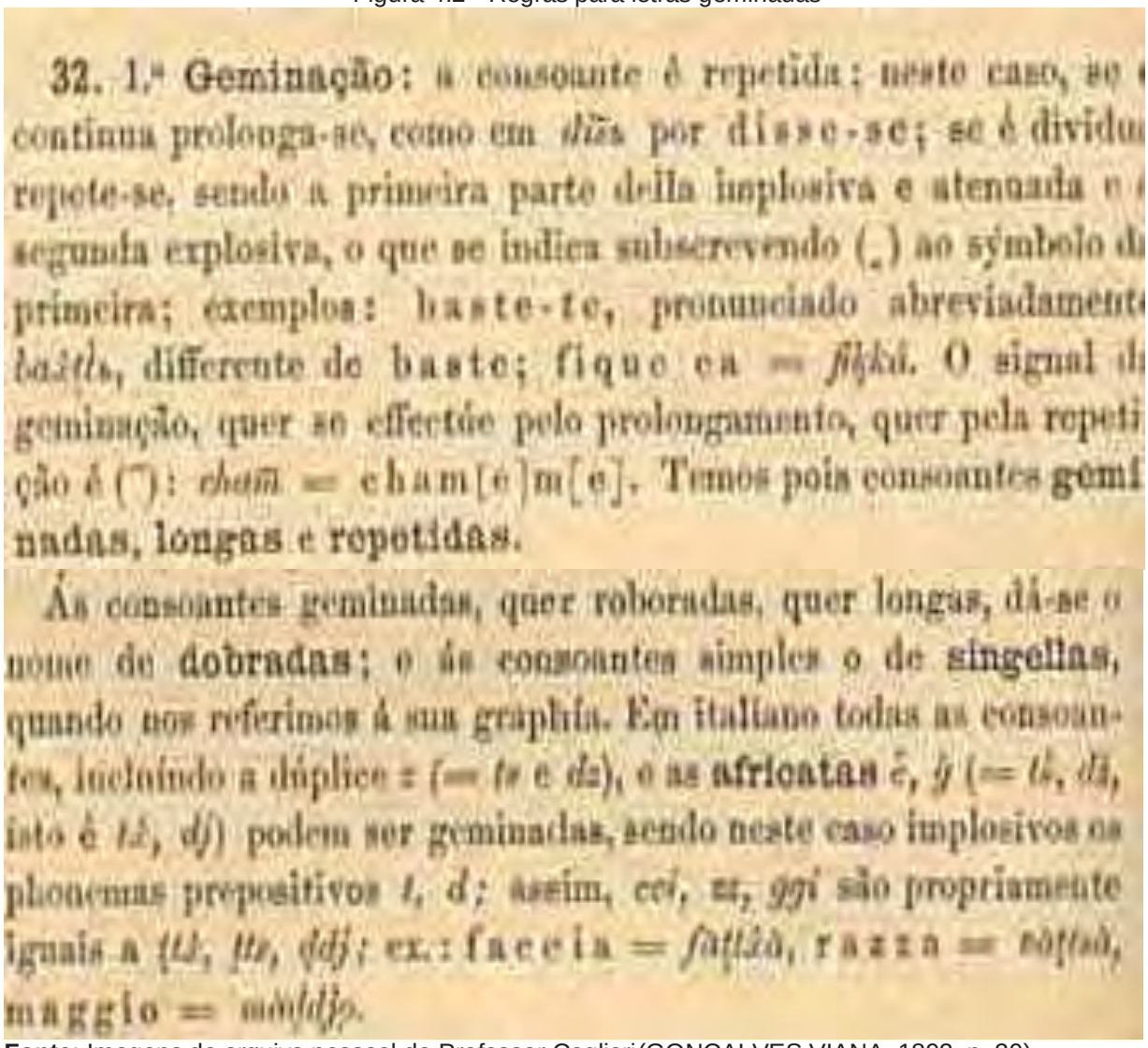
Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari(FEIJÓ,1734, p. 32).

***Transcrição**: Toda a dificuldade, e não pequena, é assinar regra certa para dobrar as consoantes no meio das palavras; e nasce esta dificuldade do som da pronunciação; porque alguns, ou se escrevem como uma só consoante, ou com ela dobrada, sempre na pronunciação tem o mesmo som: v.g. estas palavras latinas Affinitas, Aggravo, Abbrevio, Fallo, Pelle, Tollo, etc, sempre soam escrevendo como dois BB, dois FF, dois GG, dois LL, como escrevendo com um só. O mesmo se vê nestas palavras portuguesa: Abbreviar, Affinalidade, Aggravar, Affogar, Peccar etc.*

Muitos dão aqui várias regras, mas umas são confusas, outras estão incertas, que eu julgo só pode ser regra geral, observamos as palavras latinas, e vemos quais são as portuguesas que delas se derivam, para as escrevermos com semelhantes letras. E pode servir- nos de razão na nossa língua, porque assim se escrevem na Latina, e na Latina, forem simples, foi uso dos autores; e se as palavras forem compostas, dobram por causa das preposições, de que se compõem, como diremos logo adiante. Donde as palavras Abbreviar, Affinalidade, Aggravar, Communicar, Peccar etc. dobram as consoantes, porque as latinas de que são derivadas, também as dobram. Mas os que não forem Latinos, em cada uma das consoantes adiante, acharão todas as palavras, que se escreve com letras dobradas pelo abecedário: a entendo, que será tanto alivio para o leitor, quanto trabalho foi para mim achar ele em breves páginas, o que eu li em nove. Vocabulário, não foi uma mas repetidas vezes.

Gonçalves Viana (1892, p. 20) chamou o fenômeno de duplicação das consoantes de geminação e interpretou dizendo:

Figura 4.2 - Regras para letras geminadas



32. 1.ª Geminação: a consoante é repetida; neste caso, se é continua prolonga-se, como em *dis̄s* por disse-se; se é dividu repete-se, sendo a primeira parte della implosiva e atenuada e a segunda explosiva, o que se indica subscrevendo (.) ao sýmbolo da primeira; exemplos: baste-te, pronunciado abreviadamente *baṣṭṭs*, differente de baste; fique ca = *fiḳkà*. O signal da geminação, quer se effectúe pelo prolongamento, quer pela repetição é (¯): *cham̄* = cham[e]m[e]. Temos pois consoantes **geminadas, longas e repetidas.**

Ás consoantes geminadas, quer roboradas, quer longas, dá-se o nome de **dobradas**; e ás consoantes simples o de **singellas**, quando nos referimos á sua graphía. Em italiano todas as consoantes, incluindo a dúplice z (= *ts* e *dz*), e as **africatas** *č*, *ǧ* (= *tš*, *dž*, isto é *tx*, *dj*) podem ser geminadas, sendo neste caso implosivos os phonemas prepositivos *t*, *d*; assim, *cci*, *zz*, *ggi* são propriamente iguais a *ṭtx*, *ṭts*, *ḍdj*; ex.: faccia = *fàṭṭxà*, razza = *vàṭṭsà*, maggio = *màḍḍjọ*.

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari(GONÇALVES VIANA, 1892, p. 20)

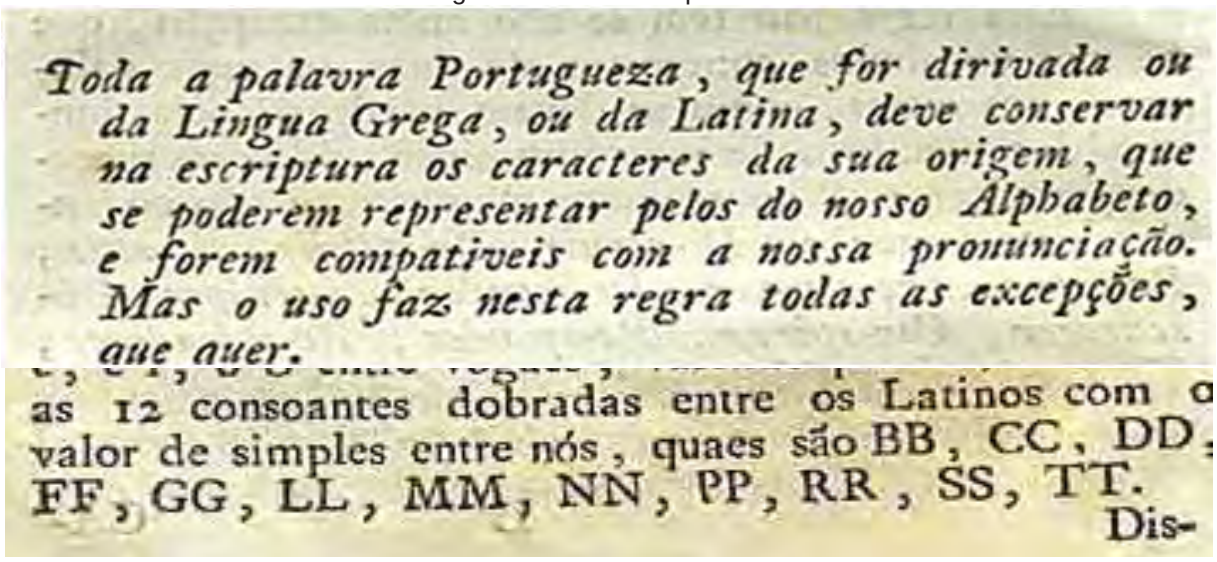
Transcrição:Geminação: a consoante é repetida; neste caso, se é contínua prolonga-se, como em dois por disse-se; se é dividida repete-se, sendo a primeira parte dela implosiva e atenuada e a segunda explosiva, o que se indica subscrevendo (.) ao símbolo da primeira; exemplo: baste-te, pronunciado abreviadamente battle, diferente de baste; fique ca = fikka. O sinal de geminação, quer se efetue pelo prolongamento, quer pela repetição é (·): chaṁ = cham [e] m [e]. Temos, pois consoantes geminadas, longas e repetidas.

Às consoantes geminadas, quer roboradas, quer longas, dá-se o nome de **dobradas**; e às consoantes simples o de singelas quando nos referimos à sua grafia. Em italiano todas as consoantes, incluindo a dúplice: (= *ts e dz*), e as africadas é ǧ (= *tš, dz* , isto é *tx e dj*) podem ser

geminadas, sendo neste caso implosivos os fonemas prepositivos td; assim, cci, tx, ggi são propriamente iguais a *ttx, ttz, ddj;* ex.: faccia = *fattx*a, razza = *rattz*a, maggio = maddjo.

Com relação à duplicação consonantal de palavras portuguesas algumas se originaram do latim e do grego. Soares Barbosa (1822, p. 68) na obra intitulada "Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza" fez a seguinte regra:

Figura 4.3 - Letras duplicadas


Toda a palavra Portugueza, que for dirivada ou da Lingua Grega, ou da Latina, deve conservar na escriptura os caracteres da sua origem, que se poderem representar pelos do nosso Alphabeto, e forem compativeis com a nossa pronunciação. Mas o uso faz nesta regra todas as excepções, que quer.

as 12 consoantes dobradas entre os Latinos com o valor de simples entre nós, quaes são BB, CC, DD, FF, GG, LL, MM, NN, PP, RR, SS, TT.

Dis-

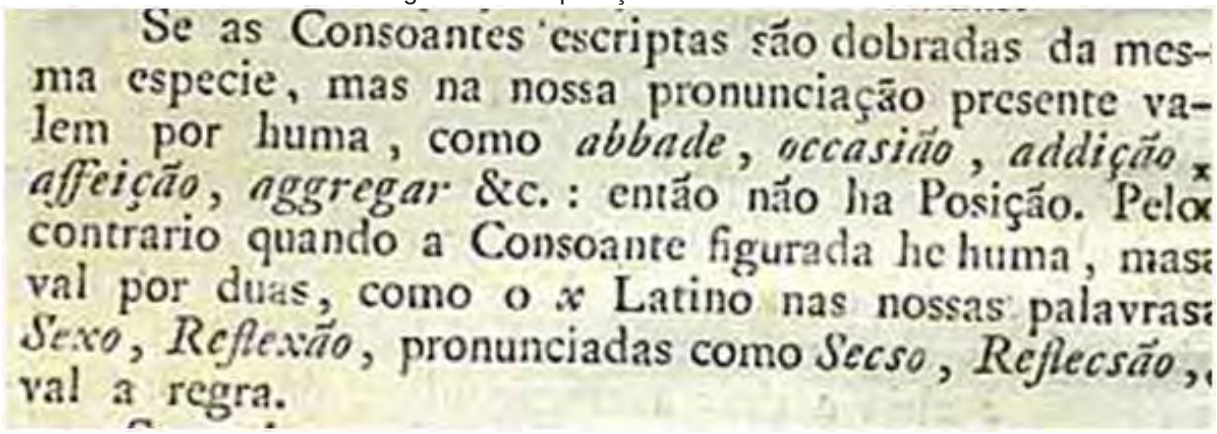
Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari(SOARES BARBOSA,1822, p. 68).

Transcrição*: Toda a palavra portuguesa, que for derivada ou da Língua Grega, ou da Latina, deve conservar na escritura os caracteres da sua origem, que se puderem representar pelos, do nosso Alfabeto, e forem compatíveis com nossa pronunciação, mas o uso faz nesta regra todas as exceções que quer.*

[...] as 12 consoantes dobradas entre os Latinos com o valor de simples entre nós, quais são: BB, CC, DD, FF, GG, LL, MM, NN, PP, RR, SS, TT.

Soares Barbosa comentou ainda sobre a duplicação das consoantes, afirmando que:

Figura 4.4 - Duplicação das consoantes


Se as Consoantes escriptas são dobradas da mesma especie, mas na nossa pronunciação presente valem por huma, como *abbade*, *occasião*, *addição*, *affeição*, *aggregar* &c.: então não ha Posição. Pelo contrario quando a Consoante figurada he huma, mas val por duas, como o *x* Latino nas nossas palavras *Sexo*, *Reflexão*, pronunciadas como *Secso*, *Reflecsão*, val a regra.

Fonte: Imagens do arquivo pessoal do Professor Cagliari(SOARES BARBOSA,1822, p. 38).

Transcrição: Se as consoantes escritas são dobradas da mesma espécie, mas na nossa pronunciação presente valem por uma, como abbade, occasião, addição, affeição, aggregar etc., : então não há posição. Pelo contrário quando a Consoante figurada é uma, mas vale por duas, como o x Latino nas nossa palavras: Sexo, Reflexão, pronunciadas como Secso, Reflecsão, vale a regra.

Demonstra-se uma das regras contida na gramática do referido autor, na duplicação da fricativa *f*. quando disse: “toda palavra que principia por *di, e, o*, e *su,* seguindo-se-lhe immediatamente *f*, dobra esta consoante, v.gr. effeituar, differir, offender, difficil. Officio, suffragio” (SOARES BARBOSA, 1822, p.68)

A interpretação dada pelas regras de Soares Barbosa comunga com as de Madureira Feijó, e Gonçalves Viana. E pode-se perceber que algumas das consoantes nos *corpora*eram duplicadas, com maior frequência, tais como. **C, F, L, M, N, P, T**.

As consoantes duplicadas B, D, G e P não foram encontradas nos documentos da guerra, mas tiveram ocorrências as letras L- 125 ocorrências, M – 57 ocorrências, N – 12 ocorrências T – 10 ocorrências C – 2 ocorrências.

Nos poemas em Harpa de Ouro, a maior ocorrência foi da lateral L com 118 ocorrências, as letras C – 12 ocorrências, F – 7 ocorrências, G - 3 ocorrências *Higgins, Maggior* e *suggestão;* M – 37 ocorrências, N – 23 ocorrências, P – 4 ocorrências e T – 4 ocorrências. Não houve ocorrências da duplicação da consoante B, e a duplicação da letra D aparece apenas em uma palavra em inglês.

Com relação aos jornais, encontrou-se a letra B duplicada, também com pouca frequência – apenas na palavra *Sabbado* – a letra L duplicou-se 10 vezes, a F- 7 ocorrências, M – 3 ocorrências, N –7 ocorrências e T, B, e G houve uma só ocorrência.

4.2.2.2 Consoantes mudas

Gonçalves (1992) afirma que no contexto cultural dos séculos XVIII e XIX os grupos de origem latina como: *bd, pt, cç, gm, gn, mn, e mpt* e os de origem helênica como: *th,ph, ch*,*rh* foram transmitidos ao nosso sistema pelos latinos, mas por questões de gosto na época, uma vez que havia uma supervalorização da erudição greco-latina. A autora assinala que esses grupos são justificados na ortografia portuguesa pela etimologia ou pelo uso dos autores da época. Nessa perspectiva, só a relação com o étimo justifica grafias tais como: afecto (do lat.affectus), facto (do lat.factum), Cathechismo (do lat. catechismus); somno (do lat. somnus). A seguir palavras retiradas dos corpora para exemplificação:

Quadro 4.5 - Consoantes mudas em palavras nos *corpora*

Corpora	**Palavras com consoantes mudas**
Harpa de Ouro	dictando
Harpa de Ouro	somno
Harpa de Ouro	dahlia
Harpa de Ouro	tectos
Harpa de Ouro	dilectas
Harpa de Ouro	septima
Harpa de Ouro	fructo
Harpa de Ouro	projectis
Harpa de Ouro	redemptoras
Harpa de Ouro	selecta
Harpa de Ouro	fluctua
Guerra da Balaiada	acta
Guerra da Balaiada	victal
Guerra da Balaiada	privactivamente
Guerra da Balaiada	huma
Guerra da Balaiada	sahir
Guerra da Balaiada	destricto
Guerra da Balaiada	enmidiatamente
Jornal 1 Semanario Maranhense	colecção sobresahir escriptores assumptos psalmos
Jornal2 O Globo	Director Assignantes Baptista

	Acções Acceite
Jornal3 O Fedealista	Victoria Effectuar Respectiva Extracções
Jornal 4 A Republica	Auctoridades Execepção Assignado Districtos Inscripto Objectos

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.3 Vogais

Vogais são sons que ao se produzirem não há obstrução na passagem de ar vindo dos pulmões. Elas se diferenciam das consoantes, segundo Cagliari (2007a) pela formas com que são articuladas, pela qualidade acústica específica e pela participação na formação das sílabas. Podem ser classificadas em termos de altura, da intensidade, da anterioridade/posterioridade da língua e da posição dos lábios. As vogais do português foram classificadas em tônicas, pretônicas e postônicas. (SILVA, 2003).

No fenômeno de alçamento[39] uma vogal pode ser representada por outra vogal, como por exemplo: a vogal ***i*** quando seguida de ***a*** átona sozinha na sílaba podia ser representada por ***e***. Pode-se observar nas palavras: criado, creado (do lat. creare), criador, creador (do lat. creatore). O mesmo acontecia com a vogal ***e***que na posição pretônica era representada por ***i*****,** possivelmente por influência latina: demittido, dimittido (do lat.demitto, is), similhante semilhante (do lat. similiare).

Harpa de Ouro/ Documento da Guerra/Jornais

A, E , I, O, U

a, e, i, o, u

[39]Alçamento é um fenômeno fonológico que envolve a elevação da propriedade de altura da língua das vogais medias [e] e [o] que se realizarão como vogais altas [i] e [u]. Ele ocorre em posição postônica. (SILVA, 2010).

Observação: Encontrou-se a letra Y usada em lugar da vogal I, em todos os *corpora*: *asylo, abysmo, cysne; leys, Raymundo, emcruhey; Moysés,* hymnos, Lyceu, typographia. Reforçando a explicação anterior, interpreta-se que a letra Y, importada do grego, serviu também de semivogal para a escrita arcaica da língua portuguesa. Oliveira (1536), afirma:

> Esta letra y que chamamos grega (...) alguns poderão dizer que não é nossa, mas eu lhe darei ofício na escritura das nossas dicções próprias, e é este: que as mais das vezes, quando vem uma vogal logo trás outra, nós, pronunciamos entre elas uma letra como em meio, seio, moio, joio, e outras muitas. A qual letra a mim parece se y, e não i vogal, porque ela não faz sílaba por si, nem tampouco consoante na força que lhe nós demos, mas em outra quase semelhante àquela, muito enxuta e sem nenhuma mistura de cuspinho. E nestes lugares poderá servir esta figura de y e senão é ócio. (OLIVEIRA, 1536, 12-13).

4.2.4 Dígrafos

Harpas de Ouro/ Documento da Guerra/Jornais

CH - charidade, chorda; achavão, chefe; Christo, chapeos.

LH -filhas, brilham; velhos, similhantes; evangelho, espelho.

NH – montanhas, desconhecido; maranhense, senhor; convinha, engenho.

RR – carro, serra, corrente, curraes, carroça, borrachas.

SS – colosso, belíssima; posse, assemblea; assas, grosseiras.

SC - scintilla, descanso; sciente, risco; escriptores, descreve.

SÇ - cresça, adolesça**;** nos documentos e jornais não houve ocorrência

XC – em Harpas não ocorrência; nos documento apenas a palavra excepção; nos jornais apenas exceder.

GU – águia, guesa; portuguezes, guarnecidos; antiguidade, igualmente.

QU -brinquedo,banquete; quinze quase; que, quasi.

Em todos os *corpora* foram encontrados os dígrafos separáveis e inseparáveis, como já analisado no capítulo 3 na parte 3.12.

4.2.5 Os Diacríticos

Na fonética, diacrítico é uma marca que se acrescenta a um símbolo para alterar seu valor. Segundo Silva (2011, p. 89) diacrítico é:

> Um símbolo que ocorre com outro símbolo fonético e que tem como função expressar uma propriedade fonética adicional. Geralmente os diacríticos são colocados abaixo ou acima do símbolo fonético principal para expressar a propriedade fonética complementar.

Cagliari (1998apud FÁVERO et. al. 2007,p.117) pontua a esse respeito que:

> Durante séculos, os gramáticos preocuparam-se muito com a ortografia, procurando estabelecer princípios e regras, e pouco fizeram com relação à pontuação. Por isto, a ortografia se congelou no tempo, mas a pontuação continuou variando muito. A pontuação está intimamente ligada às relações entre linguagem oral e linguagem escrita, de uma forma específica que não tem sido muito pesquisada. A pontuação retrata uma certa teoria sobre um texto e, sobretudo, sobre como ele se divide em partes, implicando significados sintáticos, textuais e discursivos importantes. Os sinais de pontuação dependem muito da prosódia, mas a própria linguística atual ainda encontra dificuldades para transcrever esse tipo de fato e até coisas relativamente simples, como as pausas e os silêncios da fala. Nem todo fato prosódico que poderia ser marcado com a pontuação vem assinalado desta forma na escrita.

Para Cagliari (apud SILVA, 2009, p. 37) a maioria dos sistemas alfabéticos modernos utiliza-se de diacríticos com o objetivo de transformar a forma gráfica das letras, dando valores fonéticos diferentes. Isso já foi feito, pelos portugueses, com os acentos nas vogais – *á, ó, à* e também no til – *ã, õ*. O autor expõe que esses diacríticos têm as funções variadas, na escrita grega são usados para mostrar a localização do acento tônico, tanto na altura como na intensidade; na escrita portuguesa serve para indicar a qualidade aberta ou fechada de algumas vogais tônicas primárias; na escrita francesa usam para ver a qualidade vocálica, localização de sílaba tônica e os processos fonológicos de geminação e truncamento.

Soares Barbosa (1822, p. 39) fez anotações em sua gramática sobre acentuação, mostrando que acento significava um canto ou tom acrescentado ás palavras e que:

> [...] é a maior, ou menor elevação relativa, com que se pronunciam as vozes, nascida de maior ou menor intensidade, que as fibras da Glote dão a seu som. A mesma diferença que há entre um som mais ou menos intenso, e um som mais ou menos extenso; há entre o acento e a qualidade de uma silaba.

Para o autor, os acentos podem ser divididos em simples – agudo e o grave, e a partir da junção destes acentos simples surgiu o acento composto chamado de circunflexo. Soares Barbosa (1822, p. 40) explica que:

> O Acento Agudo é aquele, com que levantamos o tom da voz sobre qualquer sílaba, e apoiamos com mais força. O sinal, com que os Gregos, e Romanos notavam este acento agudo, era uma pequena linha vertical, lançada da direita para esquerda sobre a vogal deste modo (´), como *Chinó*. O acento grave pelo contrário é aquele, com que depois de levantar o tom da voz, o abaixamos em uma ou mais sílabas, pronunciando-as com menos força e intensidade. O seu sinal era a mesma linha vertical, porém com direção contrária a da aguda, desde modo (`), como *Chinò*. Desses dois acentos é composto o acento Circunflexo, que é aquele,com que sobre a mesma silaba em diferentes tempos levantamos, e abaixamos sucessivamente o tom de voz. A sua figura é igualmente composta das duas linhas verticais, que servem de nota ao Agudo e Grave, unidas em cima e abertas em baixo em forma de ângulo agudo deste modo (^), como em Mês.

Nos *corpora*analisados encontraram-se os seguintes diacríticos:

Harpade Ouro/ Documento da Guerra/Jornais

Acento agudo (´) – isá, áurea, fé, á fóra**;** só, José, lá, mandará, fará; Moysés, café.

Acento circunflexo (^) – côres, môça, fôrça,crêste; Jerônimo, vênho; Jerônimo, catéretê.

Grave (`) – à, às, boutonières; à ,

Til (~) - bênção, cidadão, acções; constituição, reprezentação, cidadões, sessões; creação, lamentações, construcção.

Apóstrofo (‘) - p’ra*,* d'armas, n’um, esp’rança**;** d’absuluta, n’elle, n’aquelle; d’mora, d’ associação, l’ amour.

Observação: o apóstrofe ocorria com bastante frequência no século XIX, nos três *corpora*. Isso se deve, possivelmente, a questões de uso na época.

Hifen (-) riso-céus, eis-me, filha-familia, ioço-lhe; trazer–nos, dis–me, vice – prezidente; redem-lhe, pede-se, despachal-os, paga-se.

Observou-se, nos documentos da guerra, a falta de acentuação em muitas palavras que são acentuadoramas no português atual, acredita-se que elas não eram acentuadas no século XIX, pois foi marcante esse fenômeno nos corpora pesquisados. Palavras como: provincia, commissarios, seburbios, imperio, familias, trez, tambem, espirito, emissarios, animos, possivel, consecuençias, illustrissimas, jeronimo, negocio camaras, publicos, independencia, reuna, sera, citio, inteligencia, prudencia, maxima, meretissimo, officio, saida, civeis, vigario, he(verbo ser), gloria, meretissimo, caracter, noticia, violencia,tragedias,sudito, busca-lo, remete-lo, rezidencia etc...

Foram encontradas palavras que não pertencem às regras de acentuação do português atual, mas estavam acentuadas, no mesmo século, nos documentos da guerra: aprovádo, úma, brévidade, esperão, achão, urubú, vênho, hõrra, deixêmos, extraordinárias. Encontraram-se também, palavras acentuadas, às vezes de formas diferentes nos poemas de Sousândradre, tais como: môça, vêa, rôto,confôrto, fôrça, dôres, flôres, bôa, vêndo, rêis, fòrma, fórmas, fóra, quèda.
Observação: Não houve ocorrência do trema nos *corpora* (¨), deduz-se que este fato deve-se à falta de uniformização gráfica da língua portuguesa na época.

4.2.6 Sinais de Pontuação

De acordo com Cagliari (2009), o sistema de escrita antigo já usava os sinais de pontuação. Era comum usar os pontos ou traços pequenos para separar palavras. Com o surgimento dos livros manuscritos houve a necessidade de marcas, diacríticos, acentos, sinais de pontuação de vários tipos, cujo objetivo era assinalar ao leitor aspectos da linguagem oral em complementação aos caracteres e letras. O autor pontua que:

> As normas que regem os sistemas ortográficos , como as que temos, propõem regras específicas para alguns sinais de pontuação e até para algumas marcas. Na língua portuguesa, as palavras podem ter acento; em grego, todas tinham acento; em latim, nenhuma tinha. (CAGLIARI apud SILVA, 2009, p. 37).

Para os ortógrafos, gramáticos e tratadistas da ortografia do século XX, a pontuação era baseada na liberdade dos escritores e editores. Alguns desses sinais eram usados seguindo as regras propostas na época, como o ponto final e

interrogação. Naquele século alguns autores pouco usavam os sinais de pontuação, utilizando os essenciais tais como, ponto, vírgula e ponto de interrogação. Outros preferiam usar o travessão, aspas, parênteses chaves, barras inclinadas. De acordo com Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p. 206),

> [...] a pontuação sempre esteve presente na escrita, mas os estudos dos sistemas de escrita têm dado pouca atenção a ela. Tradicionalmente, os gramáticos têm incorporado alguma consideração a respeito dos sinais de pontuação, na parte relativa à ortografia e, raramente, na parte relativa à sintaxe, e contribui basicamente para orientar a leitura em voz alta, ou para enfeitar a diagramação da página.

Em cada *corpus* analisado pode-se perceber a ocorrência do uso do ponto final (.), com maior frequência, a vírgula (,), o ponto e vírgula (;), dois pontos (:), reticências (...), aspas (“”), parênteses (-), e travessão. Encontraram- se, também os pontos de interrogação (?) e o ponto de exclamação (!). O ponto de exclamação ocorre com frequência maior nos poemas de Sousândrade. A seguir amostras retiradas de cada documento para exemplificação.

Harpa de Ouro / Documento da Guerra / Jornais

Ponto final - [...] E incantado á etherea soidão./ A amante luz, o amor e o pão.;

[...] e os velhos de 60 annos para cima./[...] pellas sabias providencias de V.EXª. /[...] depois do dilúvio universal. /[...]para as extracções da loteria.

Vírgula - O interno oceano deseja, / Aguia, que ao sol resoando passas; [...] socego publico, como consta dos artigos, / [...] comissarios, portanto estes tem violado todas as leis do império;[...] é certo, em correção de forma, nos modelos bíblicos, composto em Hebraico.

Ponto e vírgula - d’ heleura a ideal solidão; / ” sou, fé, que combates caminha; /[...] hõrra e fazendas;/ [...] e não perdereimos os avantajouzos passos que temos dado; / Faça-se a luze a luz foi feita; /Ovidio descreve o homem físico;

Dois pontos - Quiz ser em chegar, primeirinha:/ Preço da livre sem se não:/ primeiro: que seja sustentada a.constituição e garantias dos cidadãos, / foi disciplo meu:

Reticências – O! aguia celeste!..../ Da luz (o riso-luz!.../ Ó... brazileiros! / [...] o mais grandioso, completo e admirável.../[...] com mais engenho, disse tratando do homem...

Aspas - "té à vista,", “quasi – mudo”/

Observação: Nos documentos da guerra e nos jornais não houve ocorrência de aspas.

Parênteses - (o riso-céus!), (ligava amor) / (dos), (aclamado).
Observação: Nos jornais não houve ocorrência de uso de parênteses.
Travessão - sigo – ao genio patrio do amor, es o meu pão – / magistrados – 1837/1840, ministério da justiça – avisos e portarias – 1830/1845) / [...] – a que resulta do evangelho, – a walsa, – a quadrilha.

Ponto de Interrogação - E a gloria, vês? / Onde incantados stamos nós? / anbitão o vergonhozo latico (?) de seus senhores.

Observação: Não foi encontrada ocorrência do ponto de interrogação nos jornais.

Ponto de Exclamação - Doces mirangens adeus!, Que estação divina-celeste!; Ó... brazileiros!, tudo por cauza do nosso deleixo!; Viva o nosso governador actual governador!, Cerveja!!!

4.2.7 Acentuação gráfica

Em todos os corpora analisados, a acentuação gráfica variou em algumas palavras, por exemplo: o substantivo *Império,* ora aparece acentuado, ora sem o

acento agudo; a forma verbal ***é*** do verbo ser, ora é escrito com acento e ora sem acento na vogal, *hé* ou *he*; as palavras *andeo* e *aurea* ora estão acentuadas ora não.

Há também uma variação nos poemas com relação ao acento agudo, grave e o circunflexo: as palavras, *há, pés, óndea, fóra,* se encontram ora escritas com acento agudo, ora com grave e circunflexo como em: *hà, pès, òndea, fôra.*

Observou-se a falta de acentuação com frequência nos poemas e, principalmente, nos documentos da guerra. A falta dos acentos agudos e circunflexos em grande parte das palavras ocorreu nos documentos da Guerra, palavras que no português atual são acentuadas. Para exemplificar têm-se: solitario, horario, infancia, sensivel, gloria, existencia, tambem, tres, incendio, pae, intelligencia, patria. (Harpas); officio remete-lo, violencia, trez, catholica, noticia, tragedia, oratória, noticia, Jeronimo, enfuluença, violência. (doc. Guerra). Nos Jornais – bliblico, duvida, contem, admiravel, língua, geneses,critico, cantico, numero, poetica, proprietario, entre outros.

4.2.8 Distribuição das consoantes pelos contextos de ocorrência

Na tabela seguinte demonstra-se a distribuição das consoantes quanto ao modo de articulação e quanto ao contexto de ocorrência. Colocou-se a letra e o som fonético de cada uma, com exemplos retirados dos *corpora*. Em cada ocorrência colocaram-se dois exemplos de cada, na sequência Harpas de Ouro, Doc. da Guerra e os Jornais, e quando não houver ocorrência será representado por um traço longo.

Quadro 4.6 - Ocorrências das consoantes

OCORRÊNCIA	**C O**	**N**	**T E**	**X**	**TO**
CONSOANTES OCLUSIVAS	Ocorrência em início de sílaba/ palavra**:**	Ocorrência diante de vogal:	Ocorrência no meio de palavras:	Ocorrência em final de sílaba/pala vra escrita:	Ocorrência diante de consoante

P /p/	pátrio, povos publico, participar porto, prova	Peito,puro Pelos, composta poeta, feito	serpentario, tempo capitão, império repovoar, expediente	Septembro, redemptora ___	preço, aptos pleitos, excepção persas, continuar
B/b/	Bella, berço Beira, breve Burity, Brasil	Baccho, bemdiz Liberdade, habitantes Bacanga, Ribeiro	rubentes, cabellos rebelde, seburbios aberta, tabella	___ ___ ___	branco, sublime subprefeita absuluta sobre, republica
T / t/	tesoiro,terror tropa, termo termos, transferida	toca, noites oito, este, magestade, attesta	luctas, montes estado, inteiro poeta, depois	___ ___ ___	transpor, arte portos, acta disto, posta
D /d /	dilectas, doce desculpa, dimittido despeza, deverão	eden **,** amada dias, dez devida, diversas	soidão, cidadão cidadãos, qualidade ovidio, saudavel	___ ___ ___	jardins abrindo commanda nte, madrugada verdadeira, mandou
K / k/	*Kóndor* ___ __	Jáckie Makor ___	Jáckie ___ ___	Zack ___ ___	___ ___ ___
G / g /	Gênio,gentileza Geraes, garantia Gosto, genero	phrygie, meiga vigor, gente segundo, logo	sagrada, virgem disgosto, segundo engenho, imaginem	suggestão ___ ___	telegrapho orgia, largar, designaçã o grande, ignora
LATERAIS					

L / l /a	lar, luz ley, lionardo livros, lei	alude, lei família, brasileiros logo, della	aclara, estalar deliberou, violado elevada, civilização	sol, ideal victal, resolvi real, igual	flor, calvário gloria, Falcão resulta, legislador
LH / ʎ /	lhe lhe lhes	d'espelho, brilha olhando arecolher velho, alhambra	olho, filhas melhores similhantes maravilhados, medalhas	___ ___	___ ___ ___
NASAIS					
M /m /	môça, montes major, militares membros, metro	alma, tempos amiaçada, huma madame, mez	nalma, amor somente, tomadas virem, campo	também, speram com, bemtevi bem, com	armada, somno assemblea mesmo completo, exemplo
N / n /	novel, nação noticia, noça novo, nada	nella, sonoras negocio, definitiva antigo, mundo	interno, oceano reunião, funesta cantico, lingua	joven cannas tinta, província	assentando fontes, sangue, dentro abunda, ventura
NH / ŋ /	_____ _____ _____	manhans, banho senhor, minha maranhense, companhia	sonhares ganhei reconhecida, nenhuma conhecimento cabacinhas	___ ___ ___	___ ___] ___
AFRICADAS					

DI /dʒ /	dictado, divina dias, ditto dividir, director	Medidas, veridico, divida, diçe expediente, dia	cidade, remediada expediada, supradito pedimos, tarde	___ ___ ___	Bendicta, dictador estandislau dizer disto
TI / tʃ /	Timoteio, Tiradentes; tinta, tive tiragem, tinta	altivo, noite artigo, dimittido vinte, antiga	fertilidade platina noticia, bentivi prateleira, sentido	___ ___ ___	Sentimento reflectir Falte, pintiado continuar, respectiva
FRICATIVAS					
	Ocorrên.em início de sílaba/ palavra:	ocorrência diante de vogal:	ocorrência no meio de palavras:	ocorrên em final de sílaba/ palavra escrita:	ocorrência diante de consoante
CH / ʃ/	Choro, chefe, chegou chitas, chegaram	enchei-o, echo acho, marche despachos, chegar	sacchari naachado machado catechismo, despacharam	___ ___ ___	christã marchava deichando ___
J / ʒ /	junctinha, jardins joão, junto janeiro, junta	beijo, justa seja, Jose anjo, já	corajosa, ajoelhar vantajozo ajudante laranja,	___ ___ ___	forjai objetos ___
F / f/	feliz, fonte facto, fogo forma, feitas	fòrmas, infinito efusão, chefe força, soffre,	profundez desfolhava certificamos, referida uniforme, profano	___ ___ ___	fructos flavo desconfiar, informar França,
H	habitação, horisontes honra, homens	harpas, hei hoje, He hynos,	ahi sahir, companheiro	oh! ___ Nazareth	dahlia, chão ___ ___

	Hebreus, homem	hebraico	telephone		
S / s /	sondando senha siocego, segundo santa,superior	paraiso, Jesus seja, quase espécie, resulta	rosa, desespero conselho, resolva considerados, absurdas	*vêas* credes consta, obstar cantadas, mais	esteja Distroço Disgosto Sciente, gosto
V / v /	verdes, vida villa, vantajozo Velho, Virtude	veloz, nova vice, dever verso, haver	salvação, inveja. governo, levarem povinho	___ ___ ___	cerviz, salvei servisso, convidamo livros,
Z / z /	Zény, zelos Zelo ___	azas, brazil defeza, trazer razoável, gaz	luzeluz, brazilios brazileiro, rezolvi grandiozo,bell eza	altivez produz trez, dez diz, faz	cinza, animalzinh quinze, bronziai ___
R / r/, /h/, / x/ , / ɦ/	rósea, refractario reunião, recebido reforma	douram, oiro império, geraes corrente, seguira	coração horisontes garantias gloria esperado, merece	flor, brincar partido, fazer apreciar, legislador	astros, sagrados artigo, comarca carta, março

Fonte: Elaborado pela autora.

Algumas letras não ocorreram nos *corpora*em análise, tais como: no início de palavras as letras K e NH; em final de sílaba/palavra B, D, F, J, K, LH, NH, CH, e diante de consoante – H, K, LH, NH, a Letra T no final de sílabas só aparecem nos poemas, com palavras estrangeiras. Como o português atual, o LH não é usado com frequência no início de palavra: foi encontrado apenas o pronome oblíquo “lhe”, usado com muita frequência antes de vogais*a* e *o*.

4.2.9 Caligrafia, letras maiúsculas e minúsculas

O conjunto dos poemas escrito por Sousândrade contém duzentas e oitenta cinco estofes com, geralmente, seis linhas. A letra utilizada é cursiva e percebe-se

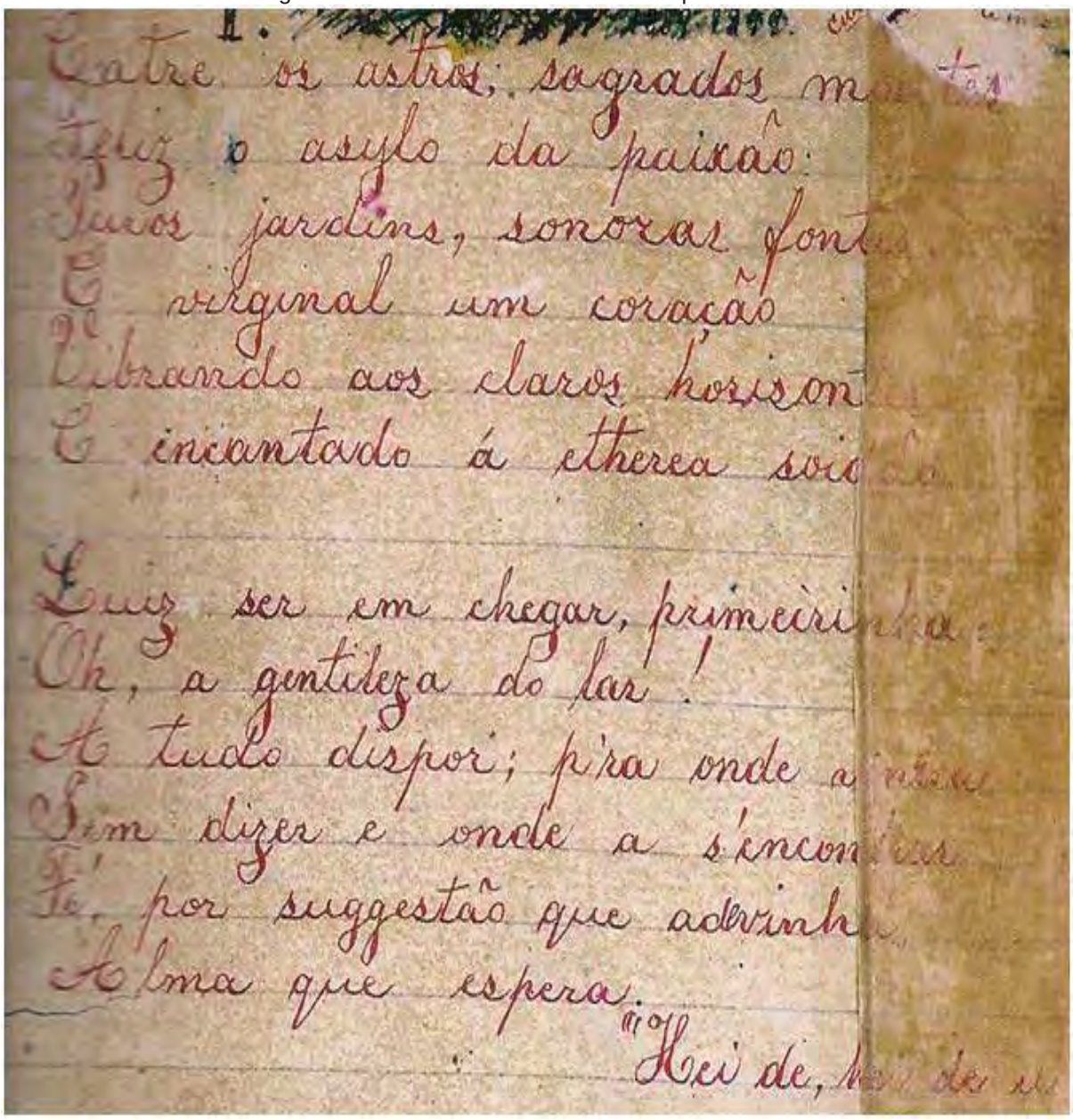
na escrita daquele século que a caligrafia era bem delineada, com as letras maiúsculas, no início de parágrafos sempre bem marcadas e às vezes um pouco confusas, devido ao desenho caligráfico delas; eram também usadas em nomes próprios e pronomes de tratamento. Contudo, ao longo das estrofes observaram-se várias anotações feitas pelo autor, às vezes, eram mudanças de frases, outras, de palavras, e até troca de posição das estrofes, assim como borrões feitos com lápis de cor azul e às vezes de caneta de cor preta.

Cagliari (2009) afirma que durante vários séculos o sistema de escrita alfabética era utilizado com um só estilo de letras, as maiúsculas. No século XIX pode-se perceber essa ocorrência nos poemas de Sousândrade que não só iniciava as estrofes, mas usavam com frequência as letras maiúsculas bem arredondadas, no meio delas. O autor comenta que:

> Essa maneira de escrever é conhecida como escrita cursiva. O estilo de escrita padrão, mais formal, nunca foi substituído por um modelo de escrita cursiva, mas esta influenciou àquela muitas vezes, chegando a introduzir características que geraram até novos estilos formais para as letras. (CAGLIARI, 2009, p. 79).

Pode-se exemplificar abaixo, as estrofes de número um e dois, retiradas do poema de Sousândrade em que as letras que iniciam cada parágrafo parecem mais com as letras **C** e **L** que com as letras **E** e **Q**, respectivamente. Foram estrofes escritas com letras maiúsculas bem desenhadas.

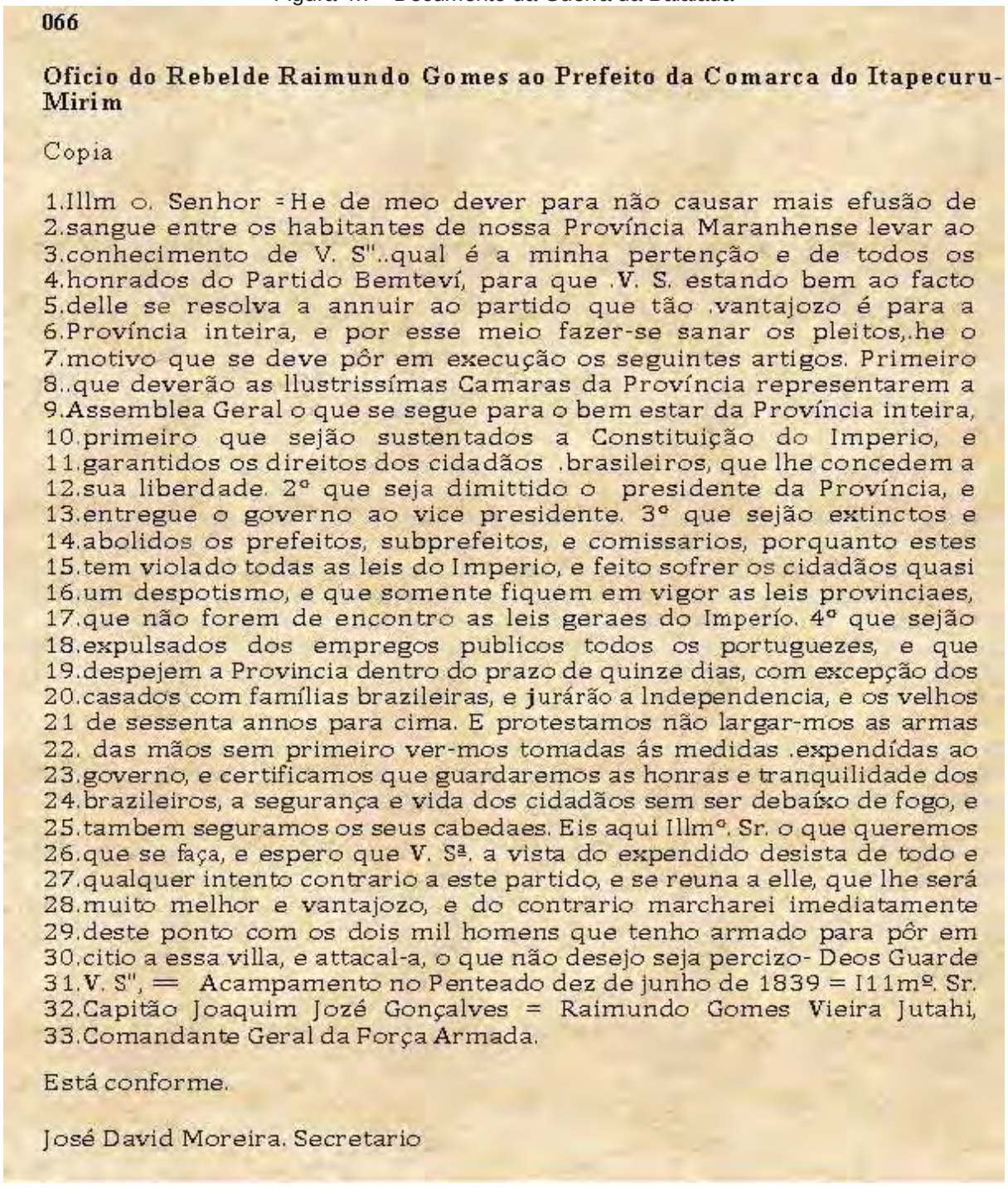
Figura 4.2 - Estrofes manuscrita de “Harpas de Ouro”



Fonte: WILLIANS E MORAES (2003, p. 313).

Nos documentos da Guerra da Balaiada, pode-se perceber um estilo de escrita com linguagem mais informal, cuja ortografia era, possivelmente na forma como os negros e escravos falavam. Para melhor exemplificação observou-se um dos documentos - Ofício do Rebelde Raimundo Gomes ao prefeito da Comarca de Itapecuru-Mirim. Na linha 12 há a palavra *demitido*, usada como “dimittido”, uma forma mais próxima da oralidade por alguns falantes, atualmente. A palavra *meo* (l,1) no lugar de meu; *assemblea* (l. 9) por assembleia; Em outros documentos da guerra há uma frequência considerável deste processo.

Figura 4.7 - Documento da Guerra da Balaiada



066

Oficio do Rebelde Raimundo Gomes ao Prefeito da Comarca do Itapecuru-Mirim

Copia

1.Illm o. Senhor =He de meo dever para não causar mais efusão de
2.sangue entre os habitantes de nossa Província Maranhense levar ao
3.conhecimento de V. S"..qual é a minha pertenção e de todos os
4.honrados do Partido Bemteví, para que .V. S. estando bem ao facto
5.delle se resolva a annuir ao partido que tão .vantajozo é para a
6.Província inteira, e por esse meio fazer-se sanar os pleitos,.he o
7.motivo que se deve pôr em execução os seguintes artigos. Primeiro
8..que deverão as llustrissímas Camaras da Província representarem a
9.Assemblea Geral o que se segue para o bem estar da Província inteira,
10.primeiro que sejão sustentados a Constituição do Imperio, e
11.garantidos os direitos dos cidadãos .brasileiros, que lhe concedem a
12.sua liberdade. 2º que seja dimittido o presidente da Província, e
13.entregue o governo ao vice presidente. 3º que sejão extinctos e
14.abolidos os prefeitos, subprefeitos, e comissarios, porquanto estes
15.tem violado todas as leis do Imperio, e feito sofrer os cidadãos quasi
16.um despotismo, e que somente fiquem em vigor as leis provinciaes,
17.que não forem de encontro as leis geraes do Imperío. 4º que sejão
18.expulsados dos empregos publicos todos os portuguezes, e que
19.despejem a Provincia dentro do prazo de quinze dias, com excepção dos
20.casados com famílias brazileiras, e jurárão a Independencia, e os velhos
21 de sessenta annos para cima. E protestamos não largar-mos as armas
22. das mãos sem primeiro ver-mos tomadas ás medidas .expendídas ao
23.governo, e certificamos que guardaremos as honras e tranquilidade dos
24.brazileiros, a segurança e vida dos cidadãos sem ser debaíxo de fogo, e
25.tambem seguramos os seus cabedaes. Eis aqui Illmº. Sr. o que queremos
26.que se faça, e espero que V. Sª. a vista do expendido desista de todo e
27.qualquer intento contrario a este partido, e se reuna a elle, que lhe será
28.muito melhor e vantajozo, e do contrario marcharei imediatamente
29.deste ponto com os dois mil homens que tenho armado para pôr em
30.citio a essa villa, e attacal-a, o que não desejo seja percizo- Deos Guarde
31.V. S", = Acampamento no Penteado dez de junho de 1839 = I11mº. Sr.
32.Capitão Joaquim Jozé Gonçalves = Raimundo Gomes Vieira Jutahi,
33.Comandante Geral da Força Armada.

Está conforme.

José David Moreira. Secretario

Fonte: ARAUJO (2001, p. 104-105).

Autores, estudiosos, especialistas na área, tais como Silva (2003), Bisol (2005), Cagliari (2002), etc. chamam esse processo de troca de vogais, e consoantes, usada na escrita, de variação livre[40] devido à ocorrência de não estar condicionada ao contexto ou ao ambiente fonético, mas a fatores extralinguísticos,

[40]Segundo Cagliari (2002) dá-se o nome de variação livre quando há ocorrência de um ou de outro som, em um ambiente comum sem modificar o significado da palavra.

como classe social, idade, escolarização, sexo, dentre outros. É na sociolinguística que se encontrará fundamentação e estudo para melhor entendê-lo.

Sabe-se que as vogais tônicas, diferentes das átonas, foram as que menos sofreram mudanças na passagem para o português. Muitas vezes essas vogais podem ter sofrido influência de sons vizinhos. Contudo, embora alteradas, continuaram a subsistir nas palavras como núcleo de sílaba. A palavra *dimittido* foi encontrada em outros documentos da guerra de outras formas, como: *demittido,dimettido,* observa-se a mudança vocálica de ***e*** para **i** e de **i** para ***e.*** A palavra é de origem latina *demitto, is, ssu*m; demittere que no século XIV passou a *demitir, dimitir*. (CUNHA, 2007, p. 246).

No que tange às vogais átonas finais, o sistema português se reduz a três vogais /a/, /e/ e /o/, no entanto, nas palavras retiradas dos documentos da guerra figuram as vogais átonas finais *i* e *u* para *e* e *o:* tais como *quasi* (do latim quasi), *ondi* (do latim unde), *meo* (latim meus).

Com relação às vogais átonas finais demonstradas no capítulo anterior, diante de /s/ ou não, Câmara Jr. (2008) nos afirma que do ponto de vista fonêmico não há oposição distintiva entre essas vogais reduzidas /i/ e /u/. Quando estão em posição átona final, elas são falsamente tidas como intermediárias que representam em vez do /e/ o /i/ de um lado e de outro, em vez do / o/ o /u/. Ex: *gera[e]s* para gerais,*sup[u]s* para supôs.

Outro fenômeno apresentado no ofício do rebelde acima foi o que a fonética chama de metátese, isto é, a troca de posição de um segmento dentro de uma sílaba da palavra. A variação ocorreu nas palavras *pertenção* no lugar de “pretensão”, encontrada na linha 3 e a palavra *percizo* em vez de “preciso” na linha 30. Assim sendo, o que pode-se inferir desse fenômeno é que possivelmente as pessoas daquela época pronunciassem aquelas palavras daquela maneira, ou um possível erro de escrita.

Outro fato muito presente nos documentos da guerra foi o uso da terminação ‘ão’ no lugar de ‘am’ para a terminação dos verbos. No documento acima encontraram-se as palavras sejão (linha, 10, 13, 17), achavão (l.7 doc.2)ponhão(l.3 doc.5), largarão (l.4 doc 10).

4.2.10 As abreviaturas

Os sinais de pontuação e as abreviaturas existem desde os tempos antigos e tem um grau de importância fundamental em qualquer sistema de escrita. As abreviaturas surgiram como forma de economizar espaço e pela necessidade de escrever com rapidez. As abreviaturas são vistas em tratados, dicionários e até leis que regema ortografia. (CAGLIARI,apud SILVA, 2009).

Há uso com muita freqüência de abreviaturas nos documentos da guerra, pois tratam-se de documentos do tipo ofícios, manifestos, proclamações que, de certa forma, exigem o uso delas. As abreviaturas que mais aparecem são os pronomes de tratamentos, tais com; Illmº para Ilustríssimo que teve 41 ocorrências, Exmº - Excelentíssimo, com 12 ocorrências, V. Exª - Vossa Excelência com16ocorrências, V, Sª Vossa Senhoria com 80 ocorrências, Sr.- Senhor com 34 ocorrências e V.Sªs para Vossa Senhorias com 6 ocorrências.

4.3 Classificação dos casos quanto aos critérios ortográficos

Esta seção será dividida pelos casos decorrentes da etimologia e da analogia. Em seguida, mostram-se os casos decorrentes de pronúncia. Para tal, recorrem-se às partes anteriores deste capítulo e dos anteriores para encaixar os casos analisados, exemplificando com palavras dos *corpora*estudados nesta tese.

Objetiva-se com essa seção comparar nos *corpora* em análise, as ocorrências existentes entre eles, no que tange ao sistema ortográfico do século XIX em décadas diferentes e o sistema ortográfico que vigora atualmente na língua portuguesa, no Brasil, e mais especificamente, em São Luís.

4.3.1 Casos decorrentes da etimologia e da analogia

Quadro 4.7 - Casos decorrentes da etimologia e da analogia

1º - Ocorrência do “h” mudo ou dos dígrafos ph, th e ch
Harpa de Ouro: etherea, dahlia, hei, bethlehem, charidade, baccho, photographaram ahi, chorda, thesoiro, hebhe, atheus, telegrapho, phenix, metamorphose, aphrodita theologaes, phrygie, enchordoou, aheneo, sepulchro, phosphor, gerichos, heliantho, character, triumphal, metamorphoseados, saccharina, prometheus, hymnos, hlegros, hastearia, triumphante, guanahani, tropheos, cohabitar. *Documentos da Guerra da balaiada:* hum, he, jutahi,, hião, sahir, authoridades, hiço, helles, ahi, hele, catholica, honde, hir, hera, heça, hece, humas, hirmos, ahte, hido , sahirmos, hirmão, emcruhey, emcruhey, piauhy. *Jornais* sobresahir, heogonia, phophetas, thesouraria, telephone, typographia, authoridades, Chatolico,sobresahe, Christo Cathecismo.
2º - Consoantes mudas
Harpa de Ouro dictando, somno, dahlia, tectos, dilectas, septima, fructo, afflicto, baccho, projectis, redemptora, selecta, fluctua, acta,conductor, acceito, cinctel. acções, accesa ponctismo, retractar, outomno, aphrodita, promptinha, omnipotencia, fructo, sepulchro, septembro, projectis,hymnos, Proscripto, fructinal, tectoscohabitar, hombro, insecto, junctinha, reprehende, sancta, néctar, correcto, thesoiros, saharah, factos. *Documentos da Guerra da Balaiada* acta, victal, privactividade, huma, sahir, destricto, enmidiatamente, excepção, actual, commandante, hum, facto, annuir, extinctos, commissão, privactivamente, authoridade, hico, helles,ahi, sahirmos, auctoridades, sectários, escriptores. *Jornais*

colecção, sobresahir, escriptores, assumptos, psalmos, director, assignantes, Baptista, acções, acceite, Victoria, effectuar, extracções, auctoridade, execepção, assignato, districtos, inscripto, objectos, communidade, afficio, gomma, programma, tabellas.
3º - Consoantes duplas
Harpa de Ouro acção, baccho, bocca,accende, janella, constellemos, cavallo; anagramma, summo, immenso, dilemma; annos, annelão, cannas, annunciava; apparencia, appolo, desapparecer; repartte, tterreo, cattete, allah, chammas, mamman, accaso, accompanhada, affectos, bella, Izabellzinha, elle,Ella, isabell, syllabas, alliança, cabello, estellantes, aquelles, intelligencia, delle, innocua, annel, Annita, innocencia, amuletto, apparecesse, permittiu. *Documentos da Guerra da Balaiada* afflicto, affeição, effigie, sufficientes, officiaes, cheffes suggestão, officiais,faccios;imfellismente,elleição,aquellas; commissarios, commandante, commigo;annos**,** anniquilada;demettido, ditto,remettido, officio, Villa, illustrissimo, daquella, delle, elle, elleger, illustre,callor, Cavallo, aquelle, aquella, salla, delles, commissão, commigo, annuir, tronno, dimittido, ditto, attacal-a, adimitta. *Jornais* Officious,effectuar, offerecem,accão,direcção, funccionar,collarinho,litteratura, immenso, programma, gomma, Anna,anno, pennas,annuir,tabella, della, attenção, pellica,delle, intervallo,belleza, allegorias, intellectual, alliance.
4º - O uso do “Y”
Harpa de Ouro Asylo, symbolo, liyras, gyarar, Martyr, Itamaraty, phrygie homonyma, estylete, Ayres, Moysés, abysmo, cysnes, cynopida,gyrasol, crysol, cyclista, Yporonga, crystal, Zény, Lycios, joya, crystalina.

Documentos da Guerra da Balaiada

Leys, ley, Raymundo, Piauhy,jutahy,emcruhey,

Jornais

Mysés, Hymnos, Lyceu, typographia, Raymundo, Ley.

5º - Ditongo Final

Harpa de Ouro

Aéreo, teologaes, degraus, saraus, maus, óndeo, ai, ceos, láureos, áureo, eis, meio, aheneo, térreo, igueos, hei, ígneos, flauteios, ándeo,voltei, seio, pae, cae, achai, escutai, caiu, raio, avitais, dexai-me, negais-me, olhai, rei, amei, presenciei, tropheus, veos, veiu, jaldeo, releio, Odysseus, eu, prometheus, Deus, teu, meus, seus, meus, vitae, virginaes, ideaes, geraes, immortaes, Çucenaes, dentaes, cai, forjai, amanheceu, curraes, Paes, taes, omhereaes,sae, sociaes, mortaes, pai, peneu, adeus, tremeu, perdeu, atheus, corou, illuminou, ornou.

Documentos da Guerra da Balaiada

Provincaes, leys, ley, officiaes, cabedaes, promitaes, taes, vai, oficiais, caio, lembrai-vos, empunhai, bronziai, recobrai, dobrai, sustentai, sapocaia, au, deliberou, dous, encarregou, chegou, estou, vou, entregou, dou, botou, soltou, fiquei, mandei, veio, sei, lei, mancharei, civeis, mandarei, seus, seu, meus, meu, desenvolveu, família, citio, orneceu.

Jornais

Vou, quasi, theologaes, que, foi, descrevêo, mais, mandou, especie, apreciar, arreios, Lisboa, necessaria, bosques, directoria, resolveu, dous, recebeu, chapeos, papai.

6º - Ditongo Nasal

Harpade Ouro

Soidão, rações, coração, não, pão, cidadão, habitação, anelão, acções, revoluções,regiões, soidões, orgãos, irmãos, visões, constellações, botões,

bénçãos, grandões, salão, tão, ladrão, clarão, pão, stão, flôrões, edenções, barbadões.

Documentos da Guerra da balaiada

Cidadãos, sejão, constituição, excepção, achavão, reprezentação, capitão, mão, mãos, hirmãos, reuniões, perseguições, operações, requizições, modificações, sessões, seguinte, quinze, mui, muitos, quinhentos.

Jornais

Mostrão, muito, quanto, composição, lamentações, cantavão, expressões, mesquinha, seguindo, acções, irmão, illuminação, caução, navegação, Maranhão, ração.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2 Casos decorrentes de pronúncia

Quadro 4.8 - Casos decorrentes de pronúncia

1º - Vogais pretônicas e postônicas (alçamento, mudança vocálica)

Harpa de Ouro

Quaes, quasi, inquiro, ceos, theologaes, lampear, thesoiro, oiro, oiço, doirado, incanto, incanta. rezão, incantador, incantado, azues, poisavam, oceanea, creação, pae, alavantar...

Documentos da Guerra da balaiada

Demittido, dimittido, geraes, provinciaes, seburbios, milhores, amiaçada, officiaes, Lionardo, semilhante, simelhante disgosto, meo, quasi, cabedaes, Deos, nomiação, meretissimo, pintiado, agoa, palavriados, aconteceo, asem, reçibi, emcluso, povuação.

Jornais

Principaes, escolheo, creação, dous, Hebreos, quasi, dêo, céo, descrevêo, chapeos, editaes, quaesquer.

2º - Ausência de acentuação

Harpa de Ouro

solitario, horario, infancia, sensivel, gloria, existencia, tambem, tres, incendio, pae, intelligencia, patria, aguia, igneos, odio, belissima, ninguem, espirito, terreo, subtanea, relampago, existencia, telegrapho, omnipotencia, incognito, imperio, gloria, orgãos, Eden, Serpentarios, salarios,calvarios, tambem, familia, zodiaco, genio, disciplo, demencia, innocencia, ausencia.

Documentos da Guerra da Balaiada

illustrissimo, provincia, commissarios, imperio, família, seburbios, tambem, Jeronimo, espírito, emissário, possivel, percontrario, consecuençias, camaras, independencia, publico, sera, reuna, ataca-lo, citio, prudencia, intelligencia, carater, meretissimo, saida, vigario, principio, providencia, arcenio, violencia, tres, remetel-lo, catholico, ja, notisia, tragedia, valerio**,** oratorio, emtao, rezidencia, sudito, paçifico, enfuluença, remete-lo, negocios, remedio, agoa, patria, satelites, sectarios, proprio, genericas, circumstancias, repugnancia.

Jornais

Semmanario, biblica**,** duvida, contem, caracteristicos, fabulas,pagina, especie, periodo, musica, proprietario, transferencia, officios.

Fonte: Elaborado pela autora.

Na comparação com a ortografia moderna podem-se observar, de modo geral, algumas diferenças com relação ao sistema ortográfico existentes nos *corpora* em estudo. As mais notáveis são:

1. A falta de acentuação – acentos: agudo, acircunflexo além do til com menor frequência;
   Ex. patria, intelligencia; imperio, trez, mãos, geneses, pagina,
2. Uso de letras trocadas na palavra (metátese);
   Ex: pradal, carderno, percizo,
   Obs. Maior ocorrência nos documentos da guerra. Nos jornais não houve ocorrência.

3. Letras duplicadas;

   Ex. emmaranho, estrella; officio, Villa, officiaes, litteratura, naquella.

4. Letras mudas;

   Ex. dectador, Baptismo; acções, pronpto; psalmo, illuminação.

5. Letras a mais.

   Ex. mosdesto, peneu; alevantar, auctiridades, inscripto.

   Obs. Nos poemasa ocorrência foi maior do que nos outros documentos,pode então interpretar que existe o fenômeno chamado de *epêntese*, o qual se caracteriza pela inserção de uma vogal entre as consoantes e em início e final de palavras (SILVA, 2010).

6. Letras a menos.

   Ex. assi, star; melho, carate;

   Obs. Poucas foram as palavras com essa ocorrência, com exceção dos poemas, pois no jornal ela não foi encontrada. Nos documentos da guerra houve raríssimas ocorrências, possivelmente por erro ou pelo que a fonologia chama de *apagamento*, isto é, um segmento consonantal ou vocálico é cancelado. A queda da vogal ocorre, em sílaba átona e nas consoantes ocorrem nas bordas das palavras ou em encontros consonantais. (SILVA: 2010, p. 59).

7. Uso do hífen;

   Ex riso-ceos, filha-familia; remetel-lo, divitir-mos; previni-se, fecha-se.

8. Presença do H inicial e meio de palavra;

   Ex. hum, huma; sahir, heça, hiço, hum; Hé, He, hir.

9. Uso do Ç;

   Ex.Reçibi, ofiçiei,çabe, ofreço**,** çucenas, noça, poço

10. Representação de verbos com a terminação ão; Ex. verão, contagião; sejão, achão, achavão, ponham; mostrão, forão.

11. Variação de palavras com duas ou mais grafia;

    Ex. encantador, incantador, ahi, ai, tesoiro, thesoiro, lyrio, lírio, assi, assim asem, demittido, dimittido, demittido, secorro, socorro, seo, seu, ágoa, agua, meo, meu, veo, viu, Deos, Deus.

    Obs. Nos jornais não houve esse tipo de ocorrência.

    Plural dos nomes terminados em “l”.

> Ex. quaes, theologaes, taes, Çucenaes, geraes, ideaes, immortaes, virginaes, provinceas, officiaesno século, cabedaes, legaes. essenciaes.
> *Obs.* O plural dos nomes terminados em ‘l’ era feito com a queda dessa consoante e substituída pela sequência vocálica *ae* e não *ai* como atualmente. (MATTOS e SILVA, 2006).

Por tudo exposto, pode-se perceber que a variação na ortografia do português brasileiro, no século XIX, ocorreu, possivelmente pela falta de uma convenção que uniformizasse a grafia portuguesa. Observou-se que nos documentos da Guerra ocorreu uma frequência maior de variações, pois não havia uma preocupação com a escrita ortográfica, nem uma uniformidade gráfica, havendo momentos em que a escrita avaliada se aproximava muito da oralidade de alguns falantes pertencentes a grupos de baixa escolarização. Deduz-se que esse fato tenha alguma relação com o nível de escolarização dos rebeldes.

No geral, o que se observou neste estudo foi a inexistência de uma convenção ortográfica estabelecida, visto que não havia uma orientação para a maneira de grafar as palavras. Entretanto, segundo Gonçalves (1992), alguns critérios ortográficos foram utilizados na época, tais como: etimológico, o analógico, a pronúncia e o uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises dos fenômenos identificados em todos os *corpora* selecionados como as estrofes de “Harpas de Ouro”, os documentos, para “História da Guerra da Balaiada” e as primeiras páginas dos Jornais de São Luís, no século XIX permitiram estabelecer uma linha de observação sobre o sistema ortográfico do português brasileiro.

Por meio do estudo descritivo-comparativo entre distintos *corpora*, do século XIX, do estado do Maranhão, com o objetivo de verificar as mudanças ocorridas neste sistema, encontraram-se com frequência variações ortográficas em um mesmo *corpus* e entre *corpora* diferentes. Isso pode ser constatado a partir da leitura do terceiro e quarto capítulos, assim como os resultados das análises encontrados nos anexos.

As análises dos documentos demonstraram que possivelmente não havia, no século XIX, uma uniformidade gráfica. A acentuação gráfica variou em diversas palavras no mesmo documento, com palavras acentuadas de formas diferentes, como a palavra **força**, encontrada nos documentos da Guerra da Balaiada, escrita ora com acento agudo e ora com o acento grave: fòrça/fórça.

Também nos poemas de Sousândrade encontrou-se essa variação nas palavras: intelligencia, existencia, apparencia, patria, tambem, gloria. Nos documentos da guerra essa variação aconteceu com maior frequência. Entretanto, nas primeiras páginas dos jornais, não houve esse tipo de ocorrência.

Havia problemas quanto ao emprego de algumas letras, principalmente as sibilantes, tanto no início de sílabas quanto no final, encontradas nos documentos da guerra e nos poemas como: trese, caza, porseguem; brazileira, rezolvi, reprezentação, entre outras. O som da sibilante /s/ no início da sílaba, no meio de palavras variava e era representada por *s* ou *z*, ss/ç, ss/c,s/c ou s/ch, como nos exemplos citados neste parágrafo e nas palavras tais como: presidente e prezidente (do lat. praezidente), asas e azas (do lat. ansa), abraças e abrazas (do lat vulg. Abbra(c)chire), portugueses e portuguezes (do lat. portu Cales), causa e cauzas (do lat.causa ou caussa). Acredita-se que a etimologia da palavra não era levada em consideração na escrita de palavras com sibilantes. Os sufixos “oso” e “osa”, geralmente eram grafados com *z*, mas encontrou-se palavra escrita com a letra s.

como no exemplo: honroso e honrozo (do lat.homrroso), glorioso e gloriozo (do lat. gloriosus). Observa-se que mesmo a palavra primitiva fosse escrita com *s* o vocábulo era grafado com *s* ou *z*.

Observou-se que a caligrafia das estrofes de Harpa Ouro eram poemas manuscritos a punho, bem delineada, de forma cursiva reproduzindo as estruturas de mão informal, mais ou menos livres. Havia correções de lápis de cor azul e notou-se que não era a mesma caligrafia de quem as escreveu. Talvez, tenha sido escrita por outra pessoa, possivelmente, do sexo feminino. É um tipo de caligrafia que se assemelhava à humanista, pela clareza, beleza e elegância, de acordo com os gostos estéticos do Renascimento.

Os poemas, por serem um relato de sentimentos e criados por um escritor-artista, retratavam uma linguagem mais poética, mais formal. Um dos aspectos mais marcantes da linguagem desse autor são os neologismos, em particular, os que ele cria pelo processo de composição, a exemplo de 'musa-amor', vocábulo que pode ser considerado como um composto sousandradino, demonstrando que o poeta produziu um neologismo a partir de duas palavras pertencentes ao léxico da língua portuguesa. Trata-se de duas palavras que têm vida autônoma na língua, que ao serem reunidas, lhes foi conferida uma nova forma e, com a junção, surgiu também um novo sentido. Caracteriza-se, assim, como uma lexia neológica formal criada pelo processo de composição.

Diferentemente dos poemas sousandradino, os documentos da guerra da Balaiada tinham outro tipo de linguagem,não mais poética, mas manifesto e reclamações de rebeldes contendo suas reivindicações, por isso uma linguagem mais informal de acordo com a época vivida pelos participantes do conflito. A redação do documento, com pouco nível de letramento, evidenciava a autoria dos rebeldes e suas revoltas, fato percebido pelo teor do discurso escrito desses documentos. Foram encontradas palavras escritas, possivelmente, na forma como eram pronunciadas pelos falantes. Mas, identificou-se a mesma palavra com variação de escrita, como exemplo tem-se as palavras **demitido** e **três** que no mesmo documento tiveram as ocorrências variadas em dimittido/ dimettido, trêz, trez.

Quanto às primeiras páginas dos jornais que circulavam naquela época, observou-se uma linguagem mais bem elaborada, não totalmente formal, mas clara e concisa, talvez isto fosse devido aos usuários deste gênero serem pessoas de

classe social e intelectualsuperior. Eram jornais que traziam todo tipo de notícias e circulavam na alta sociedade maranhense, não sendo identificadas ocorrências de variação em palavras escritas.

Encontroram-se irregularidades nos empregos das vogais átonas pretônicas, nas tônicas, nas postônicas. As vogais ***e*** e ***i*** algumas vezes não seguiam sua etimologia por exemplo: quase/quase (do lat.quasi), destricto/destrito (do lat.medv.districtus), emnovar/inovar (do lat. innovo), piquen/pequeno (lat.vulg. pitinnus), Deos/Deus (do lat. deus). Infere-se que a flutuação gráfica entre ***e*** e ***i***, além do critério etimológico, provavelmente havia outro que era o da pronúncia.

Um fenômeno muito frequente na escrita daquele século refere-se às consoantes duplas. Ocorre duplicação nas seguintes consoantes: cc, ff, gg, ll, mm, nn, pp, tt, as demais consoantes duplas, como, ss e rr foram analisadas no fenômeno dos dígrafos. Observou-se que essas consoantes duplas tiveram sua origem, em princípio, no latim. Como na palavra"intelligencia",que tem sua etimologia do latim:*intelligentìa.* A própria etimologia justifica esse fenômeno, não necessariamente como uma regra geral, pois sabemos que nem sempreuma palavra recebia a duplicação porque veio do latim. Nos *corpora* analisados como no capitulo 4, encontram-se consoantes mudas, nos documentos analisados repetem-se as mesmas consoantes, mas quase não há flutuação gráfica. Gonçalves (1992) afirma que estas consoantes se justificam pela etimologia na ortografia portuguesa. As que mais se repetiram foram as letras C, P, T, N, F. Para a autora, a ortografia do século XIX era pautada nos critérios etimológicos, analógicos, de pronúncia e de uso.

Com relação ao uso das letras maiúsculas e minúsculas, pode-se depreender que elas veiculam de modo semelhante ao uso atual. Não havia, no latim clássico, distinção entre grafemas maiúsculos e minúsculos, pois todos os grafemas eram escritos com caracteres gráficos muito semelhantes ao que atualmente chama-se de maiúsculo.

Dentre as demais variações encontradas nesses estudos destacam-se ainda, os metaplasmos por acréscimo de fonemas: epêntese (adimita), prótese (autilidade), os por subtração de fonemas: aférese (ofrecer), apócope (caratê), sinalefa (d'agoa), e por fim os por deslocação de fonemas: metátese (percizo).

Em todo o alfabeto há uma presença grande de encontros consonantais e dígrafos. Aqui vale ressaltar que se encontramdois dígrafos não mais usados, na língua portuguesa, no século XXI. São o *ph* e *th*, como nos exemplos:

“photographaram”, “metamorphose”, “aphrodita”, “pharmacia”; “etherea”, “theologaes”, “athenas”, “Bethlehem”. E pode-se perceber,com frequência, o dígrafo *sc* em posição de1º onset, o que não existe na língua portuguesa, atualmente, como eram escritas as palavras: “Scintilla”, “scienciais”, “Scynthia”.

Encontraram-se os encontros vocálicos do tipo ditongos, hiatos e tritongos, assim como monotongos. Para ilustração usaram-se alguns exemplos de encontros vocálicos: “soidão”,”hei”, “ceos”, “beijo”, “ideal”, “oceano”, “intelligencia”, “quaes”, “quaesquer”, entre outros.

Com relação aos sinais deacentuação encontrou-seo acento agudo em diversas palavras,assim como um número bastante considerável de palavras sem o este acento, para ilustração têm-se: “ígneos”, “ódio”, “belíssima”, “alguém”, “ninguém”. O acento circunflexo também existia, mas encontrou-se um número razoável de palavras sem este acento:“intelligencia”, “ausência”,“subtanea”, “relâmpago”. Outro fenômeno observado foi a troca da marca do acento grave pelo acento agudo, quando era necessário o uso da crase usavam o acento agudo, como nas estrofes de Harpade Ouro: de número 1 linha 6, número 9 linha 6, número 19 linha 2, número 21 linha 2.

Até o início do século XX, tanto em Portugal como no Brasil, seguia-se uma ortografia de raiz etimológica, a qual vinha, desde o século XVI, baseada nas diretrizes dos principais gramáticos da língua. Era uma escrita complicada que, por regra, buscava raiz latina ou grega para escrever cada palavra, como por exemplo: “caravella”, “prompto”, “estylo”, “phleuma”, dentre outros. Interpreta-se que na ortografia etimológica um mesmo som pode corresponder a diversas letras e a cada letra ou grupo de letras de diversos sons, dependendo da história, da gramática e dos usos tradicionais, como por exemplo: “pharmacia”, “lyrio”, “orthographia”, “diccionário”, em vez dos atuais “farmácia”, “lírio”, “ortografia”, “dicionário”.

Constatou-se que em São Luís do Maranhão, no século XIX, o sistema ortográfico da Língua Portuguesa não se diferenciava totalmente do atual. Como afirma Elia (2003, p. 149): “o português do Brasil concentra-se, mesmo hoje, no léxico e na pronúncia”.

Comparando-se os *corpora* percebem-se maior variação gráfica entre os documentos da guerra e os poemas de Sousândrade, conforme analisados nos capítulos 3 e 4. Como havia uma flutuação no sistema ortográfico no século XIX, essas oscilações eram todas consequência da falta de uma uniformização da

escrita. Com relação aos documentos da guerra, houve maior flutuação a ocorrência, possivelmente, pode ser atribuída ao fenômeno de aproximação maior com as formas derivadas da oralidade dos falantes da época.

Fatores históricos, econômicos, políticos e culturais influenciaram a educação e o ensino de língua portuguesa no Brasil assim como, no Maranhão. Com a Inserção da imprensa no contexto cultural no início do século XIX a língua escrita se difundiu de forma significativa, mas o mais importante nesse estudo do sistema ortográfico deve-se aos trabalhos dos ortógrafos e gramáticos como: Fernão de Oliveira e sua obra “A Grammatica da Lingoagem Portugueza” de 1536; João de Barros com “A grammatica da Língua Portuguesa” em 1540; Duarte Nunes de Leão e sua obra “Orthographia da Lingoa Portvgvesa” em 1576, Pero Magalhães Gândavo com a obra “Manual Ortográfico da língua Portuguesa” em 1576; Madureira Feijó com “A Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portugueza” em 1734, como É mostrado no capítulo 1.

Todos esses autores se destacaram no estudo do sistema ortográfico, contribuindo para uma uniformização da ortografia ao longo do século.

Como o objetivo proposto era analisar o sistema ortográfico do português brasileiro, acredita-se que com esta análise dos *corpora* do século XIX, em alguma medida tenha sido alcançado. Contudo, considera-seque o interesse por esse estudo não se encerre com os resultados aqui encontrados, mas espera-se que estes possam incentivar um olhar mais vertical para análises ortográficas em outros gêneros da época, contribuindo, assim, para reflexões do sistema ortográfico do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Raimunda. Arquivo Público do Estado do Maranhão**. Documentos para a História da Balaiada.** São Luis: Edições FUNCMA, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, Jeronymo Soares. **Grammatica Philosophica da língua portugueza, ou princípios da grammatica geral applicada á nossa linguagem**. Lisboa: Typografia da Academia das sciencias, 1822.

BARROS, João de. **Gramática da Língua Portuguesa** (Cartinha, gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha) – reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor carvalho Buescu, Lisboa: Publicação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971-1540.

BARRETO, Joam Franco. **Ortografia da Lingva Portvgveza**. Oficina de Joam Costa. A culpa de Antonio Leyte. Lisboa: Mercador de Livros. 1681.

BASTOS,Neusa Barbosa;PALMA**,** Dieli Vesaro (org). **História Entrelaçada 2:**A construção de gramática e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa***.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BENTO, Pereira. **Ars Grammaticae Pro Língua Lusitana**, *In gratiam Italorum conjugationibus Lusitanis Italæ correspondent.* Ludguni: Sumptibus LaurentiiAnisson. 1672.

BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BUESCU, Maria Leonor. **Gramáticos portugueses do século XVI.** Biblioteca Breve, vol. 18, Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

CAGLIARI**,** Luiz Carlos. **Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa**. Cadernos de Estudos Linguísticos. n. 27.103-111. Campinas-SP: Unicamp, 1994a.

_____. **O que é ortografia?** XXIII Anais de seminários do GEL. vol. 01 p. 552-559. Ribeirão Preto-SP, 1994b.

_____. A escrita do português arcaico e a falsa noção de ortografia fonética. In: ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANITAS. **Actas do Quinto Congresso**. Coimbra: Universidade de Oxford, 1998a.

_____. **Alfabetizando sem *o* bá-*bé*-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998b.

CAGLIARI**,** Luiz Carlos. A ortografia na escola e na vida. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos**,** "**Diante das Letras**: a escrita na alfabetização". Campinas-SP: Mercado das Letras: ALB; São Paulo-SP: FAPESP, 1999a.

_____. O que é preciso saber ler. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das Letras**. Campinas: Mercado das Letras, 1999b. p.131-159.

_____. Breve história das letras e dos números. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos "**Diante das Letras**: a escrita na alfabetização". Campinas-SP: Mercado das letras: ALB; São Paulo-SP: FAPESP, p.163-185, 1999c.

_____. Sob o signo da Ortografia. In. MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. "**Diante das Letras**: a escrita na alfabetização". Campinas: Mercado das Letras: 2. ed, 1999d. p.97-110.

CAGLIARI, Luiz. Carlos. **Análise fonológica:** introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. **Aspectos teóricos e linguísticos da ortografia**. São Paulo: UNICAMP, 2004. [ms. livro inédito]

_____. **Teoria e prática da ortografia.** Araraquara: UNESP/FCLAR/CNPq, 2005.

_____. **A periodização da história da ortografia da Língua Portuguesa.** Araraquara: UNESP/FCLAR/CNPq, 2006 ms.

_____. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007a.

_____.**Relatório Final do Projeto de Pesquisa**. CNPq. PQ. Programa de Produtividade em Pesquisa. Araraquara: 2007b.

_____. **A História do Alfabeto***.* São Paulo: Paulistana, 2009.

CÂMARA JR,Joaquim Mattoso**. Princípios de Linguística Geral.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____.**A Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____.**Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____.**Para o estudo da fonêmica Portuguesa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **ReVisão de Sousândrade**. 2. ed. São Paulo: Invenção, 1979.

CARDOSO, Simão. Historiografia gramatical: 1500-1920. Língua portuguesa – autores portugueses. In. ASSALIM, Clarice. **A conservação das marcas gramaticais arcaicas em manuscritos e impressos do Português do século XVII**: ortografia e nexos de coordenação nos textos seiscentistas brasileiros. vol.I e II. São Paulo: USP/FFLCH, 2007. (ms) (Tese de Doutorado).

CARVALHO, Doulores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática histórica** (para o colegial e vestibulares). 6. ed. São Paulo: Ática, 1987.

CASTRO, Ivo. **Curso de História daLíngua Portuguesa.** vol. 36 e vol. 36, Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

_____. **Pontos de Gramática Histórica**. 6. ed., Rio e Janeiro: Livraria Acadêmica, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DANNEMANN, Fernando. Dicionário – qual foi o primeiro?. Disponível em: www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br. Acesso em 15 maio/2011.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Instituto Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Objetiva.

ELIA, Silvio.**Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

FAVERO, Leonor Lopes et. al. **Língua Portuguesa**: pesquisa e ensino. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007.

FEIJÓ, João de Morais Madureira. **Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa**. Lisboa Occidental: Oficina de Miguel Rodrigues, 1734.

FISCHER, Steven Roger. **Uma breve História da Linguagem**. Introdução à origem das línguas. Trad. Fávia Coimbra. Osasco SP: Novo século editora, 2009.

_____. **Madureira Feijó/ortografia do século XVIII**: Para uma Historia da Ortografia Portuguesa. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

GÂNDAVO, Pero Magalhães. **Regras que ensinam a maneira de escrever e ortographia da língua Portuguesa,** com hum Diálogo que a diante se segue em defensam da mesma língua. Lisboa: Na Oficina de Antonio Gonsaluez, 1574.

GONÇALVES VIANA, Aniceto. dos Reis. **Exposição da Pronuncia Normal Portuguesa para uso de Nacionaes e Estrangeiros**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

HAUY, Aminí Boainain. **História da Língua Portuguesa**: Séculos XII, XIII, XIV. São Paulo: Ática, 1989.

HOUAISS, Antônio (1915-1999); VILLAR, Mauro de Salles (1939). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1CD

HIGOUNET, Charles. **História da Escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

JORGE, Sebastião Barros. **Os primeiros passos da imprensa no Maranhão**. São Luis: EDUFMA, 1987. (Coleção Ciências Sociais; Série Comunicação

LEMLE, Míriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1982.

LEÃO, Duarte Nunes. **Orthographia da lingoa portuguesa (1606)**: Origem da Língua Portuguesa. Lisboa: Per João de Barreira. Editado por Maria Leonor Carvalhão Buescu. IN-CM, Lisboa (1983).1576.

LIMA, Carlos de. **História do Maranhão**, 2. ed. ver. e ampl. São Luís: Instituto Geia, 2006.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das letras**: a escrita na alfabetização. Campinas: Mercado de Letras, 1999a. v.1.

_____. O que é uma Letra? Reflexões a respeito de aspectos gráficos e funcionais. In. . In: MASSINI-CAGLIARI**,** Luiz Carlos, MASSINI-CAGLIARI, GLadis. "**Diante das Letras**: a escrita na alfabetização". Campinas-SP: Mercado das Letras: ALB; São Paulo-SP: FAPESP, 1999b.

MATEUS, Maria Helena. Mira. Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. In: PACHECO, V. e MASSINI-CAGLIARI, Gladis. (Orgs.). **Questões de Fonética e Fonologia**: uma homenagem a Luiz Carlos Cagliari. Estudos da Língua(gem)., Vitória da Conquista: UESB, 2006. v. 3, p. 159-180.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: fonologia. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.

MELO, Gladstone Chaves de. Iniciação À Fololologia Portuguesa. 3ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967. In. SCLIAR-CABRAL **Princípios do Sistema Alfabético:** do português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2003. p. 221.

NERES, JOSÉ.O GRUPO MARANHENSE**.** artigo publicado no jornal o Estado do Maranhão, 1999. p. 05. Disponível emhttp://joseneres.sites.uol.com.br/Acesso em: 12 dez./2010.

NOGUEIRA, Sônia Maria; NOGUEIRA Jr. José Everaldo. **Gramática e ensino de Português na Maranhão do século XIX**: **grammatica elementar da Língua Portugueza, de Felippe Benício de Oliveira Condurú**. In: BASTOS,Neusa Barbosa**,**

PALMA**,** Dieli Vesaro. (org). **História Entrelaçada 2***. A construção de gramática e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da linguagem portuguesa**. Lisboa: (edição fac-similada da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1975). 1536.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramento, 1964.

SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos. **A Balaiada no Sertão**: a pluralidade de uma revolta. São Luís: Editora UEMA, 2010.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Princípiosdo Sistema Alfabético**: do português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Mauricio et. al. **Ortografia da língua portuguesa**: história, discurso, representações. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA NETO, Serafim. **Historia da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1979.

SILVA, Thais Cristófaro. **Fonética e Fonologia do Português**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, Inalda Rodrigues de. **A Língua Portuguesa**: Uma Introdução Histórica. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1990.

SOUZA, Nazarete de. **Um estudo da ortografia da obra Os Lusíadas(1572) de Luís de Camões**. Tese de Doutorado, UNICAMP, 2009.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Trad. Celso Cunha. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VASCONCELOS, José Leite; TEIXEIRA, A. M. **Lições de Filologia Portuguesa**.Lisboa: 1991; 2ª Ed.Biblioteca Nacional de Lisboa, 1920. Livros de Portugal, Rio de Janeiro. 1959.

VERA, Arthur Álvaro Ferreira de. **Orthographia ov modo para escrever certo na língua portuguesa**. Edição fac-asimilada da Biblioteca Nacional Lisboa: 1631.

WILLIAMS, Frederick; MORAES, Jomar. **Poesia e Prosa Reunidas de Sousândrade**. São Luís: AML; (Edição fac-similada), 2003.

WILLAMS, Edwin. **Do Latim ao Português**. Rio e Janeiro: INL, 1973

Leitura Complementar

ARNAULD Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ASSALIM, Clarice. **A conservação das marcas gramaticais arcaicas em manuscritos e impressos do Português do século XVII**: ortografia e nexos de coordenação nos textos seiscentistas brasileiros. vol.I e II. São Paulo:USP/FFLCH, 2007. (ms) (Tese de Doutorado).

BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (Orgs). **História Entrelaçada:**A construção de gramática e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XVI ao XIX. Janeiro: Lucerna, 2004.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia românica**: história externa das línguas. São Paulo: EDUSP, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. Porque vale o que está escrito, ou as letras e seus estilos. – In: **Ciência Hoje.** Rio de Janeiro, SBPC, vol. 18. n. 101 1994c p. 36-42.
CAGLIARI**,** Luiz Carlos.**Breve notas sobre a ortografia do português antigo**. Campinas-SP: Unicamp/CNPq.-MS, 2001.

_____.**Elementos para um estudo da escrita do português medieval**: estilos de letras, material e escribas. Campinas-SP: Unicamp/CNPq.-MS, 2001.

_____. Ortografia não é apenas escrever palavras com a grafia correta. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Disponível em http://www.comciencia.br.comciencia/?section=&edicao=51&id=636, Acesso em: 14/ nov./2010.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**.2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1993.

CÂMARA JR,Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

_____. **Problemas de Linguística Descritiva.** Rio de Janeiro: 2007.

CARDOSO, Simão. Historiografia gramatical: 1500-1920. Língua portuguesa – autores portugueses. Porto: Faculdade de Letras do Porto. Anexo VII da Revista da faculdade de Letras; Série Línguas e Literaturas, 1994.

CASTILHO, A.T. (Org.). **Gramática do Português Falado**. v. III: As abordagens. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. p. 315-359.

CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CATACH, Nina. **Para uma Teoria da Língua Escrita.** São Paulo: Ática, 1996.

CINTRA, Luís F. Lindley. Nova proposta de classificação dos dialectos galego - portugueses" in Boletim de Filologia, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos,22, 1971, pp. 81-116. Disponível em: http://www.institutocamoes.pt. Acesso em: 16 nov./2010.

CONDURÚ, Filipe Benício. de Oliveira. **Grammatica Elementar da Lingua Portuguesa**. 13. ed. São Luís: [s./l.], 1988.

COSTA, Sônia Bastos Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio. **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2004.

COLLISCHONN, Gisela. O Acento em Português. In: BISOL, Leda. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português do brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2001. p. 125-158.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em Português. In: BISOL, Leda. (Org.) **Introdução a estudos de Fonologia do Português do Brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2001. p. 91-123.

CORTEZ PINTO, AMÉRICO. **Da famosa arte da Imprimissão**: da imprensa em Portugal às cruzadas d'além-mar. Lisboa: ULISSEIA, 1948.

COSERIU, Eugenio. **Lições de Línguística Geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

CRYSTAL, David.**A Linguística**. Lisboa: Dom Quixote, 1973.

CRYSTAL, David. **Que é Linguística?** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981. (Col. Linguística e Filologia)

ECO, Humberto. **A busca da língua perfeita**. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e Alfabetização**: Dificuldades ortográficas, o domínio da linguagem escrita, variedades dialetais e alfabetização. São Paulo: Contexto, 2000.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia Antonia. Guedes. **Gramática no Brasil**: as concepções linguísticas no século XIX. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FONSÊCA, Natália Raposo da.**Aluísio Azevedo e a Imprensa Maranhense do século XIX**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal-RN, 2 a 6 deset./2008.

GONÇALVES, Maria Filomena. **As Idéias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734 -1911).** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a tecnologia, 2003.

HALLIDAY, Michael. Alexander. Kirkwood. et. al. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Petropólis: Vozes, 1974.
KATO, Mary Aizawa. **No mundo da escrita**. Uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 2000.

LIMA, Luis Caetano de. Orthographia da Língua Portuguesa. Lisboa Occidental: Antonio Isodoro da Fonseca, 1736. Disponível em: http://purl.pt/8. Acesso em: 12 set./2008.

LUFT, Celso Pedro. **Grande Manual de Ortografia Globo**. São Paulo: Globo, 2002.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Escrita ideográfica & escrita fonográfica. In: **Jornal da alfabetização**. Porto Alegre, Kuarup/PUC-RS, ano V, n. 28, p. 18-20, 1993.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis et. al. **Descrição do Português**: linguística histórica e historiografia linguística. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Atribuição de acento em Português Arcaico. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 1998, Oxford. **Actas**... Oxford, Coimbra : AIL, 1996. v. I. p. 183-206.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia**. Ensaios para uma Sócio-História do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **O português Quinhentista**. Estudos lingüísticos. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana, UEFS, 2002.

NARO, Anthont Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.

PARKINSON, Richard. **O guia dos Hieróglifos Egípcios:** Como ler e escrever em egípcio antigo. São Paulo: Madras, 2006.

PAUL, Hermann. **Princípios Fundamentais da História da Língua. Lisboa**: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et. al. **O português falado no Maranhão**: estudos preliminares. São Luís: Edufma, 2005.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et. al. **A diversidade do português falado no Maranhão**: o atlas lingüísticos do Maranhão e foco. São Luís: Edufma, 2006.

ROBINS, Robert. H. **Pequena História da Linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

SALMONI, Anita. **Em Busca das Linguagens Perdidas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SAMPSON, Geoffrey. **Sistema de escrita: tipologia, história e psicologia**. São Paulo: Ática, 1996.

SILVA, Thaís Cristófaro. **Fonética e Fonologia do Português**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUZA, Nazarete de. **Estudos de alguns aspectos da ortografia da Carta de Pero Vaz de Caminha**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2002.

APÊNDICE A - COLETA DE DADOS DOS ARQUIVOS 1 A 4 (HARPAS DE OURO)

ARQUIVO 1				
doc/pag/estrof/lin	**vocábulo**	**problema / diferenças gráficas**	**recorrência**	**grafia atual**
1:313: 1: 6	etherea	presença da letra **h** após a letra **t** e a falta do acento agudo no segundo **e**		etérea
1:315: 7:3	Athenas	uso da letra H		Atenas
1:317: 13:3	theologaes	uso do H após a letra T e da vogal e no lugar de I		teologais
1:317: 13:5	Bethlehem	uso das letras TH, H e E e a falta do acento agudo na letra e		Belém
1:319:16:1	Zenith	uso da letra H no lugar da letra E		Zenite
1:321: 29:4	thesoiro	uso da letra H		tesoiro
1:323: 39:4	atheus	da letra H		ateu
1:313:1: 2	as**y**lo	uso do letra **y** ao invés de **i**	**-**	asilo
1:313: 1: 5	hori**s**ontes	a letra **s** foi usada no lugar de **z**	**-**	horizontes
1:313: 1: 6	**i**ncantado	usa da letra **i** em lugar de **e**		encantado
1:313: 1: 6	**á**	acento agudo na vogal a ao invés de crase	1:9:6, 1:14:1;1:24:4	à
1:313: 1: 6	soidão	omissão da letra **L**		solidão
1:313: 2:1	Quiz	z em lugar de s		quis
1:313: 2:3	p'ra	**p'ra** em lugar de **para**		para
1:313: 2:4	s'encontrar	apóstrofe em lugar de **e**		se
1:313:2:5	suggestão	duplicação de letra **g**		sugestão
1:313: 2:5	adevinha	**e** em lugar de **i**		adivinha
1:313: 3:1	mirangens	acréscimo da letra **n**		miragens
1:313:3:4	D'Heleura	**D'** em lugar de **De**	1:4:1; 1:17:1;1:24:3	De
1:313:3:6	se não	uso da conjunção subordinativa condicional **se não** ao invés de **senão** (subst.)		senão
1:313: 4:1	intelligencia	letra L duplicada e ausência do acento circunflexo		inteligência
1:313: 4:2	setim	uso de **s** em lugar de **c**		cetim
1:313: 4:3	môça	uso do acento circunflexo		moça
1313: 4:3	existencia	falta o acento circunflexo		existência
1:313: 4:4	civica	falta o acento agudo		cívica
1:313: 4:5	Photographaram – lhe	dígrafo PH em lugar de F		fotografaram-lhe
1:313: 4:5	apparencia	letra P duplicada e ausência do acento circunflexo		aparência
1:313: 5:1	phenix	dígrafo PH em lugar de F e falta de acento cirunflexo		fênix
1:313: 5:2	retractar	uso de C mudo		retratar
1:313: 5:3	Annos	letra N duplicada		anos
1:313:5:3	trese	letra S em lugar de Z		treze
1:313:5:3	quao	falta o til		quão
1:313: 5:4	ella	duplicação da letra L		ela
1:315: 5:5	ceos	uso da letra O ao invés de U, falta do acento agudo na vogal E	1:5:6;1:15:4;1:19:4	céus

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
1:315: 6:1	metamorphose	PH em lugar deF		metamorfose
1:315:6:2	patria	falta acento agudo		pátria
1:315: 6:2	joven	N em lugar de M		jovem
1:315:6:3	Oiro	I em lugar de U	1:8:6;1:17:1	ouro
1:315:6:3	Virginia	falta acento agudo		Virgínia
1:315: 6:5	Dictando	uso de C mudo		Ditando
1:315: 7:4	Fôrça	uso de acento circunflexo		força
1:315:7:4	azues	e em lugar de i		azuis
1:315:7:6	symbolo	Y em lugar de I acentuado (acento agudo)		símbolo
1:315: 8:1	somno	inclusão da letra M antes da sílaba No		sono
1:315: 8:2	Genio	falta do acento circunflexo na letra E		gênio
1:315: 8:2	patrio	falta do acento agudio na letra A		pátrio
1:315: 8:3	outomno	inclusão da letra M antes da sílaba No		outono
1:315: 8:5	Lyras	uso do Y no lugar da vogal I	01:11:01;1:18:1	Liras
1:315: 8:6	ha	falta do acento agudo na vogal A	01:15:04;1:17:1	há
1315: 9:1	azas	uso da letra Z no lugar do S		asas
1:315: 9:2	aereo	uso do E em vez de U e falta do acento agudo na letra A		áureo
1:315: 9:3	rubidas	falta do acento agudo na vogal tonica U		rúbidas
1:315: 9:4	gloria	falta do acento agudo na vogal tonica O		glória
1:315: 9:5	Aguia	falta do acento agudo na letra A	1:11:6	Águia
1:315: 9:5	resoando	falta da letra S na sílaba tônica		ressoando
1:315: 10:2	Dahlia	presença da letra H após a letra L e a falta do acento agudo na sílaba Da		Dália
1:317: 12:2	quaes	uso da letra E no lugar de I		quais
1:317: 12:2	gyrar	uso da letra Y no lugar de I		girar
1:317: 12:3	annelão	duplicação da letra N		anelão
1:317: 12:3	zodiaco	falta de acento agudo na silaba tônica SI		zodíaco
1317: 12:4	Aphrodita	dígrafo PH em lugar de F		afrodita
1:317: 12:5	dilectas	uso da letra c muda		diletas
1:317: 13:3	Martyr	uso da letra Y no lugar de I e a falta do acento agudo na vogal A		Martir
1:317: 13:4	Redemptora	uso da letra M no liugar de N e a inclusão da letra P		redentora
1:317: 13:5	repartte	duplicação da letra T		reparte
1:318: 14:3	annunciava	duplicação da letra n		anunciava
1:317: 15:2	incanta	uso da letra I no lugar de E	01:25:05;1:32:6	encanta
1:317: 15:4	Esp'rança	uso do apóstrofe no lugar da letra E		esperança
1:317: 15:5	Hóndoro	uso da letra H no lugar da letra C e troca do acento circunflexo pelo agudo		Côndoro
1:317: 15:6	Charidade	uso da letra H na sílaba Ca		Caridade
1:319: 16:2	Co'os	uso do apóstrofe no lugar da letra M	0,063946759	com os
1:319: 16:2	rouxinoes	uso da vogal E no lugsr de I e a falta do acento agudo no O		rouxinóis

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
1:319: 16:4	extranho	uso da letra X no l ugar da letra S		estranho
1:319: 16:5	familia	falta da acento águdo na silaba tônica		família
1:318: 16:5	óndeo	acréscimo da letra O e acento agudo na sílaba On		onde
1:319: 16:06	bella	duplicação da letra L	01:27:01; 1:45:5	**bela**
1:319: 17:1	Baccho	uso da letra Ch		baco
1:319: 7:1	inda	falta da vogal A na palavra		ainda
1:319: 17:2	Marquezes	uso da letra Z no lugar de S		marqueses
1:319: 17:4	ahi	inclusão da letra H	01:23:03; 1:43:4	aí
1:319: 17:6	Appolo	duplicação da letra L		apollo
1:319: 17:6	phrygie	uso do digráfo Ph e da letra Y no lugar de I		frigie
1:319: 18:2	Chorda	uso do CH no lugar de C		Corda
1319: 18:3	brasilio	falta do acento agudo na sílaba tônica Si		brasílio
1:319: 18:4	enchordoou	uso do CH no lugar de C		encordoou
1:319: 18:5	prémio	uso do acento agudo no lugar		Prêmio
1:319: 19:1	tambem	falta do acento agudo na vogal tônica E		também
1:319: 19:3	es	falta do acento agudo		és
319: 19:3	afflicto	duplicação da letra F e inclusão da letra c muda		aflito
1:319: 19:5	Nalma	união das palavras NA e Alma		Na alma
1:319: 19:6	t'encontrou	uso do apóstrofe no lugar da letra E		te esncontrou
1:319: 20:5	resoa	uso da letra s no lugar do digráfo SS		ressoa
1:320: 20:6	Scintilla	uso do digráfo SC no lugar de C e duplicação da letra L		Cintila
1:320: 21:2	Janella	duplicação da letra L		janela
1:320: 21:2	fóra	uso do acento agudo na sílaba FO		fora
1320: 21:3	luctas	uso da letra C muda		lutas
1:320: 21:4	Aurea	falta do acento agudo na sílaba tônica Au		Áurea
	rôto	uso do acento circunflexo na sílaba tônca		roto
1:320: 21:6	homonyma	uso da letra Y no lucar de I e falta do acento circunflêxo na sílaba tõnica		homônima
1:320: 22:1	calvarios	falta do acento agudo na sílaba tônica VA		calvários
1:320:22:2	cannas	duplicação da letra N		canas
1:320: 22:3	salarios	falta do acento agudo na sílaba tônica LA		salários
1:320: 22:5	Constellemos	duplicação da letra L		constelemos
1:320:22:5	Serpentarios	falta do acento agudo na sílaba tônica TA		Serpentários
1:320:23:1	reflectida	uso da letra C muda		refletida
1:320:23:3	estylete	uso da letra Y no lugar de I		estilete
1:320: 24:5	Ayres	troca da letra I por Y		Aires
1:320: 24:5	Cattete	duplicação da letra T		Catete
1:320: 24:6	ándeo	acento agudo no lugar do circunflêxo		Ândeo

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
1:320: 25:2	Moysés	troca da letra Y por I		Moisés
1:321:26:2	Immortal	duplicação da letra M		Imortal
1:321: 26:4	cavallo	duplicação da letra L		cavalo
1:321:26:4	aheneo	uso da letra H e falta do acento circunflêxo na tônica E		aêneo
1:321:27:2	alliança	duplicação da letra L		aliança
1:321:27:3	estrellas	duplicação da letra L		estrela
1:321:27:4	Bocca	inclusão da letra C		Boca
1:321:27:5	scentelhas	uso do dígrafo Sc no lugar do C		Centelha
1:321: 27:6	Revèzes	uso da letra Z ao invés de S e uso da crase		reveses
1:321:28:1	presentida	uso da letra S no lugar do digráfo SS		pressentida
1:321:28:1	Eden	falta do acento agudo na vogal tônica E		Éden
1:321:28:3	Fôrmas	uso do acento agudo na sílaba FO		formas
1:321:28:3	vêa	uso da letra E no lugar de I e uso do acento circunflêxo		via
1:321:28:4	Pieridas	falta acento agudo na vogal tônica E		Piéridas
1:321: 29:1	Orgãos	falta acento agudo na vogal tônica O		Órgãos
1:321: 29:2	logar	uso da letra O no lugar da letra U		lugar
1:321: 29:3	hi	uso da letra H		i
1:321: 30:1	quasi	uso da letra I em vez de E		quase
1:322: 30:2	èras	uso do acento agudo na vogal e		eras
1:322: 30:3	trese	troca da letra Z pela letra S		treze
1:322: 31:2	mamman	duplicação da letram M e uso da nasal N em posição de coda no lugar de Ã		mamã
1:322: 31:4	manhan	uso da nasal N em posição de coda no lugar da vogal nasalisada Ã		manhã
1:322: 31:6	cortezã	troca da letra S pela letra Z		cortesã
1.322:32:1	Fòrmas	uso da crase na vogal tÔnica O		formas
1:322: 31:1	Hebhe	uso da letra H na sílaba Be		Hebe
1:322:32:5	sêdentas	uso do acento circunflêxo na vogal e		sedentas
1:322:33:1	t'	uso d apóstrofe no lugar da vogal e		te
1:322: 33:2	oiço	uso da vogal I em vez de U		ouço
1:322:33:5	p'ra	uso do apóstrofe no lugar da vogal a		para
1:322: 34:5	Imperio	falta do acento agudo na sílaba tônica Pe		império
1:322: 34:6	elles	duplicação da letra l	1:39: 4	eles
1:323: 35:1	Ja	falta do acento agudo		já
1:323: 35:1	septima	uso do P mudo		setímo
1:323: 35:4	abysmo	uso da letra Y no lugar de I		abismo
1:323: 36:2	cysnes	uso da letra Y no lugar de I		cisnes
1:323: 36:3	vîa	uso do acento circunflêxo		via
1:323: 37:3	sciencias	uso do dígrafo SC no lugar de C e falta do acento circunflêxo no E		ciências
1:323: 37:6	'speram	uso do apóstrofe no lugar da vogal e		esperam
1:323: 38:5	rubentes	uso de marca de plural S		rubente

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
1:323: 38:6	incognito	falta do acento agudo na sílaba tônica Co		icógnito
1:323: 38:6	alguem	falta do acento agudo na vogal tônica E		alguém
1:323: 38:5	Promptinha	uso da letram M no lugar de N e uso do P mudo		prontinha
1:323:39:2	augmentam	uso da letra g		aumentam
1324: 40:1	S'erguem	uso do apóstrofe no lugar da vogal E		Se
1:324:40:1	omnipotencia	inclusão da letra M e falta do acento circunflêxo na sílaba tônica TEM		onipotência
1:324: 40:2	aquelles	duplicação da letra L		aqueles
1:324: 40:3	Proseguem	uso da letra S em vez do dígrafo SS		prossegurm
1:324: 40:4	telegrapho	uso do dígrafo PH no lugsr de F e falta do acento agudo na tônica LE		telégrafo
1:324: 40:4	acção	uso da letra C muda		ação
1:324: 40:5	relampago	falta do acento circunflêxo na vogal tônica A		relâmpago
1:324: 40:5	existencia	falta do aceneto circunflêxo na sílaba tônica TEM		existência
1:324:40:6	Subtanea	falta do acento circunflêxo na sílaba tônica TA e falta da vogal I na sílaba Bi		subitânea
1:324: 41:1	Chamma	duplicação da letra M		chama
1:324: 41:2	illumina	duplicação da letra L		ilumina
1:324: 41:3	ninguem	falta do acento agudo na sílaba tônica		ninguém
1:324:41:4	ignivoma	falta do acento agudo na sílaba tônica NI		ignívoma
1:324: 42:1	Isabell	duplicação da letra L		Isabel
1:324: 42:2	fructo	uso da letra C muda em posição de coda		fruto
1:324: 42:6	sepulchro	uso do CH no lulgar de C		sepulcro
1:324: 43:2	terreo	falta do acento agudo na tônica TER		térreo
1:324:43:4	espirito	falta do acento agudo na tônica PI		espírito
1:342: 44:1	Delle	duplicação da letra L		Dele
1:324: 44:1	belissima	falta do acento agudo na sílaba tônica LI		belíssima
1:326: 44:1	flamma	duplicação da letra M		flama
1:326: 44:4	tòca	uso inadequado do acento agudo		toca
1:326: 44:5	Odio	falta do acento agudo na tônica		Ódio
1:326: 45:1	cynopida	uso do Y no lugar da vogal I e falta do acento agudo na sílaba tônica NO		cinópida
1:326: 45:1	Hellena	duplicação da letra L		Helena
1:326: 45:2	accende	uso do C mudo		acende
1:326: 45:3	donzella	duplicação da letra L		donzela
1:326: 46:1	phosphor'	uso do digrafo no lugar de F e falta do acento agudo na tônica		fósfor
1:326: 46:4	ausencia	falta do acento circunflêxo na sílaba tônica SEM		ausência
1:326: 47:4	Kóndor	troca da letra K em vez de C		Cóndor
1:326: 48:2	Selectas	uso da letra C muda		seletas
1:326: 48:2	côr	uso inadequado do acento circunflêxo		cor

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
1:326: 48:5	Desapparecer	uso duplicado da lera P		Desaparecer
1:326: 48:6	Bemvir	falta do travessão		bem-vir
1327: 49:3	abrazas	troca da letra KZem vez de S		abrasas
1: 327:49:4	igneos	falta do acento agudo no I		ígneos
1:327: 49:6	esp'ritos	uso do apóstrofe no lugar da vogal I e falta do acento na tônica		espírito
1:327: 50:1	horisonte	uso da letra S em vez de Z		hoorizonte
1:327: 50:1	occaso	uso do C mudo		ocaso
1:327: 50:2	immensa	duplicação da letra M		imensa

ARQUIVO 2				
doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
2:328:51:1	setim	uso de s em lugar de c		cetim
2:327:53:4	p'ra	uso do apóstrofe no lugar da vogal A		para
2:329:56: 1	Accompanhei-te	duplicação da letra C		acompanhei-te
2:329:57: 6	t'esperando	uso do apóstrofe no lugar da vogal E		te esperando
2:330:62:4	phosphoro	uso do fonema PH no lugar de F e falta do acento agudo		fósforo
2:330:63: 1	amorperfeito	falta do hífen		amor-perfeito
2:331:65:4	pòlo	uso da crase		polo
2:331:65:4	esp'rança	uso do apóstrofe no lugar da vogal E	2:335:88:3	esperança
2:331:65:6	pès	uso do acento de crase em vez de acento agudo		pés
2:331:66:1	polaris	falta do acento agudo em PO		pólaris
2:331:67:1	Resplendesceu	uso da letra S na sílaba tônica		resplandeceu
2:331:68:1	ponctinha	uso da letra C muda		pontinha
2:331:68:5	triumphal.	uso do dígrafo PH no lugsr de F		trinfal
2:333:74: 3	perfidos	falta do acento agudo na sílaba tônica PER		Pérfidos
2:333:76:1	Septembro	uso da letra P muda		Setembro
2:333:76:2	d' yporanga	uso do apóstrofe no lugar da vogal E e uso do Y no lugar de I		de iporonga
2:333:76:3	Independencia	falta do acento circunflexo na vogal tônica E		independência
2:334:80:1	A' posse	uso inadequado do apóstrofe		A posse
2:334:80:3	poisavam	troca do I por U		pousavam
2:334:81:5	projectis	uso da letra C muda		projetis
2:334:83:1	limpidas	falta do acento agudo na tônica	2:335:84:1	límpidas
2:335:83:4	Metamorphoseados	uso do digrafo PH no lugar do F		metamorfoseados
2:335:83:6	rataplans	uso do N em vez de til		rataplãs
2:335:85:4	patria	falta do acento agudo na vogal A		pátria
2:335:87:1	hellespontina,	duplicação da letra L		helespontina
2:335:88:1	aureo pôrto	separação de uma palavras em duas		aeroporto
2:336:92:2	splendido	falta da vogal E e falta do acento circunflexo em PLE		esplêndido

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
2:337: 94:4	prometheus	uso do H e do S		prometeu
2:337: 95:6	permittiu	duplicação da letra T		permitiu
2:338: 98:6	perola'	falta do acento agudo na tônica		pérola
2:338: 99:1	sepulchro	uso do h		sepulcro
2:338: 99:1	pae	uso da vogal E em vez de I		pai
2:338: 99:4	pallor	duplicação da letra L		Palor
2:338: 100:1	apparecesse	duplicação da letra P		aparecesse

ARQUIVO 3				
doc/pag/estrof/lin	**vocábulo**	**problema / diferenças gráficas**	**recorrência**	**grafia atual**
3:338: 101:3	Industria...	falta do acento agudo na tônica		indústria
3:338: 101:3	rêis	uso do acento circunflexo na vogal tônica E		reis
3:338: 101:3	brazil	uso da letra minuscula B e a troca de Z por S		Brasil
3:339: 102:1	vêde	uso do acento circunflexo na vogal tônica E		vede
3:339: 102:1	belleza	duplicação da letra L		beleza
3:339: 102:2	veiu	uso da letra U em vez de O		veio
3:339: 102:4	á	uso do acento agudo em vez de crase	3:340: 105:1	à
3:339: 102:4	aurea	falta do acento agudo na tõnica		área
3:339: 102:4	elle	duplicação da letra L		ele
3:339: 102:5	Hymnos	uso do Y em vez de I e uso da letra M		Hinos
3:339: 102:5	triumphaes	troco do F por PH e troca do E por I		triunfais
3:339: 102:5	Marselheza	uso da letra Z em vez de S		Marselhesa
3:339: 103:1	proscripto	uso da letra P muda		proscrito
3:339: 103:3	lagrymas	uso do Y em vez de I e falta do acento agudo		lacrimas
3:339: 103:4	brazilios	uso da letra Z em vez de S e falta do acento agudo		brasílios
3:340: 104:5	Extranha	uso da letra x em vez de S		Estranha
3:340: 104:6	deante	uso da letra E em vez de I		diante
3:340: 105:1	parisea	uso da letra e em vez de I		parísia
3:340: 105:3	incendio	falta do aacentocircunflêxo na sílaba tônica		incêndio
3:340: 105:3	esp'rança	uso do apóstrofe no lugar de E	3: 349 :147:6	esperança
3:340: 105:4	d'onde	uso do apóstrofe no lugar de E		de onde
3:340: 106:2	phlegros	uso do dígrafo PH no lugar de F		flegros
3:340: 106:3	bella	duplicação da letra L	3:342: 116:2	bela
3:340: 106:3	árvor	falta da letra E		árvore
3:340: 106:4	auroral,	uso da letra L		aurora
3:340: 106:5	Infancia	falta do acento circunflêxo na sílaba tônica		infância
3:340: 106:5	patria	falta do acento agudo		pátria
3:340: 106:	incantador	troca do letra E or I	3:340: 107:6	encantador
3:340: 106:	fructinal	uso da letra C muda		frutinal

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
3:340: 107: 1	verdeante	falta da consoante J		verdejante
3:340: 107: 2	oiro	uso da letra I em vez de U	3:345: 124:4	ouro
3:340: 107: 5	Co'o	uso do apóstrofe no lugar de M	3:343: 124:3	com o
3:340: 107: 5	ceos	uso da letra O em vez de U e a falta do acento agudo	3:342: 118:1	céus
3:340: 107:6	labio	falta do acento agudo na tônica		lábio
3:340: 108: 1	selecta	uso da letra C muda		seletas
3:340: 108: 2	fructo	uso da letra C muda		fruto
3:340: 108: 4	Prometheus	uso do H e do S		prometeu
3:340: 108: 4	Brazil	uso da letra Z em vez de S		Brasil
3:340: 108:5	redemptoras	uso da letra M no liugar de N e a inclusão da letra P		redentoras
3:340: 109:1	Castello	duplicação da letra L		Castelo
3:340: 109:1	n'esse	uso do apóstrofe		nesse
3:341: 109:3	môça	falta do acento circunflêxo na sílaba tônica		moça
3:341: 110:1	Revolucionario	falta do acento agudo na tônica		Revolucionário
3:341: 110:3	Dir-se-hia	uso da letra H		Dir-se-ia
3:341: 110:3	nefario	falta do acento agudo na tônica		nefrário
3:341: 110:4	Marianninhas	duplicação da letra N		Marianinhas
3:341: 110:4	maya	uso do Y em vez de I		maia
3:341: 110:5	horario	falta do acento agudo na tônica		horário
3:341: 110:6	Novembral	uso da letra L final		novembro
3:341: 111:1	d'escravos	uso do apóstrofe no lugar da voga E		de escravo
3:341: 111:2	d'altivez	uso do apóstrofe no lugar da voga E		de altivez
3:341: 111:3	Forcas	uso da leatra C em vez de Ç		Forças
3:341: 111:4	N'alma	uso do apóstrofe no lugar da voga A		Na alma
3:341: 111:5	hommem	duplicação da letra N		homem
3:341: 112:1	pae	uso da letra E em vez de I	3:343: 120:4	pai
3:341: 112:3	comtigo	troca da letra N por M		contigo
3:341: 112:4	Distribui-lhes	falta do acento agudo em BUI		Distribuí-lhes
3:341: 112:4	manhans	uso da letra N para nasalizar a vogal		manhãs
3:341: 112:5	Republica	falta do acento agudo em pu		República
3:341: 112:6	Symbolo	uso de Y em vez de I		símbolo
3:341: 112:6	talismans	uso da letra N para nasalizar a vogal		talismãs
3:341: 113:4	incantada	uso da aletra I em vez de E	3:342: 116:6	encantada
3:341: 113:6	Stragam,	falta da letra E inicial		estragam
3:342: 114:1	Columbus	troca da letra Opor U	3:342: 117:2	colombos
3:342: 114:3	D'entre	uso do apóstrofe em vez de E		de entre
3:342: 114:5	grand'	falta da letra E final e euso do apoóstrofe		grande
3:342: 114:6	Isabell,	dupliocação da letra L	3:343: 119:6	Isabel
3:341: 115:2	umbror	uso do R final		umbro
3:342: 115:2	gotta	duplicação da letra T		gota
3:342: 115:3	hymno	uso de Y em vez de I e inclusão da letra M		Hinos

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
3:342: 115:3	scismares	uso inadequado da letra S inicial		cismares
3:342: 115:4	Della	duplicação da letra L		dela
3:342: 115:5	stellares	falta da vogal E inicial e duplicação da letra L		estelares
3:342: 115:6	luzeluz	juntara das palavras	3:342: 118:3	luz e luz
3:342: 116:6	O' luz	falta da letra H na interjeição		Oh! Luz
3:342: 116:6	Guanahani	uso da letra H e da letra A		Guanani
3:342: 116:6	triumphante	uso do dígrafo PH no lugar de F		triumfante
3:342: 117:1	Fôrça	uso do acento circunflexo na vogal tônica o	3:343: 121:3	força
3:342: 117:4	Amarca	juntura entre o artido A e a palavra marca		a marca
3:342: 117:4	annel	duplicação da letra N		anel
3:342: 117:6	docel	uso da letraL final		doce
3:342: 118:1	ha	falta do a acento agudo	3:343: 1193	há
3:342: 118:2	estrellas	duplicação da letra L	3:345: 124:5	estrelas
3:342: 118:4	lucidos	falta do a acento agudo		lúcidos
3:342: 118:4	veos	uso da vogal O em vez de U e falta do acento agudo		véus
3:343: 118:6	tropheos	uso do dígrafo PH no lugar de F, do O em vez de U e a falta do acento agudo		troféus
3:343: 119:1	incanto	uso da letra I em vez de E		encanto
3:343: 119:2	tectos	uso da letra muda		tetos
3:343: 119:4	cohabitar	uso da letra H		coabitar
3:343: 119:6	terra-amar	uso da letra A na palavra mar		terra - mar
3:343: 120:1	novissimo	falta do acento agudo em VI		novíssimo
3:343: 120:2	ideaes	troca da vogal I por E		ideais
3:343: 120:3	D'este	uso do apóstrofe		deste
3:343: 120:	bénção	uso do acento agudo em vez de circunflexo		bênção
3:343: 120:4	Teneriffe	duplicação da letra F		Tenerife
3:343: 121:5	d'honra	uso do apóstrofe no lugar de E		de honra
3:344: 122:1	Providéncia	uso do acento agudo em vez de circunflexo		Providência
3:344: 122:3	Cancer	falta do acento circunflexo em CAN		câncer
3:344: 122:4	Capricornio	falta do acento agudo em COR		capricórnio
3:344: 122:5	hi	uso do H		i
3:343: 123:1	Manhans	uso da letra N para nasalizar a vogal		manhãs
3:343: 123:1	oitubro	uso da vogal I em vez de U		outubro
3:343: 123:2	d'ella	uso do apóstrofe em de da vogal E e duplicação da letra L		de ela
3:343: 123:4	d'alma	uso do apóstrofe em de da vogal A		da alma
3:343: 123:5	côr	falta do acento circunflexo		cor
3:343: 123:6	Ella	duplicação da letra L		ela
3:343: 123:6	hontem	uso do H		ontem
3:343: 124:1	insecto	usom da letra c muda	3:345: 128:1	inseto
3:345: 124:5	D'ella	uso do apóstrofe no lugar de E e duplicação da letra L		de ela

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
3:345: 124:5	cabellos	duplicação da letra L		cabelos
3:345: 124:5	hombro	uso da letra H inicial		ombro
3:345: 125:4	Silencio	falta do acento circunflexo		silêncio
3:345: 125:5	D'estrellas	uso do apóstrofe em de da vogal e duplicalçao da letra L		de estrelas
3:345: 125:5	scintilladora	uso do S inicial e duplicação da letra L		cintiladora
3:345: 125:6	Cae	uso da vogal E em vez de I		cai
3:345: 125:6	topásion	uso do acento agudo e da letra N final		topázio
3:346:131:4	junctinha	uso da letra muda c		juntinha
3:346:131:5	doidissima	falta do acento águdo na sílaba tônica		doidíssima
3:346:131:6	Reprehende	uso inadequada da letra h		repreende
3: 346 :132:1	Quiz	troca da letra s por z		quis
3: 346 :132:1	discipula	falta do acento aagudo na sílaba tônica ci		discípula
3: 346 :132:2	Socrates	falta do acento aagudo na sílaba tônica so		Sócrates
3: 346 :132:2	tambem	falta do acento aagudo na sílaba tônica bem		também
3: 346 :132:4	s'erguer	uso do apóstrofe no lugar da vogal e		se erguer
3:346 :132:4	ceos	uso da vogal o no lugar de u e falta do acento agudo		céus
3: 346:133:2	incantados	troca do letra e por i		encantados
3:346 :133:4	paraiso	falta do acento aagudo na sílaba tônica		paraíso
3: 346 :133:4	edenões	junção da vogal e e da preposição de, uso da vogal e na palavra nós		e de nós
3:346 :133:5	s'estejam	uso do apóstrofe no lugar da vogal e		se estejam
3: 347 :134:1	'studando	falta da vogal e		estudando
3: 347 :134:2	mamman	uso da consoante muda m e troca do e por n		mamãe
3: 347 :134:3	ornithologia	uso da letra h		ornitologia
3: 347 :134:4	amanhan	troca do til por n		amanhã
3: 347 :134:5	patria	falta do acento agudo na sílaba tônica pa		pátria
3:347 :134:6	christã	uso da letra h		cristã
3: 347:135:1	effigie	duplicação da letra f e falta de acento agudo na sílaba tônica		efígie
3: 347:135:1	sancta	uso da letra muda c		santa
3: 347 :135:2	amôres	uso do acento circunflexo		amores
3:347 :135:4	D'espelho	uso do apóstrofe no lugar da vogal o		do espelho
3:347 :135:6	metamorphose	uso do ph no lugar de f		metamorfose
3:347 :136:1	nectar	Falta do acento agudo na sílaba tônica nec		néctar
3: 347 :136:3	sphacelado	falta da vogal e na primeira sílaba e uso do ph no liugar da letra f		esfacelado
3: 247 :136:4	phrygie	uso do ph no lugar de f, do y no luigar da vogal i acentuada e a troca do e por o		frígio
3: 347 :136:5	oiro,	troca da vogal u por i		ouro
3: 347 :136:5	juvente	troca da vogal a por e		juventa
3:347 :136:6	Patria	falta do acenato agudo na tônica pa		pátria

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
3: 347 :137:1	Doirado	troca do u por i		dourado
3:347 :137:1	paço	troca do ss por ç		passo
3: 347:137:1	chaotico	uso do Ch no lugar da letra C e falta do acento agudo na vogal o		caótico
3: 347 :137:2	môfo	uso inadequado do acento circunflexo		mofo
3: 347 :137:3	d'escravos	uso do apóstrofe no lugar da vogal E		de escravo
3: 347 :137:4	p'ra	uso dos apóstrofe no lugar da vogal A		para
3: 347:137:5	deodorico	houve o processo de juntura da preposição DE com o substantivo próprio Odorico		de Odorico
3:347 :138:1	Dir-se-hia,	uso da consoante muda h	3: :138:5	dir-se-ia
3:347 :138:2	mausoléos	troca da letra U pela vogal O		mausoleus
3: 347 :138:3	Tropheos	Uso do PH em vez de F, troca da vogal U por O e falta do acento agudo		troféus
3: 347 :138:5	s'embaraçavam	uso do apóstrofe no lugar da vogal e		se embraraçamvam
3: 347 :138:6	co'os	uso do apóstrofe no lugar da consoante M		com os
3:347 :138:6	co-reos	troca da vogal U pelo O e falta do acento agudo na vogal E		co-réus
3:348 :139:2	esquicha	troca da consoante G por Q		esgicha
3: 348 :139:4	Tamoyo	uso da letra Y no lugar de I		tamoio
3: 348 :139:5	Telepatha	troca da letra H no lugar da vogal I		telepatia
3:348 :140:1	Saude	falta do acento agudo na vogal U		saúde
3: 348 :140:1	fratemidade	troca da letra M por N		fraternidade
3: 348:140:2	commendador	duplicação da letra M		comendador
3:348 :141:1	vêde	uso inadequado do acento circunflexo		vede
3: 348 :141:2	teem	duplicação da vogal E		têm
3: 348 :141:2	amanhan	uso da nasal N no lugar da nasalização		amanhã
3: 348 :141:3	crêdes	uso inadaquado acento circunflexo		credes
3:348 :141:4	cortezãs	troca da consoante S por Z		cortesãs
3: 348 :142:3	co'a	uso do apóstrofe no lugar da consoante M		com a
3: 348 :143:1	Theresopolis	uso do H e falta no acento agudo na sílaba tonica		Teresópolis
3: 348 :143:6	D'onde	uso do apóstrofe no lugar da vogal E		De onde
3: 348:143:6	Novembral	troca da vogal O por A e acréscimo da letra L		novembro
3: 349 :144:1	Ôlho	uso do acento circunflexo na vogal O	3: :144:1	olho
3: 349 :144:2	escholares	uso inadequado da letra H		escolares
3: 349 :144:3	pae	troca da vogal i em vez de e		pai
3:349 :144:4	bénçãos	troca do acentocircunflexo pelo acento agudo		bênçãos
3: 349 :144:4	Per	troca da palavra pelo por per		pelo
3: 349 :144:5	jacobinea	troca da vogal A pelo encontro vocálico EA		jacobina
3: 349 :144:6	barbadões	uso inadequado do plural: ÊS em vez de S		barbados
3: 349 :144:6	Esaús	uso inadequado do S		Esaú
3: 349 :145:1	aureos	falta do acento agudo na vogal A		áureos

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
3: 349 :145:2	ennegreceram	duplicação da letra N		enegreceram
3: 349 :145:4	Ideaes	troca da vogal I por E		ideais
3: 349 :146:3	correcto	uso da letra muda c		correto
3: 349 :146:4	n'um	uso inadequado do apóstrofe		num
3: 349 :146:4	volcão	troca da letra U pela vogal O		vulcão
3: 349 :146:5	c'roa	uso inadequado do apóstrofe		croa
3: 349 :146:6	Stá	omissão das letras NA		santa
3: 349 :147:3	Victória	uso da letra muda c		Vitória
3: 349 :148:4	thesoiros	uso do H e troca da vogal U por I		tesouros
3: 349 :148:64	Saharah...	uso inadequado das letra HÁ	3: 349 :149:1	Sarah
3: 349 :148:6	Anteus.	uso da letra N		ateu
3: 349 :149:1	existencia	falta do acento circunflexo na sílaba tônica TEN		existência
3: 349 :149:3	incandescencia	falta do acento circunflexo na sílaba tônica CEN		incandecência
3: 349 :149:4	areial	uso da consonte L		areia
3: 350 :149:5	Ve	falta do acento circunflexo na vogal E		vê
3: 350 :149:5	independencia	falta do acento circunflexo na sílaba tônica DEN		independência
3: 350 :150: 1	cerebro	falta do acento circunflexo na sílaba tônica CE		cérebro
3: 350 :150:2	hi	uso da letra H	3: 349 :50:2	i
3: 350 :150:4	factos	uso da consoante muda C		fatos
3: 350 :150:5	bello	duplicação da consoante L		belo

ARQUIVO 4				
doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
04:350:151:2	allah	duplicação da letra L e uso da letra H no lugar do acento		Alá
04:350: 151:4	ha	falta do acento agudo na vogal a	162: 5 163:5	há
04:350:151:5	ceos,	troca da letra U por O e falta do acento agudo no E	165: 6; 175:6; 184:5	céus
04:350:151:6	saharahs.	uso inadequado da letra H		sararás
04:350:152:1	occaso	uso da consoante muda C		ocaso
04:350:152:1	simelham	troca da letraE por I		semelham
04:350:152:2	côres,	uso do acento circunflexo	154:2	cores
04:350:152:4	outomno	uso inadequado da letra M		outono
04:350:152:6	grand	falta da vogal E		grande
04:350:153:2	Dês	uso da palavra 'dês' em vez de " desde de		Desde de
04:350:153:3	noctambulo	falta do acento circunflexo na sílaba TAM e uso do C mudo		notâmbulo
04:350:153:4	stou	falta da vogal E		estou
04:350:153:5	vêa	troca da vogal I por E		via
04:350:154:1	Isabellzinha	duplicação da letra L		Isabelzinha
04:350:154:3	D'esperança	uso do apóstrofe no lugar da vogal E		De
04:351:154:6	fructos	uso da consoante muda C		frutos

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
04:351:155: 1	danteo	usi da letra O		dante
04:351:155: 1	abysmo	troca da letra I por Y		abismo
04:351:155: 3	scismo,	uso da letra c muda		sismo
04:351:155: 4	inferneo	uso da vogal E		inferno
04:351:155:5	sepulchro	uso do H		sepulcro
04:351:155: 6	Brazil	troca da letra S por Z		Brasil
04:352:157: 1	oiro	troca da letra U por I	157: 1	ouro
04:352: 157: 3	agoiro	troca da letra U npor I		agouro
04:352: 157: 4	N'Harpas	uso do apóstrofe no lugar da vogal as		Nas harpas
04:352: 157: 5	Ouvide	troca da vogal E por O		ouvi
04:352: 157: 5	tesoiro	troca da letra U por I		tesouro
04:351: 158: 2	victima	uso da letra c muda		vitima
04:351: 158: 5	Fanaticos	falta do acento agudo na silaba tônica		fanáticos
04:351: 158: 1	epopeia	falta de acento agudo na vogal E		epopéia
04:351: 158: 3	d'armas	uso do apostrofe no lugar da vogal E		de armas
04:351: 158: 4	per	troca da vogal O por E		por
04:351: 158: 6	murmur	falta da vogal O		murmuro
04:351: 160: 1	fulgôres	uso inadequado do acento circunflexo		fulgores
04:352: 160: 3	Princeza,	troca da letra S por Z		Princesa
04:352: 160: 3	amôres	uso inadequado do acento circunflexo		amores
04:352: 160: 5	dôres,	uso inadequado do acento circunflexo		dores
04:352: 160: 6	ncorruptivel	falta de acento agudo na vogal I		incorruptível
04:353: 161: 1	veridico	falta de acento agudo na vogal I		verídico
04:353: 161: 3	Ahí	uso da letra h e falta do acento agudo	198: 4	aí
04:353: 161: 3	vêndo	uso inadequado do acento circunflexo		vendo
04:353: 161: 3	thesoiro	uso da letra H e da vogal I		tesouro
04:353: 161: 3	brazílico	troca da letra S por Z		brasíliro
04:353: 161: 5	Imperio	falta de acento agudo na vogal E		Império
04:353: 161: 5	chrysális,	uso da letra H		crisálida
04:353: 161:5	idylico	uso da letra Y no lugar de I e falta do acento agudo		idílico
04:353: 162: 1	Ó	falta da letra h na interjeição		Oh
04:353: 162: 2	Sancta	uso da consoante muda C		santa
04:353: 162: 3	bendicta	uso da consoante muda C		bendita
04:353: 162: 4	pentastral			
04:353: 162: 6	patrio	falta do acento agudo na sílaba tônica		pátrio
04:353: 163: 1	paes	troca da letra I por E		pais
04:353: 163: 6	aurea	falta de acento agudo na vogal A	183:3	áurea
04:353: 164: 1	corôas	uso inadequado do acento circunflexo		coroas
04:353: 164: 1	dentae	troca da vogal i por E		dentais
04:353: 164:3	lyrios	troca da vogal I por Y		lirios
04:353: 164: 4	juvente	troca da letra A por E		juventa
04:353: 164: 5	d'esse	uso do apóstrofe no lugar de E		de esse
04:353: 164: 5	mosdesto	uso inadequado da letra S		modesto

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
04:353: 164: 6	dictador	uso da letra c muda		ditador
04:354: 165: 1	Refractaio	uso da letra c muda, omissão da letra r e falta do acento		refratário
04:354: 165: 1	è	uso da crase inadequadamente		é
04:354: 165: 1	genio	falta do acento circunflexo na sílaba tônica		gênio
04:354: 166: 1	D'onde	uso do apóstrofe no lugar de E		de onde
04:354: 166: 1	lírios	falta do acento agudo		lírio
04:354: 166: 2	Çucenaes	uso do C cedilha inadequadamente e troca da letra I por E		Cusenais
04:354: 166: 2	corôas	uso inadequado do acento circunflexo		coroas
04:354: 166: 3	Eucharistias	uso do CH no lugar de C	168: 1	Eucaristia
04:354: 166: 5	Baptismo	uso da consoante muda P	168: 1	Batismo
04:355: 167: 1	patrias	falta do acento agudo na tônic	167: 5	pátrias
04:355: 167: 2	Geraes	troca da letra I pela vogal E		Gerais
04:355: 167: 3	magnolia	falta do acento agudo na tônica		Magnólia
04:355: 167: 3	lactejante	uso da letra C muda		latejante
04:355: 167: 4	Josè,	troca do acento agudo pela crase		José
04:355: 167: 5	ideaes	troca da letra I pela vogal E		ideais
04:355: 168: 3	existencia	falta do acento circunflexo		existência
04:355: 168: 5	sanctos	uso da consoante muda C		santos
04:355: 168: 5	elle	duplicação da letra L		ele
04:355: 168: 5	vêa	troca da letra I pela vogal E		via
04:355: 168:6	quiz	uso da letra Z em vez de S		quis
04:355: 169: 5	quèda	uso inadequado do acento agudo		queda
04:355: 169: 5	òndea	uso do acento e juntura		onde a
04:355: 169: 5	Nidoso	troca do vogal O por I		nosodo
04:354: 170: 5	inod'ro	uso de apóstrofe no lugar da vogal O		inodoro
04:354: 170: 6	d'ara	uso do apóstrofe no lugar da letra A		da
04:354: 170: 6	d'áureo	uso do apóstrofe no lugar da letra A		da
04:354: 171: 1	alaude,	falta do acento agudo na tônica		alaúde
04:354: 171: 1	Moysés	troca da letra I por Y		Moisés
04:354: 171: 1	Operarios	falta do acento agudo na tônica		operários
04:356: 172: 1	propria	falta do acento agudo na tônica		própria
04:356: 172: 4	pelago	falta do acento agudo na tônica		pélago
04:356: 173:1	metamorphoseia	uso do fonema PH em vez de F		metamorfoseia
04:356: 173:2	Relampago...	falata do acento circunflexo		relâmpago
04:356: 173:2	claridão	troca do suxico DADE por DÃO		claridade
04:356: 173:5	Memoria	falta do acento agudo na tônica		memória
04:356: 175:5	tôrre	uso do acnento circunflexo inadequado		torre
04:356: 175: 5	Immensos	duplicação da consoante M		imensos
04:356: 173:5	affectos	duplicação da consoante F e uso da letra C muda	185:6	afetos
04:356: 176:1	relogios	falta do acento agudo		relógios
04:356: 176:4	aureo	falta do acento agudo		áureo
04:357: 176:6	vêndo	uso inadequado do acento circunflexo		vendo

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
04:357: 177:1	Sómbrio	uso inadequado do acento agudo		sombrio
04:357: 177:1	d'	uso do apóstrofe no lugar de A	182:5;184: 1	da
04:357: 177:1	Astréa	falta do acento agudo		ástrea
04:357: 177:2	Virginaes	troca da vogal I por E		Virginais
04:357: 177:2	bella	duplicação da consoante L		bela
04:357: 177:4	chammas	duplicação da consoante M	178:2	chamas
04:357: 177:6	volcão	troca da vogal U por O		vulção
04:357: 178:1	Mânes	uso inadequado do acento agudo		Manes
04:357: 178:3	innócua	duplicação da consoante N		inócua
04:357: 178:5	Pluvia,	omissão da letra L		pluvial
04:357: 178:6	Has	uso inadequado do acento agudo	185:2	hás
04:357: 179:1	Isabell	duplicação da consoante L	186: 1 186:2 ; 189:2	Isabel
04:357: 179:3	Ja	falta do acento agudo		já
04:357: 179:6	rumôres.	uso inadequado do acento agudo		rumores
04:357: 180:1	pariseo	troca da vogal E por I; C por S e U por O		pareceu
04:357: 180: 3	Itajúba)...	uso inadequado do acento agudo		itajubá
04:357: 180: 3	n'um	uso do apóstrofe		em um
04:357: 180:5	emquanto	uso da consoante M no lugar de M		enquanto
04:357: 180:6	Cythara	troca da letraI por Y e uso do TH		cítara
04:357: 181:2	Ella	duplicação da consoante L		ela
04:358: 181:2	Gyrava	troca da letraI por Y		Girava
04:358: 182:4	pradal	troca das letrs R e A		pardal
04:358: 182:4	Co'o	uso do apóstrofe no ligar de M		com o
04:358: 182:4	abysmo	troca da letraI por Y		abysmo
04:358: 182:6	cabello	duplicação da consoante L	188: 2	cabelo
04:358: 183:2	Petalos	falta do acento agudo		pétalos
04:358: 183:3	Polaris	falta do acento agudo		pólaris
04:358: 183:6	assi	omissão da letra M		assim
04:358: 184:1	annel	duplicação da consoante N	189: 4	anel
04:358: 184:1	alliança	duplicação da consoante L	189: 4	aliança
04:358: 184:3	incantada	troca da vogal E por I		encantada
04:358: 184:5	fôra	uso inadequado do acento circunflexo	185:6	fora
04:358: 185:1	syllabas	uso do Y no lugar de I e duplicação da letra L		silabas
04:358: 185:2	gyrar	uso do Y no lugar de I		gyras
04:358: 185:3	Phosphor	Uso do dígrafo PH no lugsar de F		fósforo
04:358: 185:4	Bethlehem	uso inadequado das consoantes TH e H		Belém
04:358: 185:5	sêdenta	uso inadequado do acento agudo		sedenta
04:359: 186:5	familia	falta do acento agudo		família
04:359: 186:6	comtigo	uso da letra M em vez de N		contigo
04:359: 187: 1	directamente	uso da letra C muda		diretamente
04:359: 187: 2	character	Uso do dígrafo CH no lugar de C e uso d letra C muda		caráter

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
04:359: 187: 2	mamman	uso da letra N para nasalizar a letra A e duplicação de M	193: 6	mamã
04:359: 187: 3	pseudonimo	falta do acento circunflexo		pseudônimo
04:359: 187: 4	manhan	uso da letra N para nasalizar a letra A	188: 2	manhã
04:359: 187: 5	omnipotente	uso da letra M em vez de N		onipotente
04:359: 187: 6	amuletto	duplicação da consoante T		amuleto
04:359: 188: 6	delirios	falta do acento agudo		delírios
04:359: 188: 6	Martyrios	troca da letra I por Y e falta do acento agudo		martírio
04:359: 188: 6	Pes	falta do acento agudo		pés
04:359: 188: 6	hombro	uso inadequado da letra H		ombro
04:359: 188: 6	lirio	falta do acento agudo		lírio
04:359: 188: 6	ja	falta do acento agudo		já
04:359: 189: 2	tambem,	falta do acento agudo		também
04:359: 189: 5	victoria	falta do acento agudo e uso da letra C muda		vitória
04:359: 190: 2	Accompanhada	duplicação da consoante C		acompanhanda
04:359: 190: 6	Oromaso	processo de juntura		oro amaço
04:359: 190: 6	bemdiz.	processo de juntura		bem diz
04:360: 191: 1	elephantes,	uso do PH em vez de F		elefantes
04:360: 191: 2	fôrça	uso do acento circunflexo		força
04:360: 191: 3	estellantes	duplicação da letra L		estelantes
04:360: 191: 4	aereal	uso inadequado da letra E		areal
04:360: 191: 5	Aquellas	duplicação da letra L		aquelas
04:360: 191: 6	Plato	falta do acento circunflexo		platô
04:360: 192: 1	Eden	falta do acento agudo		Éden
04:360: 192:4	ausencia	uso do acento circunflexo		ausência
04:360: 192: 6	refem	falta do acento agudo		refém
04:360: 193: 1	D'oeluros	uso do apóstrofe no lugar de O		do eluro
04:360: 193: 1	p'riquitos	uso do apóstrofe no lugar de O		periquitos
04:360: 194: 2	veiu	troca da vogal O por U		veio
04:360: 194: 6	Annita	duplicação da letra N		Anita
04:360: 195: 2	setim	troca da letra C por S		cetim
04:361: 196: 4	oiro,	troca da vogal U por I	196: 4	ouro
04:361: 197: 2	Sp'ritos	falta da vogal E e uso do apóstrofe no lugar de E		espíritos
04:361: 198: 2	sgrimir	omissão da vogal E		esgrimir
04:361: 198: 4	magdalenita	uso do processo de juntira		Magda Lenita
04:361: 198: 4	ahi	uso inadequada da letra H		aí
04:361: 199: 2	côrte	uso inadequado do acento circunflexo		corte
04:361: 199: 2	lethal	uso da letra H		letal
04:361: 199: 4	Hostia	falta do acento agudo		hóstia
04:361: 199: 5	intelligencia	falta do acento circunflexo e duplicação do L		inteligência
04:361: 199: 6	innocencia	falta do acento circunflexo duplicação do N		inocência
04:361: 200:	Oiço...	troca da vogal U por I		ouço

doc/pag/estrof/lin	vocábulo	problema / diferenças gráficas	recorrência	grafia atual
04:361: 200:	genio	falta do acento circunflexo		gênio
04:361: 200:	s'ergue	uso do apóstrofe no lugar de E		se ergue
04:361: 200:	d’elle	uso inadequado do apóstrofe		dele
04:361: 200:	echo	uso do dígrafo CH no lugar de C		eco
04:361: 200:	patria	falta do acento agudo		pátrias

APÊNDICE B - COLETA DE DADOS DOS ARQUIVOS 5 A 7 (DOCUMENTOS DA GUERRA DA BALAIADA)

ARQUIVO 5					
	doc/pag/lin	**vocábulo**	**problema/ diferenças gráficas**	**recorrência/ documento/linha**	**grafia atual**
Documento 01	01:01/01	Illustrissimo	duplicação da letra L e falta do acento agudo	03:06	ilustríssimo
	01:01/02	villa	duplicação da letra L	02:02. 03:24, 07:02	vila
	01:01/03	socego	troca da letra SS por C		sossego
	01:01/03	publico	falta do acento agudo na tônica	03:15	demitido
	01:01/04	demittido	duplicação da letra T	03:10	público
	01:01/04	prezidente	troca da letra S por Z	01:05: 03:10/11, 06:02, 06:09, 08:16	presidente
	01:01/05	Provincia	falta do acento agudo na tônica	01:08, 02:06, 02:19, 02:24, 03:02 ,03:04/06	província
	01:01/05	sejão	troca do letra M por AO	01:07: 03:08/11/14	sejam
	01:01/06	comissarios	falta do acento agudo na tônica	03:11	comissários
	01:01/06	leys	uso da letra Y no lugar de I		leis
	01:01/06	geraes	uso da letra E no lugar de I	02:10: 03:14	gerais
	01:01/07	provinciaes	uso da letra E no lugar de I	03:13	provinviais
	01:01/07	Imperio	falta do acento agudo na tônica	03:14	império
	01:01/08	portuguezes,	troca da letra S por Z	03:16	portugueses
	01:01/08	despeijarem	uso inadequado da vogal I		despejaram
	01:01/09	excepção	uso da letra P muda	03:16	exceção
	01:01/09	familias	falta do acento agudo na tônica	03:16	famílias
	01:01/09	brazileiras	troca da letra S por Z	03:09/16/19, 06:08	brasileiras
	01:01/10	.annos	duplicação da letra N	03:17, 04/14, 04/18	anos
	01:01/11	Commandante	duplicação da letra M	02:09:03, 06:18, 12:22, 23	comandante
Documento 02	02:01/01	Illmº.	duplicação da letra L		Ilmo
	02:01/01	Exmº.	falta do ponto		Ex.mº
	02:01/02	seburbios	troca da letra U por E		suburbios
	02:01/03	alem	falta do acento agudo na tônica		além
	02:01/03	trez	troca da letra S por Z e falta do acento circunflexo	10:11	três
	02:01/04	daquella	duplicação da letra L		daquela
	02:01/04	tambem	falta do acento agudo na tônica	03:20	também
	02:01/04	milhores	troca da letra E por I		melhores
	02:01/04	Itapicurú,	troca da letra E por I		Itapecuru
	02:01/05	distroço	troca da letra E por I		destroço
	02:01/05	amiaçada	troca da letra E por I		ameaçada
	02:01/06	rezolvi	troca da letra S por Z		resolvi
	02:01/06	hum	uso do letra H		um

Documento 02	02:01/07	officiaes	duplicação da letra F e troca do I por E		oficiais
	02:01/07	achavão	troca do letra M por AO		achavam
	02:01/07	d'deliberarem	uso do apóstrofe no ludar de E		de
	02:01/08	ditto	duplicação da letra T	02:1 7	dito
	02:01/09	reprezentação	troca da letra S por Z		representação
	02:01/09	expuzemos	troca da letra S por Z		expusemos
	02:01/11	Acta	uso da letra C muda		ata
	02:01/12	Jeronimo	falta do acento circunflexo na tônica		Jeônimo
	02:01/12	Victal	uso da letra C muda		Vital
	02:01/12	Espirito	falta do acento agudo na tônica		Espírito
	02:01/12	Lionardo	troca do E por I		Leonardo
	02:01/13	emissarios	falta do acento agudo na tônica		emissários
	02:01/13	tambem	falta do acento agudo na tônica		também
	02:01/1 4	actual	uso da letra C muda		atual
	02:01/1 4	semilhante	troca do E por I		semelhante
	02:01/1 5	negocio	falta do acento agudo na tônica		negócio
	02:01/1 5	animos	falta do acento circunflexo na tônica		ânimos
	02:01/1 6	cauzas	troca da letra S por Z		causas
	02:01/1 6	he	uso do letra H	03:01, 03:02. 03:05, 05:01,05:05,05:10, 07:05/07	é
	02:01/1 7	possivel	falta do acento agudo na tônica		possível
	02:01/18	pecontrario	juntura da palavra pelo e falta do acento		pelo contráio
	02:01/19	disgosto	troca do E por I		desgosto
	02:01/19	consecuençias	troca do dígrafo QU pela letra C e falta do acento		consequência s
	02:01/20	pellas	duplicação da letra L		pelas
	02:01/21	Deos	troca da letra U por O	03:25, 04/14, 06: 15	Deus
Documento 03	03:02:01	meo	troca da vogal U por O	10:11 - 12:11	meu
	03:02:02	Provincia	falta do acento agudo na tônica	03: 04,07,08,15	Província
	03:02/03	pertenção	troca da letra S por Ç		pretensão
	03:02/04	facto	uso da letra C muda		fato
	03:02/04	delle	duplicação da letra L		dele
	03:02/04	annuir	duplicação da letra N		anuir
	03:02/04	vantajozo	troca da letra S por Z	03:24	vantajoso
	03:02/06	Camaras	falta do acento circunflexo na tônica		Câmaras
	03:02/07	Assemblea	falta do acento agudo na tônica		assembléia
	03:02:008	sejão	troca da letra M pelo ditongo nasal ÃO		sejam
	03:02/11	extinctos	uso da letra C muda		extintos
	03:02/13	quasi	troca da letra E por I		quase
	03:02/13	somenti	troca da letra E por I		somente
	03:02/17	Independencia	falta do acento agudo na tônica		ndepência
	03:02/17	largar-mos	uso do travessão		largarmos
	03:02/18	vir-mos	uso do travessão		virmos

Documento 03	03:02/22	cabedaes	troca da letra I por E		cabedais
	03:02/24	reuna	falta do acento agudo na tônica		reúna
	03:02/24	elle	duplicação da letra L	10:10	ele
	03:02/24	sera	falta do acento agudo na tônica		será
	03:02/24	melho	falta da letra R		melhor
	03:02/26	citio	troca da letraS por C		sítio
	03:02/26	attacal-a	uso inadequada do travessão		atacá-la
	03:02/26	percizo	troca da letra S por Z		preciso
Documento 04	04:03/02	d'absuluta	uso do apóstrofe no lugar da vogal A		da absoluta
	04:03/02	commissão	duplicação da letra M		comissão
	04:03/02	inteligencia	falta do acento circunflexo		inteligência
	04:03/03	prudencia,	falta do acento circunflexo		prudência
	04:03/04	sahir	uso inadequado da consoante H		sair
	04:03/04	imfelismente	troca das consoantes N e Z por M e S		infelizmente
	04:03/04	hião	uso inadequado de H e troca de AM por ÂO		iam
	04:03/05	privactivamente	uso da consoante muda C		privativament e
	04:03/05	reginerador,	troca da vogal E por I		regenerador
	04:03/06	maxima	falta do acento agudo na tónica		máxima
	04:03/06	honrozos	troca da letra S por Z		honrosos
	04:03/07	Meretissimo	troca de I por E e falta do acento agudo		meritíssimo
	04:03/07	Commandante	duplicação da consoante M	04:18:, 05:10	comandante
	04:03/08	assignado	uso da consoante muda G		assinado
	04:03/09	elleger	duplicação da consoante L		eleger
	04:03/10	comparessa	troca da letra Ç por SS		compareça
	04:03/10	imfalivelmente	troca da conoante N por M		infalivelment e
	04:03/11	elleição,	duplicação da letra L		eleição
	04:03/11	carater	falta do acento agudo na tónica		caráter
	04:03/12	simelhante	troca da vogal E por I		semelhante
	04:03/12	servisso,	troca da letra Ç por SS		serviço
	04:03/12	adimitta	inclusão da vogal I e duplicação da letra T		admita
	04:03/15	Bentivi	troca das letras M e E por N e I		bem-te-vi
	04:03/15	Pintiado	troca da vogal E por I		pentiado
Documento 05	05:03:01	officio	duplicação da letra F e falta do acento agudo	06:04:13	ofício
	05:03:02	achão	troca da terminação AM por ÃO		acham
	05:03:03	ponhão	troca da terminação AM por ÃO	05:03:05	ponham
	05:03:03	empedimento	troca da vogal I por E		impedimento
	05:03:03	saida	falta do acento agúdo na tônica		saída
	05:03:03	outrosim	omissão da letra S		outrossim
	05:03:04	authoridades	uso do dígrafo TH no ligar de T		autoridades
	05:03:04	civeis	falta do acento agúdo na tônica		cíveis
	05:03:05	paçagem	troca do dígráfo SS por Ç		passagem
	05:03:05	autilidade	acrescimo da vogal A		utilidade

Doc. 05	05:03:06	supradito	juntura das palavras		supra dito
	05:03:07	maxima	falta do acento agúdo na tônica		máxima
Documento 06	06:04:01	Illustri	duplicação da letra L e troca de E por I	06:10	ilustre
	06:04:01	d'oje	usio do apóstrofe no lugar da vogal E		de hoje
	06:04:01	povuação	troca da vogal O por U	06:16	povoação
	06:04:01	dicidiu	troca da vogal E porI		decidiu
	06:04:02	dous	troca da vogal I por U		dois
	06:04:02	exzegir	acrescimo da letra Z e troca da vogal I por E		exigir
	06:04:03	úma	uso inadequado do acento agudo		uma
	06:04:04	requizições	troca da consoante S por Z		requisições
	06:04:04	forão	troca da terminação AM por ÃO		foram
	06:04:04	aquellas	duplicação da letra L		aquelas
	06:04:05	nomiação	troca da vogal por E por I		moneação
	06:04:05	vigario	falta do acento agudo na ônica		vigário
	06:04:06	quaes	troca da vogal E por I		quais
	06:04:06	brévidade	uso inadequado do acento		brevidade
	06:04:08	cidadões	uso inadequado do plural = AOS por OES		cidadãos
	06:04:08	dicizão	troca da consoante S por Z	06:09	desição
	06:04:10	prezistirmos	troca de posição da consoante R e troca de S por Z		persistimos
	06:04:10	principios	falta do acento agudo na tônica		pincípios
	06:04:11	consequencia	falta do acento circunflexo na tônica		consequência
	06:04:12	dezeja	troca da consoante S por Z		deseja
	06:04:12	concideração	troca da consoante S por Z		consideração
	06:04:14	anhelamos.	uso inadequado da letra H		anelamos
	06:04:16	Salla	duplicação da letra L		sala
Documento 07	07:04:01	hum	uso da lertra muda H		um
	07:04:02	tres	falta do acento circunflexo na tônica		três
	07:04:02	lanxão	Troca da letra Ch por X		lancha grande
	07:04:02	villa	duplicação da letra L	07:04:00	vila
	07:04:03	sima	troca da letra C por S		cima
	07:04:04	dis	troca da letra Z por S		diz
	07:04:05	noça	troca do digráfo SS por Ç		nossa
	07:04:06	delles	duplicação da letra L		deles
	07:04:06	hiço	uso da lertra muda H e troca do digráfo SS por Ç		isso
	07:04:06	helles	uso da lertra muda H eduplicação d letra L		eles
	07:04:06	pedirão	troca da terminação AM por ÃO		pediram
	07:04:06	ahi	uso da lertra muda H	10:10	aí
	07:04:06	tãobem	troca da letra M pelo ditondo Ao	12:11 - 12:15, 16	também
	07:04:07	diçe	troca do digráfo SS por Ç		disse
	07:04:09	quizerem	troca da letra Z por S		quisertam
	07:04:11	Aseite	troca da letra S por C		aceite
	07:04:11	pertenção.	troca de posição da letra R		pretensão

Documento 08	08:05:01	offício	duplicação da letra F e falta do acento agudo		ofício
	08:05:01	he	uso da letra H		e
	08:05:01	junta	troca da vogal O por A		junto
	08:05:01	palcalmação	epentese - acrescimo da fomema		proclamação
	08:05:01	ofrecer	aférese - queda do fonema e		oferecer
	08:05:02	mais	uso da vogal I		mas
	08:05:02	premeiro	troca da vogal I por E		primeiro
	08:05:02	caza	troca da letra S por Z		casa
	08:05:03	delle	duplicação da letra L		dele
	08:05:03	he	uso da letra H		e
	08:05:03	hele	uso da letra H		ele
	08:05:03	mais	uso da vogal I		mas
	08:05:04	poço	troca do digráfo SS por Ç		posso
	08:05:04	delle	duplicação da letra L		dele
	08:05:04	he	uso da letra H e ausência do acento agudo		é
	08:05:04	he	uso da letra H		e
	08:05:05	caza	troca da letra S por Z		casa
	08:05:06	Commandante	duplicação da consoante M		comandante
	08:05:06	Páu	uso de acento agudo		Pau
Documento 09	09:05:01	quera	ausencia da vogal I		queira
	09:05:02	elles	duplicação da letra L		eles
	09:05:03	falcidade	troca da letra S por C		falsidade
	09:05:03	huma	acrescimo da letra H		uma
	09:05:03	espia	ausencia do til		espiã
	09:05:03	Pintiado	troca da vogal E por I		Penteado
	09:05:04	secorro	troca da vogal O por E		socorro
	09:05:04	asim	ausência da letra S		assim
	09:05:04	tãobem	troca da letra M pelo ditondo Ao		também
	09:05:05	poça	troca do digráfo SS por Ç		possa
	09:05:06	huma	acrescimo da letra H		uma
	09:05:06	porem	ausência de acento agudo		porém
	09:05:06	Deos	troca da letra U por O	09:05:08	Deus
	09:05:07	emquanto	troca da letra N por M		enquanto
	09:05:07	seo	troca da vogal U por O		seu
	09:05:07	offício	duplicação da letra F e falta do acento agudo		ofício
	09:05:07	sciente	acrescimo da letra S		ciente
	09:05:07	expom	troca da letra R por M		expor
	09:05:09	Commandante	duplicação da consoante M	09:05:10	comandante
	09:05:10	Batalham	troca da terminação AÕ por AM		Batalhão
Doc. 10	10:05:01	quera	ausência da vogal I		queira
	10:05:01	cautella	duplicação da letra L		cautela
	10:05:01	d'Ágoa	troca da vogal U por O		d' Água
	10:05:02	agoa	troca da vogal U por O		água

Documento 10	10:05:02	officiais	duplicação da letra F		oficiais
	10:05:03	sahir	acrescimo da letra H		sair
	10:05:03	seos	troca da vogal U por O		seus
	10:05:03	ahi	acrescimo da letra H		aí
	10:05:03	officio	duplicação da letra F e ausencia do acento agudo		ofício
	10:05:04	veo	ausência da vogal I		veio
	10:05:04	la	ausencia do acento agudo		lá
	10:05:04	cheffes	duplicação da letra F		chefes
	10:05:04	ção	troca do CH por Ç		chão
	10:05:04	asim	ausencia da letra S		assim
	10:05:05	aconteceo	troca da vogal U por O		aconteceu
	10:05:05	callor	duplicação da letra L		calor
	10:05:05	dexa	ausência da vogal I		deixa
	10:05:05	officiaes	duplicação da letra F e troca da letra I por E		oficiais
	10:05:06	estever	troca da vogal I por E		estiver
	10:05:06	areterarem	acrescimo da vogal A e troca de I por E		retirarem
	10:05:07	remetel-lo	uso inadequado da letra L e falta do acento circunf.		remetê-lo
	10:05:08	cavallo	duplicação da consoante L		cavalo
	10:05:09	retagoarda	troca da vogal U por O		retaguarda
	10:05:09	violencia	falta do acento circunflexo		violência
	10:05:10	cartuxos	troca do Ch por X		cartucho
	10:05:10	correjo	troca da voal I pela consoante J		correio
	10:05:10	carderno	uso inadequado da letra R.		caderno
	10:05:11	asem	falta da letra S e troca da vogal I por E		assim
	10:05:11	carate	falta do acento agudonba tônica e a queda do r final		caráter
	10:05:12	dezempenharmo	falta do rótico R		desempenhar-mos
	10:05:12	segurarmo	falta do rótico R	10:13	segurarmos
	10:05:12	noso	falta da letra S	10:12	nosso
	10:05:12	pormo	processo de juntura		por - mos
	10:05:12	tronno	duplicaçlão da letra N		trono
	10:05:13	Comtutuição	troca da consoante N por Me falta da letra S		Constituição
	10:05:13	relegião	troca da vogal I por E		Catolica
	10:05:13	Catholica	troca da letra T pelo digrafo TH		religião
	10:05:14	palavriados	troca da vogal E por I		palavreados
	10:05:14	achão	troca do termionação verbal M por ÃO		acham
	10:05:14	esperão	troca do termionação verbal M por ÃO		esperam
	10:05:15	venhão	troca do termionação verbal M por ÃO		venham
	10:05:15	contarmo	falta do rótico R		contarmos

ARQUIVO 6					
	doc/pag/lin	**vocábulo**	**problema/ diferenças gráficas**	**recorrência/ documento/linha**	**grafia atual**
Documento 11	11:06:01	notisia	troca da consoante C por S		notícia
	11:06:01	marxa	troca do digráfo CH pela sibilante S	11:09	marcha
	11:06:02	já	falta do acento agudo	11:02	já
	11:06:02	tumar	troca da vogal O por U		tomar
	11:06:02	axar	troca do digráfo CH pela consoante X		achar
	11:06:02	hir	uso da letra H muda		ir
	11:06:04	tragedias	falta do acento agudo		tragédias
	11:06:04	traiçons	troca da terminação ES por NS		traições
	11:06:04	Valerio	falta do acento agudo		Valério
	11:06:04	axo	troca do digráfo CH pela consoante X		acho
	11:06:05	honde	uso da letra H muda		onde
	11:06:06	divirtir-me	troca da vogalE por I		divertir-me
	11:06:06	aquelles	duplicação da letra L		aqueles
	11:06:07	robando	omição da vogal U		roubando
	11:06:07	emfim	troca da letra N por M		enfim
	11:06:08	nosa	uso inadequado do digráfo SS		nosso
	11:06:09	oratorio,	falta do acento agudo		orotório
	11:06:09	asim	uso inadequado do digráfo SS		assim
	11:06:09	tambem	falta do acento agudo		também
	11:06:11	filismente	troca da vogal E por I e troca da letra Z por S		felizmente
Documento 12	12:06:01	Reçibi	Troca da letra C por Ç		recebi
	12:06:01	estimadiçimo	troca do digráfo SS no lugar de Ç	12:01	estimadíssimo
	12:06:01	ofiçio	Troca da letra C por Ç e falta do acento agudo	12:11	ofício
	12:06:01	emcluso	Troca da letra N por M		incluso
	12:06:02	caratre	troca de posição da letra R e E e falta do acento agudo		caráter
	12:06:03	porçidimento	troca de posição da letra R e O , e uso de Ç no lugar de CE	12:03, 12:04	procedimento
	12:06:03	diço	troca do digráfo SS no lugar de Ç		disso
	12:06:04	ofiçiei	troca da letra C por Ç	12:11	oficiei
	12:06:04	arecolher	uso inadequado da letra A		recolher
	12:06:05	maos	falta do til no ditongo		mãos
	12:06:05	Pidrigulho	troca da vogal E por		pedregulho
	12:06:05	emdagar	troca da letra N por M	12:09	indagar
	12:06:06	hera	uso inadequado da letra H muda		era
	12:06:06	notiçias	uso inadequado da letra Ç e falta do acento agudo		notícias
	12:06:06	emformação	troca da vogal I por E e N por M		informação
	12:06:07	heça	troca do digráfo SS no lugar de Ç		essa
	12:06:08	comerçiando	troca da letra C por Ç		comerciando
	12:06:08	puriço	processo de juntura e troca da vogal O por U	12:12	por isso

Documento 12	12:06:08	rezão	troca da vogal A por E		razão
	12:06:09	asacinar	troca do digráfo SS no lugar de S		assinar
	12:06:09	emnovar	troca da vogal N por M	12:10	inovar
	12:06:10	alfurisos			
	12:06:10	commigo	duplicação da letra M	12:11 - 12:13	comigo
	12:06:12	comfuzo	troca da letra N por M		confuso
	12:06:12	avera	falta da letra H		havera
	12:06:13	quizer	troca da sibilante S por Z		quiser
	12:06:14	dis	troca da sibilante Z por S		diz
	12:06:14	areceber	uso inadequado da letra A		receber
	12:06:15	deichando	troca da letra X pelo digráfo CH		deixando
	12:06:15	hece	uso do H mudo e troca do digráfo SS por C		esse
	12:06:15	siguro	troca gas vogal E por I		seguro
	12:06:16	Jeronimo	falta do acento circunflexo na tônica		Jerônimo
	12:06:16	Livio	falta do acento agudo na tônica		Lívio
	12:06:16	dezejo	troca da sibilante S por Z		desejo
	12:06:17	ofreçe	omissão da vogal E e uso da letra Ç antes de E		oferece
	12:07:18	rezedencia	troca da letra S por Z e falta do acento circunflexo		residência
Documento 13	13:07:01	Reçibi	uso da cedilha na letra C antes de I		recebi
	13:07:01	ofiçio	uso da cedilha na letra C antes de I, falta do acento agudo	13:02	ofício
	13:07:01	partiçipa	uso da cedilha na letra C antes de I		participa
	13:07:01	emcomados	troca da silaba IN por Em e falta do acento circunflexo		incômodos
	13:07:02	humas	uso do H inadequado		umas
	13:07:02	reonir	troca da vogal U por O		reunir
	13:07:03	hirmos	uso do H inadequado		írmos
	13:07:03	comprio	troca da vogal U por O		cumpriu
	13:07:04	meo	troca da vogal U por O	14:11	meu
	13:07:05	emtao	troca da consoante M por N		então
	13:07:05	detriminar	troca de vogal E por I e transposição de letra- metatése		determinar
	13:07:05	he	uso do H inadequado e falta do acento	13:06:00	é
	13:07:05	alhe	troca da consoante T por LH e falta do acento	15:08:05	até
	13:07:05	notiçia	uso da cedilha na letra C antes de I e falta do acento		notícia
	13:07:06	serteza	troca do C por S		certeza
	13:07:06	piqueno	troca da vogal E por I		pequeno
	13:07:07	elles	duplicação da l		eles
	13:07:07	derão	troca do M por ão		deram
	13:07:07	la	inclusão da letra L		a
	13:07:07	çabe	troca do Ç por S		sabe
	13:07:08	deichando	troca da letra X por CH		deixando
	13:07:09	tãobem	juntura das palavras		tão bem
	13:07:09	deoxava	troca da vogal I por O		deixava

Doc. 13	13:07:09	siguro	troca de vogal E por I		seguro
	13:07:10	retraguarda	transposição de letra- metatése		retaguarda
	13:07:10	ofreço	transposição de letra- metatése		ofereço
	13:07:11	rezidencia	troca da letra S por Z e falta do acento		residência
	13:07:12	commandante	duplicação da M		comandante
Documento 14	14:07:01	hir	uso do H inadequado	14:01; 02;07	ir
	14:07:02	subemos	queda da vogal o		soubemos
	14:07:03	deregi	troca das vogais I por E		dirige
	14:07:03	secourro	troca da vogal O por E e acrescimo da vogal U		socorro
	14:07:04	percizão	transposição de letra- metatése	15:01	precisão
	14:07:04	coreio	falta da letra R		correio
	14:07:04	mandaro	diminuição por apócope		madaram
	14:07:04	deregindo	troca da vogal I por E		dirigindo
	14:07:04	marxa	uso do H inadequado	14:08;09; 15:04	marcha
	14:07:05	honde	uso do H inadequado		onde
	14:07:05	detreminar	transposição de letra- metatése		determinar
	14:07:06	marxarem	uso do H inadequado		marcharem
	14:07:06	Maijor	acrescimeno por epêntese		Mjor
	14:07:06	otro	queda da vogal U		outro
	14:07:08	ismoreceo	troca das vogais I por E, e U por O		esmoreceu
	14:07:09	atendeo	troca das vogail U por O		atendeu
	14:07:09	quizerão	troca da terminação Am por ÂO		quizeram
	14:07:09	delle	duplicação da L		dele
	14:07:10	commigo	duplicação da M		comigo
	14:07:10	hiço	uso do H inadequado e troca do digráfo SS		isso
	14:07:11	varios	falta do acento		vários
	14:07:11	asim	falta da letra S		assim
	14:07:11	senpre	troca da letra M por N		sempre
	14:07:11	pronpto	uso da letra P muda		pronto
	14:07:12	sudito	falta do acento		súdito
Documento 15	15:08:01	reunír	acento agudo na vogal I		reunir
	15:08:01	iso	falta da letra S		isso
	15:08:02	rogo	troca da letra L por G		logo
	15:08:02	vedentemente	falta da letraI e troca da vogal E por I		evidentemente
	15:08:02	ouver	falta da letra H		ouvir
	15:08:03	nese	falta da letra S		nesse
	15:08:03	destricto	troca da letra I por E e uso da letra c muda		distrito
	15:08:03	Buqueirão	troca da letra O por U		bouqueirão
	15:08:03	villa	duplicação da letra L		vila
	15:08:04	aquelle	duplicação da letra L		aquele
	15:08:04	requizitar	troca da letra S por Z		requisitar
	15:08:04	remettido	duplicação da letra T		remetido
	15:08:05	enserçendo	troca da letra X por S e uso da letra N e de Ç		exercendo

Documento 15	15:08:07	paçifico	uso inadequado da letra Ç e falta do acento		pacífico
	15:08:07	acumedação	troca da vogal O por U		acomodação
	15:08:07	cauza	troca da letra S por Z		causa
	15:08:08	emfuluidos	troca das letras I e N por I e M		influídos
	15:08:08	Pedrigulho	troca da vogal E por I		pedregulho
	15:08:08	neça	troca do dígrafo SS por Ç		nessa
	15:08:08	enfuluença	troca da vogal I por E e metátese		influência
	15:08:09	deixeçe	troca da vogal A por E e SS por Ç		deixasse
	15:08:09	deçe	troca do dígrafo SS por Ç		desse
	15:08:09	precure	troca da vogal O por U		procure
	15:08:10	enmidiatamente	inclusão da letra N		imediatamente
	15:08:11	enzercendo	troca da letra X por Z e acrecimo da letra N		exercendo
	15:08:08	ofereçi	troca da letra C por Ç		ofereci
	15:08:13	arrecomendar	juntura do artigo com o verbo		a recomendar
	15:08:18	Cuelho	troca da vogal O por U		Coelho
Documento 16	16:08:02	noços	troca do digrafo SS por Ç		nossos
	16:08:02	negoçios	Uso inadequado do Ç e falta do acento		negócios
	16:08:03	comonicação	Troca da vogal U por O		comunicação
	16:08:03	Agoa	Troca da vogal U por O		agua
	16:08:04	ingano	troca da vogal E por I		engano
	16:08:05	despos	uso da letra S e falta da vogal I		depois
	16:08:09	chorre	duplicação do R		chore
	16:08:10	falço	troca da letra s por Ç		FALSO
	16:08:11	predir	transposição de letra- metatése		pedir
	16:08:12	emxerga	troca da letra N por M		enxerga
	16:08:12	pineira	troca da vogal E por I		peneira
	16:08:013	pozerão	Troca da vogal U por O e do Am por ÃO		puzeram
	16:08:13	peis	uso da vogal I e falta do acento		pés
	16:08:14	emperador	troca da vogal I por E		imperador
	16:08:15	prezente	troca da letra S por Z		presente
	16:08:17	palavirados	transposição de letra- metatése		palavriados
	16:08:18	venseiçe	troca das letras C e SS por S e Ç		vencesse
	16:08:19	holhe	uso inadequado do H		olhe
	16:08:20	indando	troca da vogal A por I		andando
	16:08:21	vendeime	processo de juntura		vendei-me
	16:08:23	aperzentar	transposição de letra- metatése e troca do S por Z		apresentar
	16:08:23	xame	troca da letra CH por X		Chame
	16:08:24	fieimos	uso da vogal I inadequadamente		fiemos
Doc. 17	17:09:02	maranhençes	troca a letra N por M		convida
	17:09:01	comvida	troca a letra S por Ç		maranhenses
	17:09:02	sahirmos	uso da letra H inadequadamente		sairmos
	17:09:03	derogar	falta do digrafo RR		derrogar

Documento 17	17:09:05	emtentão	troca da vogal I por E e Am por ÃO		intentam
	17:09:09	emfim	juntura		em fim
	17:09:09	pinhores	troca da letra E por I		penhores
	17:09:10	pençar	troca a letra S por Ç		pensar
	17:09:10	serto	troca a letra C por S		certo
	17:09:11	patrisotismo	uso inadequado da letra S		patriotismo
	17:09:11	perçuadido	troca da letra S por Ç		persuadido
	17:09:12	emtoziasmo	Troca das letra N e S por M e Z		entusiasmo
	17:09:15	preveços	transposição de letra- metatése		perversos
	17:09:17	perverços	variação da palavra perverso		perversos
	17:09:17	anbitão	iação da palavra perverso		habitam
	17:09:18	lenbrai-vos	troca da letra M por N		lembrai-vos
	17:09:19	Brazil	troca da letra S por z		Brasil
	17:09:19	unace	juntura e troca da letra S por C		una-se
	17:09:21	Acabaçe	troca da letra SS por Ç		acabasse
Documento 18	18:10:02	perceguição	troca da letra S por C		perseguição
	18:10:03	felismente	troca da letra Z por S		felizmente
	18:10:03	auctoridades	uso da letra C muda		autoridade
	18:10:04	actividade	uso da letra C muda		atividade
	18:10:05	encomios	falta do acento circunflexo		encômios
	18:10:06	officio.	falta do acento agudo e duplicação do F		ofícios
	18:10:06	Palacio	falta do acento agudo		palácio
	18:10:07	Joze	falta do acento agudo		José
	18:10:08	Itapucurú.	uso inadequado do acento agudo		Itapecuru
Documento 19	19:10:01	sedicioza	troca da letra S por Z		sediciosa
	19:10:02	tençoens	acrescimo da letra N e falta do til		tenções
	19:10:02	communiquei	duplicação da letra M		comuniquei
	19:10:04	sectarios	falta do acento agudo		sectários
	19:10:014	sediciozo	troca da letra S por Z		sedicioso
	19:10:05	collige	duplicação da letra		colide
Documento 20	20:10:01	Hirmãos	uso da h inadequado		irmãos
	20:10:01	Deos	troca da letra U por O		Deus
	20:10:02	vênho	uso do acento inadequadamente		venho
	20:10:02	comveda –vos	troca da vogal I por E		convida-nos
	20:10:04	empuguneis	uso de epêntese na letra U		empugneis
	20:10:014	comcidadons	troca da letra N por M e falta da terminação ÂO		concidadãos
	20:10:05	corage,	uso de apócope- falta da letra M final		corage
	20:10:06	bronziai	troca da vogal E por I		bronzeai
	20:10:06	coraçons	troca da terminação ÔES por ONS		corações
	20:10:06	emcruhey	uso do H inadequado		encruei
	20:10:06	empetos	troca da vogal I por E		ímpetos
	20:10:07	salvareimos	inclusão da vogal I		salvaremos
	20:10:07	hõrra	Troca da letra õ pela vogal O		honra
	20:10:08	perdereimos	inclusão da vogal I		perderemos

Documento 20	20:10:08	avantajouzos	juntura do artigo com o nome		a vantajosos
	20:10:09	ceos!	troca da vogal U por O		ceus
	20:10:09	promitaes	troca da vogal I por E		prometais
	20:10:10	apuderem	troca da vogal O por U		apoderem
	20:10:10	veis	uso da vogal I inadequadamente e troca da letra Z por S		vez
	20:10:10	disgrassados	troca da vogal E por I e Ç por SS		desgraçados
	20:10:11	lastimozas	troca da letra S por Z		lastimosas
	20:10:11	afliçons	troca da terminação ÔES por ONS		aflições
	20:10:11	fragelhos	troca da letra L por R		flagelos
	20:11:12	cimivivo	processo de juntura, troca da vogal E por I		se me vivo
	20:11:12	familhas,	troca da letra L pelo dígrafo LH		famílias
	20:11:13	pinhoures	troca da letra E por I		penhores
	20:11:13	onrras	falta da letra H e duplicação do R		honras
	20:11:14	deleixo	falta da letra S		desleixo
	20:11:14	deixêmos	uso do acento circunflexo		deixemos
	20:11:17	servisso	troca da letra Ç por SS		serviço
	20:11:17	açons	troca da terminação ÔES por ONS		ações
	20:11:18	escriptos	uso da letra P muda		escritos

ARQUIVO 7					
	doc/pag/lin	**vocábulo**	**problema/ diferenças gráficas**	**recorrência/ documento/linha**	**grafia atual**
Documento 21	21:11:01	partecipou	troca da vogal I por E		participou
	21:11:01	commissario	duplicação da letra M		comissário
	21:11:02	paizanos	troca da letra S por Z		paisanos
	21:11:03	villa,	duplicação da letra L		vila
	21:11:04	tençoens	uso inadequada da letra N e falta de til		tenções
	21:11:07	circumstancias,	troca da letra N por M e falta do acento circunflexo.		circunstância
	21:11:08	esperão	troca da terminação do verbo AM por ÃO		esperam
	21:11:09	preça	troca da letra SS por Ç		pressa
Documento 22	22:11:01	Forão	troca da terminação do verbo AM por ÃO		foram
	22:11:04	sufficientes	duplicação da letra F		suficientes
	22:11:04	debellarem	duplicação da letra L		debelerem
	22:11:06	anniquilada	duplicação da letra N		aniquilada
	22:11:07	attingida	duplicação da letra T		atingida
	22:11:01	ella	duplicação da letra L		ela
Documento 23	23:12:01	cheffes	duplicação da letra f		chefes
	23:12:02	quaes	troca da letra vogal I por E		quais
	23:12:03	legalidad	falta da vogal E		legalidade
	23:12:04	prezos	troca da letra S por Z		presos
	23:12:05	cartuxos	troca da letra CH por X		cartuchos

Documento 23	23:12:05	fes	troca da letra S por Z		fez
	23:12:06	aprezentarem.	troca da letra S por Z		apresentarem
	23:12:07	Amanhãa	uso da vogal inadequada		amanhã
	23:12:08	commigo	duplicação da letra M		comigo
	23:12:09	informão	troca da terminação do verbo AM por ÃO		informam
	23:12:014	Acammpamento	duplicação da letra M		acampamento
Documento 24	24:12:01	pella	duplicação da letra L		pela
	24:12:02	debaxo	falta da vogal I		debaixo
	24:12:03	comtar	troca da letra N por M		contar
	24:12:04	emterrado	troca da letra N por M		enterrado
	24:12:04	predão	troca da terminação do verbo AM por ÃO		predam
	24:12:05	sartificar	troca da letra C por S		certificar
	24:12:06	briio	troca do digráfo LH por I		brilho
	24:12:07	aretireime	juntura da vogal A com o verbo retirar e o prono obliquo me		retirar-me
	24:12:07	torpa	transposição de letra- metatése		tropa
	24:12:08	vistto	duplicação da letra T		visto
	24;12:08	aprezentra	troca da letra S por Z e trnasposição de letra - metátese		apresentar
	24:12:09	axome	juntura da vogal A com o verbo chamar e o pron, me		chamo-me
	24:12:09	sinco	troca da letra C por S		cinco
	24:12:09	moniçiadas	troca da vogal U por O e uso da cidilha		municiadas
	24:12:09	cabeiça	uso da vogal inadequada I e uso da cedilha		cabeça
	24:12:09	cabocolos	uso da sílaba Co inadequadamente		caboclo
	24:12:09	tombemsam	juntura das palavras também e são		também são
	24:12:09	magistade.	troca da vogal E por I		magestade
Documento 25	25:13:01	dous	troca da letra I por U		dois
	25:13:01	havião	troca da terminação do verbo AM por ÃO		haviam
	25:13:02	nopticia	uso da letra muda P		notícia
	25:13:04	rezultado	troca da letra S por Z		resultado
	25:13:06	sincoenta	troca da letra C por S		cinquenta
	25:13:07	sentros	troca da consoante C por S		centros
	25:13:12	Coomandante	duplicação da vogal O		comandante
Documento 26	26:13:01	condemnado	uso iandequado da letra M		condenado
	26:13:03	Magestade	troca da letra J por G		majestade
	26:13:04	Jury	troca da letra I por Y		Juri
	26:13:06	reo	troca da vogal U por O e falta do acento agudo		réu
	26:13:07	aquelle	duplicação da aletra L		aquele
	26:13:09	taes	troca da vogal I por E		tais
Doc.27	27:14:04	athe	uso da letra H inadecada		até
	27:14:06	desser	torca do dígrafo SC por SS		descer
	27:14:06	exzecuta-las	uso da letra Z		executá-las

Documento 27	27:14:07	tãobem	juntura da palavra tão e bem		t]ao bem
	27:14:09	jente	troca da letra G por J		gente
	27:14:09	monição	troca da letra U por O		munição
	27;14:10	cominicar	troca da letra U por I		comunicar
	27:14:12	percizão	transposição de letra- metatése		precisão
	27:14:13	suceços.	troca do dígrafo SS por Ç		sucesso
Documento 28	28:14:04	authoridades	uso das letrasTH em vez de TO		autoridade
	28:14:05	suffocar	duplicação da letra F		sufocar
	28:14:08	immediatas	duplicação da letra M		imediatas
	28:14:10	direcção	uso da letra C muda	29:15:03	direção
	28:14:12	desembro	troca da letra Z por S		dezembro
Documento 29	29:15:06	Piauhy	uso da letra H muda e troca do I por Y		piaui
	29:15:08	Milhomem	juntura e plural incorreto		mil homens
	29:15:09	debellados	duplicação da letra L		debelados
	29:15:09	quaesquer	troca da vogal I por E		quaisquer
	29:15:10	legaes	troca da vogal I por E		legais
Documento 30	30:15:01	extraordínarias	troca do acento tònico		extraordinárias
	30:15:02	prompto	us da letra P muda		pronto
	30:15:03	dettermina	duplicação da letra T		determina
	30:15:05	victima	uso da letra Cmuda		vitima
	30:15:06	facciozos	troca da letra S por Z		facciosos
	30:15:07	forçozo	troca da letra S por Z		forçoso
	30:15:07	conhoneiras	troca da vogal A por O		canhoneiras

APÊNDICE C - TABELA DOS ENCONTROS CONSONANTAIS (HARPAS DE OURO)

TABELA DE ENCONTROS CONSONATAIS - ARQUIVO 1		
DÍGRAFOS	*CONSOANTE MUDA*	*CONSOANTE DUPLICADA*
ss rr sc lh nh qu gu ph	retractar	suggestão
n'esse	Dictando	intelligencia
novissimo	somno	ella
promissão	outomno	bella
terra-amar	Dahlia	Scintilla
resurreição	annelão	Janella
d'assucar,	dilectas	Constellemos
ressomnar	Redemptora	cavallo
Zelassem	luctas	alliança
A' posse	reflectida	estrellas
apparecesse	Hebhe	elles
terrivel	septima	aquelles
terreo	Promptinha	illumina
belissima	augmentam	Isabell
adevinha	omnipotencia	Delle
extranho	fructo	Hellena
manhan	Selectas	donzella
Promptinha	electrica	bell
manhans	insecto	cabellos
Accompanhei-te	victoria	alli
ponctinha	ponctinha	illuminava
manhans	reflectir	Isabell
Isabellzinha	Septembro	d'alliança
Extranha	projectis	bella
Marianninhas	Fluctua	strellejas
scentelhas	luctar	alliança
Photographaram – lhe	Víctimas	ella
Marselheza	fructinal	a intelligencia
Distribui-lhes	selecta	d'ella
òlha	redemptoras	Bella
scintilla	dilectas	Pallor
terreo	baccho	hellespontina,
sciencias	reflectida	constellações
Resplendesceu	septima	Bellona
scismar	fructo	Isabellzinha
proscripto		crystallina
d'escravos		belleza
scismares		elle

DÍGRAFOS	*CONSOANTE MUDA*	*CONSOANTE DUPLICADA*
scintilladora		bella
quiz		Castello
quao		Isabell,
quaes		Della
Marquezes		stellares
quasi		estrellas
aquelles		d'ella
aquem		Ella
Aguia		D'ella
alguem		cabellos
S'erguem		D'estrellas
Proseguem		scintilladora
ninguem		Annos
guanahani		annelão
photographaram – lhe		annunciava
phenix		cannas
metamorphose		annel
Aphrodita		Recennada
phrygie		Marianninhas
telegrapho		afflicto
phosphor'		affeição
phosphoro		Teneriffe
triumphal.		repartte
Metamorphoseados		attenta
triumphaes		permittiu
phlegros		gotta
triumphante		Baccho
tropheos		Bocca
enchordoou		accende
chamma		occaso
belissima		Accompanhei-te
		saccharina
		apparencia
		Appolo
		Desapparecer
		apparecesse
		chamma
		flamma
		Hellena
		cattete
		immortal
		immensa

TABELA DE ENCONTROS CONSONATAIS - ARQUIVO 2			
DÍGRAFOS	*CONSOANTE MUDA*	*CONSOANTE DUPLICADA*	
manhans	character	annos	recennada
gerichos	electrica	cabellos	crystallina
accompanhei-te	insecto	accompanhei-te	ella
character	ponctinha	mamman	Bellona
terrivel	reflectir	alli	attenta
phosphoro	septembro	illuminava	annel
resplendesceu	direcção	anagramma	affeição
triumphal.	projectis	mammau	pallor
d'assucar,	fluctua	flamma	immola
ressomar	luctar	d'alliança	apparecesse
Zelassem	victimas	bella	
posse		summo	
Anarchicos		strellejas	
enchordoar		constellações	
sepulchro		immenso	
apparecesse		Isabellzinha	
		intelligencia	
		saccharina	

TABELA DE ENCONTROS CONSONATAIS - ARQUIVO 3		
DÍGRAFOS	*CONSOANTE MUDA*	*CONSOANTE DUPLICADA*
triumphaes	proscripto	belleza
marselheza	fructinal	bella
extranha	fructo	castello
phegros	redemptoras	Marianninhas
n'esse	tectos	hommem
Marianninhas	insecto	Isabell
manhans	junctinha	della
scimares	sancta	stellares
triumphante	nectar	annel
tropheos		estrellas
terra-amar		teneriffe
novissimo		ella
scintilladora		cabellos
doidissima		scintilladora
disciplina		effigie
christã		commendador
D'espelho		
aphacelado		
chaotico		
tropheos		
esquincha		

TABELA DE ENCONTROS CONSONATAIS - ARQUIVO 4		
DÍGRAFOS	*CONSOANTE MUDA*	*CONSOANTE DUPLICADA*
Odysseus	fructinal	annel
esse	selecta	brocca
possa	insecto	teneriffe
novissimo	brocca	effigie
assim	necta	maggor
nossos	proscripto	belleza
sorrindo	redemptoras	elle
serra	hymnos	bella
irradiante	hommem	castello
morrer	mammam	Isabell
terror	annel	estrellares
afilhado	ennegreceram	hommem
olhar		chamma
vermelha		commendados
colhi		Marianninha
montanha		ennegreceram
junctinha		gotta.
minha		
vinho		
ninhobuscar		
proscriptos		
escravos		
scismares		
descobrimento		
triumphaes		
phlegos		
triumphante		
prometheus		
theresopolis		
telepatha		
thesoiros		

APÊNDICE D - TABELA DAS SÍLABAS (HARPAS DE OURO)

TABELA DE SÍLABAS											
ESTROF/ PAG	***V***	***VC***	***VVC***	***CV***	***CCV***	***CVC***	***VCCV***	***CVVC***	***CCVC***	***CVV***	***CCVCC***
1:313	o	os		da	Vibrando	virginal				soidão	
2:313					PR'A			Quiz	s'encontrar		
3:313					Preço		adeus			D' Heleura	
3:313					livre					solidão	
4:313					intelligencia				flor		transpor.
5:313					phenix			ceos	retractar		
5:313									Annos		
6:313			oiro								
9:315										Aguia	

APÊNDICE E - TABELA DO ENCONTROS CONSONANTAIS (BALAIADA)

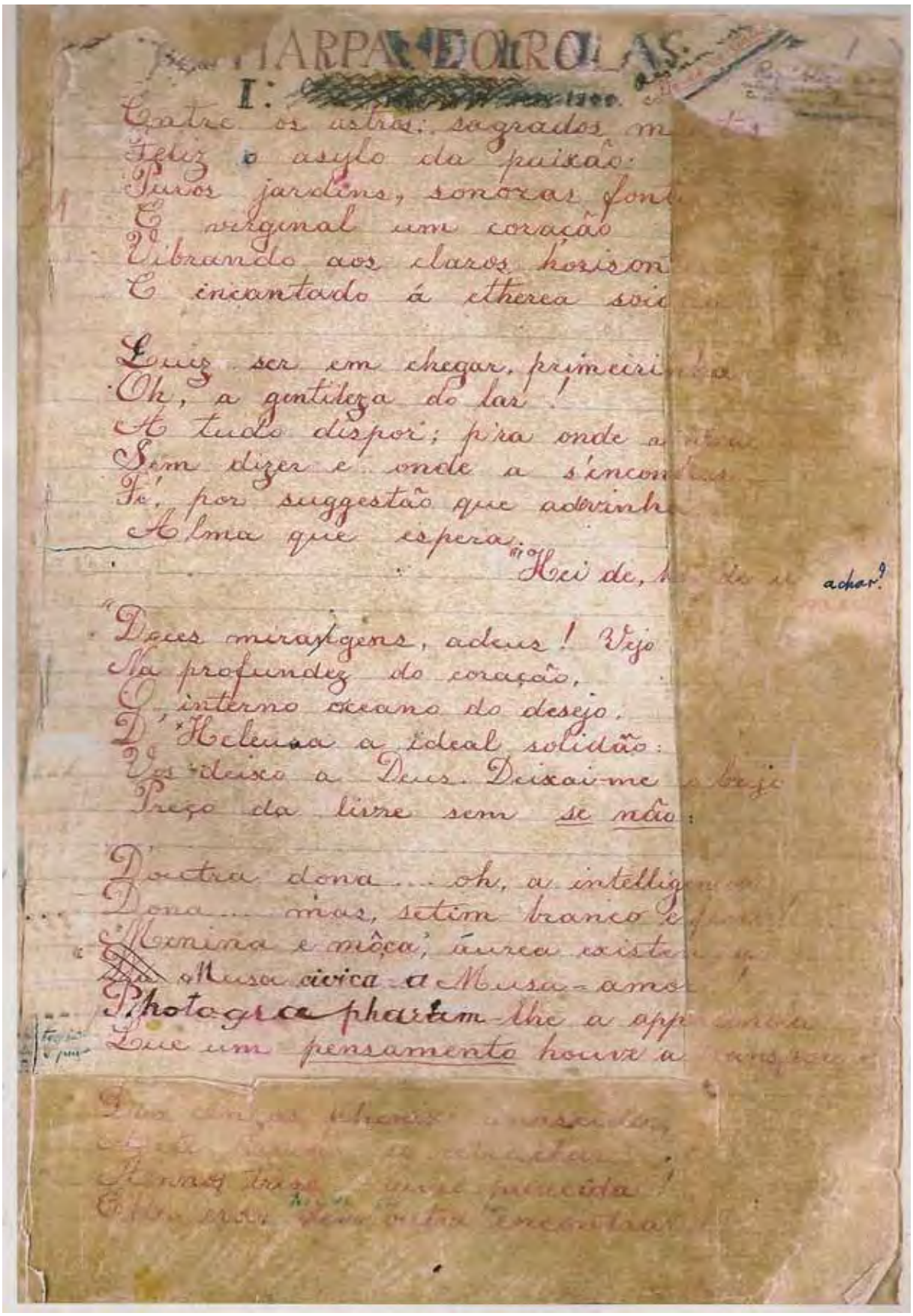
TABELA DOS DIGRÁFOS									
SS	SC	RR	NH	LH	CH	PH	TH	QU	GU
Regresso	desculpa	serra	senhor	milhores	acho		Thomas	joaquim	seguinte
posso	sciencia	corrente	tenho	velhos	achavão		Mathias	comuniquei	segundo
necessidade	risco	socorro	Maranhão	conselho	*marcharei*		authoridade	requisitei	portguês
passe	buscar	correios	vinho	similhante	chefe		catholica	que	guarde
emissor	escravo	garrafa	farinha	melho	rocha		Nazareth	porque	sangue
essa	arriscar	emterrados	minha	julho	chegou		athe	quando	Iguará

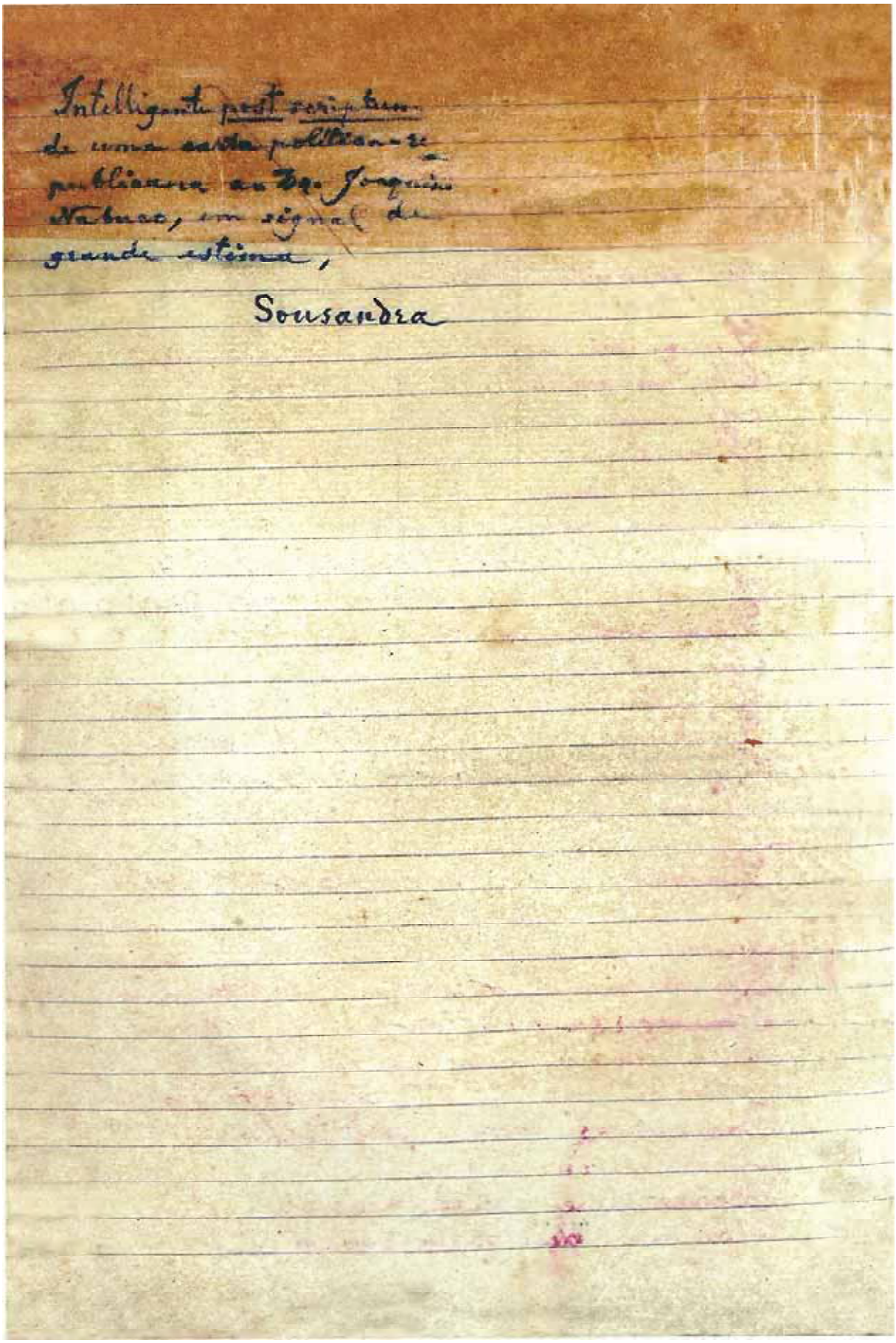
APÊNDICE F - COLETA DE DADOS DE LETRAS REPETIDAS (BALAIADA)

Coleta das letras repetidas nos documentos da "Guerra da Balaiada"

LL	TT	SS
Illustrissimo	demettido	Illustrissimo
Illm	vistto	Regresso
Daquella	ditto	posso
pellas	dimittido	necessidade
Mello	dettermina	passe
Elle		emissor
Imfellismente	**CC**	essa
Elleger	Faccioso	possivelmente
Elleição	facciozos	Assembleia
Gromoelli;		
Aquellas		**MM**
Salla		Commissario
Delles	**FF**	Commanante
Helles	Officiais	Commandadas
Bellos	Officio	Commigo
Cautella	cheffes	Commissão
Callor	officiaes	Communiquei
Cavallo	sufficientes	
Elles	suffocar	
Pellos		**NN**
Collige	**OO**	Annos
Debellarem	Coomandante	Anniquilada
Ella		Tronno
Pella		
Villa		

ANEXO A - CÓPIA FAC-SIMILADA DOS MANUSCRITOS DAS ESTROFES





Intelligente post scriptum
de uma carta publicada e
publicanda ao Sr. Joaquim
Nabuco, em signal de
grande estima,

Sousandra

5 Helê que dos ceos é descida.
Ceos! a borboleta solar!

6 "A metamorphose sagrada
De joven patria e o cidadão
Oiro de lei, Virginia honrada
Por todo o nobre coração:
Dictando diga: eu sou a amada.
A amante Luz, o Amor e o Pão."

7 Mundo-novo riso açucenas,
(O riso-ceos!) vejo-a na luz
Musa armada, Minerva-Athenas
Fôrça e firmamentos azues
Qual brilha por noites serenas
Pentastral symbolo da Cruz.

8 Helvecia áurea, tiras-me o somno!
Sigo — ao genio patrio do amor,
~~Lue e dos taureos~~ Fructidores dias, de outomno,
Melhor do que os tempos da flor
Lyras perdidas do abandono,
Harpa ha virgem-oiro o cantor

9 Subir montes! voar! voar! azas
Do ar! das nuvens! do aereo tufão!
Arde o peito rubidas brasas
Aquem vai da gloria á soidão:
Aguia, que ao sol resoando passas
Leva-me á nova habitação."

10 Florido carro desce e rindo
Dahlia branca: "aos astros subir!"

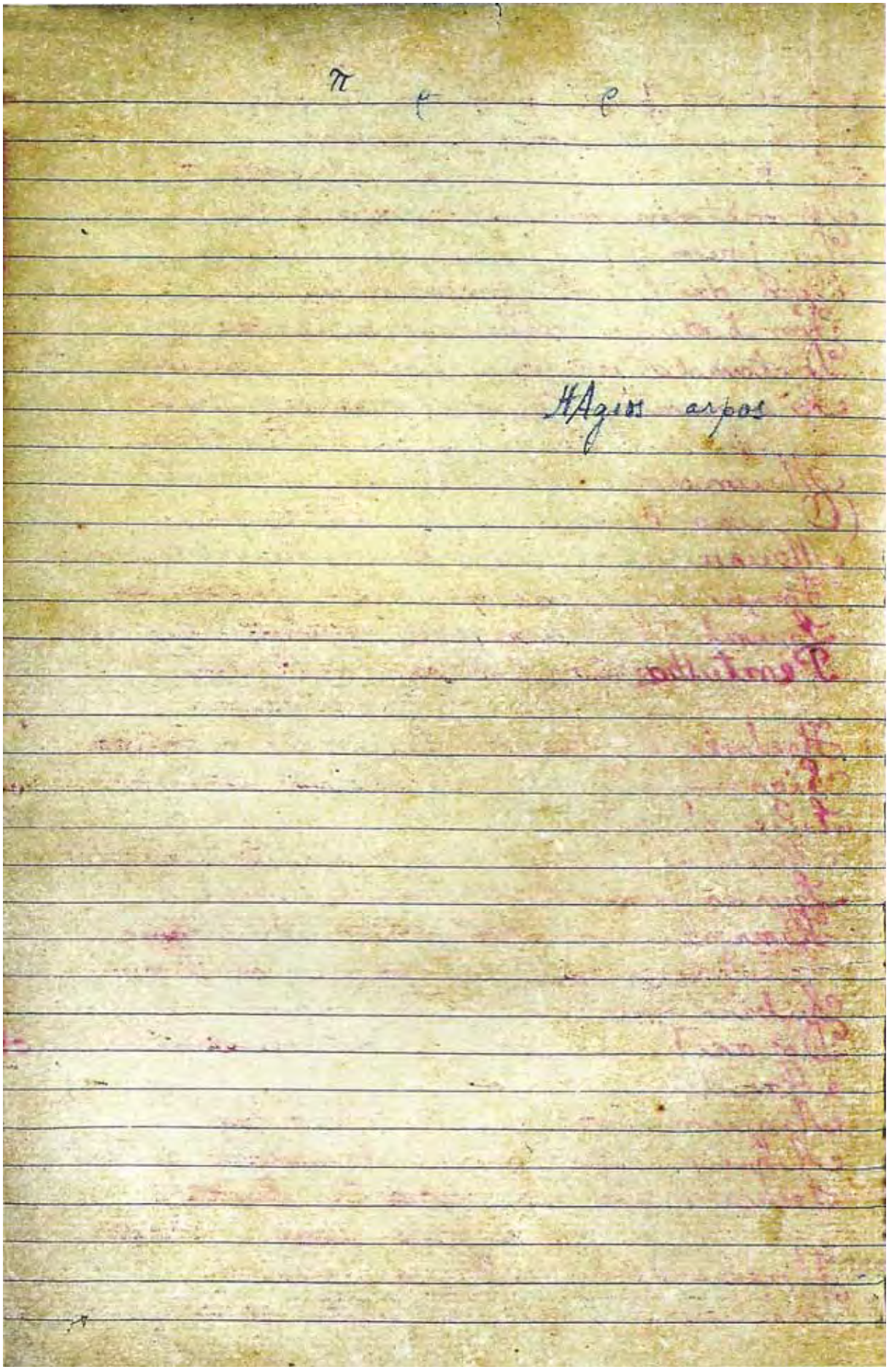
Ave de Jove, ao novo Pindo
Adeja e descobre o porvir!
Sinto o coração livre-abrindo
Corcel do ar livre, aos ceos! ferir!

11 "Vôa! vôa! da grande lyra
Como o "si" vibrado estalou-
Mais veloz! hei fome! e delira
Após notas..... Deus consagrou-
Cia! Cia! Cia! o peito respira,
O aguia celeste!.....
Chegou.

12 "Sou o Sol, tenho altos planetas
Aos quaes dou luz, mando gyrar
No annelão-zodiaco violetas
Aphrodita ou Terra-lunar,
Zeus-trovador: busco as dilectas
Do coração.—Mandam entrar

13 "Sou Órion! em meu talabarte
Brilham, amor, amor, amor,
Theologaes—o Dentista-Martyr;
Floriano: a Redemptora flor—
Bethlehem do pão, meiga repar
Raçoes de gloria ao vencedor.

15 16 Abre Beatriz: Isabelzinha
Aprende ao piano e encanta o lar
"Sou Fé, que aos combates caminha;
Esp'rança, que aos ceos vinha chegar
Social-ideal-Hondoro o olhar
Charidade, que é justa linha


π
Ἅγιος ἄρτος

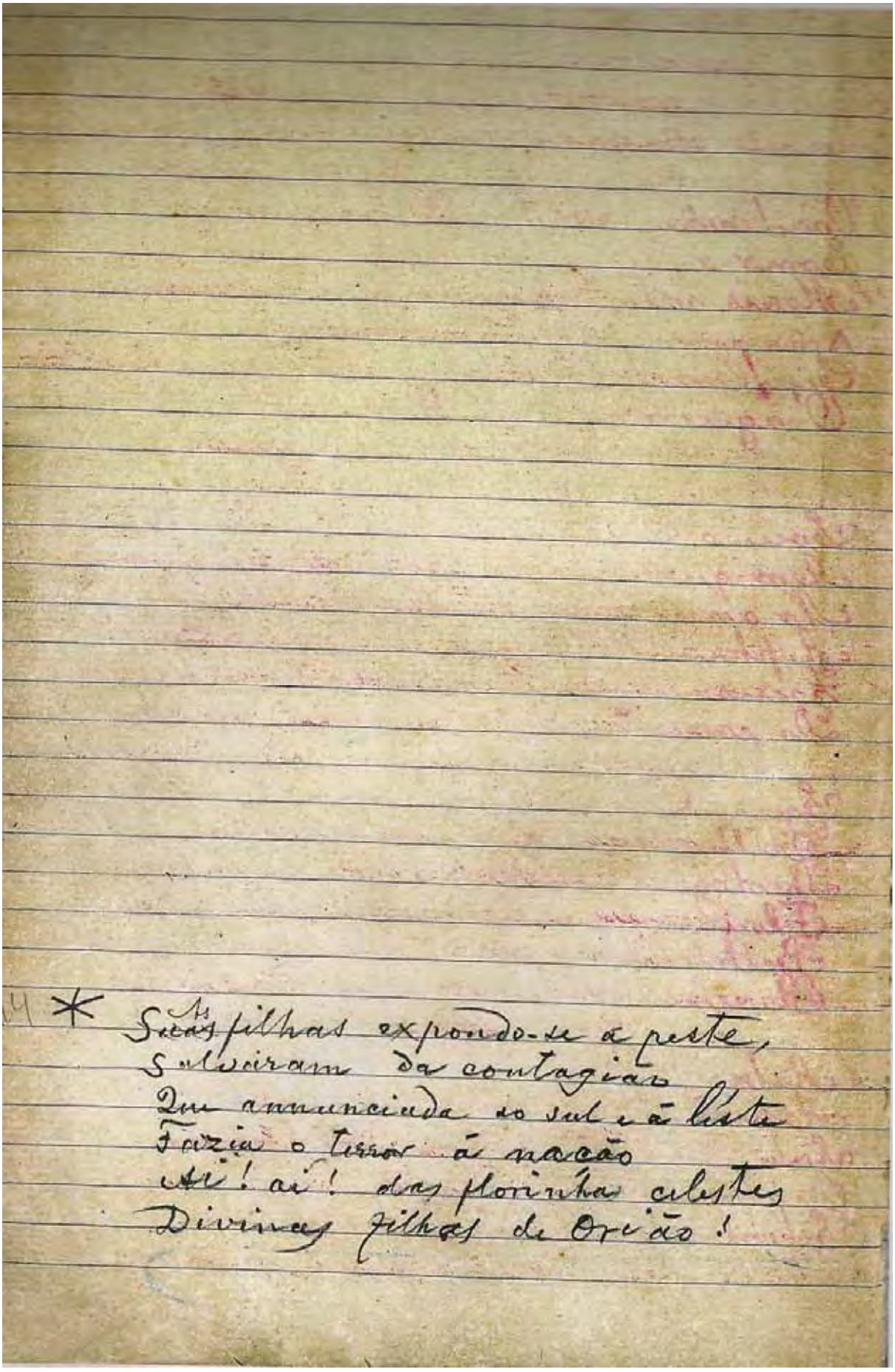
Aos de Jove, ao novo Pindo
Adeja e descobre o porvir!
Sinto o coração livre-abrindo
Corcel do ar livre, aos ceos! ferir!

"Vôa! vôa! da grande lyra
Como o "si" vibrado estalou-
Mais veloz! hei fome! e delira
Após annos.... Deus consagrou-
Cia! Cia! Cia! o peito respira,
O aguia celeste!....
Chegou.

"Sou o Sol, tenho altos planetas
Aos quaes dou luz, mando gyrar
No annelão-zodiaco violetas
Aphrodita ou Terra-lunar,
Zeus-trovador: busco as dilectas
Do coração.—Mandam entrar

"Sou Órion! em meu talabarte
Brilham, amor, amor, amor,
Theologaes—o Dentista-Martyr;
Floriano: ea Redemptora flor—
Bethlehem do pão, meiga repar
Rações de gloria ao vencedor.

"Abre Beatriz: "Isabelzinha
Aprende ao piano e encanta o lar
"Sou Fé, que aos combates caminha;
Esp'rança, que aos ceos ~~vinha~~ chegar
Social-ideal-Hondoro o olhar
Charidade, que é justa linha



* As Suas filhas expondo-se a peste,
Salvaram da contagião
Que annunciada ao sul e á léste
Fazia o terror á nação
Ai! ai! das florinhas celestes
Divinas filhas de Orião!

4

"D'alto Sol Zenith e tamanhos
Co'os rouxinoes negros da luz
Ante auroras, fixo, ermo, extranho,
Que ao mundo aclara e a vida induz:
Diz, + familia, mesa, ôndeo banho
E a gloria, vês? — A bella cruz"

.....

Baccho, ha Meninos-de-oiro inda? ainda
Marqueses de Itamaraty?
Sei flor em botão que é mais linda,
Sempre-menor publica: ahi
(Não aos de Pan flauteios) vinda
Nas luzes de Apollo — phrygio

Riso Deus, que é qual da lyra
Chorda que, ao estalar, lampejou:
Se Ouvidor brasilio a partira,
Sorrisos raios França inchadoou;
Só o riso lhe é prémio: delira
Por ella um ... qual no Ota abrasou —

Que tambem de cinzas jovito
Renato, á phrygie diz: sou Deus,
Tu es meu riso; o peito afflicto
Buscou-te em vão terra, em vão ceos,
N'alma sondando e no Infinito,
Até que t'encontrou. E os teus ?

"Home". Oh! pura democracia
Casa do pão, risôa Bethlehem
Onde o viajor ha, findo o dia,
Luz e descanso! A penedia
Toda resoa a harpas que vem,

Scintilla a luz que o rir te tem.

21 21 – Teu nome? – Escreve-o; rasga-o; e logo
Janella à fóra. Vou o salvar:
(Ligava amor) luctas de fogo:
Ergo-o do chão; ganho Aurea ao jôgo,
E o rôto nome eu quero honrar,
De tua homonyma sem lar.

22 Nem revolução sem calvarios,
Verdes cannas, loucos, dor
Ha, com que nos pagam salarios
Os que mais nos devem amor:
Constellemos, pois, Serpentarios,
Em Firmamento ~~[illegible]~~ incantador:

23 Na amendoeira reflectida;
Teu nome eu grabo; o ergui do chão:
O áureo estylete ahi tens, querida
Lembrança; guarda-o; e por tua vida
Graves meu nome: es o meu pão —
Oh, quão faminto o coração!

24 O pão d'alma e luz, do banquete
Montevideano, em que faz
Brinde d'honra a cisplatinete
Irmã mais velha, á doce paz
De Buenos-Ayres e o Cattete,
E o ándeo lar. Sonhar Bogotás

25 25 – Patrias regiões de formosura,
De tão longe olhando Moysés —
Terras promissão e ventura:

Terra nunca entrada, como és
D'incantadora sepultura
Donde á eternidade, alvos pés

Firmes, levanta-se o colosso
Immortal de gloria sem fim!
Terras do Guesa e o haque — ao dorso
De andeo cavallo, ahenco o selim,
O vulto sublime do corço
Dentro das nuvens de rubim.

Quem não ama curvar-se, ó bella,
Sob o arco d'alliança = amor?
Dentes como as frescas estrellas;
Bocca, o rosal sagrado em flor
E esse do olhar lampear scentelhas
Reverzes, doirado negror.

Oh, presentida do Eden! Quando
Gritaram, O'Deus? onde a ver?
Formas... vêa-as divinisando
Pieridas. Quanto descrer!
Mas, sempre ao coração te olhando —
— Eia! á colheita! e aqui vim ter.

Dos sublimes Orgãos nas serras
(De meus tão cuidada e em logar
Da que hi me deveram) nasceras:
Meu thesoiro eu cria encontrar
(Oh, alma, á vingança quando erras!)
E nunca! — Tão doirado o mar!

Vim, ella "quasi-mudo" e dizendo,

7

Ás novas éras quem nasceu,
Terá onze annos, trese crescendo:
Vejo-a através do peito meu
A construir seu ninho. Ora o tendo,
Ceos! ceos! foi quando o homem descreu

"Onde os rochedos, que chorárvam
Qual depois de morta a mamman?
E as ondas, que livres saltavam
Cheias d'iris, clara a manhan?
As revoluções que bradavam
A derrocada cortezã?

"Fórmas! fórmas d'Hebe juventa
(Desastradas quédas não dê),
~~Leve ao Brazil~~ Tolas, que avelhenta,
Em Brasil, remoce, Mrazê.?
Co'as virginias fórmas sêdentas
D'incanto e de gloria, você!

. . . . . .

Na luz t'embalavas. "É esta?"
Nalma inquiro; e oiço do ar: "Sim!"
Quem responderia? Em tua festa
Não forte, aos brinquedos da sesta
Das sombras, olhando p'ra mim
No teu remoto alto fortim.

E eu a buscar-te!... Liberdade
É cada peito, ao que ha de Deus,
Toda responsabilidade
De gloria e amar. São, em verdade,
O Imperio a arder, os olhos teus—
Que obedeçam elles aos meus!

35 Ja gritos de septima chorda
Nas grandes alturas ouvi
Qual sonora rede nas bordas
Do abysmo: talvez que de ti
Vibrada hora d'alma que acorda —
Oh, fui eu, só eu que o não cri.

36 Indo ainda dos povos á orgia,
E dos cysnes que alvejam!
Transpuz
De novo ás montanhas, que eu vîa
Sempre ao imaginar; e ao que induz
Voltei, a onde a vida existia.
Aos teus puros ceos. Meiga luz

37 De Columbus, pomba dos mares
Em correio, atrevido açor
Das sciencias; que não dos azares
Do desconhecido, ao amor
Tal vim presentindo pomares
Que, existentes, 'speram cultor.

38 Cheguei á dada hora candente —
Quem não chega em fé? qual tambem
Á dada hora estavas contente
Como perguntando "quem vem"?
Promptinha e com faces rubentes
Da que espera incognito alguem.

39 Que estação divina-celeste!
Ver-te, augmentam olhos do Deus
Da humanidade sem a peste
Com que desbarata os atheus

Que vivem-lhe ao seio e Elle os veste....
– Quanto Elle luz nos risos teus!

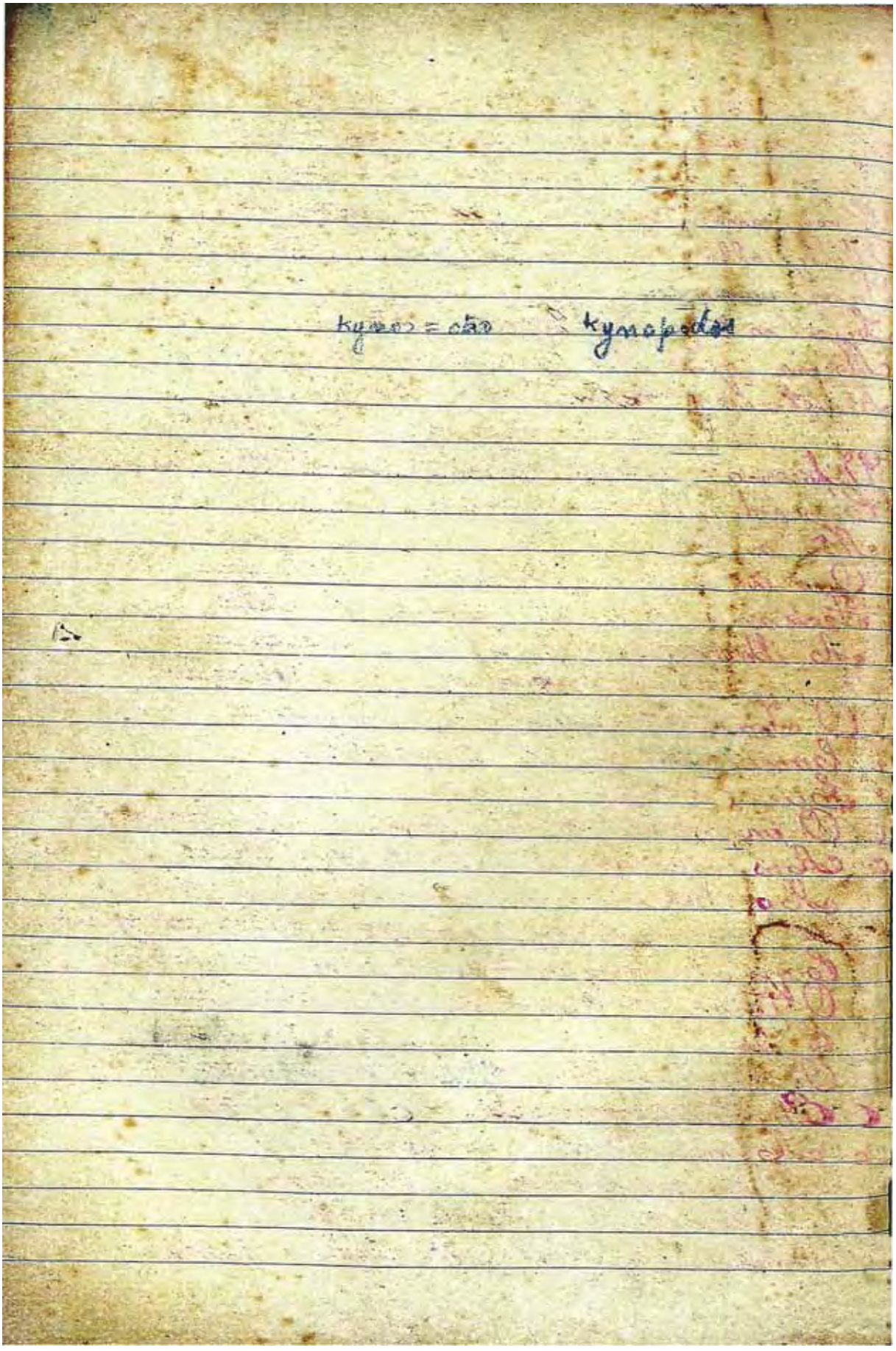
40 40 S'erguem (d'Elle é a omnipotencia
– D'aquelles que amados lhe são);
Proseguem; encontram-se em crença,
Que não do Telegrapho á acção:
Mais que o relampago, existencia
Subtanea, amor ha coração;

41 Vibra-o, ideal formoso — a Chamma!
É o sol que illumina no umbror:
Não a toquem! a ninguem ama!
Que incendeia ignivoma! em flor,
Fechado leque — e o não destrama
A ilha Fiscal, noite-fulgor:

42 O' Isabell, s'enterra o homem
Como o áureo fructo vegetal
Que os tempos maduram: assomem
O encantador e o ente immortal:
Aos Andes tuas azas o tomem,
Ao berço, ao sepulchro natal!

47 43 E qual ao mar volve-se a espuma,
O terreo á terra incorporou
E ás acções vivas uma á uma
O espirito que ahi separou +
E o tempo jamais a consuma,
Alma que ao mundo illuminou.

44 D'elle es a bellissima flamma


κυκλος = cão
κυκλοπεδος

A quem o universo produz
Alimento e que a ninguem ama:
Quem a tòca, morre; è a luz,
Odio das trevas, que derrama
Claridade do alto da Cruz.

cynopida
41 - Não χυνωπιδος Hellena, ella
Que accende guerrear ao furor;
Mas Heleura terra-donzella
Virgem ardente, em puro amor,
Firmes-abertos olhos, a bella,
O sangue novo, o mundo-dor.

. . . . . .

Recordar: phosphor' puro, Heleura
Riscando a alva areia do chão....
Quão doce luz! Cresce; crescera
Na ausencia amor. A maldicção
Queimara queimada figueira.....
Tremeu, por ti, meu coração.

Voltar! não ver-te mais?.. oh, pranto
Que duvidou! + Perdão de Deus!
E de novo aos ceos me alevanto
Kóndor audaz: e eis-me entre os meus,
Eis-me a teu lado, ao teu incanto,
Ao teu brinquedo, aos risos teus!

fines herbs omlette
48 Soidões: lunch, fines herbs omelette,
Selectas (mesma côr) e a entrar,
Dos raios do sol a toilette,
A febre-amarella!.. aclarar!..
Desapparecer!.. mais celeste
Bemvir!.. Truth verdade e parar!

49 E nos brilhantes; de tuas azas
Mais do que as da aguia, eu os degraus
Do amor subo: ou es tu que abrazas
Toda a cidade — igneos saraus
Incendiando, em chammas as casas;
De ti desvio esp'ritos maus.

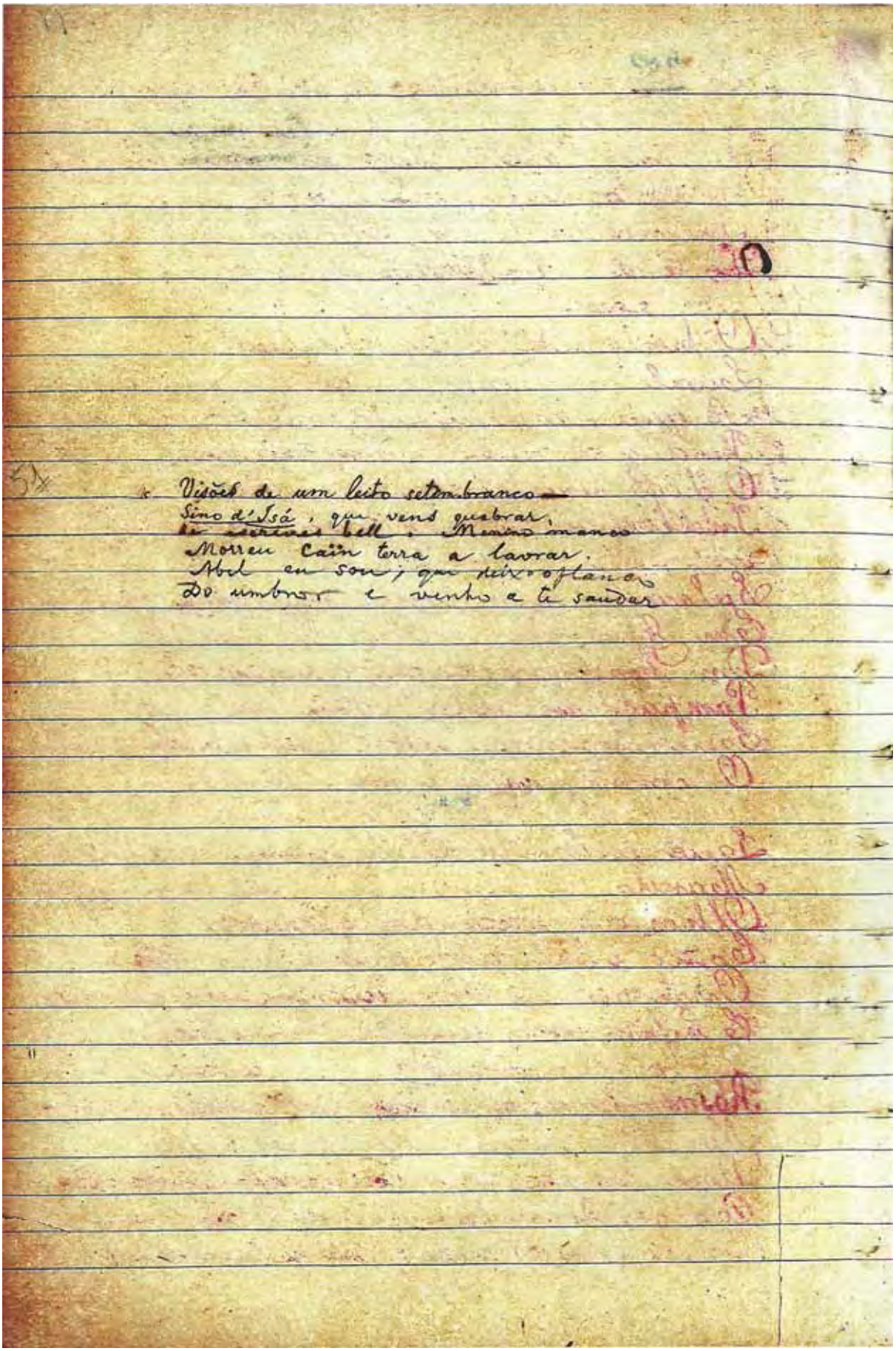
50 O horisonte occaso, diria
Em constante conflagração
A queimar quanto em cada dia
Produz da terra o coração:
O fogo sinistro que ardia
Indicava conspiração.
*

52 Salvam manhans: 'squadra platina
Em Guanabara. A' áurea nação
Dos bons ares, vamos divinas
Pampas! Saudam teu coração,
Que mesmo a esta hora abre a menina
O consagrando a amor. Então,
**

54 Que incantada a vejam, o expande;
Manda a amor que embale-a; após
Olhos arregalando grandes
Como quem diz: olham p'ra nós —
Onze annos tu; eu como os Andes
E o fim do mundo. Gerichos

53 Rosas reverdejam; e heliantho
No sol mirar-se é a mais feliz
Doce união, da calda-incanto
Co'o generoso vin=vieux. Ris?
(O riso-ceos!) pelo teu pranto

51



Visões de um leito setembranco —
Sino d'Isá, que vens quebrar,
de escrevês bell. Menino manco
Morreu Caïn terra a lavrar.
Abel eu sou; que deixo o flanco
Do umbror e venho a te saudar

12

Dei toda sorte minha. Eu quiz
Ser teu Great-Dog: e tu meu ~~oh! bello~~ Sirio!
Oh, borboleta-gyrasol!
Genio-amor! oh, luz-delirio!
Oh, tanta luz! tanto arrebol
(O riso-~~ceos~~!) e o lume e o lirio
De teus cabellos de chrysol!

Accompanhei-te solitario
E sem ser visto, a ser ~~teu~~ juiz
Do teu bom character, sacrario
Que estudo (mamman creu e diz):
Ladylike; e do relicario
Do sentimento, um Deus feliz.

Ora, sempre-sempre invisivel,
Antes de voltares, voltei:
Sob a lustrosa arvor' sensivel
Na qual o nome teu gravei,
E mudo e tragico e terrivel
E t'esperando alli fiquei.

A ultima rosa desfolhara
Do ar sobre mim; e eu via então
No tronco o nome illuminara
E a imagem tua era a visão.
No anagramma Dog, God estava
Do amor em que ha nenhum se não.

Caiu borrasca; e eu firme. Emquando
Chegaste, á noite e que eu te ouvi;
Tua voz cantava e transformando

13

(Todos olhando) os ceos de ti
Luz doce-electrica irradiando
E que ao mundo negas por-me.

60 61 Dizem: Namôro escandaloso...
Elle vous fait la court... Senza...
Awful!... "Se a proteger eu ouso";
Responde, "o horario indicará,
Não nos que arranham a hora do esposo
Amor, que me devorará."

61 Esposo ideal Tantalo, Tantalo-
O Isabell, á luz! á luz!
Homem eu sou, quero-te o escandalo
E porque á morte contrapuz,
Beber-te flamma, insecto vandalo
De amar amar, o amor da Cruz!

62 A eterna luz que faz cegueira
E trevas faz do bem e o mal,
Our first shining riscando a terra
Doirado phosphoro edenal-
Quão doce luz! quão verdadeira!
Quão incantada virginal!

63 63 Na tua mesa o amor perfeito,
Prato brilhante, o' Isabell,
Quando almoçamos, do teu peito
Creio nutrir-me o pão de mel,
E ao fino serviço do eleito
Os viros d'alliança nozel.

14

14 Altos degraus da gloria — a gloria
Co'a genial ira tua além
Cercar-me a fronte, da victoria
Que na bella alma se contém
Incantadora intransitoria
Como a verdade, o summo bem.
. . . . . .
Do raio X na luz sagrada,
Vosador dos ares através
Navegamos co'a doce amada
Ao pólo ermo! á esperança! Tu es
De gloria a incognita gelada
Que move á terra. Firmes pès,

Polaris cyclista, da rosa
Dem volta — brilhas qual manhan!
Beijo a cabeça gloriosa ××× :
Oh! 'strellejas! feres! "Mamman
Só' a brija!" Tal corajosa
Treme abalada agulha-iman.

Resplendesceu todo o universo:
Gritava — Gordon, ring the bell!
Vi no meu dedo este áureo verso
França — alliança wedding annel;
Vi no teu braço elo tão terso —
Quem fez tudo isto? Oh, Isabel!

68 Nem tu nem eu! Ha, ha ponctinhos
Que ignoramos, na aura de Deus:
A sorte grande deu-te minha;
Deu-te a bandeira com que os meus
Guiava eu triumphal + Noivinha

8) + Musa, durmo aos sonhares teus.

7) 7 sgl. 69 "Acordar! não entristeças
Ao esplendor de tanta luz!
Sou o ideal em que pensas".
-Oiço Isabell ou Jesus?...

7) "Acordar! floram Desertos!
De Washington, Bolívar, Tell,
De O'Higgins os teus exercitos!"
-Jesus! é a voz d'Isabell!..

. . . . . .

8) Aguia sublime ao Corcovado
Nuvens d'envolta sobe além:
Da natureza o immenso quadro
Vê como ondula, amplo vaivem
Da luz, ao mar. Sinto levado
O coração no aereo trem.

Qual um revolver fumegante
O Pão-d'assucar, ao fulgor
Da calma ha raios, em diamante
Esfulge. Truth! á luz do amor
Vinda ella, desenha, ermo Atlante,
Ceos, nuvens, rochedos-negros:

7 72 E a tela 'oceanea azul=sedosa
E esta montanha a reflectir
A luz do ar puro e a luz das rosas
E a luz da tua alma e do teu vir
Qual mundos novos - es gloriosa
O Amor, a Calma, o Deus porvir!

. . . . . .

77 — Rigoleto?.. oh, libertinagens!..
Oiço, homem vão, femme varie...
Perfidos sons, oasis=miragens,
Trefegos voejos=colibris.
Do lumefatuo apago imagens;
Do amor sagrado amo-a e vivi.

Oh viverei eternamente!.....
Aos livres fôrça e luz eu dou;
Se um muro existe que somente
Separa... nunca separou
Quando, a fusão d'almas candentes
Os peitos, Deus=Uno julgou.
.....
Eis de Septembro a intelligencia;
Ou d'Yporanga a onda crystal
Onde bebeu a Independencia
Ou do chileno kóndor andeal
Que á esta nova éra abre existencia,
Fulgôres toda a ilha Fiscal.

No aureo sarau da propaganda
Da paz, ganhei tua livre mão
Que ora tão doce amostra a amanda
Incantadora direcção
Do teu leito, co'o rir da que anda
Nesse dever que é da affeição:

77 Que a tossezinha e os risos todos
Divinos oiça a me afagar
E em pensamento eu veja os modos
E possa ouvir o resomnar
Puro da noite e esses denodos

Dos virgens sonhos 'stando a amar.

11 Minha cabeça adormecida
Tão perto a d'ella estou feliz,
Perto da noiva presentida
Desde o seu berço: e o Deus o quiz
Pelassem-lhe irmãos meus a vida:
Historia que mammam lhe diz.

Novo Eden cantei antes crendo
A musa advir, a livre ideal:
Poisaram formas, se rendendo,
E eras a creação genial
Longinquo sol claro esplendendo—
Vida da borboleta moral

Á posse! eu armado das dôres,
Que são tambem armas dos teus:
E nos encontramos nas flôres—
"Que vista linda! oh, mammam Deus!"
—Vão projectis dos contendores
Contas! pedir aos tredos seus.
.....

Que madrugada! voava aos ares
Uma alva luz, luz alva-azul
(Da flor de Féeny aos alamares)
De Féeny e Célia, a quem do sul
Despertaras bôa. que os Lares
Aos teus clamavam..... de Stambul.

22 Quão limpidas ondas banharam
Aos pães em sonoras manhans!
—Ceres, ... yeios que a agua turvaram,

Metamorphoseados em rans,
Aos descambriamentos cantaram
Anarchicos seus rataplans.

83 Jáckie partindo: o derradeiro
Dia brincam; então eu vou
Vel-os brincar — que infantil cheiro
D'hear my 'vossbefore I go
Em qual dilemma aventureiro
D'es e não es, sou e não sou!

(Que nunca, nunca eu dizer possa,
Ou m'estalara o coração:
Bella sublime a crescer môça,
Luz d'esta patria em remissão,
D'estas montanhas rósea corça,
O amor a quer do Cidadão) —

Brincar navio! É marinheiro
Jáckie; Isabell é capitão.
Naufragio!.. gritou timoneiro.
Dem salvavidas!... Salvação.
Fluctua, sobre o mar fragueiro
Formando em flor, um coração.

86 N'aerea barca 'hellespontina,
Lobo do mar, salvia: ri!
Quão divinal! quão saccharina!
A linda joya!.. "Can not see".
Beijo-lhe as tranças; na infantina
Bocca ha segredos de rubi.

Porém, nas praias do aureo pôrto

Mordeu essa áncora fatal
De "home" espirança, "home" confôrto
Que afouto amor eleva ideal:
Que nem mais brinca; e ha do Deus morto
A gloria, ao seculo advir al.

12 E do navio no anagramma
Có'a noiva estou vêndo navios:
E porque o mundo se destrama
Por estes januarios rios,
Amando como quem mais ama,
E vindo hinverno e estando estios.

Na jacarándea árvor de vida
Trepa; eu desenho o resplendor
D'sifezita Syke-Hamadryada *.
Que atira flôres no pintor:
- Vem ver o fiel quadro, querida -
"Nonsenses.. fruit I give you for"...

. . . . . .

Ao serão, que selvagerias!
Da Harpa doirada, oh! que enchordoar
"I hate you!,, não vîas, não vîas
O immigo! e luctar! e luctar!
"Que a um republicano te havias,
Horrores! e vais-me deixar!"

21 - Hora - Hora - eis-me sol todo fáculas
Que tu es, tu es - oh, o splendido sol!
Se es as manchas bellas immáculas
Víctimas, como um gyrasol -
Recomeçam brigas tentaculas.
Que noivado! que home inter wall!

20

92 Não foi minha culpa, na lucta
Tocar da roseira os botões—
Que lindas coisas que ha! tão bruta!
Oh! do Altar nas constellações
Então doce ajoelhar!.. oh! escuta!
Pedra d'ara a arder..... Sagrações,

Do sangue que hi sacrificaste
Do coração do amado teu,
Saudades tuas: tu ficaste
Gloriosa—a luz de Prometheus
Genuina dos ceos da tua haste
Que ao deserto resplandeceu

Incendio. Da cinza alvacenta,
Heartease aos instantes surgia:
E internou-se, d'alma sêdenta
Noutra e onde eterna existia,
Como ora estás ahi tão attenta.....
Que de amar que amor permittia
.....

"Se amigo eu sou do Presidente,
Mais nunca me ha d'ella falar?"
Vão-se tres dias; e eu descontente
Vejo-a tambem longe a scismar:
Vou silencioso e humildemente
Falo; e de novo a vejo. Oh, meu lar,

96 "Isa"! Quando tua dindinha
Nos deu cheque-mate áurea lei,
Ouviu-se o Destino: "adivinha;
Mais do que Bellona, darei
Paixão d'outra, outra Isabelzinha,

"Que entre os livres sejas um rei":

"Rei da democracia-pura
"Da saude e do fraternal Deus,
"Da agua crystallina e murmúra
"E á mesa um só prato; e por teus
"Bombardeada a Europa, á ventura
"Antilhana perola"! — Deus!

Sobre o sepulchro de meu pae
Tal fôra exposta... uma harpa solia
Recennada: Musa magnolia,
Como é do Pallor, quando cae
O caro que se nos immola,
Que vem tanta luz! — Escutai:

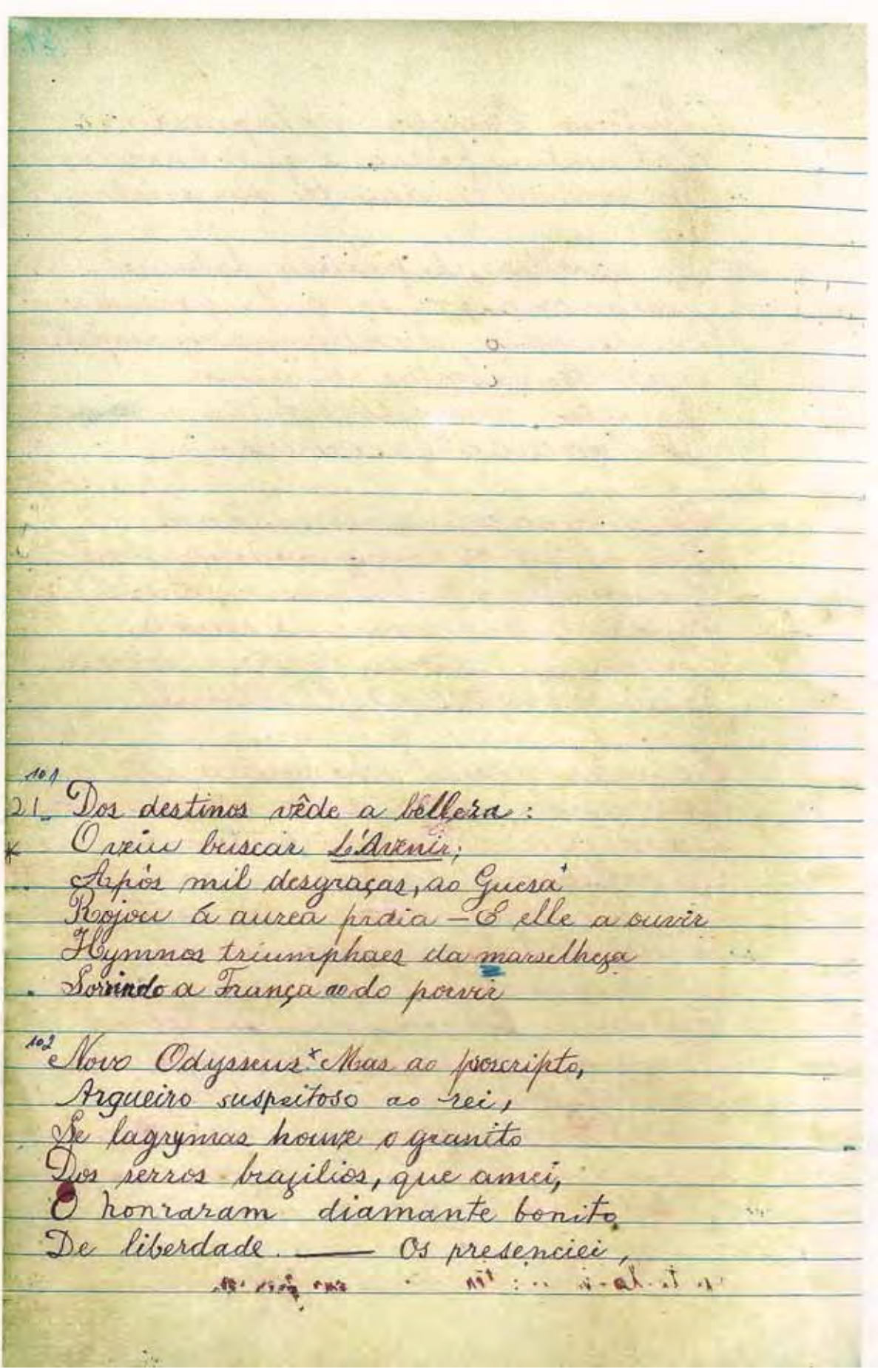
"Quando apparecesse no mundo
Deslumbraria". Tu es a luz
E o fragor eu sinto profundo
Em que se alevanta uma cruz —
Sem do Faustus o pacto, imitado,
Hei quanto em céos terra produz.

10. Πολύτροπος, fui naufragado:
Ó França, eternal gratidão
Das festas da Industria... Loitado
Vaidoso o tres Napaleão!
Do mundo dos rêis exaltado
Um brazil-brilhante, ao Salão

*)

10) Lisboa, Serra, o Odorico, o Dias;
O Souza, o Gabriglia, a guardar
Ao de Bagagem — qual dirias

(pag. seguinte 21)



101
21 Dos destinos vêde a belleza:
O veiu buscar L'Avenir;
Após mil desgraças, ao Guesa
Rojou á aurea praia — E elle a ouvir
Hymnos triumphaes da marselheza
Sorrindo a França ao do porvir

102 Novo Odysseus* Mas ao proscripto,
Argueiro suspeitoso ao rei,
Se lagrymas houve o granito
Dos serros brazilios, que amei,
O honraram diamante bonito
De liberdade. —— Os presenciei,

Inteira Europa a lapidar
Extranha pedra e que haverias
De ver de ti deante ora a estar

104 Á yankea, á parisea balança....
Pesara mais que o Imperador;
Do incendio d'Albion, cinza=esp'rança
E d'onde Libertas a amor
Surde armada; e é tua a ~~[illegible]~~ trança...
- Tal, "perdido" foi vencedor.

. . . . . .

Oh, a bandeira incendiaria
Em phlegros campos — um rosal
Guardando a bella árvor, á hastearia
Gravado teu nome auroral,
Infancia patria ignara vária
E do incantador fructinal"

/ Eu tão zeloso! oh, verdeante
Que o pomo dás de oiro em amor,
Como es a coroa irradiante
A arder=nos da fronte ao redór!
Co'o riso=ceos, o amor amante
Á luz do labio incantador.

107 Então a selecta me dêste —
Como agora dizes you steal?
Eu? ladrão do fructo celeste?
Prometheus pôr fogo ao Brazil?
Pelas redemptoras de Orestes!..
Nós reedificamos — perfil

108 "Castello-hotel": ter n'esse eu possa

Incendiar Gonçalves

Four rooms ... No one ha de ter!"
Que coração duro de môça!
Parecia que ia eu morrer —
I hate you, diz uma esposa
Ao seu Deus? ao reconhecer

109 Revolucionario contrário
De sua dindinha e terror?
Dizse-hia ferir-me o nefario
Das Mariannhas á dor
Da trezena maya, o horario
Do Novembral réis a depor.

Deus pae de pretos Tão amado,
Se tua dindinha é a mãe,
Basta eu ser, comtigo, o afilhado.
Destribui-lhes terras — manhans
Da Republica o ente adorado
Symbolo teu, meus talismans,

O escravo eu, d'escravos de Nero;
Diplomata eu ... d'altivez
Das Forcas-caudinas, co'o ferro
N'alma e no semblante uma vez
Um homem livre ... ora o faguciro
Da Liberdade, bem me vês

112 Mundo novo, que á minha porta
Senta-se e lembra os meus lares,
Que ainda eu sou alma que aporta
Nas incantadas terras-ccos ....
"Oh! a esta borboleta morta
Estragam, tocando-a, os dedos teus!"

118 Columbus, quanto hei pequenino
No Internacional grande hotel,
D'entre o que ha berço de um menino
Adormentado ao menestrel
De um sabiá puro, e o grand' divino
Que ha, com sua mãe, Isabell.

Hunting-watch, a noite aos ares
Erra no umbror gotta de luz,
Lume de um hymno dos scismares
D'ella, que vem, que a mim conduz
De descobrimentos stellares
Sonhos seus de amor — luzeluz.

São Salvador! ao navegante
Quão bello o ser salvo por ti,
O' luz divina á noite errante
Nas praias de Guanahani.
Qual olhar felino-triumphante
Da terra incantada! E tal vi

Força que eternal predestina:
Ha Columbus? ha Isabell,
Ou não se descobre a menina
Virgem Amarca! Haja o annel
Da noiva, o que em Deus peregrina
Mares revoltos, sul docel

118 Puros ceos. Dormindo, ha dos sonhos
Cadentes estrellas, os ceos,
Que são luzeluzes risonhos
Bordando á alma lucidos veos:
E despertam olhos, tristonhos

Como ao terror de seus tropheos.

119 Doce doce homóstego incanto
Dos tectos abrigos! do lar
Que ha segredos risos e prantos—
Oh Isabell, cohabitar
É ter achado o invio recanto
Dos ceos de amor em terra=amar!

É o novissimo eternamente
Ser: nós somos os ideaes
Deste ideal novo continente,
Poesia da benção dos paes!
Cratera, Teneriffe ardente
Que ao longe vermelha arestais

É=te a guarda d'honra, ó divina,
A luz do bardo-cidadão,
Qual é social força á que inclina
A realeza: ao coração
Ás glorias o que predestina
Toda a porvir revolução. (pag. seguinte 25 V)

*

. . . .

Manhans de outubro: ao primeirinho
Clarão, qual d'ella, acordo e estou
A matinal luz rubro=vinho
Frescura d'alma; e as rosas vou
Aonde em vestido côr de ninho
Ella, eu olhando, hontem revoou.

123 Sacrifico da esp'rança o insecto
Entre os florões do roseiral:
Co'o alfinete "I-am-busy" penetro

25 Providência — oh, sabedoria!
* A Columbus, pomba ideal,
Se de Juno ao Cancer enviia;
Manda ao Capricornio, Cabral.
E hi tendes que cumprir-se havia
Toda a verdade.... zodiacal.

O verde-brando dorso, e qual
Della os cabellos no hombro abertos
Tremem as azas do mortal.

A hora das sestas; dos lunchs a hora
Afortunada, a do Senhor—
Oh! sweet home! Eis Deus agora!
Silencio! no ar oiço rumor
D'estrellas... quão scintillatora
Cae do amplo ceo! topásion-flor!

E á profundez da grande calma
Anima: é vida: embala, ao sol
Posa fronteira—oh! é uma alma!
São duas! no ar a unida palma
Taldeo-amarello oiro-arrebol,
Voam na raio, amam no sol.

Climas nossos—olha! "Estou vindo"
Symbolos de amor que amostra Deus....
"Pichos de pão; Mamman dizendo
You put me in a chop". E os ceos
Descem por nós: e assim prendendo
Stão nossos dias, teus aos meus.

122 E os dois insectos azas douram
Equatio no abraço incantador
Ao claro clima e em que, se choram
Olhos á luz, faces não coram—
Vê bem como é' o ceo-amor:
"Oh! a incantada interna flor!"

Indianas calmas — oh! iandara!

Oh! inruceêm dos favos teus
Do ceo da bocca: á nós cantara
Te Deum laudamus! Alma-Deus
Em que o doce amor incantara
Os dias nossos, teus e meus.

124 A ardente chamma! a achei nos ares:
Colhi, da montanha a soidão.
Conto esta historia outros logares:
Como doia o coração
Tocando os pés em novos lares
Onde se faz resurreição.

. . . . . .

Morrer de ciumes formosissima
Azo serão (parvenus?... dulçor....)
Vem a brincar fulgorosissima
Ou ler ao gaz junctinha e amor;
Porém tornando-se doidissima,
Reprehende á Musa o trovador.

Luiz ser a discipula minha:
Socrates, eu sonho tambem
Do meu peito aberto a andorinha
Gritando s'erguer ceos além,
Peito alvo cazas e ninhas; sol vinha,
E a ouvi despertar. Oh! meu bem!

127 Bem hajam que á luz se desejam,
Tão incantados corações!
Que a divindade todos vejam
Interno paraiso, e edenões
Intimamente onde s'estejam
Porque estão n'elles as soidões.

129 Que "estou 'studando o animalzinho"....
Salutar presença, oh! mamman!
Da ornithologia de um ninho
Todo hoje amor, dor amanhan,
Da nova patria ao puro vinho
Deixai-me a embriaguez christã!

Esta é a effigie sancta em que eu creio
E tenho ao peito, amôres meus,
Amor de Minerva: se ao meio
Despelho outros-tempos os seus
Brilhos mirar.... ainda receio
A' metamorphose — Deus! Deus!

Deus! Rosebud nectar candente
Que ao ~~xxxx~~ velho odre Itamaraty
("Tudo sphacelado".... O' Prudente!)
Fez redentar! Rósea phrygia,
Não meninos-de-oiro, a juvente
Patria moral. — Itamaraty

Doirado paço-agouro chaotico
De titular môfo e bolor,
Mais d'escravos tempos um pórtico
Do que p'ra berço de uma flor;
Domino noir templo deodorico
Mais, do que á liberdade-amor.

132 Dir-se-hia, somente pensavam
Grandiosos; em seus mausoléos
Sem verem que as sombras estavam
Dos donos primeiros. Trophéos
Dir-se-hia, que s'embaraçavam
Os vivos co'os mortos, co-reos
. . . . . .

29

Bebo á Carioca, onda divina
133 Que da terra esguicha e que faz
Lindos, rosto e voz, á menina;
E eu nos Tamoyos creio. Mas
Telepattia eu, se a assassina
Trama romper vinho: da paz

Da Saude, o' fraternidade
Desconfiada! commendador,
Cansais, como outrora a piedade
Do vosso bom Imperador.
E o meu Presidente em verdade
Negais-me! Que olhais com terror

A cartola, vejo. Mas, vêde
Que o teem de depor amanhan;
E eu vendo o livrar, não me credes;
Sois as mesuras cortezãs,
Senhor mordomo: e estas paredes
Derribar vim. Novinha e sã

Da Republica é a casa branca
Onde um Mac-Kinley cidadão
Faz caso de tudo co'a franca
Luz do valente coração—
D'Wilmington lisonja á barranca,
Vêreis na harmonia á ascenção.

137 De Theresopolis aos montes
Transporte o eleito a capital:
Puros ares, sublimes frontes
Revocarão todo o ideal
Que presidia aos horisontes
D'onde raiara o Novembral.

Olho no paiz, olho na messa — [illegible]
Alerta, escholares da luz!
De um pae a alma doce desliza
Por junior que as bençãos o induz,
Quando jacobinea matiza Graça aos barbados Esaús.
~~[illegible]~~

. . . . . .

137 Da propanganda os aureos sonhos
Como ennegreceram aqui!
Qual fossem oirama os risonhos
Ideaes de Silva-Jardim:
Muros combateram medonhos
Vencendo.... sem ver Benjamin!

Vencido o novel, ao "Deserto"
O "moço" os deixou: coração
Findando seu tempo, e correcto
Que vai meteoro n'um volcão
Depor sua c'roa — Oh, Brutus, certo,
S'tá Kronos na revolução!

E eis minha casa, miniatura
Da Republica: o pão-me dar
Pedras a Victoria, e doçura....
Nessum maggior dolore, a olhar
Sorrindo á esp'rança, que ventura
Quão docemente ha de chegar!

. . . . . .

Como as jurutis do deserto
Gemiam-lhe os seios — meu Deus!
E arrancaram-lhe os descobertos
Profundos thesoiros tão seus! —
E o Amazonas sem vagas.... certo
Que è o Saharah..... templos Anteus.

143 Oh, o Saharah onde á existencia
Do fresco oasis (qual fulgor
De uma esmeralda) á incandescencia
Do areial abrazador

Ve-se o rebanho e a independencia
Do errante viver do pastor!

144 Lhe é o cerebro o alto firmamento:
Se hi as nuvens, se hi o vendaval
Resvalam batidos do vento,
Gravam factos — e á historia astral
É bello a estar o pensamento
Parado, ante o grande ideal:

Ao horizonte rubro-flavo,
Luminosos templos do Allah,
O homem adora: é o livre escravo
De quanto sente e de quanto ha
Nos ceos, no oásis, no doce favo
De uns seios desertos-saharahs.

Porque aurora e occaso, simelham,
Mesmas côres, mesmo o rumor,
Divinas murtas que invermelham,
Laurèis de outomno que hão rubor,
Diamantes que intactos espelham
Boutonnières de grand senhor....

Mas, estava a terra sombria,
Dês que a miragem apagou:
Pendão noctambulo, ao meio dia
E sem sol nem sangue! E eu stou
Da aurora á hora rubra, que eu vîa
Da geração nova. Corou

145 Dona Isabelzinha e sorriu
(O riso-Ceos!) verdade imagem
D'esperança e fé. Quem não viu

Través de tão limpida aragem
A flor d'arbor vitæ á ramagem
E os fructos, morangos no Rio!

149 E Itamaraty.... danteo abysmo
Dado p'ra berço á mais gentil
Revolução! E eu scismo, scismo
Vendo e ouvindo o inferneo alcantil,
De Waterloo sepulchro mutismo,
Fundo o gemer—ai do Brazil!

Enchei-o de oiro! Se diria
Infantecidio: puro e são
Nato em tanto amor e que havia
Ser estrangulado á traição
Em Guanabara, na Bahia,
Em cada impuro coração.

a seguinte pag. 32

*

Vi, os de Garfield o deixaram,
A victima exposta ao traidor;
Os de Prudente o antemuraram
Sublimes! De um Cesar ao ardor,
Fanaticos rudes se armaram
Que então houvesse um vencedor.

152 Astro, a "epopeia da lealdade"
Entoarei per Bittencourt;
Astro, a d'armas da Liberdade
Per Floriano, El Cid; Arthur,
A mais formosa de verdade
Lhe ouvindo estás ao sul-murmur.

Oh! noite gloriosa! oh, fulgôres

Da ilha Fiscal! quando da mão
Cae, da Princeza, o leque; e a amôres
Libertas hasteia o pendão,
Menina bonita das dôres,
Incorruptivel diamante! a hão

155 Truth e o do mar, 'velho veridico'
Passado — Presente — Porvir,
Ahi vêndo o thesoiro brazilico
A' colonial lagarta, — o aurir
Do Imperio chrysalis, — e o idyllico
Borboletear do teu rir,

O' Liberdade, flor senhorita
Qual sancta Thereza, a união
Da luz e do amor, a bemdicta
Crucis — pentastral pavilhão
Que ha sangue e o rubor nobilita
A arder neo-patrio coração.

Senhorita, aos paes esperança,
A virginal sempre-menor
Da edade que nunca descansa
Constante afanosa de amor.
Que ha luzes no olhar e na trança,
E na bocca a vera áurea flor,

158 Nas corôas dentaes: não do infesto
Que embota o esmalte aos de Xavier
Gloriosos lirios honestos
Em sempre juvente mulher,
Sempre-menor, d'esse modesto
Que a anjo dictador se requer.

32

* E do Marquez "Menino de Oiro".
O quadro exposto: e eu deante a olhar
(Ha quarenta annos), ora o agoiro
~~[illegible]~~ M'Harpas Salvagens a vibrar
Ouvide e aprendei o thesoiro.
Das sciencias dos destinos, do ar:

34

157 Refractario è o genio; cresça
Mais em edade, o coração,
Do delicado que adolesça
Mais que a ideal nutrição
Luz do diamante — o resplandeça
Nos ceos da íntima solidão.

Dónde o riz lirios-Tiradentes,
Lucenaes corôas; de amor
Ós Eucharistias contentes.
Porque Washington o lavador
É o Baptismo dos continentes
Da Liberdade — ao peito a flor.

* (pag. seguinte 34)

Onde o homem moral é o Guesa,
(Da vingança a negra paixão)
Que abolindo morte e tristeza,
Fez a incruenta revolução.
Tequendama quèda á óndea mesa:
Guatavita sacro. Em botão

Rósea chamma, que, ardendo ao peito
Do cidadão, faz rebentar
Espelhos; e qual do teu leito
A doce mensagem de um lar
Nidoso inodro-amor perfeito,
Pedra d'ára d'aureo Altar.

163 Se de America ao alaude,
Levantei a revolução:
De Moysés se hei voz e virtude,
Por Deus, que encontrei meu Aarão!
Forjai armas do Cidadão!
Ós leis! Operarios, á incude!

34

* Das patrias de ambos: do diamante
A amorosa Minas-Geraes;
E a da magnolia lactejante
A livre Virginia — immortaes
De George e Joaquim José, de ante
As duas patrias ideaes:

Do Baptismo e da Eucharistia
Os sacramentos em Jesus:
Limpa, a existencia principia;
E o que a sociedade conduz;
Outros tão sanctos que elle viu,
Dados os quiz depois da Cruz.

35

164 Qual pondo fogo á propria armada
Cortez, ú arma á fé; Odysseus,
Á tormenta Barca abandonada,
Atira-se ao pelago — O' Deus,
Tal de Kelidónia avisada
Foi minha alma ás tretas dos meus:

Nuvem... que metamorphoseia
Relampago..... alma daridão
De Jesus, que eterno incendeia
Eternamente ao coração:
Reino de Memoria e cadeia
De geração em geração.

Raio do Sol que dulcificas
O pomo e coloras a flor,
Que á terra amante mirificas
Quanto á nutrição tem amor,
Raio do Sol, montanhas ricas!
Ao teu sagrado resplendor,

Rosa humana que á terra morre
E deixando ao Invisivel Deus
Quanto proclamara da torre
De sublime entrada, dos meus
Immensos affectos! Concorre
Morte nos ceos divinos teus.

. . . . . .

170 Olhar ha a que relogios param;
O meu, oito e meia, parou
Quando olhos teus o consultaram,
Fulgor negro-aureo: e a hora tardou
Dont go to bed yet. E olharam

Qual, de então, vendo-os sempre estou

Sombrio olhar d'Astréa: amarantos
Virginaes, da bella estação
Quero-te os terriveis incantos
Que ha na doirada negridão
Das chammas que produzem prantos,
Fascinam — Jardins ao volcão.
. . . . . .
Mânes da imperatriz Christina
Que os conduzis ás chammas suas
De vingança innócua divina,
Que inda á eternidade os influas
Ao claraõ melhor! alma Rivia,
Has companheiros, glorias tuas!
. . . . . .
E Isabel que os astros aguardam,
Já no aposento entrando seu,
Qual se as paredes aclararam
Vejo através, que amanheceu:
Traises de Therese lembraram
Sua luz, seus rumôres. Conto eu

O lindo pariseo romance:
A Sorbona armava-me (eu sou
O Itajúba)... Mas, n'um relance
Porta abre e mamiselle entrou;
E emquanto janta-se, haja chance,
Cythara afinando, cantou:

E os estudantes ao estribilho
Chanterelle e riso. Ella, então
Mui séria, o pratinho do milho

37

Gyrava ao redôr; e a canção
Bisada entre bravos, o trilho
Seguia a graciosa visão.

178 Sonharam ~~se~~ de algas verdosas
O manto em florido pradal
E as ondas profundas dolosas
Lo'o chamar de abysmo fatal
E d'onde as mães d'agua amorosas
Penteavam o cabello Aureal:

Bom dia! que em triangulares
Petalos quatro unam — rubi
De um brijo. Aureo lume Polaris
Magnete da terra, de ti
Luz estás pondo a mesa dos Lares....
Quão bella a Republica assi!

Tiridato annel d'alliança;
Helê bracelete prisão:
Oh! como á incantada Lembrança
Estás sempre a olhar! Solidão
Que os ceos, ao que fôra esperança
Confirmam presentes e dão....

Verso de syllabas quarenta
Em que, ó Fortuna, has de gyrar;
Phosphor riscando á terra: argentea
Bethlehem do pão; mesa de amar;
Taça de amor; vida sêdenta
De affectos!... fôra o doce lar.

.....

190 — Onde estás, Isabel.ª — "Na tua alma.„

—Isabel?— "No teu coração."
—Porém, quem responde a esta calma
Em que os pensamentos te vão?—
"Tua familia é luz, tua palma
É que comtigo sempre estão."

Oh, Isa! que es directamente
O bom character de mamman,
Meu pseudonimo dos contentes
Dias doirados d'outra manhan,
Que é tua agora — omnipotente,
Eis o amuletto: ὑμῶν ἄν.

Mammans fazem votos delirios:
Cortam seus cabellos, levar
Vão ao Deus-Jesus dos Martyrios;
E em romaria a Ribamar
Pés descalços, no hombro o seu lirio,
Da morte ja salvo, amostrar.

De Mount-Vernon ares canoras,
Escuta-as tambem, Isabel!
Em nossa alma fazem auroras
Como o d'alliança teu annel
Sentir-se no dedo: a victoria
Tem-te no equador o docel.

Vais das borboletas á caça
Accompanhada de Beatriz
E na amanguceira (da desgraça
Um qual futuro mais feliz)
Fulge uma luz: a luz se faça
Amor, que Oramaso bemdiz.

185 Hão trombas como os elephantes,
Talvez de mor fôrça moral,
As borboletas estellantes
Qual almas em luz aereal:
Aquellas dão guerra ruidantes:
Estas gloria a Plato e ao rosal.

Lookinglass ?... quão ferinos zelos!
Despertar serpentes no Eden!
Do que os tão luzentes espelhos,
Antes pranto e ausencia... oh! meu bem!
Deixem-me da noiva os desvelos;
Tomem de jacina o refem.

D'oeluros tractos, de p'riquitos;
E á minha porta, "you love bread"
Dizer sentadinha... infinito
Malicioso, o rir lindo e red...
Tu fazes o mundo bonito,
"Isa" de mamman—oh! my head!

Quando a Garibaldi-Mavorte
Cantando passarinho veiu
Do sol poente, á hora da morte,
(Dizem) da Liberdade o esteio
Tombado sorriu: a consorte
Alma de Annita—o levou, creio.

189 Á eternidade e qual me levas,
~~[illegible]~~ vestida de branco setim!
~~Louvas~~ Flores das nossas puras selvas.
Grandes harpas de oiro, de si...
— Laminas ?... do ar ?... Deus, que as elevas;

→ Da revolução eu Saint-just,
Eu Robespierre, haverei
Pedras.... de Victoria.... me custe
Pão de justiça, oiro de lei;
Não cofre em que o mundo discute,
Não mundo onde aos cofres eu dei.

194 Volve-as à dóctor Guilhotin!
→
. . . . . .

191 Es tão sublime de verdade!
Spíritos guiam, o' Isabel!
Oh, incendiada divindade!
Como ao ar voam pombas sem fel
So soft! E' inveja a humanidade,
Não is.... tens no teu nome Abel!

E foste? ai! paraisal gloriosa,
Provocando a todos sgrimir, —
Morra
Ai de quem tocar n'esta rosa!
Qual magdalenita do rir,
(o riso-ceos!..) voz tempestuosa
Te ordena ahi parar! Ao porvir

Do grande amor! o que redime
De amorinhos, côrte lethal:
Ao grande amor que é como crime
Hostia sagrada, hostia fatal,
Pela intelligencia, sublime
Antes que á innocencia do mal.

Oiço... até o irmão teu suicida
Joven genio s'ergue por ti:
D'Emil lendo os cantos de vida,
Qual d'elle longo echo te ouvi:
Oh! da patria, musa querida —
Lookinglass?.. Vinganças de mim.

195 E conductor do cego Homero Omhero
Foi o disciplo amigo meu:
Mais o chôro e mais desespêro

ANEXO B - CÓPIA DIGITADA DOS MANUSCRITOS DAS ESTROFES

ESTROFE 1
1 Entre os astros, sagrados montes
2 Feliz o[1] asylo da paixão:
3 Puros jardins, sonoras fontes.
4 E um coração
5 Vibrando aos claros horisontes
6 E incantado á etherea soidão.

ESTROFE 2
1 Quiz ser em chegar, primeirinha:
2 Oh, a gentileza do lar!
3 A tudo dispor; p'ra onde vinha
4 Sem dizer e onde a s'encontrar
5 Fé, por suggestão que adevinha,
6 Alma que espera.
7 "Hei de, hei de a[2]"

ESTROFE 3
1 "Doces mirangens[3], adeus ! Vejo"
2 Na profundez do coração,
3 O interno oceano deseja,
4 D' Heleura a ideal solidão;
5 Vos deixo a Deus. Deixa-me o beijo
6 Preço da livre sem se não[4]:

ESTROFE 4
1 "D' outra dona... oh, a intelligencia
2 Dona... mas, setim branco e flor!
3 'Menina e môça', áurea existencia
4 Da[5] musa civica a Musa = amor!
5 Photographaram – lhe a apparencia[6]
6 Que em pensamento[7] houve a transpor.

ESTROFE 5
1 Das cinzas phenix renascidas,
2 Arte divina a retractar
3 Annos trese - quao parecida!
4 Ella era: devo outra[8] encontrar
5 Helê que dos ceos é descida
6 Ceos! a borboleta solar!

ESTROFE 6
1 "A metamorphose sagrada
2 De joven patria e o cidadão
3 Oiro de lei, Virginia honrada
4 por todo o nobre coração:
5 Dictando diga: eu sou a amada,
6 A amante Luz, o Amor e o Pão."

ESTROFE 7
1 Mundo – novo riso açucenas;
2 (o riso – ceos!) vejo-a na luz
3 Musa armada, Minerva- Athenas,
4 Fôrça e firmamentos azues
5 Qual brilha por noites serenas
6 Pentastral symbolo da Cruz.

ESTROFE 8
1 Helvécia[9] áurea, tiras-me o somno!
2 Sigo – ao Genio patrio do[10] amor,
3 Que é! dos láureos[11] dias de outomno,
4 Melhor do que os tempos da flor:
5 Lyras perdidas do abandono,
6 Harpa ha virgem = oiro o cantor.

---

[1] O artigo –o – que antecedia "asilo" foi riscado pelo autor com um traço de caneta azul, pingando o "i" e pospostos os dois pontos de paixão.
[2] Por ser este verso extenso, aproximou-se bastante da extremidade direita do manuscrito, que, vindo a dilacerar-se, fez desaparecer parte da palavra final, de que restou apenas a letra "a". Posteriormente escreveram no documento original com tinta azul moderna a palavra "achar", completando o verso.
[3] O autor cortou o primeiro "n" da palavra "mira**n**gens" com um traço azul feito de caneta.
[4] Com caneta de tinta vermelha o autor sublinhou as palavras "se não". E em outra revisão, colocou dois pontos no final do verso, com lápis azul.
[5] Com tinta vermelha o autor riscou a palavra "da", que iniciava esse verso, mudou para maiúscula o "m" de "musa" e superpôs cívica a algo que foi apagado.
[6] O autor fez uma correção na margem esquerda com lápis azul possivelmente substituindo a palavra "apparencia" por pensamento".
[7] A palavra "pensamento" foi sublinhada pelo autor com caneta vermelha.
[8] Sobre esse verso o autor fez correção entrelinhas a lápis azul as seguintes emendas: "Ela era: **hei de n**outra a encontrar", acrescentou "hei de" e "n" na palavra "outra".
[9] Na palavra "Helvecia" apresenta um sinal agudo borrado no documento original.
[10] Com lápis comum, no documento original, o autor traça um rico na letra "d" de "do" e acrescenta vírgula à palavra amor.
[11] Com lápis comum riscada à expressão "Que é! dos láureos" foi sobreposta a palavra "Frutidores" e ainda cortada a vírgula de "dias" transposta para "outomno".

ESTROFE 9
1 Subir montes! voar! voar! azas
2 Do ar! das nuvens! do aereo tufão!
3 Arde o peito rubidas brasas
4 A quem vai da gloria á soidão:
5 Aguia, que ao sol resoando passas
6 Leva-me á nova habitação.

ESTROFE 10
1 Florido carro desce e rindo
2 Dahlia branca: " aos astros subir!"
3 Ave de Jove, ao novo Pindo
4 Adeja e descobre o porvir!
5 Sinto o coração livre – abrindo:
6 Corcel do ar livre, aos ceos! ferir.

ESTROFE 11
1 Voa! voa! da grande Lyra:
2 Como o "si" vibrado estalou –
3 Mais veloz! Hei fome! E delira
4 Apícos aptos[12]....Deus consagrou -
5 Eia! Eia! Eis! O peito respira,
6 O aguia celeste!....
7 Chegou.

ESTROFE 12
1 "Sou o sol, tenho altos planetas
2 Aos quaes dou luz, mando[13] gyrar
3. No annelão = zodiaco, violetas
4 Aphrodita ou terra=lunar,
5 Zeus= trovoador: busco as dilectas
6 Do coração. --- Mandam entrar

ESTROFE 13
1 "Sou Orion! Em meu talabarte
2 Brilham,.. amor, amor, amor,
3 Theologaes ---- o dentista= Martyr;
4 Floriano e a Redemptora flor---
5 Bethlehem do pão, meiga repartte
6 Rações de gloria ao vencedor.

ESTROFE 14[14]
1 Suas[15] filhas expondo-se á peste,
2 Salvaram da contagião
3 Que annunciava do sul e á leste
4 Fazia o terror á nação
5 Ai! Ai! Das florinhas celestes
6 divina filhas de Orião!

ESTROFE 15
1 Abre Beatriz: Isabelzinha
2 Aprende ao piano e incanta o lar
3 " sou, Fé, que combates caminha;
4 Esp'rança, que aos ceos há[16] chegar
5 Social=ideal, Hondoro o olhar
6 Charidade, que é justa linha[17]

ESTROFE 16
1 D'alto Sol no e tamanhos
2 Co'os rouxinoes negros da luz
3 Ante auroras, fixo, ermo, extranho,
4 Que ao mundo aclara e a vida induz:
5 Diz,--- familia[18], mesa, óndeo banho
6 E a gloria, vês? --- "A bella cruz",

ESTROFE 17
1 Baccho, há -de-oiro inda? Ainda?
2 Marquezes de Itamaraty?
3 Sei flor em botão que é mais linda,
4 Sempre = menor pública: ahi
5 (Não aos de Pan flauteios) vinda
6 Nas luzes de Appolo ------- phrygie

ESTROFE 18
1 Riso de[19] Deus, que é qual a da Lyra
2 Chorda que, ao estalar, lampejou:
3 Se Ouvidor brasilio a partira,
4 Sonoros raios a França enchordoou;[20]
5 Só o riso lhe é prémio: delira
6 Por Ella um.... qual no Ota abrasou –

---

[12] No manuscrito a expressão está em caracteres gregos. Ela foi escrita no verso da folha anterior, à esquerda, com lápis azul, na letra do autor da seguinte forma: *Hagios arpos.*
[13] Acrescentado pelo autor, com lápis azul, o pronome – os -.
[14] Esta estrofe está escrita pelo próprio autor, com lápis comum, no verso da folha 3. Sua posição na seqüência do poema está indicada por um asterisco.
[15] A palavra inicial dessa estrofe, **Suas**, foi riscada pelo autor, que lhe sobrepôs o artigo **As**.
[16] As palavras **aos ceos** ocupam espaços onde anteriormente estavam outras palavras. A palavra **ha** foi riscada a primeira sílaba **vin.**
[17] O autor usou um traço de lápis azul para mostrar a troca dos versos 5 e 6, indicando que é ao contrário, isto é, o verso 6 passa para ser o verso 5.
[18] O travessão entre **diz e família**, foi cortado, pelo autor, com dois riscos transversais de lápis comum.
[19] Escrito posteriormente um **de** entre **Riso e Deus**, e riscado o **a** antes da expressão **da lyra.**
[20] A palavra **sonoro** foi riscada com traços transversais com lápis azul. O autor adicionou o artigo **a** antes de França e acrescentou **lh** antes de enchordoou. E no final colocou um ponto-e-virgula.

ESTROFE 19
1 Que tambem de cinzas jovito
2 Renato, á phrygie diz: sou Deus,
3 Tu es meu riso; o peito afflicto
4 Buscou-te em vão terra, em vão ceos,
5 Nalma sondando e no Infinito,
6 Até que t'encontrou. E os teus?

ESTROFE 20
1 "Home". Oh! Pura democracia
2 Casa de pão, rósea Bethlehem
3 Onde o viajor, ha, findo o dia,
4 Luz e descanso! A penedia
5 Toda resoa a harpas que vêem
6 Scintilla a luz que o rir te tem.

ESTROFE 21
1 - Teu nome? ---- Escreve-o; rasga-o: e logo
2 Janella á fóra. Vou a salvar:
3 (Ligava amor) luctas de fogo:
4 Ergo-o do chão; ganho Aurea ao jogo[21],
5 E o rôto nome eu quero honrar[22],
6 De tua homonyma sem lar.

ESTROFE 22
1 Nem revolução sem calvarios,
2 Verdes cannas, loucos, dor
3 Há[23] --- com que nos c salarios
4 Os que mais nos devem amor:
5 Constellemos, pois, Serpentarios,
6 Em firmamento nu incantador -[24]

ESTROFE 23
1 Na amendoeira reflectida,
2 Teu nome eu gravo; o ergui do chão:
3 O áureo estylete ahi tens, querida
4 Lembrança; guarda-o; e por tua vida
5 Graves meu nome: es o meu pão –
6 Oh, quão faminto o coração!

ESTROFE 24
1 O pão d'alma e luz, do banquete
2 Montevideano, em que faz
3 Brinde d'honra a cisplatinete
4 Irmã mais velha, á doce paz
5 De Buenos Ayres e o Cattete,
6 E o ándeo lar. Sonhar Bogotás

ESTROFE 25
1 Patrias regiões de formosura,
2 De tão longe olhando Moysés -
3 Terras promissão e ventura:
4 Terra nunca entrada, como és
5 A incantadora sepultura
6 D'onde á eternidade, alvos pés

ESTROFE 26
1 Firmes, levanta-se o colosso
2 Immortal de gloria sem fim!
3 Terras do Guesa e o Zack - ao dorso
4 Do andeo cavallo, aheneo o selim,
5 O vulto sublime do corço
6 Dentro das nuvens de rubim.

ESTROFE 27
1 Quem não ama curvar-se, ó bella,
2 Sob o arco d'alliança=amor?
3 Dentes como as frescas estrellas;
4 Bocca, o rosal sagrado em flor
5 E esse do olhar lampear scentelhas
6 Revèzes, doirado negror.

ESTROFE 28
1 Oh, presentida do Eden! Quando
2 Gritavam, Ó Deus? onde a ver?
3 Fôrmas... vêa-as divinisando
4 Pieridas. Quanto descrer!
5 Mas, sempre ao coração te olhando -
6 - Eia! á colheita! e aqui vim ter.

ESTROFE 29
1 Dos sublimes[1] Orgãos nas serras
2 (De meus tão cuidada e em logar
3 Da que hi me deveram) nasceras:
4 Meu thesoiro eu cria encontrar
5 (Oh, alma, á vingança quando erras!)
6 E nunca!... Tão doirado o mar!

ESTROFE 30
1 Vim, eu "quasi – mudo" e dizendo,
2 Ás novas èras quem nasceu,
3 Terá onze annos, trese crescendo:
4 Vejo-a através do peito meu
5 A construir seu ninho. Ora o tendo,
6 Ceos! ceos! foi quando o homem descreu!

---

[21] Após a palavra chão havia dois-pontos, o autor transformou em ponto – e- vírgula com lápis azul.
[22] Com tinta azul, a vírgula foi retirada após a palavra **honra.**
[23] Com lápis comum, o autor acrescentou a vírgula e suprimiu o travessão depois de **Há.**
[24] O autor , com lápis azul, acrescentou a palavra **Em** e transformou o **f** de firmamento em **f** maiúsculo. Riscou o traço no final da sílaba e acrescentou dois-ponto.

ESTROFE 31
1 "Onde os rochedos, que choravam
2 Qual depois de morta a mamman?
3 E as ondas, que livres saltavam
4 Cheias d'iris, clara a manhan?
5 As revoluções que bradavam
6 Á derrocada cortezã?

ESTROFE 32
1 "Fòrmas! fòrmas d'Hebhe[25] juventa
2 (Desastradas quedas não dê),
3 Que ao Brasil- Iolas, que avelhenta[26],
4 Em Brasil, remoce, Mrazê,?[27]
5 Co'as virginias fórmas sêdentas
6 D'incanto e de gloria, você!

ESTROFE 33
1 Na luz t'embalavas. "É esta?"
2 N'alma inquiro; e oiço do ar: "sim!"
3 Quem responderia? Em tua festa
4 Não foste, aos brinquedos da sesta
5 Das sombras, olhando p'ra mim
6 No teu remoto alto fortim.

ESTROFE 34
1 E eu a buscar-te!... Liberdade
2 É cada peito, ao que ha de Deus,
3 Toda responsabilidade
4 De gloria e amar... São, em verdade,
5 O Imperio a arder, os olhos teus -
6 Que obedeçam elles aos meus!

ESTROFE 35
1 Ja gritos de septima chorda
2 Nas grandes alturas ouvi
3 Qual sonora rede nas bordas
4 Do abysmo: talvez que de ti
5 Vibrada hora d'alma que acorda -
6 Oh, fui eu, só eu que o não cri,

ESTROFE 36
1 Indo ainda dos povos è á orgia,
2 Dos cysnes que alvejam!
Transpuz
3 De novo ás montanhas que eu vîa
4 Sempre ao imaginar; e ao que induz
5 Voltei, a onde a vida existia,
6 Aos teus puros ceos. meiga luz

ESTROFE 37
1 De Columbus, pomba dos mares
2 Em correio, atrevido açor
3 Das sciencias, que não dos azares
4 Do desconhecido, ao amor
5 Tal vim presentindo pomares
6 Que, existentes, 'speram cultor.

ESTROFE 38
1 Cheguei à dada hora candente -
2 Quem não chega em fé? qual também
3 À dada hora estavas contente
4 Como perguntando "quem vem"?
5 Promptinha e com faces rubentes
6 Da que espera incognito alguem

ESTROFE 39
1 Que estação divina-celeste!
2 Ver-te, augmentam olhos do Deus
3 Da humanidade sem a peste
4 Com que desbarata os atheus
5 Que vivem-lhe ao seio e Elle os veste...
6 - Quanto Elle luz nos risos teus!

ESTROFE 40
1 S'erguem (d' elle é a omnipotencia
2 – D'aquelles que amados lhe são);
3 Proseguem; encontram-se em crença,
4 Que não do telegrapho á acção:
5 Mais que o relampago, existencia
6 Subtanea, amor há coração;

ESTROFE 41
1 Vibra-o, ideal formoso - a Chamma!
2 É o sol que illumina no umbror;
3 Não a toquem! a ninguem ama!
4 Ou incendeia ignivoma! em flor,
5 Fechado leque - e o não destrama
6 A Ilha Fiscal, noite-fulgor:

ESTROFE 42
1 Ó Isabell, s'enterra o homem
2 Como esse [28]fructo vegeta
3 Que os tempos maduram: assomem
4 O encantador e o ente imortal
5 Aos Andes tuas azas o tomem
6 Ao berço, ao sepulchro natal!

[25] O autor acrescenta a letra minúscula "h" na palavra "Hebe" após a letra "b" (Hebhe).
[26] Neste verso o autor retira as palavras "Que ao" e inicia o verso com "Brasil – Iolas", colocando vígula após "Iolas" e "avelhenta".
[27] O autor tira a primeira vírgula e acrescenta depois da palavra remoce. No final do verso é acrescentado um sinal de interrogação.
[28] O lápis azul, o autor riscou a palavra "esse" e substituiu por "o áureo".

ESTROFE 43
1 E qual ao mar volve-se a espuma,
2 O terreo á terra incorporou
3 E às acções vivas uma á uma
4 O espirito que ahi[29] separou -
5 E o tempo jamais o consuma,
6 Alma que ao mundo illuminou.

ESTROFE 44
1 Delle és a belissima flamma
2 A quem o universo produz
3 Alimento e que a ninguem ama:
4 Quem a tòca, morre, è a luz,
5 Odio das trevas que derrama
6 Claridade do alto da Cruz.

ESTROFE 45
1 Não cynopida Hellena, ella
2 Que accende guerrear ao furor;
3 Mas Heleura terra-donzella
4 Virgem ardente, em puro amor,
5 Firmes-abertos olhos, a bella,
6 O sangue novo, o mundo-dor.

ESTROFE 46
1 Recordar: phosphor' puro, Heleura
2 Riscando a alva areia do chão...
3 Quão doce luz! Cresce; crescera
4 N a ausencia amor. A maldição
5 Queimara: queimada figueira...
6 Tremeu, por ti, meu coração.

ESTROFE 47
1 Voltar! não ver-te mais?... oh, pranto
2 Que duvidou! Perdão de Deus!
3 E de novo aos ceos me alevanto
4 Kóndor audaz: e eis-me entre os meus,
5 Eis-me a teu lado, ao teu incanto,
6 Ao teu brinquedo, aos risos teus!

ESTROFE 48
1 Soidões: *lunch, fines herbs omlette,*[30]
2 Selectas (mesma côr) e a entrar,
3 Dos raios do sol a *toilette,*
4 A febre-amarella!... aclarar!...
5 Desapparecer!... mais celeste
6 Bemvir!... *Truth* verdade e parar!

ESTROFE 49
1 E nos brilhantes, de tuas azas
2 Mais do que as da aguia, eu os degraus
3 Do amor subo: ou és tu que abrazas
4 Toda a cidade - igneos saraus
5 Incendiando, em chammas as casas;
6 De ti desvio esp'ritos maus.

ESTROFE 50
1 O horisonte occaso, diria
2 Qual na immensa conflagração 65
3 A queimar quanto em cada dia
4 Produz da terra o coração:
5 O fogo sinistro que ardia
6 Indicava conspiração.

ESTROFE 51
1 Visões de um leito setim-branco[31]
2 Sino d'Isá, que vens quebrar
3 Se escreves bell. Menino manco
4 Morreu Cain terra a lavrar.
5 Abel eu sou, que deixo o flanco
6 Do umbror e venho a te saudar.

ESTROFE 52
1 Salvam manhans: 'squadra platina
2 Em Guanabara. A' áurea nação
3 Dos bons ares, vamos - divinas
4 Pampas! Saudam teu coração,
5 Que mesmo a esta hora abre a menina
6 O consagrando a amor. Então,

ESTROFE 53
1 Que incantada a vejam, o expande;
2 Manda a amor que embale-a; após
3 Olhos arregalando grandes
4 Como quem diz: olham p'ra nós
5 Onze annos tu; eu como os Andes
6 E o fim do mundo. Gerichos

ESTROFE 54
1 Rosas reverdejam; e heliantho[32]
2 No sol mirar-se é a mais feliz
3 Doce união, da calda-incanto
4 Co'o generoso vin-vieux. Ris?
5 (O riso-ceos!) pelo teu pranto
6 Dei toda sorte minha. Eu quis

[29] Com lápis azul, o autor riscou "se" e substituiu por "ahi" e também riscou o apóstrofe da palavra "espírito", acrescentando a letra "i". Eliminou o travessão
[30] Em itálico, nesta estrofe, o autor usou expressões estrangeiras para manter seu desejo, que provavelmente, por tal motivo, enfatizou seu emprego, emendando o verso com lápis azul.
[31] Esta estrofe foi acrescentada no verso da folha pelo autor. Os quatro primeiros versos foram escritos com tinta marrom e os dois últimos com lápis comum. No lugar da estrofe está o asterisco.
[32] A palavra Rosas foi escrita sobre outra palavra e no mesmo verso foi riscada uma outra palavra

ESTROFE 55
1 Ser teu Great-Dog; e tu meu Sírio!
2 Oh, borboleta-gyrasol!
3 Genio-amor! oh, luz-delirio!
4 Oh, tanta luz! tanto arrebol
5 (O riso-ceos!) e o lume e o lirio
6 De teus cabellos de crysol!

ESTROFE 56
1 Accompanhei-te solitario
2 E sem ser visto, a ser o juiz
3 Do teu bom character, sacrario
4 Que estudo (mamman creu e diz):
5 Lady-like; e do relicario
6 Do sentimento, um Deus feliz.

ESTROFE 57
1 Ora, sempre-sempre invisivel,
2 Antes de voltares, voltei:
3 Sob a lustrosa árvor' sensivel
4 Na qual o nome teu gravei,
5 E mudo e tragico e terrivel
6 E t'esperando alli fiquei.

ESTROFE 58
1 A última rosa desfolhava
2 Do ar sobre mim; e eu vêa então
3 No tronco o nome illuminava
4 E a imagem tua era a visão;
5 No anagramma Dog, God estava
6 Do amor em que há nenhum se não.

ESTROFE 59
1 Caiu borrasca; e eu firme. Quando
2 Chegaste, á noite e que eu te ouvi,
3 Tua voz cantava e transformando
4 (Todos olhando) os ceos de ti
5 Luz doce-electrica irradiando
6 E que ao mundo negas for me.

ESTROFE 60
1 Dizem: Namôro escandaloso...
2 Elle vous fait Ia court... Se va...
3 AwfulI... "Se a proteger eu ouso",
4 Responde, "o horario indicará,"
5 Não os que arranham, a hora do esposo
6 Amor, que me devorará."

ESTROFE 61
1 Esposo ideal Tantalo, Tantalo -
2 Ó Isabell, á luz! á luz!
3 Homem eu sou, quero-te o escandalo
4 E porque á morte contrapus,
5 Beber-te flamma, insecto vandalo
6 De amar amar, o amor da Cruz!

ESTROFE 62
1 A eterna luz que faz cegueira
2 E trevas faz do bem e o mal,
3 Our first shining riscando a terra
4 Doirado phosphoro edenal –
5 Quão doce-luz! quão verdadeira!
6 Quão. incantada virginal!

ESTROFE 63
1 Na tua mesa o amorperfeito,
2 Prato brilhante, ó Isabell,
3 Quando almoçamos, do teu peito
4 Creio nutrir-me o pão de mel,
5 E ao fino serviço do eleito
6 Os risos d'alliança novel.

ESTROFE 64
1 Altos degraus da gloria, - a gloria[33]
2 Co'a genial c'roa tua além
3 Cercar-me a fronte, da victoria
4 Que na bella alma se contém
5 Incantadora intransitoria
6 Como a verdade, o summo bem

ESTROFE 65
1 Do raio X na luz sagrada,
2 Voador dos ares através
3 Navegamos co'a doce amada
4 Ao pòlo ermo! á esp'rança! Tu es
5 De gloria a incognita gelada
6 Que move á terra. Firmes pès,

ESTROFE 66
1 Polaris cyclista, da rosa
2 D'em voltas - brilhas qual manhan!
3 Beijo a cabeça gloriosa:
4 Oh! strellejas! feres! "Mamman
5 Só a beija!" Tal corajosa
6 Treme abalada agulha-iman.

ESTROFE 67
1 Resplendesceu todo o universo:
2 Gritava Górdon, ring the bell!
3 Vi no meu dedo este áureo verso
4 França-alliança wedding annel;
5 Vi no teu braço elo tão terso –
6 Quem fez tudo isto? Oh, Isabell,

ESTROFE 68
1 Nem tu nem eu! Há, há ponctinha,
2 Que ignoramos, na aura de Deus:
3 A sorte grande dei-te minha;
4 Dei-te a bandeira com que os meus
5 Guiava eu triumphal. Noivinha
6 Musa, durmo aos sonhares teus.

[33] O travessão entre da gloria e a gloria foi eliminado com um risco de lápis comum.

ESTROFE 69
1 "Acordar! não entristeças
2 Ao esplendor de tanta luz!
3 Sou o ideal em que pensas."
4 - Oiço Isabell ou Jesus?..

ESTROFE 70
1 "Acordar! floram Desertos!
2 De Washington, Bolívar, Tell,
3 De O'Higgins - os teus exercitos!"
4 - Jesus! é a voz d'Isabell!

ESTROFE 71
1 Aguia sublime ao Corcovado
2 Nuvens d'envolta sobe além:
3 Da natureza o immenso quadro
4 Vê como ondula, amplo vaivem
5 Da luz, ao mar. Sinto levado
6 O coração no aereo trem.

ESTROFE 72
1 Qual um revólver fumegante
2 O Pão - d'assucar, ao fulgor
3 Da calma há raios, em diamante
4 Esfulge, Truth!á luz do amor
5 Vinda ella, desenha, ermo Atlante,
6 Ceos, nuvens, rochedos-negror:

ESTROFE 73
1 E a tela oceanea azul-sedosa
2 E esta montanha a reflectir
3 A luz do ar puro e a luz das rosas
4 E a luz da tua alma e do teu rir
5 Qual mundos novos - es gloriosa[34]
6 O Amor, a Calma, o Deus porvir!

ESTROFE 74
1 - Rigoletto?.. oh, libertinagens!...
2 Oiço, homem vão, femme varie...
3 Perfidos sons, oasis-miragens,
4 Trefegos voejos-colibris:
5 Do lumefatuo apago imagens;
6 Do amor sagrado amo-a e vivi

ESTROFE 75
1 Oh viverei eternamente!
2 Aos livres fôrça e luz eu dou;
3 Se um muro existe que somente
4 Separa... nunca separou
5 Quando, a fusão d' almas candentes
6 Os peitos, Deus-Uno julgou.

ESTROFE 76
1 Eis de Septembro a intelligencia;
2 Ou d' yporanga a onda crystal
3 Onde bebeu a Independencia
4 Ou do chileno kóndor andeal
5 Que á esta nova éra abre existencia,
6 Fulgôres toda a Ilha Fiscal.

ESTROFE 77
1 No aureo sarau da propaganda
2 Da paz, ganhei tua livre mão
3 Que ora tão doce amostra a amanda
4 Encantadora direcção
5 Do teu leito, co'o rir da que anda
6 Nesse dever que é da affeição:

ESTROFE 78
1 Que a tossezinha e os risos todos
2 Divinos oiça a me afagar
3 E em pensamento eu veja os modos
4 E possa ouvir o ressomnar
5 Puro da noite e esses denodos
6 Dos virgens sonhos 'stando a amar.

ESTROFE 79
1 Minha cabeça adormecida
2 Tão perto a d'ella estou feliz,
3 Perto da noiva pressentida
4 Desde o seu berço: e o Deus o quis
5 Zelasssem-lhe irmãos meus a vida -
6 Historia que mammau lhe diz.

ESTROFE 80
1 Novo Éden cantei ante vêndo
2 A musa advir, a livre ideal:
3 Poisavam formas, se rendendo,
4 E eras a creação genial
5 Longínquo sol claro esplendendo -
6 Vim da borboleta moral

ESTROFE 81
1 A' posse! eu armado das dôres,
2 Que são tambem armas dos teus:
3 E nos encontramos nas flôres -
4 "Que vista linda!" oh, mamman! Deus!
5 - Vão projectis dos contendores
6 Contas pedir aos tredos seus.

ESTROFE 82
1 Que madrugada! voava aos ares
2 Uma alva luz, luz alva-azul
3 (Da flor de Zény aos alamares)
4 De Zény e Célia, aquem do Sul
5 Despertavas bôa: que os Lares
6 Aos teus clamavam... de Stambul.

[34] O autor fez uma mudança, com lápis azul, na ordem das palavras. A quinta frase ficou: " Qual novos mundos, es gloriosa" .

ESTROFE 83
1 Quão limpidas ondas banharam
2 Aos pães em sonoras manhans!
3 - Ceres, Lycios que a agua turvaram,
4 Metamorphoseados em rans,
5 Aos descambiamentos cantaram
6 Anarchicos seus rataplans.

ESTROFE 84
1 Jáckie partindo: o derradeiro
2 Dia brincam; então eu vou
3 Vel-os brincar - que infantil cheiro
4 D'hear my voss before I go
5 Em qual dilemma aventureiro
6 D'és e não es, sou e não sou!

ESTROFE 85
1 (Que nunca, nunca eu dizer possa,
2 Ou m' estalara o coração:
3 Bella sublime a crescer môça,
4 Luz d'esta patria em remissão,
5 D'estas montanhas rosea corça,
6 O amor a quer do Cidadão) –

ESTROFE 86
1 Brincar navio! É marinheiro
2 Jáckie; .Isabell é capitão.
3 Naufragio!... gritou timoneiro.
4 Dem salvavidas!... Salvação.
5 Fluctua, sobre o mar fragueiro
6 Formando em flor, um coração.

ESTROFE 87
1 N'aerea barca hellespontina,
2 Lobo do mar, salvei-a: ri!
3 Quão divinal!! quão saccharina!
4 A linda jóya!... "Can not see."
5 Beijo-lhe as tranças; na infantina
6 Bocca há segredos de rubi.

ESTROFE 88
1 Porém, nas praias do aureo pôrto
2 Mordeu essa ânchora fatal
3 De "home" esp'rança, "home" confôrto
4 Que afouto amor eleva ideal:
5 Que nem mais brinca; e ha do Deus morto
6 A gloria, ao seculo advir al.

ESTROFE 89
1 E do navio no anagramma
2 Co'a noiva estou... vêndo navios:
3 E porque o mundo se destrama
4 Por estes januarios rios,
5 Amando como quem mais ama,
6 E vindo hinverno e estando estios.

ESTROFE 90
1 Na jacarándea árvor de vida
2 Trepa; eu desenho o resplendor
3 D'wifezita Syke-Hamadryada
4 Que atira flôres no pintor:
5 - Vem ver o fiel quadro, querida -
6 "Nonsenses... fruit I give you for ...

ESTROFE 91
1 Ao serão, que selvagerias!
2 Da Harpa doirada, oh! que enchordoar!
3 "I hate you!" não vîas, não vîas
4 O inimigo! e luctar! e luctar!
5 "Que a um republicano te havias,
6 Horrores! e vais-me deixar!"

ESTROFE 92
1 - Hora - Hora - eis-me sol todo fáculas
2 Que tu es, tu es - oh, o splendido sol!
3 Se es as manchas bellas immáculas
4 Víctimas, como um gyrasol -
5 Recomeçam brigas tentaculas:
6 Que noivado! que home inter wall!

ESTROFE 93
1 Não foi minha culpa, na lucta
2 Tocar da roseira os botões -
3 Que lindas coisas que ha! - tão bruta!
4 Oh! do Altar nas constellações
5 Quão doce ajoelhar!... oh! escuta!
6 Pedra d'ara a arder... Sagrações,

ESTROFE 94
1 Do sangue que hi sacrificaste
2 Do coração do amado teu,
3 Saudades tuas: tu ficaste
4 Gloriosa - a luz de Prometheus
5 Genuína dos ceos da tua haste
6 Que ao deserto resplandeceu

ESTROFE 95
1 Incéndio. Da cinza alvacenta,
2 Heartease aos incantos surgiu:
3 E internou-se, d'alma sêdenta
4 N'outra e onde eterna existiu,
5 Como ora estás ahí tão attenta...
6 Que de amar que amor permittiu!

ESTROFE 96
1 "Se amigo eu sou do Presidente,
2 Mais nunca me ha della falar?"
3 Vão-se tres dias; e eu descontente
4 Vejo-a tambem longe a scismar:
5 Vou silencioso e humildemente
6 Falo; e de novo a oiço. Oh, meu lar,

ESTROFE 97
1 "Isa! Quando tua dindinha
2 Nos deu cheque-mate áurea lei,
3 Ouviu-se o Destino: "advinha;
4'Mais do que Bellona, darei
5 ' Paixão d'outra, outra Isabellzinha,
6 'Que entre os livres sejas um rei:

ESTROFE 98
1 'Rei da democracia-pura
2 'Da saude e do fraternal Deus,
3 'Da agua crystallina e murmura
4 'E á mesa um só prato; e por teus
5 'Bombardeada a Europa, á ventura
6 'Antilhana perola'! - Deus!

ESTROFE 99
1 Sobre o sepulchro de meu pae
2 Tal fôra exposta... uma harpa eolia
3 Recennada: Musa magnolia,
4 Como é do Pallor, quando cae
5 O caro que se nos immola
4 Que vem tanta luz! - Escutai:

ESTROFE 100
1 "Quando apparecesse eu no mundo
2 Deslumbraria." Tu es a luz
3 E o fragor eu sinto profundo
4 Em que se alevanta uma cruz
5 Sem do Faustus o pacto, em tudo
6 Hei quanto em ceos terra produz

ESTROFE 101
1 Politrópon[35]*,* fui naufragado:
2 Á França, eternal gratidão
3 Das festas da Industria... Coitado
4 Vaidoso o tres Napoleão!
5 - Do mundo dos rêis exaltado
6 Um brazil-brilhante, ao Salão

ESTROFE 102[36]
1 Dos destinos vêde a belleza:
2 O veiu buscar L'*Avenir;*
3 Após mil desgraças, ao Guesa
4 Rojou á aurea praia - E elle a ouvir
5 Hymnos triumphaes da Marselheza
6 Sorrindo a França ao do porvir

ESTROFE 103
1 Novo Odysseus. Mas ao proscripto,
2 Argueiro suspeitoso ao rei,
3 Se lagrymas houve o granito
4 Dos serros brazilios, que amei,
5 O honraram diamante bonito
6 De liberdade - Os presenciei,

ESTROFE 104
1 Lisboa Serra, o Odorico, o Dias,
2 O Sousa, o Gabaglia, a guardar
3 Ao de Bagagem - qual dirias
4 Inteira Europa a lapidar
5 Extranha pedra e que haverias
6 De ver de ti deante ora a estar

ESTROFE 105
1 Á yankea, á parisea balança...
2 Pesara mais que o Imperador;
3 Do incendio d'Albion, cinza-esp'rança...
4 E d'onde *Libertas* a amor
5 Surde armada; e é tua a trança...
6 -Tal, "perdido" foi vencedor.

ESTROFE 106
1 Oh, a bandeira incendiaria
2 Em phlegros campos - um rosal
3 Guardando a bella árvor, á hastearia
4 Gravado teu nome auroral,
5 Infancia patria ignara vária
6 E do incantador fructinal

ESTROFE 107
1 Eu tão zeloso! oh, verdeante
2 Que o pomo dás de oiro em amor,
3 Como es a coroa irradiante
4 A arder-nos da fronte ao redor!
5 Co'o riso-ceos, o amor amante
6 Á luz do labio incantador.

ESTROFE 108
1 Então a selecta me deste
2 Como agora dizes *you steal?*
3 Eu? ladrão do fructo celeste?
4 Prometheus pôr fogo ao Brazil?
5 Pelas redemptoras de Orestes!...
6 Nós reedificamos - perfil

[35] A palavra *Polytropon* está em escrito em grego e significa viajor, astuto. É uma forma acusativa do nominativo *Polytropos.*
[36] As estrofes 102 e 103 foram escritas no verso da folha 22 do manuscrito, com a mesma tinta e pela mesma pessoa que copiou o poema e tiveram seu lugar de inserção devidamente indicado.

ESTROFE 109
1 ”Castello hotel:" ter n’esse eu possa
2 Four rooms... "No one há de ter!"
3 - Que coração duro de môça!
4 Parecia que eu ia morrer
5 I *hate you,* diz uma esposa
6 Ao seu Deus? ao reconhecer

ESTROFE 110
1 Revolucionario contrário
2 De sua dindinha e terror?
3 Dir-se-hia ferir-me o nefario
4 Das Marianninhas á dor
5 Da trezena maya, o horario
6 Do Novembral reis a depor.

ESTROFE 111[37]
1 O escravo, eu d’escravos do Nero;
2 Diplomata eu....d’altivez
3 Das Forcas – caudinas, co’o ferro
4 N'alma e no ‘”” *uma vez Um*
5 *hommem livre...* ora o fagueiro
6 Da Liberdade, bem me vês

ESTROFE 112
1 Deus *pae* de *pretos.* Tão amado,
2 Se tua dindinha é a mãe,
3 Basta eu ser, comtigo, o afilhado:
4 Distribui-lhes terras - manhans
5 Da Republica o ente adorado
6 Symbolo teu, meus talismans.

ESTROFE 113
1Mundo Novo[38], que á minha porta
2 Senta-se e lembra os meus lares,
3 Que ainda eu sou alma que aporta
4 Nas incantadas terras-ceos...
5"Oh! a esta borboleta morta
6'Stragam, tocando-a, os dedos teus!"

ESTROFE 114
1 Columbus, quanto hei pequenino
2 No Internacional grande hotel,
3 D’entre o que ha berço de um menino
4 Adormentado ao menestrel
5 De um sabiá puro, e o grand' divino
6 Que ha com sua mãe, Isabell,

ESTROFE 115
1 *Hunting-watch,* a noite aos ares
2 Erra no umbror gotta de luz,
3 Lume de um hymno dos scismares
4 Della, que vem, que a mim conduz
5 De descobrimentos stellares
6 Sonhos seus de amor - luzeluz,

ESTROFE 116
1 São Salvador! ao navegante
2 Quão bello o ser salvo por ti,
3 O’ luz divina á noite errante
4 Nas praias de Guanahani,
5 Qual olhar felino-triumphante
6 Da terra incantada! E tal vi

ESTROFE 117
1 Fôrça que eternal predestina:
2 Ha Columbus? ha Isabell,
3 Ou não se descobre a menina
4 Virgem Amarca! Haja o annel
5 Da noiva, o que em Deus peregrina
6 Mares revoltos, sub docel

ESTROFE 118
1 Puros ceos. Dormindo, ha dos sonhos
2 Cadentes estrellas, os ceos,
3 Que são luzeluzes risonhos
4 Bordando á alma lucidos veos;
5 E despertam olhos, tristonhos
6 Como ao terror de seus tropheos.

ESTROFE 119
1 Doce doce homóstego incanto
2 Dos tectos abrigos! do lar
3 Que ha segredos risos e prantos
4 Oh, Isabell, cohabitar
5 É ter achado o ínvio recanto
6 Dos ceos de amor em terra-amar

ESTROFE 120
1 É o novissimo eternamente
2 Ser: nós somos os ideaes
3 D’este ideal novo continente,
4 Poesia da bénção dos paes!
5 Cratera, Teneriffe ardente
6 Que ao longe vermelha avistais.

ESTROFE 121
1 É-te a guarda d'honra, ó divina,
2 A luz do bardo-cidadão,
3 Qual é social fôrça á que inclina
4 A realeza: ao coração
5 Ás glorias o que predestina
6 Toda a porvir revolução.

ESTROFE 122[39]
1 Providéncia - oh, sabedoria !
2 A Columbus, pomba ideal,
3 Se de Juno ao Cancer envia;
4 Manda ao Capricornio, Cabral,
5 E- hi tendes que cumprir se havia
6 Toda a verdade... zodiacal.

---

[37] Essa estrofe foi mudada de posição, pelo autor com lápis azul – era a estrofe 112 e passou a 111.
[38] O autor de lápis azul fez uma indicação de troca nas palavras Mundo Novo(linha1) e meus lares (linha2)
[39] Depois da estrofe 121, foi indicado, a esquerda um asterisco para indicar a inserção de uma estrofe na página 344. (p. 25)

ESTROFE 123
1 Manhans de oitubro: ao primeirinho
2 Clarão, qual d'ella, acordo e estou
3 A' matinal luz rubro-vinho
4 Frescura d'alma; e as rosas vou
5 A onde em vestido côr de ninho
6 Ella, eu olhando, hontem revoou.

ESTROFE 124
1 Sacrifico da esp'rança o insecto
2 Entre os florões do roseiral:
3 Co'o alfinete *"I-am-busy"* penetro
4 O verde-brando dorso, e qual
5 D'ella os cabellos no hombro abertos
6 Tremem as azas do mortal.

ESTROFE 125
1 A hora das sestas; dos *lunchs* a hora
2 Afortunada, a do Senhor -
3 Oh! *sweet home!* Eis Deus agora!
4 Silencio! no ar oiço rumor
5 D'estrellas... quão scintilladora
6 Cae do amplo ceo! topásion-flor!

ESTROFE 126
1 E á profundez da grande calma
2 Aníma; é vida; embala, ao sol
3 Poisa fronteira - oh! é uma alma!
4 São duas! no ar a unida palma
5 Jaldeo - amarello oiro-arrebol,
6 Voam no raio, amam no sol,

ESTROFE 127
1 Climas nossos - òlha! "Estou vêndo"
2 Symb'los de amor que amostra Deus...
3 "Bichos de pão; Mammam dizendo
4 You put me, in a chop" E os ceos
5 Descem por nós: e assim pretendendo
6 Stão nossos dias, teus aos meus

ESTROFE 128
1 E os dois insectos azas douram
2 Quatro no abraço incantador
3 Ao claro clima e em que, se choram
4 Olhos á luz, faces não coram
5 Vê bem como é o ceo-amor:
6 "Oh! a incantada interna flor!"

ESTROFE 129
1 Indianas calmas - oh! *iandara!*
2 Oh! *inruceêm* dos favos teus
3 Do ceo da bocca: á nós cantara
4 *De Deum laudamus!* Alma-Deus
5 Em que o doce amor incantara
6 Os dias nossos, teus e meus.

ESTROFE 130
1 A ardente chamma! a achei nos ares:
2 Colhi, da montanha a soidão.
3 Conto esta historia outros logares:
4 Como doia o coração
5 Tocando os pés em novos lares
6 Onde se faz resurreição.

ESTROFE 131
1 Morrer de ciumes: formosissima
2 Ao serão *(parvenus?..* dulçor...)
3 Vem a brincar fulgurosissima
4 Ou ler ao gaz junctinha e amor;
5 Porém tornando-se doidissima,
6 Reprehende á Musa o trovador.

ESTROFE 132
1 Quiz ser a discipula minha:
2 Socrates, eu sonho tambem
3 Do meu peito aberto a andorinha
4 Gritando s'erguer ceos além
5 Peito alvo e azas negras; sol vinha,
6 E a ouvi despertar. Oh! meu bem!

ESTROFE 133
1 Bem hajam que á luz se desejam,
2 Tão incantados corações!
3 Que a divindade todos vejam
4 Interno paraiso, e edenões
5 Intimamente onde s'estejam
6 Porque estão neles as soidões.8º

ESTROFE 134
1 Que "estou 'studando o animalzinho"...
2 Salutar presença, oh! mamman!
3 Da ornithologia de um ninho
4 Todo hoje amor, dor amanhan,
5 Da nova patria ao puro vinho
6 Deixai-me a embriaguez christã!

ESTROFE 135
1 Esta é a effigie sancta em que eu creio
2 E tenho ao peito, amôres meus,
3 Amor de Minerva: se ao meio
4 D'espelho outros-tempos os seus
5 Brilhos mirar... ainda releio
6 À metamorphose - Deus! Deus!

ESTROFE 136
1 Deus! *Rosebud* nectar candente
2 Que ao velho odre Itamaraty
3 ("Tudo 'sphacelado"... Ó, Prudente!)81
4 Fez rebentar! Rósea "phrygie,"
5 Não *meninos-de-oiro,* a juvente
6 Patria moral. – Itamaraty

ESTROFE 137
1 Doirado paço-agoiro chaotico
2 De titular môfo e bolor,
3 Mais d'escravos tempos um pórtico,
4 Do que p'ra berço de uma flor;
5 Domino noir templo deodorico
6 Mais, do que á liberdade-amor.

ESTROFE 138
1 Dir-se-hia, somente pensavam
2 Grandiosos; em seus mausoléos
3 Sem verem que as sombras estavam
4 Dos donos primeiros. Tropheos
5 Dir-se-hia, que s'embaraçavam
6 Os *vivos co'os mortos, co-reos.*

ESTROFE 139
1 *Bebo á Carioca,* onda *divina*
2 Que da terra esquicha e que faz
3 Lindos, rosto e voz, á menina;
4 E eu nos Tamoyos creio. Mas
5 Telepatha eu, se a assassina
6 Trama romper venho: da paz

ESTROFE 140
1 Da Saude, ó *fratemidade*
2 Desconfiada! commendador,
3 Cansais, como outrora a piedade
4 Do vosso bom Imperador.
5 E o meu Presidente em verdade
6 Negais-me! Que olhais com terror

ESTROFE 141
1 A cartola, vejo. Mas, vêde
2 Que o teem de depor amanhan;
3 E eu vindo o livrar, não me *crêdes;*
4 Sois as mesuras cortezãs,
5 Senhor mordomo: e estas paredes
6 Derribar vim. Novinha e sã

ESTROFE 142
1 Da República e a casa branca
2 Onde um Mac- Kinley cidadão
3 Fez caso de tudo co'a franca
4 Luz do valente coração -
5 D'Wilmington licença á barranca,
6 Vereis na harmonia á ascensão.

ESTROFE 143
1 De Theresopolis aos montes
2 Transporte o eleito a capital:
3 Puros ares, sublimes frontes
4 Revocarão todo o ideal
5 Que presidia aos horizontes
6 D'onde raiara o Novembral.

ESTROFE 144
1 *Ôlho* no *padre, ôlho na missa*
2 Alerta, escholares da luz!
3 De um pae a alma doce desliza
4 Per júnior que ás bénçãos o induz,
5 Quando jacobinea matiza
6 Graça aos barbadões Esaús.

ESTROFE 145
1 Da propaganda os aureos sonhos
2 Como ennegreceram aqui!
3 Qual fossem oirama os risonhos
4 Ideaes de Silva Jardim;
5 Muros combateram medonhos
6 Vencendo... sem ver Benjamim!

ESTROFE 146
1 Vencido o novel, ao 'Deserto
2 O "moço" os deixou: coração
3 Findando seu tempo, e correcto
4 Que vai meteoro n'um volcão
5 Depor sua c'roa - Oh, Brutus, certo,
6 'Stá Cronos na revolução!

ESTROFE 147
1 E eis minha casa, miniatura
2 Da República: o pão... me dar
3 Pedras a Victória, e doçura...
4 *Nessun maggior dolore,* a olhar
5 Sorrindo á sp'rança, que ventura
6 Quão docemente ha de chegar!

ESTROFE 148
1 Como as juritis do deserto
2 Gemiam-lhe os seios - meu Deus!
3 E arrancaram-lhe os descobertos
4 Profundos thesoiros tão seus!
5 E o Amazonas sem vagas... certo
6 Que è o Saharah... templos Anteus.

ESTROFE 149
1 Oh, o Saharah onde á existencia
2 Do fresco oasis (qual fulgor
3 De uma esmeralda) á incandescencia
4 Do *areial abrasador*
5 Ve-se o *rebanho* e a independencia
6 Do errante viver do pastor!

ESTROFE 150
1 Lhe é o cerebro o alto firmamento:
2 Se hi as nuvens, se hi o vendaval
3 Resvalam batidos do vento,
4 Gravam factos - e à historia astral
5 A estar é bello o pensamento
6 Parado, ante o grande ideal:

ESTROFE 151
1 Ao horizonte rubro-flavo,
2 Luminosos templos de Allah,
3 O homem adora: é o livre escravo
4 De quanto sente e de quanto ha
5 Nos ceos, no oásis, no doce favo
6 De uns seios desertos-saharahs.

ESTROFE 152
1 Porque aurora e occaso, simelham,
2 Mesmas côres, mesmo o rumor,
3 Divinas murtas que envermelham,
4 Lauréis de outomno que hão rubor,
5 Diamantes que intactos espelham
6 *Boutonières* de grand senhor.

ESTROFE 153
1 Mas, estava a terra sombria,
2 Dês que a miragem se[40] apagou:
3 Pendão noctambulo, ao meio dia
4 E sem sol nem sangue! E eu stou
5 Da aurora á hora rubra, que eu vêa
6 Da geração nova. Corou

ESTROFE 154
1 Dona Isabellzinha e sorriu
2 (O riso-Ceos!) verdade imagem
3 D'esperança e fé! Quem não viu
4 Través de tão límpida aragem
5 A flor *d'arbor vitae* á ramagem
6 E os fructos, morangos no Rio!

ESTROFE 155
1 E Itamaraty... danteo abysmo
2 Dado pra berço á mais gentil
3 Revolução! E eu scismo, scismo
4Vendo e ouvindo o inferneo alcantil,
5 De Waterloo sepulchro mutismo,
6 Fundo o gemer - ai do Brazil!

ESTROFE 156
1 Enchei-o de oiro! Se diria
2 Infanticídio: puro e são
3 Nato em tanto amor e que havia
4 Ser estrangulado á traição
5 Em Guanabara, na Bahia,
6 Em cada impuro coração.

ESTROFE 157
1 E do Marquês "Menino de Oiro[41]
2 O quadro exposto: e eu diante a olhar
3 (Há quarenta anos), ora o agoiro
4 N'Harpas-Selvagens a vibrar
5 Ouvide e aprendei o tesoiro
6 Das ciências dos destinos, do ar:.

ESTROFE 158
1 Vi, os de Garfield o deixaram,
2 A victima exposta ao traidor;
3 Os de Prudente o antemuraram
4 Sublimes! De um Cesar ao ardor,
5 Fanaticos rudes se armaram
6 Que então houvesse um vencedor.

ESTROFE 159
1 Astro, a "epopeia da lealdade"
2 Entoarei per Bittencourt;
3 Astro, a d'armas da Liberdade
4 Per Floriano, El Cid; Arthur,
5 A mais formosa de verdade
6 Lhe ouvindo estás ao sul-murmur

ESTROFE 160
1 Oh! noite gloriosa! oh, fulgôres
2 Da Ilha Fiscal! quando da mão
3 Cai, da Princeza, o leque; e a amôres
4 *Libertas* hasteia o pendão,
5 Menina bonita das dôres,
6 Incorruptivel diamante! a hão

ESTROFE 161
1 Truth e o do mar, 'velho veridico',
2 Passado - Presente - Porvir,
3 Ahí vêndo o thesoiro brazílico
4 À' colonial lagarta, - o aurir
5 Do Imperio chrysális, - e o idylico
6 Borboletear do teu rir,

ESTROFE 162
1 Ó Liberdade, flor senhorita
2 Qual Sancta Thereza, a união
3 Da luz e do amor, a bendicta
4 *Crucis* - pentastral pavilhão
5 Que ha sangue e o rubor nobilita
9 A arder neo-patrio coração.

ESTROFE 163
1 Senhorita, aos paes esperança,
2 A virginal sempre-menor
3 Da idade que nunca descansa
4 Constante afanosa de amor,
5 Que ha luzes no olhar e na trança,
6 E na boca a vera aurea flor.

ESTROFE 164
1 Nas corôas dentaes: não do infesto
2 Que embota o esmalte aos de Xavier
3 Gloriosos lyrios honestos
4 Em sempre juvente mulher,
5 Sempre-menor, d'esse mosdesto
6 Que a anjo dictador se requer.

[40] A partícula **se** foi riscada com um X pelo autor na correção feita.
[41] Estrofe escrita pelo autor com tinta escura no verso da folha 32. Seu ligar no poema foi indicado por Sousândrade.

ESTROFE 165
1 Refractaio è o genio; cresça
2 Mais em idade, o coração,
3 Do delicado que adolesça
4 Mais quer a ideal nutrição
5 Luz do diamante - o resplandeça
6 Nos ceos da íntima solidão.

ESTROFE 166
1 D'onde o rir lírios-Tiradentes,
2 Çucenaes corôas; de amor
3 ' Eucharistias contentes.
4 Porque Washington o lavador
5 É o Baptismo dos continentes
6 Da Liberdade - ao peito a flor,

ESTROFE 167
1 Das patrias de ambos: do diamante88
2 A amorosa Minas Geraes;
3 E a da magnolia lactejante
4 A livre Virginia – immortaes
5 De George e Joaquim-Josè, de ante
6 As duas patrias ideaes:

ESTROFE 168
1 Do Baptismo e da Eucharistia
2 Os sacramentos em Jesus:
3 Limpa, a existencia principia;
4 E o que a sociedade conduz;
5 Outros tão sanctos que elle vêa,
6 Dados os quiz depois da Cruz.

ESTROFE 169
1 Onde o homem moral é o Guesa,
2 (Da vingança a negra paixão)
3 Que abolindo morte e tristeza,
4 Fez a incruenta revolução:
5 Tequendama quèda à òndea mesa
6 Guatavita sacro. Em botão

ESTROFE 170
1Rósea chama que, ardente ao peito
2 Do cidadão, faz rebentar
3 Espelhos; e qual do teu leito
4 A doce mensagem de um lar
5 Nidoso inod'ro - amorperfeito,
6 Pedra d'ara d'áureo Altar.

ESTROFE 171
1 Se de America ao alaude,
2 Levantei a revolução:
3 De Moysés se hei voz e virtude,
4 Por Deus, que encontrei meu Aarão!
5 Forjai armas do Cidadão![42]
6 Às *leis! Operarios, á incude!*

ESTROFE 172
1 Qual pondo fogo á propria armada
2 Cortez, se arma á fé; Odysseus,
3 Á tormenta Barca abandonada,[43]
4 Atira-se ao pelago – Ó' Deus,
5 Tal de Kelidónia avisada
6 Foi minha alma ás trevas dos meus:

ESTROFE 173
1 Nuvem... que metamorphoseia
2 Relampago... alma claridão
3 De Jesus, que eterno incendeia
4 Eternamente ao coração:[44]
5 Reino de Memoria e cadeia
6 De geração em geração.

ESTROFE 174
1 Raio do Sol que dulcificas
2 O pomo e coloras a flor,
3 Que á terra amante mirificas[45]
4 Quanto á nutrição tem amor,
5 Raio do Sol, montanhas ricas!
6 Ao teu sagrado resplendor,

ESTROFE 175
1 Rosa humana que á terra morre
2 E deixando ao Invisível Deus
3 Quanto proclamara da tôrre
4 De sublime entrada, dos meus
5 Immensos affectos! Concorre
6 Morte nos ceos divinos teus.

ESTROFE 176
1 Olhar ha a que relogios param;
2 O meu, oito e meia, parou
3 Quando olhos teus o consultaram,
4 Fulgor negro-aureo; e a hora tardou
5 *Don't go to bed yet.* E olharam
6 Qual, de então, vêndo-os sempre estou

ESTROFE 177
1 Sómbrio olhar d' Astréa: amarantos
2 Virginaes, da bella estação
3 Quero-te os terríveis encantos
4 Que ha na Doirada negridão
5 Das chammas que produzem prantos,
6 Fascinam - jardins ao volcão.

ESTROFE 178
1 Mânes da imperatriz Christina
2 Que os conduzis ás chammas suas
3 De vingança innócua divina,
4 Que inda à eternidade os influas
5 Ao clarão melhor' alma Pluvia,
6 Has companheiros, glorias tuas!

---

[42] O autor corrigiu de lápis azul com um risco invertendo as frases. A última frase passa ser a antepenúltima. Às *leis! Operarios, á incude!* Forjai armas do Cidadão.
[43] O autor riscou a palavra "Barca" de lápis azul e mudou-a de posição com a palavra á tormenta, ficando portanto, a frase "Barca à tormenta abandonada".
[44] Riscada com lápis comum a palavra *Eternamente,* sobre a qual o poeta escreveu: *Sempre presente.*
[45] Para não deixar dúvida quanto à sílaba tônica, Sousândrade pôs, com lápis azul, um acento agudo em *mírifícas.*

ESTROFE 179
1 E Isabell que os astros aguardam,
2 Ja no aposento entrando seu,
3 Qual se as paredes aclararam
4 Vejo através, que amanheceu:
5 *Fraises de Therese* lembraram
6 Sua luz, seus rumôres. Conto eu

ESTROFE 180
1 O lindo pariseo romance:
2 A Sorbona armava-me (eu sou
3 O Itajúba)... Mas, n'um relance
4 Porta abre e *mamiselle* entrou;
5 E emquanto janta-se, haja *chance,*
6 Cythara afinando, cantou:

ESTROFE 181
1 E os estudantes ao estribilho
2 *Chanterelle* e riso. Ella, então
3 Mui séria, o pratinho do milho
4 Gyrava ao redor; e a canção
5 Bisada entre bravos, o trilho
6 Seguia a graciosa visão.

ESTROFE 182
1 Sonhavam da , algas verdosas
2 O manto em florido pradal
3 E as ondas profundas dolosas
4 Co'o chamar de abysmo fatal
5 E d'onde as mães d'água amorosas
6 Penteavam o cabello. Auroral:

ESTROFE 183
1 Bom dia! que em triangulares
2 Petalos quatro unam – rubi
3 De um beijo. Aureo lume Polaris
4 Magnete da terra, de ti
5 Que estás pondo a mesa dos Lares...
6 Quão bela a Republica assi!

ESTROFE 184
1 Tirídato annel d'alliança;
2 Helê bracelete prisão:
3 Oh! como á incantada lembrança
4 Estás sempre a olhar! Solidão
5 Que os ceos, ao que fôra esperança
6 Confirmam presentes e dão...

ESTROFE 185
1 Verso de syllabas quarenta
2 Em que, ó Fortuna, has de gyrar;
3 Phosphor riscando á terra: argêntea
4 Bethlehem do pão; mesa de amor;
5 Taça de amor; vida sêdenta
6 De affectos!... fôra o doce lar.

ESTROFE 186
1 - Onde estás, Isabell? "Na tua alma."
2 - Isabell? - "No teu coração."
3 - Porém, quem responde a esta calma
4 Em que os pensamentos te vão? -
5 " Tua familia e luz tua, tua palma
6 E que comtigo sempre estão."

ESTROFE 187
1 Oh, 'Isa'! que es 'directamente'
2 O bom character de mamman,
3 Meu pseudonimo dos contentes
4 Dias doirados d'outra manhan,
5 Que é tua agora - omnipotente,
6 Eis o amuletto: *hymo an.*

ESTROFE 188
1 Mammans fazem votos delirios:
2 Cortam seus cabellos, levar
3 Vão ao Deus=Jesus dos Martyrios;
4 E em romaria a Ribamar
5 Pes descalços, no hombro o seu lirio.
6 Da morte ja salvo, amostrar.

ESTROFE 189
1 De Mount-Vernon aves canoras,
2 Escuta-as tambem, Isabell!
3 Em nossa alma fazem auroras
4 Como o d'alliança teu annel
5 Sentir-se no dedo: a victoria
6 Tem-te no equador o docel.

ESTROFE 190
1 Vais das borboletas á caça
2 Accompanhada de Beatriz
3 E na amangueira (da desgraça[46]
4 Um qual futuro mais feliz)
5 Fulge uma luz: a *luz se faça*
6 Amor, que Oromaso bemdiz.

ESTROFE 191
1 Hão trombas como os elephantes,
2 Talvez de mor fôrça moral,
3 As borboletas estellantes
4 Qual almas em luz aereal:
5 Aquellas dão guerra ruidantes;
6 Estas gloria a Plato e ao rosal.

ESTROFE 192
1 *Lookinglass?...* quão ferinos zelos!
2 Despertar serpentes no Eden!
3 Do que os tão luzentes espelhos,
4 Antes pranto e ausencia... oh! meu bem!
5 Deixem-me da noiva os desvelos;
6 Tomem de jacina o refem.

[46] Intrigante, no manuscrito, pela forma e pelo contexto, a palavra amangueira, que sugere talvez, a grafia estropiada de amargura.

ESTROFE 193
1 D'oeluros tractas, de p'riquitos;
2 E á minha porta, *"You lave bread"*
3 Dizer sentadinha... infinito
4 Malicioso, o rir lindo e *red...*
5 Tu fazes o mundo bonito,
6 'Isa' de mamman - oh! *my head!*

ESTROFE 194
1 Quando a Garibaldi-Mavorte
2 Cantando passarinho veiu
3 Do sol poente, à hora da morte,
4 (Dizem) da Liberdade o esteio
5 Tombado sorriu: a consorte
6 Alma de Annita - o levou, creio,

ESTROFE 195
1 A' eternidade e qual me levas,
2 Vestida de branco setim!
3 Flores das nossas puras selvas,
4 Grandes harpas de oiro, de *si...*
5 - Laminas?.. do ar?... Deus, que as elevas
6 Volve-as á dóctor Guilhotin!

ESTROFE 196
1 Da revolução eu Saint- Just,
2 Eu Robespierre, haverei
3 Pedras... de Victoria... me custe
4 Pão de justiça, oiro de lei;
5 Não cofre em que o mundo discute,
6 Não mundo onde aos cofres eu dei.

ESTROFE 197
1 Es tão sublime de verdade!
2 Sp'ritos guiam, o' Isabel!
3 Oh, incendiada divindade!
4 Como ao ar voam pombas sem fel
5 *So soft*! É inveja a humanidade,
6 Não is... tens no teu nome Abel!

ESTROFE 198
1 E foste? ai! paraisal gloriosa,
2 Provocando a todos sgrimir, -
3 Morra quem tocar n'esta rosa!
4 Qual magdalenita do rir,
5 (O riso-ceos!...) voz tempestuosa
6 Te ordena ahi parar! Ao porvir

ESTROFE 199
1 Do grande amor! o que redime
2 De amorinhos, côrte lethal:
3 Ao grande amor que é como crime
4 Hostia sagrada, hostia fatal,
5 Pela intelligencia, sublime
6 Antes que á innocencia do mal.

ESTROFE 200
1 Oiço... até o irmão teu suicida
2 Jovem genio s'ergue por ti:
3 D'Emil lendo os cantos de vida,
4 Qual d'elle longo echo te ouvi:
5 Oh! da patria, musa querida
6 Lookinglass?... Vinganças de mim.

ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS DA GUERRA DA BALAIADA

01 – Manifesto de Raimundo Gomes Vieira enviado á João Luiz de Abreu. (012, p. 36 1838)

Illustrissimo Senhor João Luiz de Abreu Villa da Manga quinze de dezembro de mil oitocentos trinta e oito. Como me acho nesta villa com a reunião de povos a bem do socego publico, como consta dos artigos seguintes. Primeiro: que seja sustentada a Constituição e garantias dos cidadãos. Segundo: que seja demittido o prezidente da Provincia, e entregue o governo ao vice – prezidente. Terceiro: que sejão abolidos os prefeitos, subprefeitos, e comissarios, ficando somente em vigor as leys geraes, e as provinciaes, que não forem de encontro á Constituíção do Imperio. Quarto: que sejão expulsados (dos) empregos (os) portuguezes, e despeijarem a Provincia dentro em quinze dias, com excepção dos casados com familias brazileiras, e os velhos de 60 annos para cima. Raimundo Gomes Viera, Commandante da Força Armada.

02 – Ofício do Rebelde Pedro Alexandrino dos Santos ao Presidente da Provincia. (062, p.98 1839)

Illmº. e Exmº. Senhor

Tenho a honra de participar a V.Exª. que me acho com parte de minha tropa de posse desta villa, com todos os portos da beira do rio Parnaíba, desde os seburbios de Caxias até a Tutóia guarnecidos com gente minha alem de trez mil e tantos homens que tenho no cerco daquella cidade, assim como tambem os milhores pontos do Itapicurú, todo o centro de Munin, e Iguará; porem vindo eu o grande distroço a que está amiaçada a nossa Provincia, rezolvi na data de ontem fazer reunir hum Conselho, composto de parte de meus officiaes, e os cidadãos, que se achavão nesta villa a fim d'deliberarem tudo quanto fosse a bem de nossa Provincia. Reunido que fosse o ditto Conselho, eu e meu segundo commandante fizemos a nossa reprezentação, em que expuzemos os geraes sentimentos de toda a tropa e povo ao que deliberou que se remetesse a V.Exª. tanto a minha reprezentação como a mesma Acta, e que fosse enviada pelos senhores capitão Jeronimo José do Rego, major Victal Vas do Espirito Santo, Lionardo Jose de Lima, na qualidade de emissarios, não só a esse fim, como tambem para pessoalmente levarem ao conhecimento de V.Exª. o estado actual de semilhante negocio, e os animos de todo o povo em geral.
Ora Exmº. Senhor o melhor jeito de acalmar todas estas cauzas he V.Exª. fazer cumprir o mais breve possivel os artigos constantes da Representação, que o ditto Conselho lhe envia, e pecontrario, nós com as armas na mão o faremos, e teremos o disgosto de ver toda a Provincia tinta em sangue, cujas consecuençias funestas podem ser remediadas pellas sabias providencias de V.Exª.
Deos Guarde a V.Exª. por muitos anos.
Quartel da Villa do Brejo 6 de junho de 1839.
Illmº. Exmº. Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello,
Prezidente da Provincia do Maranhão.
Pedro Alexandrino dos Santos.

03 - Ofício do Rebelde Raimundo Gomes ao Prefeito da Comarca de Itapecuru-Mirim. (066, p. 104 - 1839)

Illmº.Senhor. He de mes dever para não causar mais efusão de sangue entre os habitantes de nossa Provincia Maranhense levar ao conhecimento de V.Sª. qual he a minha pertenção e de todos os honrados do Partido Bemtivi, para que V.Sª. estando bem ao facto delle se resolva a annuir ao partido que tão vantajozo e para a Provincia inteira, e por esse meio fazer-se sanar os pleitos, he o motivo que se deve pôr em execução os seguintes artigos. Primeiro que deverão as illustrissimas Camaras da Provincia representarem a Assemblea Geral o que se segue para o bem estar da Provincia inteira, primeiro que sejão sustentados a Constituição do Império, e garantidos os direitos dos cidadãos brazileiros, que lhe concedem a sua liberdade. Segundo que seja dimittido o Prezidente da Provincia, e entregue o governo ao vice – prezidente. Terceiro que sejão extinctos e abolidos os prefeitos e subprefeitos; e comissarios, portanto estes tem violado todas as leis do Imperio, e feito sofrer os cidadãos quasi um despotismo, e que somenti fiquem em vigor as leis provinciaes, que não forem de encontro as leis geraes do Imperio. Quarto que sejão expulsados dos empregos publicos todos os portuguezes, e que despejem a Provincia dentro do prazo de quinze dias, com excepção dos casados com familias brazileiras, e jurarão a Independência, e os velhos de 60 annos para cima. E protestamos não largar-mos as armas das mãos sem primeiro vir-mos tomadas as medidas expedidas ao governo, e certificamos que guardaremos as honras e tranqüilidade dos brazileiros, a segurança e vida dos cidadãos sem ser debaixo de fogo, e tambem seguramos os seus cabedaes. Eis aqui Illmº.Sr o que queremos que se faça, e espero que V. Sª.a vista do expedido desista de todo e qualquer intento contrario a este partido, e se reuna a elle, que lhe sera muito melho e vantajozo, e do contrario marcharei imediatamente deste ponto com os dois mil homens que tenho armado para por em citio a essa villa, e attacal-a, o que não desejo seja percizo. Deos Guarde V.Sª. Acampamento no Penteado dez de junho de mil oitocentos trinta e nove. Illmº.Sr. Capitão Joaquim José Gonçalves. Raimundo Gomes Vieira Jutahi, Commandante Geral da Força Armada.

04 – Ofício do Rebelde Raimundo Gomes e outros ao cidadão Alexandre Pereira da Cunha. (067, p.105 - 1839)

Illmº. Senhor.
Sendo d'absuluta necessidade criar-se quanto antes neste acampamento, uma comissão composta de cidadãos da reconhecida intiligencia, probidade e patriotismo, para com acerto e prudencia, dirigirem as operações e ordens que deve sahir deste ponto, não só para obstar as hostilidades, que imfelismente já hião deslumbrando a gloria que privactivamente deve caber a este partido reginerador, como mesmo para com a maxima brevidade conseguirmos os honrozos fins, a que propomos, e tendo para isso o Meretissimo Commandante Chefe deste acampamento, convidado os cidadãos abaixo assignado, para a designação do dia em que se deve elleger a mesma comissão, por isso convidamos a V.Sª. como cím dos cidadãos acima caracterizados para que comparessa neste ponto imfalivelmente em o dia 22 corrente aprovado, para referida eleição, e do carater de V.Sª., esperamos que não falte a simelhante servisso, ficando na certeza de que se lhe não adimitta desculpa alguma.
Deos Guarde a V.Sª. por muitos annos.

Quartel da Força Bentivi no Pintiado em 15 de junho de 1839.
Illmº. Sr Alexandre Pereira da Cunha.
Raimundo Gomes Vieira Jutahy.
Commandante Geral da Força Bentivi.
Manoel Alves de Abreu.
Alexandre Ferreira (ilegível) Parga.
Luiz José de Almeida.
José Antonio do Lago.
Raymundo Marculino do Lago.

05 – Ofício de Raimundo Gomes ao Major Falcão. (079, p.125 – 1839)

Seguem desta cidade os correios Silvestre, e Manoel José com officio ao Illustrissimo Senhor Major Felicianno Antonio Falção, por isso que os piquetes que se achão nos pontos desta cidade lhe não ponhão empedimento algum á saida dos mesmo, outrosim rogo a todos as authoridades civeis e militares fora ou no termo desta comarca lhe não ponhão tambem empedimento alguns na dita sua paçagem por ser de muita autilidade a todos os povos desta Provincia que seja entregue o officio ao supradito Illustrissimo Senhor major Falção com a maxima brevidade.
Caxias oito de julho de mil oitocentos trinta e nove.
Raimundo Gomes.
Commandante Chefe.

06 – Ofício do Rebelde Raimundo Gomes aos membros da Comissão. (088, p.139 – 1839)

Illmºs. Senhores
O Illustri Conselho Militar da Sessão d'hoje havida na povuação do Coroata dicidiu que fossem enviados dous cidadãos a Ca...(corroído) exzegir dos membros da Comissão mandada ao Exmº. Prezidente da Província, úma definitiva resposta sobre as requizições que de Caxias lhe forão encarregadas, com aquellas modificações que houverem deliberado, recaindo a nomiação nos senhores padre vigario Domingos da Rocha Vianna, e George Gromoelli; aos quaes se encarregou a brévidade da resposta por assim necessitar o interesse da Província, a fim de evitar-se o derramamento de sangue brazileiro; devendo estes mesmo cidadões promover com V. Sªs. a dicizão que a S.Exª o Sr. Prezidente da Província houver tomado, e trazer – nos a decizão, porquanto ainda prezistirmos nos mesmo principios de conciliação, para evitar-se males funestos de maiores consequencia.
O mesmo conselho dezeja e espera que V.Sªs. olhando com divida concideração para este officio, se esmerem quanto couber em suas forças para com brevidade concluirmos a pacificação da Província, pela qual tanto anhelamos.
Deos guarde a V.Sªs
Salla das Sessões do Illustre Conselho Militar da Povuação do Croata 30 de agosto de 1839.
Raimundo Gomes Vieira Juntahy.
Commandante em Chefe da Força. Prezidente.
Paulo José Mouzinho. Secretário

07 – Oficio do Rebelde Arcenio ao Rebelde Domingos da Silva Matruá. (100, p.159 - 1839)

Illmº. Senhor

Participo a V.Sª. que esta madrugada veio hum coreiro da Ribeira que ontem a tarde chegarão tres canoeiros e tres digo e dois lanxão e lá estão na villa Velha e eu fazia tenção amanha fazer viagem para sima porém com esta noticia quero ver o resultado e agora chegou Antonio Pedro Cimão do Dimiçiano que dis –me foi a villa e chegou a Flação e um capitão da Mannha com tropas a noça demora he a espera de forças delles para hiço foi que helles pedirão trevas ahi vai tãobem o soldado dono da arma que eu diçe a V.Sª quero-me fazer a honra de entregar que hé para nós mesmo termos a noça defeza eu ontem tive noticia que me querem vir atacar eu aqui estou com Deos a espera quando elles quizerem tãobem quero que V.Sª. da munição que tem me envie alguma por este portador. Aseite lembranças minhas e os mais da sua pretenção.
Acampamento do Quartel aos 20 de outubro de 1839.
Illmº. Sr. Cap. Major Domingos da Silva Matrua au o Illmº.
Sr. Cap. Sipriano au Manoel Cipriano au o Amaro Estandislau.
Arcenio José do Bellos.
Cap. e Commandante da Sua força Bentivi.

08 - Ofício do Rebelde Mathias ao Comandante da coluna em Frente. (108, p.172 - 1839)

Illmº Senhor recebi o offício de V. Sª he junta a palcalmação em que V.Sª. me manda ofrecer perdão eu estou por tudo mais premeiro vou a caza do Senhor Manoel Rodrigues Ferera porque eu estou aqui os ordens delle he sem com hele caberia mais particularmente nada poço fazer por que eu sei que o sistema delle he bom he não quer nada contra a lei eu hoje mesmo marcho para caza do dito Senhor Illmº. Sr. José Thomaz Henriquez Major Commandante da Coluna da frente. Páu Deitado aos 25 de outubro de 1839. Mathias Luis de Medeiros Junior.

09 - Oficio do Rebelde Raimundo Gomes ao Rebelde Valério Braúna. (122, p.190 - 1839)

Illmº. Senhor. Logo que esta receber quera apertar todos os pontos e não tenha mais comunicação com os Cabanos visto que elles querem pois julgo que nos querem fazer alguma falcidade e assim mande logo huma espia para o Pintiado e tomar fé não venha alguma força de Cabanos a secorro dos outros assim como tãobem mande por todos os caminhos que desconfiar que lhe poça algum mal eu não vou já por estar esperando huma tropa que está em São Raimundo porem hoje lá vou com a tropa Deos querendo emquanto seo offício presente e estou sciente em tudo quanto me expom. Deos Guarde a V.Sª. Acampamento na Vargem Grande 13 de novembro de 1839. Raimundo Gomes Vieira Juntahy. Commandante em Chefe das forças Bentivis. Illmº. Sr. Valerio José de Oliveira Brauna. Major e Commandente do 7º Batalham.

10 - Ofício do Rebelde Raimundo Gomes ao Rebelde Valério Braúna. (123, p.191 - 1839)

Illmº. Senhor. Logo que este receber quera ter toda cautella no ponto do Olho d'Água não deixe os Cabanos beber mas agoa de forma nenhuma não deixe os officiais nenhum sahir dos seos pontos em que estão pois ahi remeto –lhe hum officio que me veo do Munim pois la os chefes largarão os pontos na ção do fogo e assim para não nos acontecer o que lá aconteceo V.Sª. não dara callor nem dexa a nenhum e officiaes que estever nos seus pontose se areterarem sem ordem devera prende – lo logo e remete-lo para a minha força com parte ao capitão ajudante deve V.Sª. mandar hum espia a cavallo em lhe o Buretizinho do Machado que não venha alguma força nos dar por a retagoarda e devemos apertar o inimigo com toda a violencia para que não demos mais fuga a elles ahi lhe vai duzentos cartuseos que he o que o correjo pode levar vinte pedras de fogo e trez carderno de papel e asem meo amigo devemos segurar o nosso carate e dezempenharmo e segurarmo nosso Brazil e pormo noso imperador no trono e segurarmo a Constituição e a relegião Catholica e não nos fiaremos em palavriados de pernambunanos que se achão fraco e esperão por força que lhe venhão. Devemos os atacar para contarmo logo vitoria com estes malvados. Deos Guarde V.Sª: Acampamento na Vargem Grande 14 de novembro de 1839. Raimundo Gomes Vieira Juntahy. Commandante em Chefe. Illmº. Sr. Valerio Jose de Oliveira, Major e Commandante do 7º Batalham.

11 - Ofício do Rebelde Vicente Arruda ao Rebelde Antonio Pedregulho. (124, p. 192 – 1839)

Illmº. Sr. Maior.
Como tenho notisia que V.Sª vira ja em marxa para este continente, eu me estou vendo atacado com Cabanos que ja me vi obrigado a largar o porto, e tumar outro ponto por me axar somente com as armas carregadas para hir sustentando o posto depois das tragedias traiçons do Valerio, por cujos ataques e risco em que me axo me vi obrigado a enviar este correio apreçadamente honde esta V.Sª para me ...(corroído) com munição suficiente que quero divirtir-me com aquelles malvados que tanto tem flagelado os povos matando prendendo robando emfim tem engroçado as suas tropas com a nosa mesma gente por estas circunstancias tristes me envie e socorra-me com munição que fico como no oratorio, e assim aprece a sua marxa e acuda-me tambem com a sua tropa, o commandante tambem informara V.Sª filismente.
Quartel de S. Quitéria 14 de novembro de 1839.
Illmº.Sr.Maior .Antonio Jose da Cunha Pedrigulho.
Vicente de Arruda Ma...(ilegível)
Tenente Commandante.

12 - Ofício do Rebelde Pedro Alexandrino dos Santos ao Rebelde João da Mata Coelho Castelo Branco. (133, p. 203 - 1839)

Illmº. Senhor
Reçibi o seu estimadiçimo ofiçio e vejo o que nele me participa a qual emcluso e respondo a V.Sª bem conheço o seu estimadiçimo carater e por piedade da V.Sª eu sempre supus que a V.Sª. tal porçidimento não tinha eu por me lembrar diço que ofiçiei a V.Sª. mandando arecolher a meu quartel para livrar de algum porçidimento

maos é verdade Illmº.Sr. que mandei o Sr. major Pidrigulho emdagar V.Sª. se isso hera verdade pelas notiçias e emformação que aqui tive dos povos como bem do Jerônimo que aqui veio dando-me heça parte que as tropas a V.Sª. estava se comerçiando com seu mano e o Pedro Paulo e que puriço é a rezão que mandei emdagar V.Sª e não mandei asacinar a V.Sª não deve emnovar nos povos pois he dos seus costumes andarem sempre com alfuriosos e V.Sª não deve emnovar pois commigo tãobem acontecido o mesmo e a V.Sª no meos ofiçio que lhe ofiçiei não me ter respondido e que puriço fiquei em comfuzo e como avera eu saber da sua boa resposta para o meu governo a V.Sª si quizer e for do seu gosto vir se reunir commigo como dis estou pronto e com os braços aberto para areceber V.Sª. algumas noticias do major Livio e tãobem dezejo saber se o Jeronimo entregou uma Proclamação e os artigos que tinha remetido para o capitão que me tinha pedido he o que se me ofreçe a dizer a V.Sª.
Quartel da minha rezedencia Lagoa 28 de novembro de 1839.
Pedro Alexandrino dos Santos.
Cel. Commandante em chefe das Forças Bentivis da Comarca do Brejo.
Illmº. Sr. Major e Commandante.
João da Mata Coelho Castelo Branco.

13 - Ofício do Rebelde Pedro Alexandrino dos Santos ao Rebelde João da Mata Coelho Castelo Branco. (135, p. 208 – 1839)

Illmº. Senhor

Reçibi o seu ofiçio e vejo o que me partiçipa sobre os emcomados que tem tido eu já ofiçiei a V.Sª. humas poucas de vezes para V.Sª. vir a meu quartel para nos reonir para hirmos esbaudalhar os malvados da Repartição e a V.Sª. não comprio com seus deveres pois agora a V.Sª. marchava com toda a sua tropa para este meo quartel para emtao eu me saber detriminar e isto he alhe por estes 6 dias pois hoje tive notiçia que os Cabanos estão dentro da Chapadinha pois he com serteza que o meu piqueno me veio participar que lhes dirão la que houve um grande fogo e não se çabe o resultado e deichando sempre os pontos seguros e marchará com a outra tropa e Sr. Ten. Izidio com a sua tropa, tãobem deochava os pontos siguro para livrar do alguma retaguarda é o que se me ofreço a dizi a V.Sª.
Quartel da minha rezidencia. Lagoa 3 de dezembro de 1839.
Pedro Alexandrino dos Santos.
Cel. e Commandante em chefe das Forças Bemtivis da Comarca do Brejo.
Illmº. Senhor
Major João da Mata Coelho Castelo Branco.

14 - Ofício do Rebelde João da Mata castelo Branco ao Rebelde Pedro Alexandrino dos Santos. (136, p. 209 – 1839)

Illmº. Senhor

Participo a V.Sª. que estando eu já em caminho com as minhas tropas para hir para hir para o porto de Nazareth como V.Sª. me determinou subemos que V.Sª. estava com os cabanos em frente no Brejo deregi –me a hir em secarro de V.Sª. porem sendo V.Sª. não tenha percizão mandaro o correio deregindo – me a minha marxa para honde V.Sª. me determinar eu vou muito doente porem não posso ficar porque

as tropas não querem marxarem sem eu pois que o Sr. Major Pedregulho otor dia não quis hir combater os Cabanos e deixou as tropas só e se foi embora sem dizer nada as tropas antes ismoreco alguns bem como o Sr. Cap.João Nunes que na marxa que chegou não me atendeo mais e fora delle muitos não quizerão marxar agora commigo e por hiço vai assim mesmo doente a fim de falar com V.Sª. e lhe fazer ver varios movimentos que por cá vejo e assim meo coronel eu estar sempre pronto para obedecer as ordens de V.Sª. como sudito amigo.
Deos Guarde a V.Sª por muitos annos.
Taboleiro 4 de dezembro de 1839.
Illmº. Sr. Coronel Commandante em chefe Pedro Alexandrino dos Santos.
João da Mata Coelho Castelo Branco.
Major Commandante.

15 - Ofício do Rebelde Pedro Alexandrino dos Santos ao Rebelde João da Mata Coelho Castelo Branco. (139, p. 214 – 1839)

Illmº. Sr.

Como me hé percizo ajuntar e fazer reunír todas as tropas por iso faço ver a V.Sª. logo e logo mais breve que for a V.Sª. mandará rogo vedentemente reunír todos os povos que ouver nese destricto do Buqueirão e faze – lo marxar por esta villa e todo aquelle que requizitar deste Aviso não marxar será prezo e remettido a meu quartel e a V.Sª. fará ver o commandante do ponto do Buqueirão que esta ensereçendo athe a segunda minha ordem a V.Sª., deixará hum commandante no ponto do Buqueirão que este, seja homem firme a cauza e paçifico para acumendação dos povos não nos fazer andar emfuluidos em palavras do Pedrigulho e todo aquelle que viver neça enfulença deixeçe deçe entusiasmos precure as forças e aquelle que não quiser as procurar mandarei enmidiatamente busca-lo preso e remete-lo o meu quartel e a V.Sª. participara o commandante que está enzercendo no Buqueirão que marche para esta villa com toda a sua tropa e V.Sª. deixará outro enzerçendo o ponto do Burqueirão e hé o que ofereçi arrecomendar a V.Sª.
Quartel da minha rezidencia.
Lagoa 7 de dezembro de 1839.
Pedro Alexandrino dos Santos.
Cel. Commandante em chefe da Força Bemtivi da Cumarca do Brejo.
Illmº. Sr. Major João da Matha Cuelho Castelo Branco da Força Bentivi.

16 - Ofício do Rebelde Raimundo Gomes ao Commandante de uma força Bem-te-vi. (176, p. 289 – 1840)

Illmº. Senhor

Ahi mando a copia de hum oficio vindo do ponto da Bella Agoa para V.Sªs. verem o estado em que vai os noços negoçios i tambem dou parte que está aberto a comonicação dos Cabanos com os oficiais da Bella Agoa para V.Sªs. não se chamarem ao ingano V.Sª. ondem se lembrar do que Antonio de Souza fez no Brejo da interga das tropas e o Valerio na Vargem Grande que o despos de estarmos senhor da vitoria elle vendeo o ponto e tem sido caozo de tremos vivido as careiras athe agora e os Cabanos espalharos pellos pontos na Bella Agoa ha grande comercio com os Cabanos tanto do Monim como do Berjo i do Barro Vermelho i ao

depois meus patriçios não chorre sem ter remedio eu não quero governar pos nunca he ser governo so sim não he de ser falço a minha patria e nem os meus patricios pois tenho disposto a minha vida i predir ao amor da minha familia so por rimir o amor da patria esta declarado que sego, he quem não emxerga por um pineira o perdão do Monim ainda esta vivo pois as tropas nunca mais la pozerão os peis nos ja temos folhas do Rio de Janeiro i o noço emperador a de ser Calmado(aclamado) no dia 21 de dezembro deste prezente anno e o mas são laços de Cabanos que nos querem lasar lember-nos do parra (Pará) que deste modelo elles venserão a guerra com estes palavirados e o Andera botou medalha dizendo que erra bom prezidente e que não na vensciçe e este prezidente tambem he filho da mesma terra das Alagoas e holhe V.Sªs não caio no laço delles pos o laço esta armado o Cap. Candido andando junto comigo ia indando dar fogo nos Cabanos i in poucos dias vendeime o ponto por 5 contos de reis esta noticia me veio da Vila do Francisco Ferreira ficara de se aperzentar com as tropas todas o prezidente i assim V.Sªs. não se xame ao ingano pois segurem as armas nas mão i tratemos de abater o inimigo e não mos fieimos em palavirado de Cabanos V.S. aperzentara este oficio e esta copia os nosos companheiros em todos os pontos com toda violencia.
Deos Guarde a V.Sª. por muitos annos.
No Acampamento do Bacaba 30 de outubro de 1840.
Illmº. Sr. Bernardo Alves Simõens.
Cap. e Commandante de huma força Bentivi.
Raimundo Gomes Vieira Jutahi.
Commandante em chefe das Forças Bentivis.

17 - Proclamação dos Balaios (069, p.108 – 1839)

Proclamação

Gloriozos Maranhenças he tempo chegado de pegarmos em armas. A patria nos convida para sahirmos em frente, a socorrer os noços patricios que estão em armas para nos defender e rabater o Partido Cabanista que vem derogar as leyes geraes, e a Constituição, do Imperio estes satelites Cabanos unidos com parte de portuguezes estupidos e só estupidos he que ainda emtentão a dar-nos fim, e dar-nos a ley e fazer –nos seus escravos. A armas maranhenças guerra de morte as Colunas que se unirem a esses monstros defenderemos a nossa honra a custa da propria vida defendemos a liberdade mostramos que somos homens e que somos maranheças e que somos brazileiros emfim bravos e briozos alunos de Minerva desses pinhores do Brazil cara esperança da Patria. Convidar-vos a peleija hé peuçar de serto modo com prova do patriotismo qual hé o coração verdadeiramente brazeleiro que não está perçuadido do mais nobre emtuziasmo e sagrado fogo da liberdade e do fervente dezejo da vingança União, Maranhenças sacrifiquemos os odios privados perante o sagrado altar da Patria haja hum so sentimento huma unica vontade. Recebemos as ordens que nos forem ordenados não, traidoras vamos derrubar os preveços vamos tira-lhes das mãos. As satelitas armas vamos vingar tamanho ultraje vamos dar cabo deces perverços escravos que anbitão o vergonhozo latico (?) de seus senhores maranhenças lenbrai-vos que o partido Cabanista he composto de luzitanos I basta coramos as armas quem for amigo da liberdade amigo do Brazil cinace a nós os inimigos sejão levados a fogo e a ferro. Viva a Religião, Viva a liberdade brazileira. Viva os briozos Maranheças. Viva a Constituição. Viva o Sr. Dão Pedro 2º. Acabaçe para sempre todos os prefeitos e as suas leyes. (s/d).

18 - Ofício do Presidente da Província ao Prefeito da Comarca do Itapecuru-Mirim.(002, p. 20 -1838)

Fui entregue do seu officio de 9 do corrente, em que me significa as providencias que tem dado para perceguição, e disperção de negros amocambados no districto do Urubú, diligencia que felismente se concluira se todas as auctoridades empregadas na mesma se houverem com o mesmo zelo, e actividade que V.Sª. desenvolveu, e que o constituem merecedor dos encomios deste governo. Com o que fica respondido o seu referido officio. Deos Guarde a V.Sª. Palacio do Governo do Maranhão em 19 de novembro de 1838 Vicente Thomas Pires de Figueiredo Camargo. Sr. Joaquim Joze Gonçalves, Prefeito da Comarca de Itapecurú. (Códice: Objetos Diversos – 1838 – of. nº756).

19 – Oficio do Prefeito da Comarca do Itapecuru-Mirim ao Presidente da Província. (011, p. 35 – 1838)

Illmº. E Exmº Senhor
Agora tive noticias de que a facção sedicioza da villa da Manga está engrossando em numero, e com as mesmas tençoens, que ja communiquei a V.Exª. em meo officio nº34, e o mais que V.Exª. verá da copia inclusa, cujos artigos tem sido publicados pelos sectários do sediciozo. Raimundo Gomes, homem inteiramente falto de luzes, e sem importancia alguma, alem da que tem como assassino; pelo que, se collige, que este negocio é dirigido por pessoas de maior influencia, por isso reitero a V.Exª. o auxilio de força que ja requisitei.
Deos Guarde a V.Exª.
Prefeitura da Comarca do Itapecurú – Mirim 18 de dezembro de 1838.
Illmº. e Exmº. Sr. Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, Prezidente da Província.
Joaquim Jozé Gonçalves.
Prefeito da Comarca.

20. - Proclamação dos Rebeldes (153, p. 235 - 1839)

Proclamação

Hirmãos Brazileiros Patricios e Amigos: Em Nome de Deos, da Patria, e do Imperador vênho de novo comveda –vos; para empunharem as armas, a beneficio da nossa cara Patria pois se acha em perigo a nossa sagrada causa e vós brazileiros, não empuguneis o amor próprio que deveis aos vossos comcidadons; empunhai, empunhai, as armas, revesti-vos de novas forças, recobrai nova corage, dobrai os vossos valoures, brouziai os vossos coraçons, emcruhey os vosso empetos, sustentai os vossos carateis, que emtão por estes meios salvareimos as nossas vidas, hõrra e fazendas; e não perdereimos os avantajouzos passos que temos dado; e o terreno que com tantos trabalhos temos ganhado. Ó ceos! não prometaes que os malvados se apuderem dos nossos domínios; porque emtao ficaremos de huma veis disgrassados! Ó ... Brazileiros! que lastimozas as afliçons!que flagelhos! que angustias!que afecto a consternação!que cimivivo coração!nao ficarão os nossos! quando vimos familhas, como pinhaures da nossas ouras nas manos dos despidos!óu brazileiros que vergonha que doures que trumento!tudo por cauza do nosso deleixo!nao, não Brazileiros!eu vos pesso por amor de Deos, e da Patria, que sigamos a boa ordem, haja união, deixêmos os

abuzos, e ambição, obediência a Dios, e os autoridades; e nos mostraremos no servisso vantajouzo e obremos genericas açons, que ganharemos a victoria, e emtão vereis os nossos nomes escriptos com letras de ouro. Viva a Santa Religião Catholica, Viva D.Pedro Segundo, Viva os brazileiros amante da nossa cauza Bentivi (s/d).

21 - Ofícios do Subprefeito do Iguará ao Prefeito da Comarca do Itapecuru-Mirim.
(010, p.34 – 1838)

Illustrissimo Senhor.

Agora pelo meio dia me participou o comissario João Onofre, que uma tropa de paizanos, commandada por Raimundo Gomes, tomou o quartel da villa, soltou os criminozos, chamou a si todo o destacamento, que eu ali tinha, e as suas tençõens são derribar o presidente da Província, prefeitos, subprefeitos, e commissarios, e dizem que sustentar a Constituição. O commissario da villa está cercado em sua casa, e ameaçado, e eu estou me vendo quase nessas condições circumstancias, porem assim mesmo vou sem tropa arriscar-me diante dessa gente. A tropa de Raimundo Gomes não é grande, mas dizem que esperão mais; e eu rogo a V.Sª. me mande tropa suficiente em meo auxilio, e deste termo. A preça não dá mais lugar; sirva-se V.Sª.: ponderar minhas circumstancias. – Deos Guarde a V.Sª. – subprefeitura do Iguará 13 de dezembro de 1838. Illmº. Sr. Joaquim Jozé Gonçalves, Prefeito da Comarca. Jozé Egypto Pereira da Silva Coqueiro, Subprefeito.

22 - Ofício do Presidente da Província ao Subprefeito da Vila do Rosário. (030, p. 63 – 1839)

Forão – me presentes os seus officios com data de 7 do corrente, e em resposta cumpre – me dizer – lhe que não me é possivel anuir á requisição, que n'elle me faz de mandar –lhe tropa, munições,e armamento á vista dos socorros, que não tenho cessado de enviar, e que são mais que sufficientes para debellarem a gente do faccioso Raymundo Gomes, podendo V.Sª. ficar certo que a esta ora estará provavelmente anniquilada pois que pelas recentes noticias officiaes estou informado que não tardara a se attingida no Preá, onde ella se acha, pelas forças do governo, que estão em seu surgimento. Deos Guarde a V.Sª. Maranhão 9 de janeiro de 1839. Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo. Sr. Subprefeito do Termo da Villa do Rosario. (Códice: Magistrados – 1837/1840. of. nº 14).

23 – Ofício do Comandante da Expedição ao Norte de Caxias ao Presidente e Comandante das Armas da Província. (193, p. 312 – 1840)

Illmº e Exmº Senhor

Agora uma hora da tarde recebi os officios incluzos por copia dos cheffes rebeldes, dos quaes vera V. Exª. Que elles já baterão os negros, e que já se encontrarão como uma partida da legalidad commandada pelo Ten. João Marinho, o qual conduzio trinta e quatro negros prezos; este Tem forneceu aos rebeldes com quinhentos cartuxos, no que não fes bem, pois eu apezar de tudo ainda d'elles receio pela repugnancia que tem tido em s aprezentarem. Amanhãa vou

pessoalmente ao Leite falar com a Tempestade e o Pio, e estou convencido que commigo os conduzirei para onde bem convir, pois pelo que me informão os meos correios elles estão mui bem commigo o que assim deve ser pois 10. ate já lhes tenho feito prezentes de garrafas de vinho. Muitas moléstias tem aparecido neste acampamento, onde muita falta há de agoa, 12. assim como de farinha e carne.
Deos Guarde a V.Exª.
Quartel do Commando da Expedição ao Norte de Caxias no Acammpamento do Rodeio20 e novembro de 1840.
Illmº. e Exmº.Senhor Luis Alves de Lima.
Prezidente e Commandante das Armas.
Ernesto Emiliano de Medeiros
Major Commandante.

24 – Ofício do Rebelde Raimundo Gomes ao Commandante de Icatú. (204, p. 330 – 1840)

Illmº. Senhor

Tenho prezente o officio de V.Sª. e tive grande contentamento pella lembrança que a V. Sª. Teve de se lembrar que eu tinha tido o Sr. Joze Thomais Henriques debaxo de cerco aonde me comprou o cabano Valerio so assim poderia comtar vitoria que de palavirados de torpas /sic/ de governo já vivo emterrado, como bem os predão que V.Sª. me mandou indo eu a Villa do Rozario me sartificar do predão o predão que topei foi fogo que os cabanos me deirão i eu pello meo briio e a minha palavra que tinha permitido de eu não fazer fogo aretireime com as minhas torpas a que brevemente darei a resposta i vistto V.Sª. me convidar para mim vir aprezentra já fui aprezentado huma vês, quando Batizei i agora axome com vinte sinco mil homens moniçiadas e o tempo eu darei eu obedeço o meo emperador os Sr. D. Pedro 2º pois He Senhor da minha cabeiça i creio, na religião catholica a política na guerra hé boa pois os cabocolos tombemsam fidalgo dado por sua magistade.
Deos Guarde a V.Sª;por muito annos
Em marcha de 17 de dezembro de 1840
Raimundo Gomes Vieira Jutahir
Commandante em chefe das Forças Bentivis
Ilmº. Sr. Joaquim Serapião Serra
Makor e Commandante do Icatur.

25 – Ofício do Comandante Militar da Vila do Rosário ao Presidente e Comandante das Armas da Província. (228, p. 372 – 1841)

Illmº , e Exm°, Senhor

Agora pellas oito oras da noite chega dous saldados dos que havião marchado com o capitão Fernando Cezar Pereira Castro, (cujo vierão doentes) dão nopticia que o Cosme fora batido pella força do mesmo capitão, e do major Cunha, na paragem Bacabal, portanto não dão nopticia do rezultado por ainda ficarem em fogo, e isto não afirmo a V. Exª. Por não ter ainda participação. Esta tarde chegou do Icatú o capitão Remualdo com sincoenta e quatro praças, e amanhaã seguem para os sentros de Sinfains , onde consta – me ter ficado grupos de negros.
Deos Guarde a V.Exª.

Quartel de Commando Militar na Villa do Rozario 20 de janeiro de 1841.
Illmº. e Exmº. Coronel das Armas Alves de Lima.
Prezidente e Coomandante das Armas da Provincia
Augusto Cezar da Rocha
Major e Commandante.

26. Aviso ao Ministério da justiça. (255, p. 405/406 – 1842)

Aviso mandando executar a pena de morte a que foi condemnado o reo Cosme Bento das Chagas.
Ilmº. e Exmº. Senhor

Tendo levado ao conhecimento de Sua Magestade e Imperador o officio de 5 do mez antecedente sob nº 2, que V. Exª. Me dirigio, cobrindo a copia da Sentença do Jury da villa do Itapicurú-Merim, dessa Provincia, pela qual foi condemnado á pena de morte o reo Cosme Bento das Chagas, e bem assim o relatório do respectivo juiz de Direito, há o mesmo Augusto Senhor por bem que V.Exª.faça dar execução á dita Sentença, por não ser digno aquelle reo da Graça do Poder Mo de rador, a vista de taes papeis.
Deos Guarde a V.Exª.
Palacio do Rio de Janeiro em 8 de agosto de 1842.
Paulino Joze Soares de Souza. Sr. Prezidente da Provincia do Maranhão.
Cumpra-se, e registe-se. Palacio do Governo do Maranhão em 12 de setembro de 1842.
Lisboa (Codice: Ministério da Justiça – Avisos e Portarias – 1830/1845).

27 - Ofício do Rebelde Jezuino Sucupira ao Rebelde Francisco Pio. (150, p. 228/229 – 1839)

Illmº. Sr.

Como V.Sª.ficarão sertos commigo de no dia 26 do corrente se acharem neste lugar de marcha para baixo para aqui eu tombem com V.Sª. o lugar aonde eu o havia de e como athe hoje ainda não chegarão e as noticias dos inimigos cada vez mais eu dou. marcha athe o lugar do meu destino segundo a combinação que entre o Illmº. Cap. Lamego e o major da Policia houver; e so sim pesso a V.Sª. de deixar todas a suas ordens determinadas para quando eu desser sabe-las exzecuta-las. Assim como tãobem rogo a V.Sª. que se tiver noticia ou ouvir fogo para o lugar de onde eu estiver me queira mandar algum socorro tanto de jente como de monição para eu poder debater aos inimigos; por que a minha jente é pouca e monição nenhuma, é o que tenho a cominicar a V.Sª. para sua inteligência, assim como vou serto em que hei de ter V.Sª. todo auxilio que fôr necessario no cazo de conhecerem que eu esteje com percizão delle.
Deos Guarde a V.Sª. com felizes suceços.
Sapocaia 29 de dezembro de 1839.
Illmº. Sr. Francisco Pio.
Major e Commandante da Força.
Jezuino Baptista da Silva Sacupira.
Ten.Commandante.

28 - Ofício do Presidente da Província ao Prefeito da Comarca do ItapecuruMirim. (013, p.37 - 1839)

Participando – me o subprefeito do Icatú, e o coronel Henrique Pereira da Silva Coqueiro, que na villa do Iguará nove cabras capitaneados por um Raymundo Gomes havião arrombado a cadeia, soltado os prezos, que nella se achavão, e proferindo gritos sediciosos contra as authoridades, tinhão levado o seu arrojo a ponto de prenderem alguns commissarios de polícia; e cumprindo suffocar logo em seu começo este germen de desordem, e antes que desenvolva mais serias consequencias fiz expedir uma força de trinta praças do Corpo de Policia commandada por um oficial de confiança, o qual deverá obedecer as immediatas determinações do subprefeito respectivo José Egito Pereira da Silva Coqueiro, bem entendido debaixo da especial direcção de V.Sª., que como primeira authoridade policial da comarca prestará todos as auxilios, que julgar de mister para o restabelecimento da ordem perturbada n'aquelle ponto, como muito confio do seu patriotismo, e bem reconhecido zelo pela tranqüilidade publica. Deos Guarde a V.Sª. Alcântara em 21 de desembro de 1838. Vicente Thomaz Pires Figueiredo Camargo. Sr.Joaquim Jozé. Gonçalves. Prefeito da Comarca do Itapecurú. (códice: Objetos Diversos – 1838/1839 – of. s/n).

29 - Ofício do Presidente da Província ao Subprefeito da Chapada. (104, p. 166 - 1839)

Acabo de receber o seu officio de 5 de outubro , e muito me admira a longa viagem que V.S. tem levado em epoca em que sua presenca he tão necessaria em seo termo para dar direcção a população delle. Confio porem que V.S.ja a este tempo estará na Chapada, e terá contribuido para as reuniões que tem de marchar sob a direção do Tenente Coronel Diogo Lopes de Araujo Salles. Não ha a menor duvida que as tropas vindas de Piauhy, e que tomarão a villa de Pastos Bons, e o Miradouro são da Legalidade , e que rebeldes são os que se ligarão a Raymundo Gomes, como o Milhomem, e Moura: contra estes devem faser –se as perseguições possiveis para serem debellados e presos; e a mesma sorte tem quaesquer chefes que se levantem contra as forças legaes quer desta Provincia, quer das do Piauhy. Deos Guarde a V.S. Palacio do Governo do Maranhão em 24 de outubro de 1839. Manoel Felizardo de Souza e Mello. Capitão Bento Jozé Moreira, Subprefeito da Chapada. (Códice: Magistrados -1837/1840 – of. nº 314).

30 - Ofício do Presidente da Província ao Ministro e Secretário do Estado dos Negócios da Marinha. (070, p. 109 - 1839)

Illmº.e Exmº. Senhor.

As circunstancias extraordínarias, em que se acha esta Provincia, desde a minha chegada á ella me tem privado de da prompto cumprimento ao Aviso de 5 de janeiro ultimo, em que se dettermina o regresso do brigue 3 de Maio. Ainda agora, apesar das 4. forças que para o interior da Provincia tem seguido, e que se dirigirão à faser levantar o sitio de Caxias, e impedir que esta importante, e rica cidade seja victima da ferocidade dos rebeldes, pode a capital ser ameaçada por 900 facciozos, que em dois grupos se achão 30 legoas d'élla forçozo portanto é ainda conversar as conhoneiras crusando, as quaes são commandadas por officiaes de Marinha, e ter

gente que no momento do perigo possa saltar em terra, o que importa a urgente necessidade de conservar ainda por algum tempo aqui o brigue em questão. Logo porem que passe esta crise, posso afiançar a V.Ex. que farei seguir o 3 de Maio immediatamente. A escuna Legalidade volta brevemente, e as canoas serão vendidas, segundo as ordens de V.Exª. transmitidas em Aviso nº 9 de 5 de junho ultimo. Deos Guarde a V.Exª. Maranhão 3 de julho de1839. Illmº. e Exmº. Sr. Jacinto Roque de Sena Pereira. Manoel Felizardo de Souza e Mello. (Códice: Ministério da Marinha – 1828/1844 – 16. of. nº29).

ANEXO D - PRIMEIRAS PÁGINAS DE JORNAIS DO SÉCULO XXI

CADERNO ICONOGRÁFICO

O GLOBO

Director e proprietario—Casimiro Junior

ANNO II — Maranhão—Sabbado, 15 de fevereiro de 1890 — NUMERO 135

CASSINO MARANHENSE

Programma

I Baile

II Baile

RELOJOARIA—BAPTISTA

Rigor da moda

O Rico

Carnaval Vivó

Pears' Soaps

Economia

CHAPEOS

Alhambra

Alugada

Nunes & Irmão

Tucupim

Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão.

Companhia Fluvial Maranhense

Prateleiras

Aparas

Acções

CASA

LEQUES

Cabacinhas

Frontispício de *O Globo* (São Luís, ano II, nº 135, de 15 de fevereiro de 1890), jornal em que Sousândrade manteve a Seção Republicana. (Cortesia da Biblioteca Pública Benedito Leite).

ANNO I — MARANHÃO — QUARTA-FEIRA 19 DE FEVEREIRO DE 1890 — NUMERO 47

ASSIGNATURA
CAPITAL
6 mezes 6$000
Pagamento adiantado.

A REPUBLICA.

ASSIGNATURA
INTERIOR
6 mezes 7$000
Pagamento adiantado.

JORNAL OFFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO.

Orgão e Propriedade

Typographia Republicana.—Estado do Maranhão—1890 | REDACTOR DR. PAULA DUARTE. | JORNAL DIARIO, Propriedade de Satyro Antonio de Faria.

EDITAES.

O Governador do Estado manda fazer publico, para conhecimento dos chefes de repartições e estabelecimentos do mesmo Estado que nos dias de festividade nacional, marcados pelo Decreto do Governo Provisorio de 11 de Janeiro ultimo, deve ser içada nos respectivos edificios a bandeira da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constante do modelo enviado com officio de 25 d'aquelle mez ás referidas autoridades.

Secretaria do Governo do Estado do Maranhão, 10 de Fevereiro de 1890.

Vieira Leal,
Secretario.

Da ordem do cidadão Dr. José Thomaz da Porciuncula, Governador d'este Estado, faço publico para os devidos conveniencias, que, por exigencias da regularidade do serviço publico, dará audiencias as segundas, quartas e sextas-feiras de 1 ás 3 horas da tarde, excepção feita dos chefes das repartições publicas que serão recebidos á qualquer hora.

Para esclarecimentos relativos ao expediente poderão entender-se com o abaixo assignado todos os dias uteis das 10 ao meio dia.

Estado do Maranhão em 24 de Janeiro de 1890.

Tenente Vieira Leal
Secretario.

Conselho de Intendencia Municipal da Capital do Estado do Maranhão.

Faz publico para conhecimento de quem possa interessar, que fica marcado o praso de 30 dias a contar d'esta data para serem reconhecidas nesta repartição quaesquer reclamações sobre o terreno devoluto pedido por Manoel Raymundo Pinheiro, existente a margem direita do rio Bacanga, denominado sitio «Filtro» confinando ao nascente com o sitio «Panaina» do cidadão Caspar Manoel de Mattos, e pelo poente com o sitio «Paciencia», medindo de frente ao norte 240,"00 e um kilometro de fundos ao rumo de S. E. 1/4 E.

Paço do conselho da Intendencia Municipal da Capital do Estado do Maranhão, 10 de fevereiro de 1890.

Joaquim de Souzandrade.
José Francisco de Vitorres.
João Pedro Ribeiro.
Ribeiro da Cunha.
Manoel B. da Costa Rodrigues
Manoel da Silva Sardinha.

Conselho de Intendencia Municipal da Capital do Estado do Maranhão.

Faz publico para conhecimento de seus municipes, que tem ordenado aos fieraes deste conselho municipal, que exerção em seus districtos a maior vigilancia no cumprimento do seguinte art. do posturas municipal: «O criado que não pozer conteiras no seguro, sem possuir conhecente em ordem, soffrerá a multa de quinze mil reis, e o que para empregar no corpo tal labaficar o estiverem, soffrerá a multa de vinte mil reis a nove dias de prisão, além das penas de crime de falsificador imputadas pelo codigo criminal.

Para constar mandou fazer publico pela imprensa.

Conselho de Intendencia Municipal, em 19 de fevereiro de 1890.

J. de Souzandrade.
José Francisco de Vitorres.
Ribeiro da Cunha.
Manoel da S. Sardinha.

O Conselho da Intendencia Municipal da capital do Estado do Maranhão.

Faz publico para conhecimento de seus municipes, que em sessão ordinaria, de dia 5 do corrente resolveu crear sob a direcção dos professores das tres freguezias da capital d'este Estado, sete sociedades de ensino primario, que funccionarão nos edificios das respectivas escolas.

Na mesma publica será aberta para os provas uma outra acta que será dirigida pelo respectivo administrador.

As mães municipaes principiarão a funccionar no dia 22 do corrente vet. anniversario do fundador da Republica Americana, nas salões das tres casas do Estado.

As pessoas que por generosidade quizerem fazer donativos para as referidas escolas, de livros, de papeis, tinta, lapis, e outros quaesquer objectos, o poderão fazer n'esta repartição.

Paço do Conselho de Intendencia Municipal da Capital do Estado do Maranhão, 5 de Fevereiro de 1890.

Joaquim de Souzandrade.—P.
Manoel B. da Costa Rodrigues.
José Francisco de Vitorres.
João Pedro Ribeiro.
José da Silva Maya.
Manoel José Ribeiro da Cunha.
Manoel da Silva Sardinha.

Conselho de Intendencia Municipal do Estado da Capital do Maranhão

Faz publico para conhecimento de quem possa interessar, que resolveu em sessão de hoje consentir que os concertem alertas durante o dia e noite de domingo 16 do corrente, ao caso de costumes apropriados para o carnaval.

Para constar mandou fazer publico pela imprensa.

Paço do Conselho de Intendencia Municipal, 15 de Fevereiro de 1890.

J. de Souzandrade.
Joaquim Lopes da Cruz, servindo de secretario.

Thesouro.

Por esta inspectoria[illegible] publicar que nos termos do telegramma do Ministerio da Fazenda de 6 do corrente mez, communicado por telegramma a Thesouraria do Paraizo deste Estado e de accordo com o art. 3.º do Decreto n. 10170 de 26 de janeiro de 1892, passará d'esta data a ser cobrado nesta alfandega a taxa da taxa nova, na razão de 1-2.

Alfandega do Estado do Maranhão, 14 de fevereiro de 1890.

O inspector interino,

Manoel Soares da Costa Nunes.

Capitania do Porto,
do Estado do Maranhão.

Da ordem do capitão Leonel Itaby, Capitão do Porto, faço publico para os devidos conveniencias a tabella de 19 de Maio de 1886 dos emolumentos que deverão perceber os funccionarios, e que hoje são rendas da Republica dos Estados Unidos do Brazil, e com assento o artigo 1.º do Regimento de custas judiciarias ao decreto numero 3.737 de 8 de Setembro de 1874, que abaixo vão transcriptos.

Tabella dos emolumentos

Da matricula de pilotagem, por cada pessoa..... 2$000
Da matricula dos empregados na vela do mar, por cada pessoa..... $100
Do arrolamento de uma embarcação de alto bordo..... 2$000
Do arrolamento de uma embarcação menor..... $500
Do uma licença de qualquer natureza..... $500
Por que termo qualquer em livro ou fora delle lavrando em processo $500
Por uma certidão..... $500
Tendo mais de uma pagina por cada uma..... $100
Por uma averbação em livro... $000

Artigo 139—Regimento de custas

1.º Nada perceberão pelas buscas de papeis, processos findos, ou parados até seis mezes.

2.º Passados trinta annos perceberão a que corresponderem com a parte que promover papeis ou processos findos, ou perdidos durante esse tempo.

Passado, porem, esse tempo perceberão:

até um anno..... 1$000
de um a dois..... 2$000
de dois até trinta..... 3$000

Capitania do Porto do Estado do Maranhão 11 de Fevereiro de 1890.

O Secretario,

Ovidio Correia Pinto.

Matadouro publico.

Da ordem do cidadão administrador do matadouro publico faço saber a quem interessar, que tendo sido apprehendidos dous carneiros por infracção do art. 85 do cod. de posturas municipal serão vendidos em leilão mercantil ao preço de oito dias a contar desta data 9 do corrente, se, até findo este prazo não forem reclamados pelos seus respectivos donos, pagando a importancia da multa e mais despezas supervenientes. Administração do matadouro publico do Estado do Maranhão 10 de Fevereiro de 1890.

O escrivão,

Pedro Francisco da Silva Miranda

Da ordem do Capitão do Porto, capitão tenente Leonel Itaby, faço publico para conhecimento dos senhores proprietarios, consignatarios, gerentes, agentes commandantes ou mestres de vapores, que são estão as ruinas feitas com a regularidade devida, por que são os respectivos despachos á repartição, depois de 8 horas a praso legal, por isso previno-os de que serão multados no caso de não cumprimento e cumprir as devezes que fico-lhe impostas. Outrosim que devem os machinistas declarar se as machinas e caldeiras estão em circumstancias de ser examinadas, e que, si por ventura o commandante julgar, que precisão de reparos indispensaveis, sem o mesmo serão multados de vinte e cinco mil reis.

Capitania do Porto do Estado do Maranhão, 31 de janeiro de 1890.

O secretario,

Ovidio Correia Pinto.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO MARANHÃO

Viagens em Fevereiro de 1890.

Norte	1 e 15
Sul	4 e 18
Barreirinhas	7
Itapecuru	6, 16 e 26
Mearim	12 e 28
Pindaré	10 e 24

COMPANHIA FLUVIAL MARANHENSE

Viagens na companhia nas diversas linhas serão realisadas durante o mez de Fevereiro nos dias seguintes.

Linha do Mearim em 1.

» da Barra	» 6
» do Calapia	» 9
» do S. Bento	» 13
» do Grajahú	» 15
» do Pindaré	» 1 e 17
» do Mearim	» 6 e 22
» Itapecuru	» 11 e 21

A hora da partida será previamente annunciada.

Para S. Bento.

Para transferida para o dia 22 do corrente as 10 horas da noite a sahida do vapor «S. do Castro» para Cazas e Pastos.

Para Mearim.

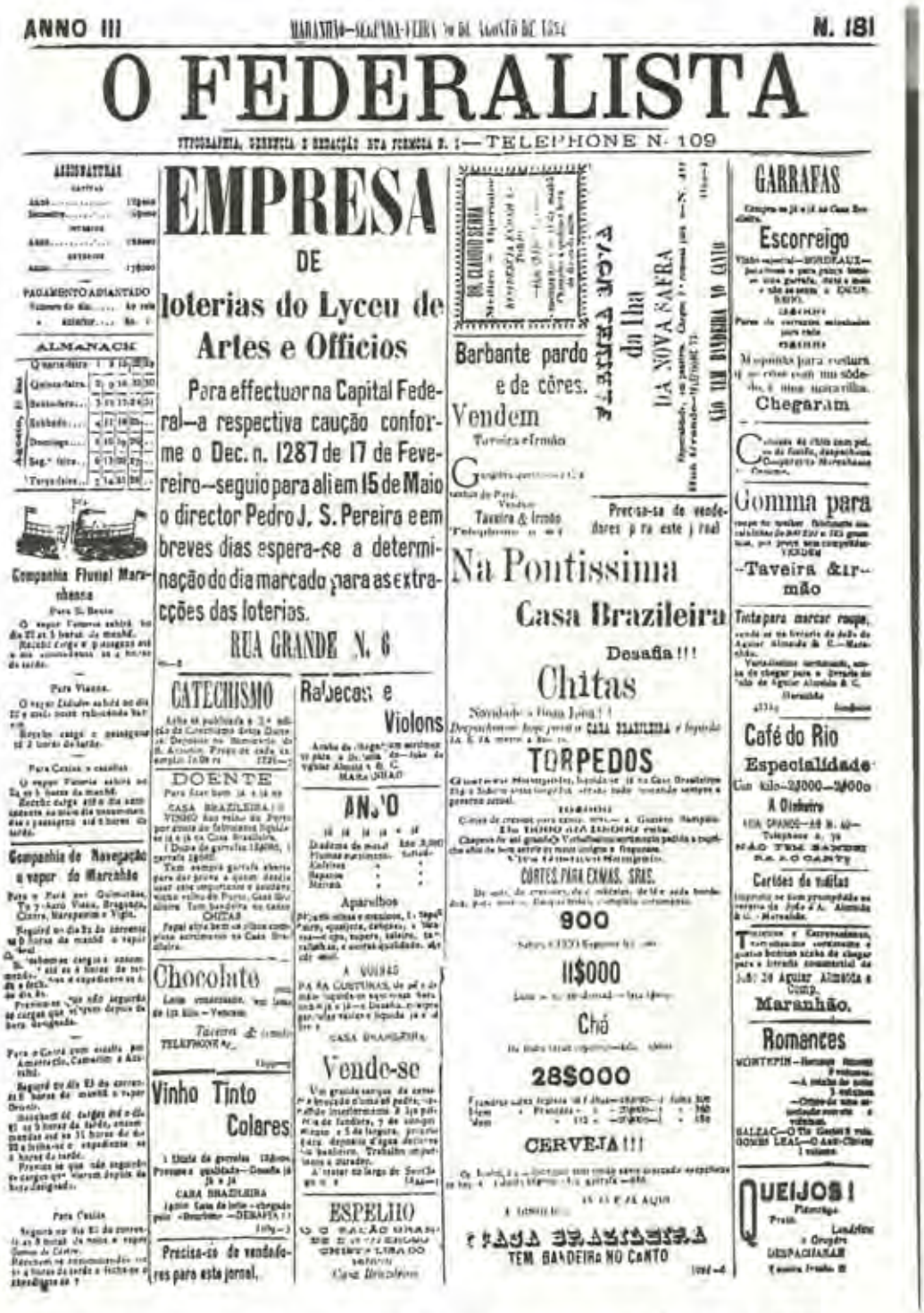
Para trez sahirá para o dia 19 do corrente as 10 horas da noite a sahida do vapor «Cachoeira» para Pedreiras e escalas.

Para o Mearim.

O vapor «Lourenço Dias» sahirá dos Pedreiras no dia 22 a mesa hora.

Recebe carga e passageiros até 4 horas da tarde.

Primeira página de *A República* (São Luís, ano I, nº 47, de 19 de fevereiro de 1890), de propriedade de Satiro Antônio Faria e redigido, à época, por Paula Duarte. (Cortesia da Biblioteca Pública Benedito Leite).



ANNO III — MARANHÃO—SEXTA-FEIRA 19 DE AGOSTO DE 1894 — N. 181

O FEDERALISTA

TYPOGRAPHIA, GERENCIA E REDACÇÃO RUA FORMOSA N. 1—TELEPHONE N. 109

ASSIGNATURAS

PAGAMENTO ADIANTADO

ALMANACH

Companhia Fluvial Maranhense

Companhia de Navegação a vapor do Maranhão

EMPRESA DE loterias do Lyceu de Artes e Officios

Para effectuar na Capital Federal—a respectiva caução conforme o Dec. n. 1287 de 17 de Fevereiro—seguio para ali em 15 de Maio o director Pedro J. S. Pereira e em breves dias espera-se a determinação do dia marcado para as extracções das loterias.

RUA GRANDE N. 6

CATECHISMO

DOENTE

Chocolate

Vinho Tinto Colares

Precisa-se de vendedores para este jornal.

Rabecas e Violons

ANNO

Aparelhos

Vende-se

ESPELHO

DR. CLEMENTE SERRA

Barbante pardo e de côres. Vendem Taveira e Irmão

Precisa-se de vendedores para este jornal

Na Pontissima Casa Brazileira

Desafia!!!

Chitas

TORPEDOS

CORTES PARA SENHORAS, SRAS.

900

11$000

Chá

28$000

CERVEJA!!!

CASA BRAZILEIRA

TEM BANDEIRA NO CANTO

GARRAFAS

Escorreigo

Chegaram

Gomma para

—Taveira & irmão

Café do Rio

Especialidade

A Dinheiro

Cartões de visitas

Romances

QUEIJOS!

Primeira página de *O Federalista* (São Luís, ano III, nº 181, de 20 de agosto de 1894). (Cortesia da Biblioteca Pública Benedito Leite).

CATHEDRA CONSOLADORA

SEMANARIO MARANHENSE.

ANNO I. | S. Luiz, Domingo—15 de Setembro—1867. | NUMERO 3.

publica-se aos Domingos. Assigna-se nesta typographia e em casa do Snr. Gervasio Martins d'Assumpção a 2$000 por trimestre (13 numeros) incluso o do Mostruario.

SEMANARIO MARANHENSE.

CURSO DE LITTERATURA BIBLICA.

LIÇÃO I.

Senhores.

A Litteratura Biblica, com que me vou occupar, pode se dividir em duas bem distinctas:—a litteratura que resulta da collecção dos vinte e dois livros de origem lei no Velho Testamento, o que é a mais antiga de todas as litteraturas conhecidas, cuja ancianidade real não possa ser posta em duvida;—a que resulta do Evangelho ou Novo Testamento, e é pelas sublimes verdades que contem um codigo divino. Os principaes caracteristicos destas litteratura são o grandioso e o simples, que a fazem sobresahir, como cabem á litteratura de um povo que Deus escolheo para delle sahir o Messias, e começou para bem dizer a formar-se, logo depois que teve entrou a reporcar-se depois do diluvio universal.

Nada do que nos referem as letras profanas, ainda hoje tão antigas Gregas e Romanas, Assyrias, Babylonias, Persas, Phenicias, Egypcias, Judaicas, e Chinas, póde ser comparado em verdade, grandeza e elevação, com o que nos deixou o povo hebreo, e se acha consignado nos Livros Santos. De todos os monumentos litterarios que, passamos da antiga civilisação do mundo, a Biblia é não só o mais authentico, mas o mais grandioso, completo, e admiravel..

Os modelos de litteratura antiga escriptos em Grego e em Latim, linguas que tinhão chegado a um alto grão de perfeição, excedem, é certo, em correcção de forma, aos modelos biblicos, compostos em Hebraico, lingua que se mostra assás pobre em seo mechanismo, mas cedem-lhe evidentemente em elevação de pensamento, grandeza, magestade e simplicidade.

Para nos convencermos disto basta abrir o primeiro capitulo do Genesis, em que Moysés, legislador, prophetta, historiador, e o mais antigo dos escriptores, nos descreve a creação do mundo, e comparal-o com o que a tal respeito se encontra nas litteraturas dos outros povos antigos.

No Genesis sobresahe logo o sublime e o grandioso a par do simples:—*Dixit que Deus: Fiat lux, et lux facta est*, E disse Deos: Faça-se a luz, e a luz foi feita;—*Et creavit Deus hominem ad imaginem suam*, E creou Deus o homem á sua imagem. Nas litteraturas dos outros povos, cuja theogonia, a começar pela dos espirituosos Gregos e Romanos, é uma verdadeira monstruosidade, a creação do mundo é um tecido de fabulas mais ou menos grosseiras e absurdas. Ovidio que foi o poeta da antiguidade que a descreveo com mais engenho, disse tratando do homem:... *Os homini sublime dedit, coelumque tueri jussit*... Deo ao homem um rosto levantado, e o mandou olhar para o céo...; o que certamente é bello, mas inferior ao sublime, *Fiat lux*, que nos dá a mais elevada idéa do infinito poder do Deus, e ao grandioso, *Et creavit Deus hominem ad imaginem suam*, que dá igualmente a mais elevada idéa da perfeição do homem. Ovidio descreve o homem physico; Moysés o homem moral; e tão superior é o homem do segundo ao do primeiro, quanto o espirito que se assemelha a Deos, é ao corpo que não passa de materia fragil. Assim os caracteres de grandeza e simplicidade encontrão-se logo na primeira pagina da Biblia sem ir mais longe.

Na litteratura biblica do que se não tem feito uma especie a parte como convinha, só me proponho a apreciar o que resulta dos vinte dous livros do Antigo Testamento, e della o que se pode considerar a poesia dos Hebreos, porque é justamente o que sahe no dominio do litterato e do critico, sendo o que resulta do Novo Testamento a palavra e a doutrina do mesmo Deus encarnado em Jesus Christo.

«A poesia dos Hebreos, ou a da Escriptura Santa, diz o sabio critico Hugo Blair, não merece menos attenção, que as outras generos de poesia que tenho examinado. Os Livros Santos considerados como os mais antigos monumentos poeticos que possuimos, teem muito interesse e curiosidade para o critico, já por que nos mostrão qual era o gosto destes seculos a homens que o tempo tem separado de nós por um intervallo immenso, já porque nos offerecem um genero de composição magnifico, ao qual cada vez mais o comparar.»

E com effeito tanto o moderno como o critico, como Garcia Stoeler e outros que teem tratado da materia, são de opinião que grande parte das composições da Biblia, como o Livro de Job, os Psalmos de David, o Cantico dos Canticos, as Lamentações de Jeremias, e quasi todos os Livros dos Prophetas, tem os caracteres eminentemente distinctivos da poesia, não só no assumpto, o que não soffre duvida, mas ainda na forma, porque a prosa cadenciada em que estão traduzidos do Hebraico, attesta que forão originariamente escriptos em verso ou metro naquella lingua, cuja verdadeira pronuncia hoje se ignora, sendo que muitas delles, como os Psalmos erão cantados nas solemnidades religiosas, e para isso feitos.

A poesia hebraica, segundo o primeiro critico citado, é original e particular em sua construcção. Consiste por exemplo em dividir cada periodo em membros de extensão sempre igual que se correspondem, quanto ao sentido e ao tom. O primeiro membro do periodo encerra a expressão de um sentimento ou pensamento; o segundo, é a repetição desse mesmo pensamento em outros termos, ou o seu desenvolvimento, ou ainda o seu contraste, mas de maneira que um e outro membro apresentão a mesma construcção, e quasi o mesmo numero de palavras, como se vê no começo do psalmo XCVIII.

«Cantate Domino canticum novum: quia mirabilia fecit.

«Notum fecit Dominus salutare suum: in conspectu gentium revelavit justitiam suam.»

Convem procurar a origem desta forma poetica da maneira por que os Hebreus cantavão os seus hymnos sagrados. A musica acompanhava o canto, e era executada por dois côros que se respondião alternadamente. Quando um dos côros por exemplo começava assim: *Dominus regnavit, exultet terra*, o outro continuava cantando a segunda parte do versiculo: *Laetentur insulae multae*. O primeiro recomeçava. *Nubes et caligo in circuitu ejus*, o segundo continuava, *justitia et judicium correctio sedis ejus*.

Esta prosa cadenciada, equivalente ao metro por sua divisão uniforme de cada periodo em dois membros iguaes, ainda hoje se presta admiravelmente á musica, e é a base do canto da igreja.

Além da forma especial que a distingue, a poesia sagrada sobresahe mais que nenhuma outra em bellezas, força e cunhada de expressões figuradas. A concisão e a força são, para bem dizer, as suas qualidades essenciaes. A estas virtudes deve ella pela ventura em grande parte o que tem de sublime, porque o sublime, que fulgura como o raio, não tem maior inimigo que a prolixidade, que encerra sempre o vigor de qualquer concepção intellectual por melhor que ella seja.

Nenhuma obra profana abunda tanto em figuras arrojadas como os Livros Santos, em que se encontrão a cada passo as metaphoras, as comparações, as allegorias, e as prosopopeias, ou um estylo figurado de que nos deixa as vezes como maravilhados por sua belleza.

Mas para bem apreciar a propriedade

Primeira página do *Semanário Maranhense* (São Luís, ano I, nº 3, de 15 de setembro de 1867), reproduzida da coleção xerocopiada desse periódico, pertencente a Jomar Moraes, que posteriormente fez a edição fac-similar e integral dessa publicação (São Luís: Edições SIOGE, 1979).

Souza, Vilma de Fátima Diniz de
Estudo do sistema ortográfico: uma análise descritivo-comparativa em documentos históricos do Século XIX / Vilma de Fátima Diniz de Souza - 2011
338 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara
Orientador: Luiz Carlos Cagliari

l. Sistema ortográfico. 2. Português brasileiro.
3. Documentos do século XIX. I. Título.